

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

VALQUIRIA MICHELA JOHN

**MUNDOS POSSÍVEIS E TELENOVELA:
memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas**

Porto Alegre

2014

VALQUIRIA MICHELA JOHN

**MUNDOS POSSÍVEIS E TELENOVELA:
memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Comunicação e Informação.

Orientadora Profa. Dra. Nilda Jacks

Porto Alegre
2014

VALQUIRIA MICHELA JOHN

**MUNDOS POSSÍVEIS E TELENOVELA:
memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Comunicação e Informação.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Antonio La Pastina - Texas A&M University - EUA

Profª. Dra. Regiane Regina Ribeiro – PPGCOM/UFPR - PR

Profª. Dra. Elisa Piedras – PPGCOM/UFRGS - RS

Profª. Dra. Miriam de Souza Rossini - PPGCOM/UFRGS – RS

Profª. Dra. Mônica Pieniz (suplente) - Fabico/UFRGS – RS

Porto Alegre, 25 de abril de 2014.

CIP - Catalogação na Publicação

JOHN, Valquíria Michela
Mundos possíveis e telenovela: memórias e
narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas /
Valquíria Michela JOHN. -- 2014.
200 f.

Orientadora: Nilda Jacks.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Comunicação. 2. Estudos de recepção. 3. Memória.
4. Telenovela. 5. Mulheres detentas. I. Jacks,
Nilda, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Telenovela e identidade de gênero de mulheres encarceradas: entre memórias e novas sociabilidades

Pesquisador: nilda aparecida jacks

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 12337113.8.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 474.271

Data da Relatoria: 28/11/2013

Apresentação do Projeto:

De acordo com parecer anterior.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com parecer anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Nada acrescentar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foi atendida a pendência citada no parecer anterior, para inclusão do telefone do CEP, no TCLE.

Recomendações:

Nada a acrescentar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se aprovação do projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese às mulheres da minha vida: minha mãe, Jussara Maria John, e minhas saudosas avós, Terezinha Maria de Amorim (*in memoriam*) e Frida Guebert John (*in memoriam*). Com elas aprendi as inúmeras alegrias e as incontáveis dores de ser mulher...

AGRADECIMENTOS

Às pessoas mais importantes da minha vida: meus pais, Osni e Jussara, e meu marido Robson. Foram eles que acompanharam todos os momentos dessa jornada, inclusive, ou sobretudo, os momentos difíceis. Apesar de parecer clichê, preciso reafirmar que eu de fato não estaria aqui se não fosse por eles.

Pela torcida, apoio e incentivo, mesmo distantes geograficamente, meu muito obrigada aos meus três queridos irmãos Celio, Everton e Helton e suas famílias.

À minha querida orientadora Nilda Jacks, de quem sou fã. Por compartilhar tantos conhecimentos, alguém que sempre nos inspira e pela oportunidade ímpar de fazer parte do grupo Obitel, cujo aprendizado me propiciou e propicia praticamente outro doutorado.

À querida amiga de todos os dias (bons e ruins!) Laura Seligman, pelo apoio, incentivo, por ter ouvido cada momento de animação mas também cada reclamação e sempre ter um conselho precioso para cada um desses momentos.

Às queridas amigas e amigo que tive a oportunidade de conhecer nesse processo: Mônica, Dani, Érika, Laura, Gisele, Márcia e Wesley, com seus estilos tão singulares e com quem tanto aprendi e aprendo a cada dia, pelo carinho e pela acolhida com que sempre me receberam.

À querida amiga que tive a oportunidade de conhecer nesse processo, alguém que muito admiro e que muitas vezes foi minha fiel “escuteira”, com quem dividi angústias e sempre esteve pronta a trocar ideias teóricas e humanas. Se nada mais tivesse valido à pena (o que não é o caso), ter a oportunidade de conhecer a querida Lourdes já teria valido cada um desses quatro anos.

Ao pessoal do grupo Obitel POA, desenvolver pesquisas na companhia desse grupo é, além de todo o aprendizado, um enorme prazer.

Aos meus queridos Felipe e Jeffe, não apenas pela amizade, pelas conversas animadas e divertidas, mas também pela ajuda ímpar que me prestaram ao longo de todo o período e sobretudo na reta final da escrita da tese.

Aos meus “filhos emprestados” Pricilla e Lauro, pelo carinho, pelo apoio e pela ajuda que me ofereceram nos vários momentos do doutorado. Por serem praticamente minha torcida organizada e com isso serem motivadores em todos os momentos.

Ao estimado maestro Dr. Luis Jesus Galindo Cáceres, por tão rica, significativa e poética obra, que além de tudo me foram sempre uma grande inspiração e por sua

generosidade e atenção ao sugerir e encaminhar bibliografias que foram fundamentais para a tese.

Meus mais sinceros agradecimentos às queridas professoras Dras. Ana Carolina Escosteguy e Elisa Piedras por suas generosas e fundamentais contribuições em minha banca de qualificação.

Apesar de não ser uma pessoa religiosa, certamente meus agradecimentos a Deus. É nos momentos mais difíceis que a gente acaba se convencendo (e precisando) de sua presença.

Por fim, não um agradecimento, mas um lamento. Minha vó Terezinha um dia sonhou assistir a formatura do ensino médio de sua neta mais velha. Há exatos 20 anos ela partiu, sem poder realizar este desejo, como também não pode acompanhar agora o último estágio de minha jornada acadêmica. A ausência física, entretanto, nunca significou a falta de sua presença. Em cada linha desta tese está a tentativa de expressar um pouco do que aprendi ao longo dos 17 anos que com ela pude compartilhar...

La memoria del corazón elimina los malos recuerdos y magnifica los buenos, y gracias a ese artificio, logramos sobrellevar el pasado.

El amor en los tiempos del cólera
Gabriel Garcia Marques (1985)

Minha maior dívida é com os autores cujos trabalhos discuto.
(Espero que ao subir sobre seus ombros, tenha sabido manter a
instrução chinesa de não pisar-lhes a cabeça).

Plausible worlds
Geoffrey Hawthorn (1997)

RESUMO

A proposta desta pesquisa foi a de conhecer como o cotidiano de mulheres em situação de confinamento se (re)configura a partir da mediação da telenovela nesse novo ambiente de socialização. De que modo o ver telenovela nesse ambiente bem como suas memórias de recepção do gênero e sua matriz cultural articulam mundos possíveis na prisão. Busca, ainda, compreender como as memórias da telenovela se articulam às memórias pessoais e qual a importância dessa narrativa em seu dia a dia. A partir das proposições da “Metodologia dos mundos possíveis” de Luis Jesus Galindo Cáceres e das mediações de Jesus Martín-Barbero buscou-se compreender como a telenovela medeia seu cotidiano, como articula outros mundos que vão além dos limites impostos pelas grades e como estes mundos se relacionam com as temporalidades da prisão, bem como de suas memórias. Discute também como esse cotidiano medeia a relação com a telenovela, sobretudo a partir de suas memórias e relatos de vida, mas também da observação desse cotidiano e dos relatos sobre o momento vivido, de modo a correlacionar suas memórias (antes do ingresso na prisão) e as expectativas futuras. O estudo foi realizado no Presídio Regional de Itajaí, Santa Catarina, para o qual foram entrevistadas oito mulheres de diferentes faixas etárias, regimes e tempo de cumprimento de pena. A principal técnica adotada foi a história de vida em consonância com a proposição da metodologia dos mundos possíveis. Estes relatos foram tensionados na correlação entre memória, tempo presente e futuros contingentes e de que modo a telenovela participa desse processo de construção e reconstrução do cotidiano e de mundos possíveis. Os resultados apontam para uma “memória do melodrama” e um processo de construção de mundos possíveis a partir da identificação e projeção de suas trajetórias nas trajetórias das personagens da telenovela, sobretudo no que se refere às memórias e práticas relacionadas à família.

Palavras-chave: mundos possíveis; telenovela; memória; estudo de recepção; mediações.

ABSTRACT

The purpose of this research was to know how the everyday of incarcerated women (re)configures itself from the telenovela mediation in this new environment of socialization. How the action of watching telenovelas in this environment and how their memories of reception of this genre and its cultural matrix articulates possible worlds in prison. Seeks to understand yet how the memories of the telenovelas articulate to the personal memories and which the importance of this narrative in their everyday lives is. From the propositions of the “Possible Worlds Methodology”, from Luis Jesus Galindo Cáceres, and Mediations Theory, from Jesus Martín-Barbero, seeks to understand how the telenovela mediates their daily routine, how it articulates others worlds beyond the limits imposed by the time slots and how these worlds relate to the temporalities of prison, and their memories. It also discusses how this everyday mediates the relationship with the telenovela, especially from the memories and life stories, but also from the observation of this everyday life and the stories about the moment lived, in order to correlate their memories (before being sent to prison) and the futures expectations. The research was done at Presídio Regional de Itajaí, Santa Catarina, for which eight women of different ages, regimes, and time of imprisonment were interviewed. The main technique adopted was the Life Story in line with the proposition of possible worlds methodology. These stories were tensioned in the correlation between memory, present time and future contingent and how the telenovela participates of the construction and reconstruction of the everyday life and possible worlds process. The results points to a “melodrama memory” and to a possible world construction process from the identification and projection of their trajectories in the characters’ trajectories in the telenovela, especially as regards to memories and related family practices.

Key words: possible worlds; brazilian telenovela; memory; audiences study; mediations.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 – Trajetória do detento nos sistemas judiciário e penal brasileiros	31
Figura 2 – Panorama do sistema carcerário catarinense	37
Figura 3 – Mapa Mental do percurso teórico metodológico	60
Figura 4 – Mapa das mediações	64
Figura 5 – Entrada do bairro Nossa Senhora das Graças – rua que dá acesso ao Presídio	80
Figura 6 - Vista parcial da comunidade – presença frequente da polícia	81
Figura 7 - Vista parcial da entrada da comunidade – presença frequente da polícia.	81
Figura 8 – Vista geral da comunidade a partir da Avenida Contorno Sul, principal. acesso à Itajaí pela BR 101.....	81
Figura 9 – Planta do presídio implantado em Itajaí em 1940	82
Figura 10 – Galeria F construída em 1997	83
Figura 11 – Presídio no final da década de 1990	84
Figura 12 – Unidade atualmente	84
Figura 13 – Vista geral da unidade atualmente	84
Quadro 1 – Trabalhos que abordam mulheres e relações de gênero 2000 a 2009	44
Tabela 1 – Mulheres detentas em SC quanto ao grau de instrução	36
Tabela 2 – Distribuição das Mulheres detentas de SC por faixa etária	37
Tabela 3 – Distribuição das Mulheres detentas de SC por time de crime cometido .	38

SUMÁRIO

E SE.....	15
Por que escolher telenovela?.....	17
Por que mulheres detentas?.....	21
Capítulo 1 – O MUNDO DA PRISÃO	28
1.1 Mulheres Encarceradas no Brasil	34
1.1.1 Panorama catarinense	36
Capítulo 2 – MUNDOS DA PESQUISA: estudos de recepção da telenovela - um breve estado da questão	43
2.1 Recepção da telenovela sob a ótica de gênero	47
Capítulo 3 – MUNDOS POSSÍVEIS: o percurso da pesquisa	55
3.1 Sobre os “mundos possíveis”	58
3.2 Dos mundos possíveis às mediações	65
3.2.1 Na trilha das mediações	67
3.3 Etapas dos “mundos possíveis”.....	71
3.3.1 História de vida como articuladora de mundos possíveis	74
Capítulo 4 – MUNDOS DESCONHECIDOS: o campo da pesquisa	80
4.1 Breve olhar sobre o local da pesquisa	84
4.2 Mundos que se cruzam - a realização do campo	90
4.3 – Mundos da memória – as participantes e seus relatos de vida	97
4.3.1 Um vale de lágrimas	101
4.3.2 A “zoiúda”	103
4.3.3 Uma vida no crime	106
4.3.4 “Eu não tive infância”	114
4.3.5 O pecado do ciúme	117
4.3.6 Uma decisão impensada	118
4.3.7 Escolhas ruins	121
4.3.8 A “dona” da cozinha	122

Capítulo 5 – MUNDOS POSSÍVEIS E TELENVELA: memórias melodramáticas	127
5.1 Mundos da memória e da telenovela	128
5.1.1 Memórias do melodrama	141
5.2 A prisão como mediação	152
5.2.1 Socialidade e o retorno à cotidianidade familiar	155
5.2.2 Atravessamentos de gênero	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS	178
APÊNDICES	189
ANEXOS	196

E SE...

“Você vai começar a ler o novo romance de Ítalo Calvino. Se um viajante numa noite de inverno. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos. Deixe que o mundo a sua volta se dissolva no indefinido. É melhor fechar a porta; [...].

Escolha a posição mais cômoda: sentado, estendido, encolhido, deitado. Deitado de costas, de lado, de bruços. Numa poltrona, num sofá, numa cadeira de balanço, numa espreguiçadeira, num pufe. Numa rede, se tiver uma. Na cama, naturalmente, ou até debaixo das cobertas. Pode também ficar de cabeça para baixo, em posição de ioga. Com o livro virado, é claro. [...].”

Assim começa a leitura do livro *Se um viajante numa noite de inverno* escrito por Ítalo Calvino e publicado em 1979¹. Calvino narra, a partir de 10 romances que começam e não têm fim, a jornada de seu protagonista, chamado de Leitor, em busca, justamente, do final da história. Definido pelo próprio autor como um hiper-romance² *Se um viajante...* convida o leitor a ser o autor da narrativa a que tem acesso. Uma expressão máxima da construção de “mundos possíveis” a partir da literatura.

O próprio Calvino (2012), por meio de um de seus personagens, possivelmente seu *alter ego* e personagem-narrador, compartilha com seu leitor desavisado a proposta do livro que está lendo. “Veio-me a ideia de escrever um romance feito só de começos de romances. O protagonista poderia ser o um Leitor que é continuamente interrompido. O Leitor adquire o novo romance A do autor Z. Mas é um exemplar defeituoso, e ele não consegue ir além do início... O Leitor volta à livraria para trocar o volume...” (p. 202)

A ideia de mundos possíveis na ficção literária é amplamente aceita e discutida por estudiosos como Cauquelin (2011) que afirma “Enquanto via de escape do único mundo que realmente existe, a ficção propõe pontos de vista que a experiência não nos oferece espontaneamente; [...]”. Para a autora, cabe à arte de um modo mais amplo, e à ficção em

¹ A primeira edição publicada no Brasil é de 1990 pela Cia. das Letras. Atualmente, a obra está em sua 2a. edição e 5a. reimpressão (2012), pela mesma editora.

² Tem como característica, segundo Calvino (2006) subverter a lógica leitor/autor. O leitor não pode se limitar à condição de destinatário de uma narrativa já pronta, ao contrário, torna-se também autor, a constrói enquanto lê.

particular, a tarefa de descrever, de “realizar” esses mundos possíveis “imaginando-os: não são nosso mundo atual, este em que vivemos, mas tornam perceptíveis ao ‘expressá-los’”.

Expressar seria, então, o conceito central para a ficção. Na perspectiva da filosofia leibniziana, “[...] expressar é traduzir numa linguagem inteligível para nós uma realidade que nos é profundamente obscura: os mundos que vivem no pensamento de Deus” (p. 70). Tomando como exemplo o romance, Cauquelin propõe que a ficção cria universos, não necessariamente iguais ao que vivemos, mas que guardam com ele significativa proximidade. Deste modo, “suas descrições [da ficção] oferecem uma imagem desses outros mundos [...]”. Neste cenário, a Estética é uma “*ciência dos acessos aos mundos possíveis*” (CAUQUELIN, 2011, p. 73).

Esta percepção, ou fruição tomando a perspectiva estética sugerida pela autora, estaria restrita em termos de narrativa ficcional apenas à Literatura? A concepção que norteia esta tese é de que não, de que esta é uma característica inerente à própria ideia de narrativa, inclusive das não ficcionais, das que passam pela memória dos sujeitos, de suas experiências e da forma como são contadas e recontadas. Como Bruner (1997), entende-se que narrar é próprio da condição humana e que esta é uma forma importante de adquirir e desenvolver conceitos e impressões sobre o mundo e, por isso mesmo, de “realidades possíveis”. A própria memória é entendida aqui como um espaço dos “possíveis” já que não se trata de um retorno ao passado mas sempre de uma narrativa sobre ele.

Esta tese fala, sobretudo, de memórias: seletivas, afetivas, traumáticas, submersas e até mesmo falsas. Memórias essas atravessadas por uma narrativa considerada aqui como emblemática da oferta de “mundos possíveis”. No âmbito das narrativas ficcionais há, em nosso cotidiano, uma narrativa que se aproxima significativamente da nossa prática de “contar histórias” e que, ao estabelecer o tensionamento das ideias de ficção x realidade, até mesmo de confundir esses limiares, constitui-se como um espaço profícuo de mundos possíveis - a telenovela. Ver uma novela, apesar de sua reconhecida matriz cultural e de seu modelo narrativo melodramático, como se discutirá adiante, é, como no romance de Calvino (2012) “ir ao encontro de algo que está para ser e ninguém sabe ainda o que será [...]” (p. 78). Ou seja, ao encontro de “mundos possíveis”.

Apesar do diálogo que se fará com outras áreas e outros autores ao longo desta tese, a concepção de mundos possíveis, até aqui apresentada na perspectiva literária e filosófica, foi compreendida – e posta em prática – pela “*Metodologia de los mundos posibles*”, proposta por Luis Jesus Galindo Cáceres. Do encontro entre uma experiência anterior com

o sistema prisional, da observação do gosto pela narrativa da telenovela por parte das mulheres que cumprem pena e do contato com a obra do autor, se constituiu o objeto desta pesquisa. A busca foi de compreender como a telenovela propicia a inserção de mundos possíveis no cotidiano de mulheres encarceradas e como esses “mundos” são apreendidos, projetados e tensionados em seu cotidiano.

Esta pesquisa começou a ser, senão escrita, ao menos delineada há exatos 10 anos. Surgiu de um sentimento opressivo de dívida, de uma meta a ser cumprida. De um compromisso assumido internamente e que ficou latente por mais de cinco anos até que começasse a se desenvolver e se concretizar na tese aqui relatada.

Por que telenovela?

Há mais de 60 anos, exatamente em 21 de dezembro de 1951, o hábito de ver telenovela começava a se difundir pelo país. A TV Tupi³, com *Sua vida me pertence*⁴, lançava as bases daquele que seria o gênero midiático de maior sucesso em todo o Brasil. A difusão definitiva da telenovela se daria na década seguinte, a partir da consolidação da narrativa diária.

Produzida pela TV Excelsior⁵, em 1963, *2-5499 Ocupado* foi a primeira telenovela a ser exibida diariamente no país. Iniciou em 22 de julho de 1963 e era transmitida às segundas, quartas e sextas-feiras⁶. A partir de setembro do mesmo ano, a emissora, percebendo que essa era a melhor forma de conquistar os espectadores, passou a exibir os capítulos diariamente, fórmula que se mantém até hoje, cinco décadas depois.

³ Um decreto publicado no Diário Oficial da União no dia 18 de julho de 1980 determinou o fim das transmissões da TV Tupi. (Rego, 2004)

⁴ A novela estreou no dia 21 de dezembro de 1951, teve seu último capítulo em 8 de fevereiro de 1952. Foi de autoria e direção de Walter Forster, que também atuou como protagonista da trama. Vale lembrar que naquela época os conteúdos televisivos, incluindo a novela, eram ao vivo, não existia ainda a possibilidade de gravação. A trama de Walter Forster teve apenas 15 capítulos, exibidos às terças e quintas-feiras às 20 horas. Fonte: Memória da teledramaturgia: <http://www.teledramaturgia.com.br/tele/suavida.asp>

⁵ Em 30 de setembro de 1970, a TV Excelsior teve sua concessão cancelada e encerrou suas transmissões. (Moya, 2010).

⁶ Fonte: Memória da teledramaturgia - <http://www.teledramaturgia.com.br/tele/ocupado.asp>

Mesmo passadas essas mais de seis décadas, ainda que com audiência em declínio⁷, as narrativas das telenovelas brasileiras continuam a difundir, e problematizar, hábitos, crenças, valores. Continuam a, senão criar, ao menos reforçar papéis sociais e culturais relacionados a etnia, condição social, idade, sexo, entre outros tantos traços que constituem nossa identidade como sujeitos sociais.

Com seus modelos de homens, mulheres, crianças, idosos; modelos de comportamento sexual, social; modelos do que é o bem e o que é o mal, a telenovela contribui para a construção, para o reforço bem como para a problematização das representações identitárias que veicula a partir de seus enredos.

A telenovela muitas vezes se constitui num espaço de visibilidade das identidades que social e culturalmente são vistas como problemáticas ou desviantes. Não se pode deixar de lembrar, por exemplo, da inclusão cada vez mais significativa das identidades e relacionamentos homossexuais presentes nas tramas, sobretudo da Rede Globo. Com isso não se quer dizer que os conteúdos das telenovelas, independente das representações que levam aos seus espectadores, serão lidos e apropriados de forma passiva, o que também não implica em deixar de lado a reflexão sobre a importância desse conteúdo televisivo na construção de imaginários sobre o outro.

Inicialmente atribuída, e produzida, para a mulher, especialmente a dona de casa, a telenovela foi se modificando em termos de público, faixa de horário, conteúdo e construção dos enredos. Sua estrutura narrativa, porém, diretamente vinculada à matriz melodramática (MARTIN-BARBERO, 2003) segue levando aos lares brasileiros, e de várias outras partes do mundo, modelos de homens e mulheres, modelos de sexualidade, de constituição familiar. Toda telenovela, aliás, gira em torno de relações familiares, base estrutural da narrativa que, de um modo geral, se passa muito mais no âmbito doméstico que profissional. Ainda que outros espaços sociais estejam presentes e mesmo o espaço do trabalho seja pano de fundo para o enredo, de um modo geral, as telenovelas têm como cenário a vida particular, pessoal, o âmbito doméstico.

⁷ Basta observar os índices de audiência da novela das nove na década de 2000, que foram diminuindo progressivamente. Como ilustração de um intervalo de 10 anos, em 2003 a telenovela *Mulheres Apaixonadas* teve 47 pontos de média e 67% de share. Em 2013, *Salve Jorge* teve média de apenas 34 pontos e foi considerada pela crítica especializada em TV como a pior audiência de novela das nove da história da Rede Globo. Mesmo sua antecessora, *Avenida Brasil*, considerada sucesso nos sites de Redes Sociais e em repercussão pelo país não passou de 39 pontos de média de audiência. (IBOPE MEDIA, 2013)

Justamente por estar no ar há mais de 60 anos e, como matriz cultural (MARTIN-BARBERO, 2003), há mais de um século⁸, é possível afirmar que já há em nosso imaginário uma construção de memória desse gênero narrativo (idem). Memória que é sempre individual e ao mesmo tempo coletiva, porque construída no espaço das relações sociais e culturais e, no caso específico da telenovela, uma memória compartilhada coletivamente justamente por ser midiática.

Por outro lado, os modos de ver telenovela têm se alterado. Hoje, a narrativa é vista não apenas na TV, mas em “múltiplas telas” (OROZCO GOMES, 2011). Mesmo as novelas da Rede Globo de Televisão, líder absoluta em audiência e produção do gênero, têm sentido os impactos de mudanças de comportamento por parte dos seus receptores, cada vez mais conectados à internet e expandindo esse “exercício do ver” (MARTIN-BARBERO e REY, 2001) ao âmbito compartilhado e online. Exemplo disso foi Avenida Brasil, exibida pela emissora de março a outubro de 2012. Embora sua audiência tenha ficado numa média de 39⁹ pontos, a novela teve grande êxito nos sites de redes sociais¹⁰, gerando *memes*¹¹ que se tornaram sucesso quase simultaneamente à exibição do capítulo que lhes deu origem.

Para além desse cenário, não se pode esquecer, entretanto, do enorme contingente de brasileiros que ainda não têm na internet o seu principal meio de comunicação com o

⁸ Se levarmos em conta a radionovela e os folhetins impressos, a matriz melodramática é difundida midiaticamente em nosso país desde a segunda metade do século XIX.

⁹ A novela chegou a ter picos de audiência de 42 e 46 pontos; o capítulo final (52 pontos) foi o programa mais assistido em 2012. Porém, de um modo geral sua audiência não foi maior que a das novelas que a antecederam e bem inferior à Senhora do Destino, exibida entre 2004 e 2005 e que teve a maior audiência na década passada, com 50 pontos de média e 74% de *share*. (IBOPE MEDIA, 2013)

¹⁰ Discussões mais aprofundadas sobre esses aspectos podem ser encontradas em “Telenovela em múltiplas telas: da circulação ao consumo” de Jacks et al (2011), “A Recepção Transmidiática da Ficção Televisiva: novas questões de pesquisa”, de Lopes (2011b) e no conjunto de pesquisas realizadas no âmbito do Obitel Brasil – Observatório Ibero Americano de Ficção Televisiva, relatadas no livro “Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais” (LOPES, 2011a)

¹¹ A expressão *meme* é de Richard Dawkins e significa “Unidade Mínima de Memória”. No âmbito da internet foi apropriada como sinônimo de mensagens virais, de conteúdos que se espalham rapidamente pela rede. No caso de Avenida Brasil, um dos *memes* mais famosos foi o “me serve vadia”, frase dita pela personagem Nina (Débora Falabela) a Carminha (Adriana Esteves) no capítulo em que a primeira iniciava sua vingança sobre a segunda. A frase entrou para os *Trendig Topics* do *Twitter* e o *tumblr* “Me serve vadia, me serve”, com recortes das imagens da cena circulou no *facebook* antes mesmo de o capítulo da novela encerrar. Discussão mais aprofundada sobre os *memes* de sucesso em Avenida Brasil e sua circulação no âmbito dos sites de redes Sociais pode ser conferida em “De @berilopassione a #MeServeVadia: Passione e Avenida Brasil no contexto de convergência midiática” (OIKAWA, JOHN E AVANCINI, 2012).

mundo.¹² Para uma significativa parcela da população, a televisão ainda é a sua principal “janela para o mundo”. Entre esse contingente encontra-se a população prisional brasileira, que corresponde, atualmente, a 549.577 detentos, o que dá ao país o posto de quarta maior população prisional do mundo. Desse total, 34.058 são mulheres.¹³ Mulheres essas que foram ingressando lentamente no sistema prisional e que, desde a última década, superaram os homens em termos de crescimento proporcional da população carcerária.

Ao ingressarem na prisão, muitas dessas mulheres terão como única forma de comunicação com o mundo exterior o conteúdo televisivo¹⁴, notadamente, a companhia íntima da telenovela durante o período mais complexo do dia a dia em um ambiente de reclusão – o período noturno. É a noite que os principais medos e “fantasmas”¹⁵ relacionados a esse sistema mais se fazem sentir. Nesse espaço, a telenovela constitui uma efetiva mediação entre essas mulheres e o mundo além dos muros, se constitui, por assim dizer, em um âmbito de “mundos possíveis”. A telenovela será também um importante mecanismo de ativação de suas memórias sobre a vida antes do ingresso na prisão.

Este cenário constitui o foco de interesse desta pesquisa, qual seja, o estudo da relação que se estabelece entre a telenovela e as mulheres detentas, articulada por memórias e novas formas de recepção desse conteúdo. Na companhia da telenovela, as memórias sobre quem são (ou quem foram) – e as intenções sobre quem pretendem ser – serão reordenadas e reconfiguradas. A narrativa não apenas trará à tona memórias como também estabelecerá mundos possíveis ao mundo vivido por essas mulheres.

¹² Segundo dados do Ibope (2013) o acesso à internet no Brasil atinge 56% da população (mais de 100 milhões de brasileiros), “o que representa um crescimento de 115% desde 2003” (IBOPE MEDIA, 2013). Fonte: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Acesso-a-internet-impulsiona-o-consumo-dos-meios-tradicionais-de-midia-aponta-IBOPE-Media.aspx>

¹³ Fonte: Brasil/Depen, 2012.

¹⁴ A presença do rádio também é significativa entre as mulheres detentas, porém, a experiência de pesquisa anterior evidencia que a televisão é a principal companhia durante os períodos de “ócio”, períodos em que não há o que se fazer e que se está trancada dentro das celas, como no horário noturno.

¹⁵ Referência sobretudo ao fato de que à noite não há ocupação e ela deve dividir seu espaço com várias outras mulheres, além de ser o período do risco mais eminente de violência física, inclusive de violência sexual.

Por que mulheres detentas?

Quando se fala em sistema prisional, é muito comum aparecerem dois tipos de situações: a visão mais comum, normalmente em sintonia com o que é divulgado pelos meios de comunicação, define a prisão como um lugar ineficaz; a segunda é a do desconhecimento de qualquer aspecto que diga respeito a essa instituição. Ambas são visões limitadas e simplificadas do que ocorre atrás dos muros de uma unidade prisional. Ambas são uma visão restrita sobre os sujeitos que vivenciam o cotidiano do cárcere, suas práticas, suas identidades, seus valores e sua condição humana.

Após cinco anos de trabalho em uma instituição prisional, este cenário me levou ao mestrado para discutir as representações dos detentos acerca da mídia impressa no ambiente prisional. O tema surgiu do convívio nesse espaço, de uma “quase” etnografia. Concluída em 2004, a dissertação apontava que dentro do ambiente prisional há práticas de leitura, de acesso aos meios ainda que de forma bastante diversa da sociedade fora dos muros da prisão; ainda assim há um consumo simbólico de valores, ideias e crenças, inclusive o reforço de um discurso de que o acesso a esses meios, à mídia impressa, ao ato de ler de uma forma geral promove a melhoria do sujeito, auxilia em sua reinserção (JOHN, 2004). Naturalmente, são falas, representações dos próprios sujeitos, mas carregados de suas práticas, de sua visão de mundo.

Ao decidir ir em busca do doutorado, e das problemáticas que nos instigam, ocorre então esse “regresso à prisão”. Isso se deve a uma pergunta que ficou latente, resultado da dissertação e da participação em congressos e eventos ao longo da última década com profissionais das mais diversas áreas que discutem esse sistema: por que se fala tão pouco das mulheres detentas? A discussão anterior centrou-se no público masculino pelo motivo de que as mulheres não tinham o mesmo acesso que os homens aos bens midiáticos e a outras práticas sociais e culturais no cumprimento de sua pena. Uma vez que há desigualdades de gênero na vida social, naturalmente que elas se estendem ao ambiente da prisão.

Isso pode ser constatado durante o período de convivência com as mulheres detentas do presídio Regional de Itajaí, cidade de alto PIB¹⁶, localizada na região mais próspera do estado que tem o melhor IDH do país¹⁷ – o chamado “Vale Europeu” em Santa

¹⁶ Conforme indica a pesquisa do PNUD de 2010. Disponível em: <http://www.pnud.org.br>

Catarina. No intervalo de 2000 a 2004, foi possível observar que elas tinham acesso a poucas visitas, não tinham biblioteca como os homens, quase nenhum meio impresso acessível e, em geral, estavam na companhia apenas umas das outras, de um velho rádio e sempre, em cada “cubículo”, de uma televisão. No período posterior à conclusão do Mestrado, devido ao contato frequente com a realidade da instituição prisional a partir de ações desenvolvidas na condição de docente¹⁸, essa impressão foi ficando mais evidente, sobretudo quando Itajaí foi contemplada com a Penitenciária da Canhanduba¹⁹ em março de 2012 e o Presídio Regional de Itajaí passou a se caracterizar “praticamente”²⁰ como um presídio feminino.

Foi então que a ideia das “mediações” de Jesus Martin-Barbero veio à tona e, após o ingresso no doutorado e a primeira aula sobre estudos de recepção latino americanos, uma imagem foi ficando mais efetiva: a televisão é a mais importante mediação dessas mulheres com o mundo. Pelas circunstâncias do próprio confinamento, partiu-se do princípio que, tal como constatou Dorneles (2003) em seu estudo com jovens infratores durante sua permanência na instituição de reclusão, no ambiente prisional o meio, neste caso a televisão, é a mediação. Essa impressão ficou marcada, sobretudo no que se refere à relação das detentas com as narrativas das telenovelas que acabam atuando como importante mediação da (nova) identidade dessas mulheres, articuladoras de suas práticas de sociabilidade na prisão e projetando cenários, memórias e sonhos para além dos muros.

Essa afirmação vem da perspectiva que a prisão é, criminal e sociologicamente, definida como uma instituição ressocializadora, articuladora, portanto, de novas

¹⁷ Na verdade, o DF é o líder do ranking nacional, mas tomando exclusivamente os estados, SC que está em 2º. nesse ranking passa a ser o primeiro. Fonte: Pnud, 2010.

¹⁸ Até 2004 mantive vínculo com o Presídio Regional de Itajaí a partir de um projeto financiado pela Coordenação Nacional de Aids no qual atuei como coordenadora. Desde 2005, quando ingressei na carreira docente como professora do curso de Jornalismo na Universidade do Vale do Itajaí, tenho orientado trabalhos de conclusão de curso nas dependências do presídio, trabalhos estes que não são de pesquisa e sim de prática jornalística o que tem me permitido contato frequente com o campo e observação do cotidiano das mulheres detentas. Entre outros trabalhos orientados, um deles, desenvolvido em 2012, tratou da questão da permanência das crianças com suas mães presas quando de seu nascimento durante o cumprimento da pena. Uma das personagens da pesquisa aqui proposta foi definida justamente a partir desse contato.

¹⁹ Nome do bairro onde a Penitenciária foi construída, bairro este em região afastada da área urbana da cidade de Itajaí.

²⁰ O presídio tinha, até essa ocasião, uma população carcerária que chegou a mais de 500 presos para apenas 150 vagas, dos quais mais de 80% eram homens. Desde a inauguração da Penitenciária, praticamente todos os homens cumprem pena no novo local. Hoje a instituição abriga cerca de 250 detentos, dos quais apenas 59 são homens, motivo pelo qual a Unidade já é extra oficialmente considerada um presídio feminino.

sociabilidades²¹. Sendo a prisão considerada um espaço de ressocialização, também os conteúdos televisivos, notadamente os da telenovela, irão participar do processo de construção dessa identidade “ressocializada”.

A própria telenovela é um espaço narrativo de construção de sentido e de representações sobre a mulher encarcerada. Vale lembrar que a primeira novela diária brasileira teve como protagonista justamente uma detenta. *2-5499 Ocupado* contava a história de Emily, presidiária vivida por Gloria Menezes, que atuava como telefonista numa prisão e através disso “conhece” Larry (Tarcisio Meira) de quem recebe uma ligação por engano. A história de “amor impossível” gira em torno da condição da protagonista – o fato de ser uma detenta.

Ao longo das várias décadas de desenvolvimento desse gênero televisivo, a figura da mulher detenta tem aparecido com certa frequência, inclusive como protagonista. O caso mais recente foi a novela da Rede Globo *A Favorita*, exibida de junho de 2008 a janeiro de 2009. Tinha a condição prisional como o elemento fundante da trama que envolvia as personagens Flora (Patricia Pillar) e Donatela (Claudia Raia). A primeira passa 18 anos na prisão por um crime que não se sabe se havia cometido o que coloca as duas personagens em confronto ao longo de praticamente toda a novela. Em 2011, “*Insensato Coração*” trouxe a mulher presidiária novamente à evidência colocando uma das personagens centrais – Norma, vivida por Gloria Pires –forjada em uma nova mulher após a passagem pela prisão. Em 2013, na novela das nove da Rede globo, “*Amor à Vida*”, a protagonista Paloma (Paola Oliveira) também tem uma rápida passagem pela prisão, espaço onde é assediada e violentamente agredida por outra presa.

As mulheres detentas das telenovelas são construídas, normalmente, a partir de dois grandes estereótipos: a mocinha indefesa que está na prisão por engano, como foi o caso de Paloma, e a mulher malvada, em larga medida brutalizada e masculinizada pelo sistema. O caso de Flora evidencia um pouco mais da complexidade desse ambiente por ter a prisão como espaço emblemático e fio condutor da trama. Porém, essas representações não dão conta da complexidade das razões e dos crimes praticados pelas mulheres, mesmo porque

²¹ O termo sociabilidade é aqui entendido como sinônimo de socialização, ou seja, as relações que se estabelecem dentro e por intermédio das instituições, no caso desta pesquisa, a prisão, suas regras e seus atores. Mas aqui também se adota o termo “socialidade”, este na perspectiva de Martin Barbero (2003) como uma das mediações entre as detentas e as telenovelas. Ao longo do texto, os dois termos serão utilizados sendo o primeiro sempre como referência às “relações sociais institucionalmente constituídas” (Borelli e Rocha, 2008) – ou seja, uma referência aos “indivíduos e suas associações contratuais”.

nenhum conteúdo midiático é capaz de dar da complexidade do que é o processo de constituição identitária.

De fato, isso não se limita à detenta da telenovela. Ainda há poucos estudos sobre a mulher encarcerada. Num levantamento realizado junto ao banco de teses e dissertações da Capes, no intervalo de 1987 a 2012, foram defendidas apenas 120 pesquisas²² que abordaram a mulher detenta, somente uma delas no âmbito da Comunicação. Ao longo da última década, o número de estudos que se dedicaram à condição feminina aumentou, em sintonia, possivelmente, com o próprio crescimento de sua representatividade dentro do sistema prisional, cujo aumento foi de mais de 100%.

Desse total de 120 pesquisas, no intervalo entre 1987 e 1999 foram apenas oito estudos, todos eles no âmbito do mestrado. No intervalo entre 2000 e 2010 esse número sobe para 48 pesquisas, sendo 11 teses e 37 dissertações. Os primeiros dois anos desta década somam juntos mais do que toda a década anterior: foram 30 estudos em 2011 (apenas um no âmbito do doutorado) e 34 em 2012, sendo quatro teses. Como se vê, o interesse pela mulher encarcerada tem aumentado, porém, de um modo geral esses estudos ainda estão mais ligados às áreas da saúde, sobretudo com pesquisas sobre gravidez na prisão e doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a Aids.

Ou seja, apesar do crescimento de estudos e do próprio número de sua participação no sistema prisional, ainda se sabe pouco sobre o perfil dessas mulheres, as motivações para o ingresso na criminalidade ou os fatores que têm levado ao aumento de sua incidência nas unidades prisionais de todo o país. O que se pode afirmar é que a mulher detenta está ainda muito aquém de efetiva compreensão, apesar de seu progressivo e acentuado ingresso na criminalidade.

Esse crescimento também não tem se revertido em adequação dos espaços prisionais. Em geral, as mulheres estão na condição de maior marginalização dentro dessa instituição, que é por si mesma excludente. Além do mais, por razões ainda não compreendidas em estudos científicos, as mulheres são mais abandonadas por seus cônjuges, familiares e amigos (IBCCRIM, 2008), sendo que, em muitos casos, a televisão e as companheiras de cela passam a ser a sua única “família”.

²² Para realizar esse levantamento, foram adotadas, como palavras-chave para a busca, os termos: mulheres presidiárias, mulheres detentas, mulheres encarceradas (termos sempre no singular e plural). Foram listados todos os trabalhos encontrados, eliminadas as repetições, após foram lidos os resumos a partir dos quais foram descartados os estudos que não tratavam do tema.

Levando-se em conta esse cenário, a telenovela pode ser vista como a principal mediação entre essas mulheres e o mundo exterior à prisão, constituindo-se num âmbito emblemático de produção de “outros mundos” para os quais elas possam se projetar. O que se buscou compreender foi, justamente, como essas mulheres associam ou projetam a telenovela ao seu cotidiano e ao cenário onde vivem, espaço esse compartilhado com outras mulheres que, por força das circunstâncias, passam a representar e compartilhar uma nova ordem de institucionalidades e socialidades. Em certa medida, uma nova família com a qual partilham a experiência de ver telenovela, a qual será vista a partir desse novo ambiente de sociabilidade, bem como dos novos rituais de ver telenovela mas também impregnadas de suas memórias, experiências e ritualidades anteriores ao ingresso na prisão.

A escolha da telenovela como objeto de estudo deve-se, portanto, à observação do trabalho de campo realizado anteriormente, que não teve como sujeitos participantes as mulheres, mas deixou latente essa necessidade de compreender a relação que elas estabelecem com esse conteúdo durante o cumprimento de sua pena.

A partir das considerações expostas e da perspectiva de observar esses aspectos nesse ambiente de intensa provação e restrição de oportunidades, o **problema** da pesquisa ora relatada parte da seguinte indagação: qual o papel da telenovela na constituição de mundos possíveis entre as mulheres detentas num processo de confluência entre passado, presente e futuro e, deste modo, como os mundos possíveis da telenovela se projetam em seu cotidiano?

Para responder a essa problemática, o **objetivo geral** desta pesquisa é o de compreender como a telenovela participa do processo de cumprimento da pena de mulheres detentas e que mundos possíveis se estabelecem a partir da relação entre suas memórias de recepção desse conteúdo midiático neste ambiente de novas sociabilidades. Os objetivos específicos, elencados para alcançar este propósito foram:

- Identificar personagens, temas e situações com os quais elas mais se identificam;
- Verificar como se articulam as memórias pessoais e da telenovela ao novo ambiente e qual a importância dessa narrativa em seu dia a dia;
- Identificar se e como as mediações da sociabilidade e institucionalidade atravessam o ver telenovela;

Quando o ainda projeto desta tese foi concebido para o ingresso no doutorado, os pressupostos giravam em torno da ideia de que os aspectos mais emblemáticos da relação das mulheres detentas com a telenovela estavam mediados (e determinados) por suas identidades de gênero, pelos papéis e estereótipos de gênero a que foram submetidas ao longo da vida e aos que caracterizam a vida na prisão. Naquele momento, eu sabia apenas que elas gostavam de novela, que era esse o conteúdo mais assistido. Ainda no projeto de qualificação, já com algumas impressões sobre o campo pelo período de observação, esses pressupostos não estavam derrubados, mas profundamente repensados, senão no texto, em minha impressão sobre o campo.

Até então, a proposta das mediações de Martin-Barbero era o centro da pesquisa e as identidades de gênero como as principais articuladoras, sendo a proposição de Galindo Cáceres entendida mais na perspectiva operacional de técnica a serem postas em prática para a averiguação do modelo das mediações. No entanto, após qualificação, já com aquelas impressões cada vez mais claras pelas entrevistas e pela intensa aproximação com o cotidiano dessas mulheres.

Então, a pesquisa seguiu para um rumo completamente diferente e a perspectiva dos “mundos possíveis” se tornou central, o fio condutor de toda a reflexão. Não que aspectos relacionados às identidades de gênero não sejam importantes ou tenham sido simplesmente descartados, mas compreendi, com a dificuldade inerente a prática o “desapego” que eu precisava deixar que o “campo” falasse comigo e possivelmente foi somente nesse momento que efetivamente compreendi a proposição de Galindo Cáceres.

Foram necessárias outras leituras, outros rumos, outras reflexões. De certo modo, como reafirmarei em outros momentos, essa tese também é um “fragmento de mundo possível” e o relato que vem a seguir é uma tentativa, certamente bastante imperfeita de narrar essa trajetória. Por isso também não indico aqui os pressupostos que nortearam esta pesquisa, porque estabelecidos a priori, eles foram sendo derrubados, e outras temáticas, outras memórias e outras singularidades da relação com a telenovela foram ficando muito mais evidentes, levando à (re) configuração (Galindo Cáceres, 1997) da própria pesquisa à medida que esta se desenvolvia.

Esta tese foi, por isso mesmo, um enorme aprendizado e reafirmou o quanto é complexa a tarefa da pesquisa científica, particularmente a da pesquisa empírica, entendida aqui tal como por Jacks (2011) de que se trata daqueles estudos que vão ao sujeitos.

Ir ao encontro desse Outro não é tarefa fácil, mas não menos surpreendente e desafiadora. Espero, com o “itinerário” que segue nos capítulos a seguir, compartilhar um pouco da “viagem” aqui empreendida, expressão poética e não menos simbólica, modo como Galindo Cáceres (1997) define o ato de pesquisar.

CAPÍTULO 1

O MUNDO DA PRISÃO

As pessoas creem que o processo penal termina com a condenação, e não é verdade; As pessoas creem que a pena termina com a saída do cárcere, e não é verdade; As pessoas pensam que o cárcere perpétuo seja a única pena perpétua; e não é verdade: A pena, se não mesmo sempre, nove vezes em dez, não termina nunca. Quem em pecado está perdido, Cristo perdoa. Mas os homens, não.

FRANCESCO CARNELUTTI

De modo a situar o objeto e o cenário onde se realiza esta pesquisa, considerou-se importante apresentar uma breve contextualização sobre o universo da prisão. Não tem a pretensão, entretanto, de reconstituir um histórico dessa instituição ou de dar conta da complexidade das questões que envolvem o sistema carcerário nacional mas, apresentar um panorama que melhor situe a escolha do campo e dos sujeitos da pesquisa.

Falar de prisão e de sistema prisional não constitui tarefa fácil uma vez que não são poucas nem pontuais as críticas dirigidas a essa instituição, considerada por Foucault (2009) como aquela que já nasceu falida. Porém, como afirma o próprio autor, o grande paradoxo de se discutir e problematizá-la deve-se ao fato de que “[...] Conhecem-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa, quando não inútil. E entretanto, não ‘vemos’ o que pôr em seu lugar. Ela é a detestável solução, de que não se pode abrir mão”. (FOUCAULT, 2009, p. 218)

A prisão, como instrumento de punição, está presente em toda a história da humanidade.²³ O que vai diferenciar a instituição atual são os sistemas penais e as formas de encarceramento disponíveis, aspecto esse que segundo Foucault (2009), em seu clássico estudo sobre a origem da prisão (e da sociedade disciplinar), ocorre de forma contundente somente a partir do século XVIII. Entretanto, “a prisão é menos recente do que se diz

²³ Pode-se encontrar referências ao aprisionamento de pessoas que praticaram crimes desde o período descrito no texto bíblico do velho testamento, o que não havia era algo que pudesse ser chamado de sistema penitenciário. Durante a Antiguidade, por exemplo, predominou a chamada “Lei de Talião”, ou seja, a ainda hoje conhecida expressão “Olho por olho, dente por dente”. A proposição está contemplada no Código de Hamurabi escrito em acádio ou babilônio antigo (1750-1730 a.C.). “O mal causado a alguém deve ser proporcional ao castigo imposto: para tal crime, tal e qual a pena. Esse Código é o mais famoso e reconhecido código legal antigo” (MEISTER, 2007, p. 59). Pode-se dizer que a primeira prisão a adotar um “sistema penitenciário”, com penas pré-estabelecidas, foi a *House of Correction*, ou “Casa de Correção”, construída em Londres em 1552. (LEAL, 2001).

quando se faz datar seu nascimento dos novos códigos. A forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais” (p. 217). Para o autor, “[...] A forma geral de uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e úteis, através de um trabalho preciso sobre seu corpo, criou a instituição-prisão, antes que a lei a definisse como a pena por excelência. [...]” (idem).

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a prisão passou de um espaço de suplícios do corpo para suplícios da alma. Como explica Foucault (2009, p. 21):

Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que então, se exerce? A resposta dos teóricos – daqueles que abriram, por volta de 1870, o período que ainda não se encerrou – é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições. Mably formulou o princípio decisivo: ‘Que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma do que o corpo.

No século XX, a instituição passa a ter como atributo jurídico e social a ressocialização. Conforme Muñoz Conde (1979), o termo tem origem alemã e surgiu nos textos jurídicos depois da Primeira Guerra Mundial em substituição ao termo “melhoria” (ou como seu acompanhante). Em 1927, foi incluído na 25^a ed. do Tratado de Direito Penal de Von Liszt. Para o autor, “[...] o objetivo da ressocialização seria, em última instância, o respeito e a aceitação por parte do delinqüente das normas penais com o fim de impedir-lhe de, no futuro, cometer delitos”. (p. 4)

Goffman (1996) define ressocialização como um processo drástico de derrubada e reconstrução de papéis individuais e do senso, socialmente construído, de *self*. Na prisão, as identidades passam a ser fortemente atravessadas pelo contexto social, pelas relações com o grupo, pela divisão de tarefas e pelas relações de poder que se estabelecem no ambiente onde estão confinadas. É nesse contexto do que Goffman chama de “instituição total”²⁴ que se estabelecem novas formas de sociabilidade, hierarquizadas e baseadas, sobretudo, em relações de poder (FOUCAULT, 2009).

Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de ‘fechamento’. Quando resenhamos as diferentes instituições de nossa sociedade ocidental, verificamos que algumas são muito mais ‘fechadas’ do que outras. Seu

²⁴ O autor define instituição total como “[...] um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.” (GOFFMAN, 1996, p. 11)

‘fechamento’ ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de *instituições totais* [...] (GOFFMAN, 1996, p. 16)

É nesse cenário em que se insere esta pesquisa, no âmbito de uma instituição total, de uma população carcerária que, como dito, é a quarta maior do mundo.

A história nacional da prisão está, de certo modo, alicerçada à história do próprio país, uma vez que, em certo sentido, o território nacional foi uma grande prisão para onde eram enviadas as *personas non gratas* à coroa portuguesa. O Livro V das Ordenações Filipinas do Reino²⁵ registra a primeira menção à instituição prisional no país. Decretava a então colônia portuguesa como um “presídio de degredados”. (ORDENAÇÕES FILIPINAS, 1870, p. 91²⁶). Na Carta Régia de 1769 há a primeira menção oficial à construção de uma unidade prisional. Estabelecia a necessidade de se construir uma Casa de Correção na então capital do país, o Rio de Janeiro (SILVA MATTOS, 1885 apud PEDROSO, 1997).

Não por acaso, o Brasil foi o primeiro país da América Latina a construir uma penitenciária nos moldes das políticas judiciárias europeias e norte-americanas estabelecidas no século XIX. Em 1834, deu-se início à construção da Casa de Correção, obra finalizada em 1850²⁷. Conforme explica Pedroso (1997, p. 122-123):

Segundo os rumos da jurisprudência em todo o mundo, a implantação de um sistema prisional se fazia necessária no Brasil. A assimilação da nova modalidade penal se fez pela constituição de 1824 que estipulou as prisões adaptadas ao trabalho e separação dos réus, pelo Código Criminal de 1830 que regularizou a pena de trabalho e da prisão simples, e pelo Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, de importância fundamental, que deu às Assembléias Legislativas provinciais o direito sobre a construção de casas de prisão, trabalho, correção e seus respectivos regimes.

²⁵ Código de leis portuguesas implantado no Brasil durante o período Colonial.

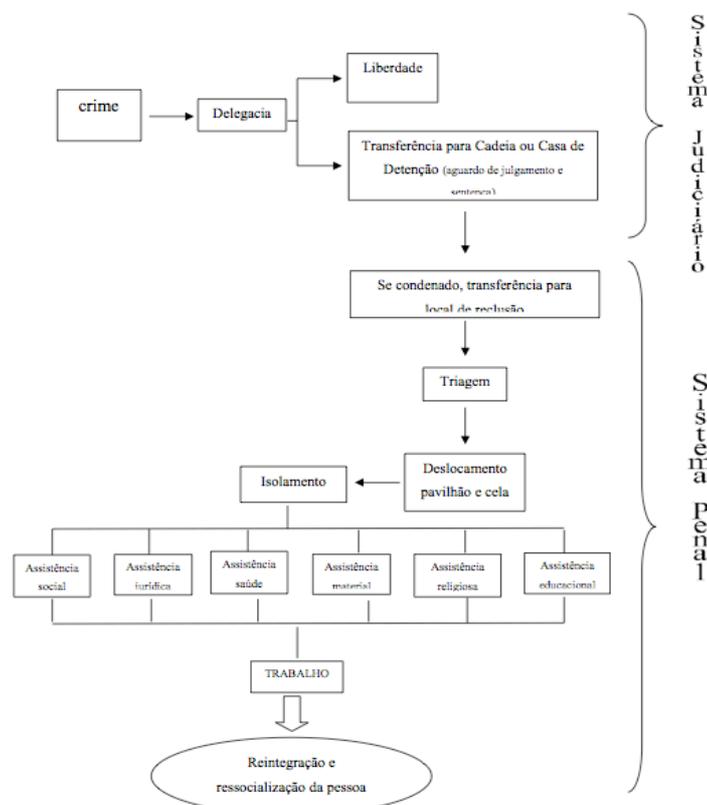
²⁶ apud Pedroso, 1997, p. 121.

²⁷ A história da prisão no Brasil não constitui o foco desta pesquisa, aqui foram elencados apenas alguns acontecimentos marcantes que levaram ao surgimento e desenvolvimento dessa instituição de modo a se ter uma breve noção de suas características no país. Para um histórico aprofundado da instituição prisional no Brasil recomenda-se a leitura de: MAIA, Clarisa Nunes et al. (Org.). História das prisões no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. Além disso, pode-se compreender melhor o desenvolvimento das prisões na América Latina a partir de SALVATORE, Ricardo D.; AGUIRRE, Carlos (Ed.). *The birth of the penitentiary in Latin America: essays on criminology, prison reform, and social control*, 1830-1940. Austin: University of Texas Press, 1996.

No que se refere ao propósito social da prisão, no Brasil a pena possui fins de ressocialização desde 1957. Como explica Carvalho (2004), esse princípio de reinserção dos sujeitos ao meio social aparece na promulgação da Lei 3.274 de 02 de outubro de 1957, o que faz do Brasil “um dos países precursores desse ideal” (p. 9). O artigo 22 da Lei estabelecia que “[...] toda a educação do sentenciado deveria ser orientada na escolha de uma profissão útil, objetivando sua readaptação ao meio social; esta orientação, além do aspecto profissional envolvia ainda a educação intelectual, artística, profissional e física” (idem).

Essa lei estabeleceu regras gerais para o regime penitenciário nacional, mas o país ainda levaria quase 30 anos para dispor de uma efetiva regulamentação penitenciária. Isso ocorreu em 11 de julho de 1984, a partir da promulgação da Lei 7.210 - Lei de Execução Penal (LEP) – vigente até hoje. Em seu artigo 1º, a LEP estabelece “que a execução penal tem por fim proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado” (idem). A trajetória dos detentos no sistema carcerário nacional pode ser melhor visualizada no fluxograma a seguir:

Figura 1 – Trajetória do detento nos sistemas judiciário e penal brasileiros



Como se vê, o trabalho aparece como estágio final e emblemático do processo de reintegração e ressocialização do sujeito. Apesar da proposta de ressocialização e de, ao menos no texto da Lei, amparar o sujeitos em suas necessidade mais básicas, a lógica do sistema penitenciário é eminentemente punitiva, voltada para o isolamento.²⁸ O fluxograma sobre o sistema pena brasileiro reforça a definição de Foucault (2009) quanto à lógica da instituição prisional ao afirmar que:

A prisão deve ser um aparelho disciplinar exaustivo. Em vários sentidos: deve tomar a seu cargo todos os aspectos do indivíduo, seu treinamento físico, sua aptidão para o trabalho, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições; a prisão muito mais do que a escola, a oficina ou o exército, que implicam sempre numa certa especialização, é “onidisciplinar”. Além disso a prisão é sem exterior nem lacuna; não se interrompe, a não ser depois de terminada totalmente a sua tarefa; sua ação sobre o indivíduo deve ser ininterrupta: disciplina incessante. (FOUCAULT, 2009, p. 198)

Na prática, é quase consenso entre os profissionais do Direito e estudiosos do sistema carcerário nacional, o entendimento de que a ressocialização se dá muito mais nos documentos que no cotidiano das instituições. Pode-se dizer que “[...] até a presente data [o Brasil] não implantou em suas prisões algo que responsavelmente possa ser considerado como processo de ressocialização, de reeducação ou tratamento penitenciário com vistas a reinserir na sociedade aquele que delinuiu” (CARVALHO, 2004, p. 8).

Apesar de a LEP ter sido promulgada há 40 anos, a situação carcerária nacional no século XXI difere muito pouco das condições quando de sua implantação no país. Não é preciso ser estudioso do tema para reconhecer o caos em que se encontra o sistema prisional no que se refere ao número de vagas, com também não são poucas as referências a torturas, mortes e desrespeito a toda ordem de direitos humanos. Basta acompanhar os noticiários nacionais para reconhecer que o princípio de ressocialização nunca foi alcançado. Como aponta Carvalho (2004):

[...] o tratamento ressocializador previsto jamais foi realmente implantado e as incipientes ações desenvolvidas como sendo parte de um programa de tratamento não correspondem, na prática, a algo que possa ser considerado como um trabalho científico digno de ser chamado “tratamento penitenciário”. Os presos envolvidos em algum projeto de trabalho ou educativo na prisão o devem muito mais a um sucesso próprio nas negociações internas com a administração prisional que ao fato de serem sujeitos e objetos desse mesmo processo. A imensa maioria passa o tempo nas prisões em um ócio improdutivo ou produtivo (p. 10).

²⁸ Apesar de este aspecto ser pouco recorrente em função da falta de vagas no sistema e de uma grande quantidade de pessoas dividirem a mesma cela, caso por exemplo do presídio onde a pesquisa foi realizada. Não menos que cinco pessoas dividem o espaço projetado inicialmente para duas. (JOHN, 2004)

No primeiro ano deste novo milênio, o relatório da *Human Rights Watch*²⁹ apresentava o sistema carcerário nacional como sendo “assustador” destacando, por exemplo, que “vários estabelecimentos prisionais mantêm entre duas e cinco vezes mais presos do que suas capacidades comportam [...]” (HRW, 2001, p. 1). O relatório publicado pela entidade em janeiro de 2014 mostra que esse cenário não se modificou, ao contrário, torna-se cada vez mais um dos mais contundentes problemas nacionais. O levantamento destaca que “muitas prisões e cadeias brasileiras enfrentam grave superlotação e violência. A taxa de encarceramento do país subiu quase 30% nos últimos cinco anos [...] a população carcerária adulta atual é superior a meio milhão de pessoas – [ou seja] 43% além da capacidade do sistema prisional” (HRW, 2014, p. 3).³⁰

Entre os vários desafios, está a cada vez mais significativa presença de mulheres no sistema prisional brasileiro, aspecto relegado ao esquecimento praticamente até o final do século XX. Como aponta Freitas (2012):

Durante séculos, o baixo índice de criminalidade cometido por mulheres, contribuiu decisivamente para o descaso do Estado quanto a iniciativas que se preocupassem com a situação das infratoras. Somente a partir de 1920, com o aumento do número de mulheres delinquentes, o Estado passaria, pouco a pouco, a exercer uma maior autoridade sobre as mulheres presas. (p. 125)

Com o crescimento da população prisional feminina, sobretudo nas duas últimas décadas, o Estado se vê diante do desafio não só do processo de ressocialização, mas das questões de gênero que envolvem a criminalidade – e o cumprimento da pena – por parte das mulheres. De modo a buscar atender ao menos parte das especificidades das mulheres no cumprimento da pena, a Lei de Execução Penal sofreu alteração em 2009 pela Lei 11.942 de 28/05/2009³¹ que incluiu as mulheres como um aspecto central nas questões

²⁹ Organização Internacional que luta em prol dos Direitos Humanos e realiza estudos em vários países de modo a verificar se a garantia aos direitos básicos está sendo cumprida. Está sediada na cidade de Nova Iorque mas mantém escritórios também nas cidades de: Amsterdã, Beirute, Berlim, Bruxelas, Chicago, Genebra, Johannesburgo, Londres, Los Angeles, Moscou, Paris, São Francisco, Tóquio, Toronto e Washington, DC. Disponível em: <http://www.hrw.org/>

³⁰ O relatório ainda destaca que “[...] 20.000 adolescentes cumprem medidas que implicam privação de liberdade. Os atrasos no sistema de justiça contribuem para a superlotação. Quase 200.000 presos aguardam julgamento” (HRW, 2014, p. 3)

³¹ O Artigo 89 da Lei determina que: “Além dos requisitos referidos no art. 88, a penitenciária de mulheres será dotada de seção para gestante e parturiente e de creche para abrigar crianças maiores que 6 (seis) meses e menores de 7 (sete) anos, com a finalidade de assistir a criança desamparada cuja responsável está presa”. (BRASIL, 2009)

penais, portanto, como aspecto relevante a ser levado em conta na lógica das instituições prisionais brasileiras. Como aponta Santana (2012)

[...] percebeu-se, afinal, que as mulheres também fazem parte deste mundo e que as tecnologias de punição que foram adequadas a toda sorte de comportamentos considerados desviantes e criminosos, com legítima força do Estado a esquadrihar em todos os momentos a regulação do castigo imposto, precisam agora ser direcionadas a elas. (p. 96)³²

1.1 Mulheres Encarceradas no Brasil

Embora ainda bem inferior ao percentual masculino, o número de mulheres detentas no Brasil³³ tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas, em particular neste novo século. Segundo dados do Infopen³⁴ - Sistema Nacional de Informações Penitenciárias (BRASIL/DEPEN, 2012), estima-se, atualmente, uma população de 34.058 mulheres presidiárias, o que equivale a 7% da população prisional do país. “Ainda que seja a minoria, a média de crescimento populacional carcerário feminino, no último triênio, foi de 32,73%, enquanto a média de crescimento masculino no mesmo período foi de 15,37%” (BRASIL/DEPEN, 2012, sem página).

Assim como na realidade prisional masculina, também há déficit de vagas para elas. O sistema penitenciário nacional dispõe de 20.231 vagas para mulheres, 52 das quais

³² A autora faz um exaustivo levantamento histórico dos trabalhos que analisam a condição da mulher detenta a partir de 1996, recorrendo aos principais livros sobre o tema lançados no período bem como ao banco de teses e dissertações da Capes com foco no intervalo de 1996 a 2010. Recomenda-se a leitura da tese da autora de modo a compreender melhor esse cenário e a ter um panorama dessa produção. Recomenda-se também a leitura da dissertação de mestrado de Ângela Teixeira Artur intitulada *As origens do "Presídio de mulheres" do Estado de São Paulo*, defendida no Mestrado em História Social da USP em 2011. No mesmo ano, também na USP, mas esta no Mestrado em Antropologia, foi apresentada a dissertação intitulada “Entre as leis da Ciência, do Estado e de Deus” - O surgimento dos presídios femininos no Brasil. O estudo, realizado por Bruna Soares Angotti Batista de Andrade, destaca o surgimento das prisões femininas no Brasil entre as décadas de 1930 e 1940.

³³ Este aumento não é apenas no Brasil mas em toda a América Latina. Um relatório publicado pela *Open Society Foundations*, em janeiro de 2014, aponta que a população carcerária praticamente dobrou no subcontinente. Segundo os dados do relatório “Entre 2006 e 2011, a população carcerária feminina na América Latina quase duplicou, passando de 40 mil para mais de 74 mil detentas”. Quanto ao crime praticado, a maioria delas está na prisão por delitos relacionados às drogas. “As estimativas variam de 75-80% no Equador, 30-60% no México, 60% na Costa Rica, **60% no Brasil** (grifos meus) e 70% na Argentina”. Fonte: <http://www.opensocietyfoundations.org/voices/behind-staggering-rise-womens-imprisonment-latin-america>

³⁴ “O Infopen refere-se a um Programa de coleta de dados do Sistema Penitenciário no Brasil, alimentado pelos órgãos de administração penitenciária, possibilitando a criação de bancos de dados federal e estaduais sobre estabelecimentos penais e populações penitenciárias” (BRASIL, DEPEN, 2012, p. 5)

em delegacias de polícia. Como se vê, há uma defasagem de 39,22%, ou seja, há 13.058 mulheres presas acima da capacidade do sistema.³⁵

O levantamento realizado pelo Depen aponta que a maioria delas (72%) está na condição de ré primária; 65% ou são analfabetas ou não possuem o Ensino Fundamental completo. Quanto à etnia, 61% são pardas ou negras (45% e 16%, respectivamente), indicando que há uma sobre representação das mulheres afrodescendentes encarceradas no Brasil, uma vez que a porcentagem das mulheres negras e pardas na sociedade brasileira em geral é, segundo o IBGE, de 42%. Na região Sul, 71% das detentas são brancas. “É a única região do país em que isso ocorre, o que pode ser explicado, parcialmente, pelos indicadores populacionais da região sul que apresentam prevalência de brancos nos três estados, sobretudo em SC” (BRASIL, DEPEN, 2012).

O ingresso das mulheres no sistema carcerário tem sido, como dito antes, significativo, sobretudo ao longo da última década. O principal motivo para esse aumento é, segundo o juiz auxiliar da presidência do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Luciano Losekann,³⁶ o envolvimento com o tráfico de drogas.³⁷

Esse aumento se deu em todas as regiões do país. A partir dos dados do Infopen de 2011 (BRASIL, DEPEN, 2012), analisando o triênio de 2009 a 2011, o aumento da população carcerária feminina por região teve o seguinte panorama:

- Região Sul - crescimento de 28%;
- Região Nordeste - crescimento de 28%;
- Região Norte - crescimento de 27%;
- Região Centro Oeste – crescimento de 9%.
- Região Sudeste – crescimento de 8% e

No comparativo entre a população prisional masculina e feminina, o crescimento médio no país foi de 15,37% entre os homens e 32,73% entre as mulheres, mais que o dobro, portanto. Quanto à faixa etária das detentas, na Região Sul, 45% delas têm entre 18

³⁵ A título de comparação, o déficit de vagas masculinas é de 40,42%, o que equivale a 194.258 homens.

³⁶ O juiz é coordenador do Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário (DMF) do Conselho Nacional de Justiça. O evento realizado foi promovido pelo DMF em parceria com o Departamento Penitenciário Nacional (Depen). Fonte: BRASIL, EBC (2013).

³⁷ Em entrevista a EBC - Empresa Brasil de Comunicação, responsável pelos órgãos de imprensa estatais como a Radiobras. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/08/mulheres-sao-7-da-populacao-carceraria-no-brasil>

e 29 anos. Estendendo até a idade de 34 anos, população altamente ativa, esse percentual chega a 64%.

Dados de um levantamento realizado pela Pastoral Carcerária Nacional (IBCCRIM, 2008) apontam alguns aspectos da identidade das detentas brasileiras, incluindo algumas questões ligadas ao gênero. Elas são jovens, mães solteiras e, em sua maioria, afrodescendentes. Chama a atenção o seguinte aspecto:

Ela apresenta um vínculo tão forte com a família que prefere permanecer em uma cadeia pública, insalubre, superlotada e inabitável, mas com chance de receber a visita de sua família e filhos, a ir para uma penitenciária distante, onde poderia eventualmente ter acesso à remição da pena por trabalho ou estudo, e a cursos de profissionalização, além de encontrar melhores condições de habitabilidade. (IBCCRIM, 2008, p. 5)

Um aspecto bastante contundente no que se refere às singularidades da situação feminina no ambiente prisional é que, ao contrário dos homens, entre elas ocorre o afastamento dos familiares, principalmente de seus companheiros. Conforme apontam os indicadores do Depen (2012) 62,06% delas não recebem nenhum tipo de visita. Embora em 70,59% dos estabelecimentos prisionais brasileiros haja autorização para visita íntima, somente 9,68% das detentas recebem este tipo de visita. “Tal realidade difere drasticamente do que acontece nos estabelecimentos penais para homens” (DEPEN, 2012, p. 25).

1.1.1 O Panorama catarinense

Há em Santa Catarina 48 unidades prisionais que abrigam uma população carcerária total de cerca de 17,2 mil detentos, dos quais 1,3 mil são mulheres e 15,9 mil são homens. “Mais da metade (57%) têm entre 18 e 29 anos de idade e a região da Grande Florianópolis é a que tem maior concentração de presos (24%)” (DEAP, 2014).³⁸

Um panorama geral sobre o sistema prisional catarinense pode ser conferido na imagem a seguir, referente ao relatório publicado pela Deap – Departamento de Administração Prisional do Estado de Santa Catarina, em janeiro de 2014.

³⁸ Disponível em: <http://www.sc.gov.br/index.php/mais-sobre-seguranca-publica/5209-sc-divulga-balanco-do-sistema-prisional>

Figura 2 – Panorama do sistema carcerário catarinense



Fonte: Deap, 2014.³⁹

Ainda de acordo com o relatório oficial do estado, há 11,3 mil vagas e, portanto, um déficit real de 4,2 mil.⁴⁰ Segundo o relatório, “[...] dos 17,2 mil detentos, 6,6 mil estão em regime fechado, 3,7 mil em regime semiaberto, 1,7 mil em regime aberto e 5,2 mil são presos provisórios (que aguardam julgamento)” (DEAP, 2014).

Santa Catarina é um dos cinco estados da federação com o maior percentual de mulheres detentas. O estado tem 1,3 mil mulheres presas, o que corresponde a 8,38% do percentual de presos, ficando atrás apenas dos estados de Mato Grosso do Sul (9,92%), Roraima (9,61%), Rondônia (9,45%) e Amazonas (8,95%).⁴¹

A média de crescimento da população prisional em Santa Catarina no triênio de 2009 a 2011 foi de 25% entre os homens e de 28,98% entre as mulheres. Apesar de ser o estado com o menor número de habitantes na região Sul, o estado concentra o maior percentual de mulheres encarceradas na região, totalizando 43% das detentas contra 35% do RS e 22% do Paraná.⁴²

³⁹ idem.

⁴⁰ Não estão incluídos nesses números os/as detentos/as no regime aberto.

⁴¹ Fonte: BRASIL, DEPEN (2012)

⁴² Idem.

A capacidade das instituições para elas é, no entanto, de 599, com um déficit de 701 vagas, portanto. Santa Catarina é um dos únicos⁴³ estados brasileiros a não dispor de unidades prisionais exclusivamente femininas.

Para acompanhar a evolução dos números da população carcerária feminina no Estado, tomando por base os três últimos anos em que os indicadores estão consolidados, temos o seguinte panorama:

- 2009 - 973 mulheres presas;
- 2010 - 1.093 mulheres presas;
- 2011 - 1.255 mulheres presas, o que evidencia então o apontado crescimento de 28,98% em apenas três anos.

Não há informações significativas sobre quem são essas mulheres, apenas um perfil geral com indicadores sociais, destacados a seguir:

Tabela 1 – Mulheres detentas em SC quanto ao grau de instrução

Escolaridade	Total	%⁴⁴
Analfabeto	49	3,9
Alfabetizado	69	5,49
Ensino Fundamental Incompleto	557	45,97
Ensino Fundamental Completo	315	25,09
Ensino Médio Incompleto	140	11,15
Ensino Médio Completo	161	12,82
Ensino Superior Incompleto	29	2,31
Ensino Superior Completo	10	0,79
Não informado	4	0,31
Ensino acima de Superior Completo	-	-

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados de Brasil/Depen, 2012.

Ainda quanto à escolaridade, somente 7,5% dessas detentas têm acesso à educação formal dentro dos estabelecimentos prisionais catarinenses, ou seja, apesar de mais da metade delas não ter concluído (em alguns casos, nem começado) o Ensino Fundamental,

⁴³ Além de SC, somente o estado de Tocantins não dispõe de unidades exclusivas para mulheres.

⁴⁴ O percentual estabelece relação com o total de mulheres presas no Estado.

em geral não há possibilidade de superar essa lacuna no período que estão em confinamento.

O acesso ao trabalho também é reduzido, embora um pouco melhor que a questão educacional. Estima-se que pelo menos 51% das detentas de Santa Catarina exercem alguma atividade, sendo 47,6% internamente e 3,3% em atividades fora das dependências da unidade prisional em que cumprem sua pena.

A faixa etária é bastante similar ao restante do país, como é possível observar na tabela a seguir:

Tabela 2 – Distribuição das Mulheres detentas de SC por faixa etária

Idade	%
18 a 24 anos	28,68
25 a 29 anos	21,83
30 a 34 anos	18,08
35 a 45 anos	16,97
45 a 60 anos	8,28
Acima de 60 anos	0,95

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados de Brasil/Depen, 2012.

Como se vê, essas mulheres são majoritariamente jovens. Somados os intervalos e estabelecendo a faixa etária de 18 a 29 anos, chega-se ao percentual de 50,51%, mais da metade, portanto. Estendendo até 34 anos, esse percentual será de 68,59%. São mulheres em pleno processo de conquista do mercado de trabalho, da vida adulta, em muitos dos casos.

No que se refere aos indicadores étnicos, Santa Catarina tem um perfil diferente do quadro nacional. A prevalência é de mulheres brancas, com 64,78%, seguidas por mulheres pardas, 16,33% e negras, 12,03%, além de 0,07% de mulheres indígenas e 0,15% amarelas. Resultado condizente com o próprio perfil populacional do estado que segundo os indicadores do Censo 2010 (IBGE, 2013) tem 83,97% de sua população autodeclarada branca.

Os dados do Depen ainda apontam para o fato de 86% das mulheres detentas de Santa Catarina serem de área urbana, dado que se relaciona com a tabela disposta a seguir, onde são evidenciados os crimes praticados por elas:

Tabela 3 – Distribuição das Mulheres detentas de SC por tipo de crime cometido

Crime	%
Crimes contra a pessoa ⁴⁵	5,17
Crimes contra o patrimônio ⁴⁶	17,29
Crimes contra a paz pública ⁴⁷	1,27
Crimes contra a fé pública ⁴⁸	0,15
Tráfico	55,45
Tráfico internacional	7,72

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados de Brasil/Depen, 2012.

O crescimento da população prisional feminina, não apenas em Santa Catarina mas em todo o país, se deu, de forma mais enfática, na última década. Até o final dos anos 90, praticamente não havia nenhum tipo de preocupação específica para com elas, até mesmo a quantidade de estudos e reflexões sobre a mulher presidiária era bastante restrita. Ao longo da década passada, várias discussões foram sendo realizadas que levaram à promulgação de leis⁴⁹ e de vários documentos normativos, estudos e reflexões para dar conta das especificidades dessas mulheres.

Reconheceu-se que há várias especificidades da mulher que precisavam e ainda precisam ser atendidas. Entre essas questões específicas (e dificuldades) está, por exemplo, a saúde da mulher – por exemplo, o tratamento ginecológico e o fornecimento de absorventes, além de aspectos relacionados à maternidade como a disponibilização de um espaço materno-infantil para as mães e seus bebês. Os indicadores do Depen (2012) apontam que, no caso específico do atendimento ginecológico, há falta de profissionais especializados, pois “[...] o sistema penitenciário brasileiro conta com apenas 15 médicos ginecologistas para uma população de 35.039 presas, ou seja, um profissional para cada grupo de 2.335 mulheres”.⁵⁰

⁴⁵ Engloba desde crimes como homicídio e infanticídio a maus tratos, lesão corporal, entre outros.

⁴⁶ Furto, roubo, estelionato são alguns dos exemplos de crimes dessa natureza.

⁴⁷ Formação de quadrilha, por exemplo.

⁴⁸ Falsificação de moeda e falsidade ideológica, por exemplo.

⁴⁹ Vide anexo A com a listagem de leis, documentos e normativas específicas para as mulheres.

⁵⁰ Segundo dados do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Infopen), do Ministério da Justiça, de dezembro de 2012. Fonte: Fonte: BRASIL, EBC (2013).

Como resultado desse processo, da constatação dessas e outras necessidades, em 2011 o Depen desenvolveu a Cartilha da Mulher Presa, que desde então vem sendo distribuída às mulheres encarceradas em todo o país com esclarecimentos sobre seus direitos e suas obrigações durante o período em que cumprem sua pena. A cartilha faz parte de um conjunto de ações do projeto *Efetivação dos Direitos das Mulheres no Sistema Penal*, desenvolvido pelo Depen e que “tem como objetivo primordial o atendimento às necessidades da população carcerária feminina, por meio da estruturação de políticas e ações voltadas a esse público” (BRASIL, DEPEN, 2012, p. 4).

A Portaria nº. 154, de 13 de abril de 2012, instituiu uma Comissão Especial, integrada ao Depen por meio da Diretoria de Políticas Penitenciárias, que será responsável pela elaboração de propostas de ações para o referido projeto.

Como parte integrante dessas ações, em agosto de 2013 foi realizado o *2º Encontro Nacional do Encarceramento Feminino*, que reuniu, em Brasília, especialistas da área jurídica para debater e apontar medidas e ações relacionadas à situação prisional feminina. Este cenário é fruto de um contexto histórico que, por vários motivos, praticamente ignorou a presença da mulher no âmbito infracional. Assim, as ações de hoje são uma espécie de “correr atrás do prejuízo” uma vez que, como aponta Costa (2013):

A forma como os mecanismos de controle social do crime foram delineados ao longo da história parecem ignorar a existência das mulheres ou desconsiderá-las como possíveis autoras de delitos. As respostas do Estado ao crime – principalmente através da pena privativa de liberdade –, revelam uma atuação estatal que não contempla políticas públicas voltadas para a questão feminina seja no cárcere ou quando da reconquista da liberdade (Costa, 2013, p. 7)

Além da ação do Estado, faz-se necessário compreender melhor quem são essas mulheres, como é o seu processo de ingresso na criminalidade e, sobretudo, em que condições se dá o cumprimento de sua pena. Portanto, é importante que mais pesquisas envolvendo a mulher detenta sejam realizadas. Estudos como os de Santana (2012), Costa (2012) e Freire (2012), levantados a partir da coleta realizada junto ao banco de teses e dissertações da Capes, reforçam a perspectiva de que, mesmo já nesta segunda década do século XXI, apesar do significativo aumento das mulheres no sistema carcerário, há ainda um limitado número de estudos que se debruçam sobre esta realidade.

Como aponta Santana (2012, p. 21) “[...] apesar da discussão sobre presídios e cadeias já figurar hoje com certa tradição sociológica, ainda há poucos trabalhos nesta área do conhecimento que versam sobre a realidade dos presídios femininos”. Reforçando esta

perspectiva, Freire (2012), ao examinar a literatura produzida nas Ciências Sociais, constata que os estudos “[...] sobre presos comuns, geralmente têm o enfoque no preso masculino, a presa feminina geralmente é excluída, ou até mesmo esquecida (Freire, 2012, p. 1).⁵¹ Costa (2013) também problematiza a ainda limitada reflexão sob a ótica de gênero no que se refere aos sistema prisional. Segundo a autora “As reflexões histórico-teóricas sobre a reintegração social aparecem na historiografia de maneira assexuada, ou seja, como se pudessem ser direcionadas a homens e mulheres, indistintamente” (p. 5). Ainda conforme a autora, “A igualdade plena, referenciada como uma conquista histórica para homens e mulheres, carece de um novo olhar, que contemple as peculiaridades das vivências femininas na prisão e fora dela”.

O panorama ao longo da última década aponta, entretanto, para um lento mas importante crescimento de estudos relacionados à mulher detenta. Conforme constata Santana (2012, p. 37) pode-se dizer que “[...] a produção que começou a ser construída no Brasil (basicamente, ao longo da década de 2000) denota que a problematização do cárcere feminino começa a ser feita, instituindo um novo horizonte para as pesquisas em nossa área do conhecimento”.

⁵¹ Reflexões integrantes de sua dissertação intitulada “A experiência do cárcere feminino na perspectiva da Memória Social”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e defendida em 2012.

CAPÍTULO 2

MUNDOS DA PESQUISA:

Estudos de recepção de telenovela – um breve estado da questão

É fundamental para o desenvolvimento de qualquer pesquisa, conhecer o que já foi dito sobre seu objeto. Entre outros aspectos, essa conduta é o que possibilita estabelecer o diálogo com outros estudos que se debruçam sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema ou, ao menos, sobre o mesmo cenário. Portanto, o primeiro passo para a realização de uma pesquisa é conhecer, ao menos em parte, o que já foi produzido.

Naturalmente, não é possível mapear todas as análises realizadas, mas ao menos estabelecer um recorte que possibilite um panorama mínimo da área em que se atua e se desenvolve a pesquisa. Essa etapa é chamada de muitas formas, aqui optou-se pelo termo “estado da questão”, mas que pode ser entendido como sinônimo de estado da arte, definido por Ferreira (2002) como um tipo de pesquisa bibliográfica, a qual se caracteriza por ter

(...) o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p. 257)

Apesar da importância desse mapeamento, como reforçam Jacks, Menezes e Piedras (2008), nem sempre essa prática é contemplada nos estudos realizados na área da Comunicação de um modo geral. Escosteguy (2008) enfatiza esse aspecto ao afirmar que:

Não temos o hábito de produzir “estados da arte”, ao contrário do que acontece em outros contextos geográficos e disciplinares. Muito menos de valorizar trabalhos deste tipo, pois no geral são vistos como enfadonhos, formalistas e “de segunda”. E, ainda, a pesquisa feita no campo acadêmico da comunicação é com frequência invisível aos próprios pesquisadores em comunicação.

Focando especificamente nas produções desenvolvidas em nível de *stricto sensu*, os estudos realizados pelas autoras sinalizam para o limitado diálogo entre as produções nacionais. Ou seja, muitas teses e dissertações desenvolvidas nos PPGs da área da Comunicação, apesar de lidarem com objetos, cenário empírico e/ou enfoque teórico metodológicos similares, quando não os mesmos, raras vezes estabelecem o diálogo entre si, poucas vezes os trabalhos desenvolvidos pelos pares são trazidos para a discussão.

Como apontam Jacks et al. (2011), esse aspecto já havia sido observado nos estudos de recepção realizados ao longo da década de 1990, o que constituía uma problemática a ser superada e que aparentemente se manteve na última década, qual seja, o fato dos trabalhos raramente considerarem em suas discussões, estudos com temáticas similares desenvolvidos no próprio país, “[...] o que leva à proposição de problemas e objetos similares, com resultados que tendem a reproduzir conclusões anteriores, sem estabelecimento de comparações, que, como consequência, não traz avanços para o desenvolvimento do campo” (JACKS et al., 2011, p. 78).

Mapear o que foi produzido na área é, então, uma forma de buscar realizar esse diálogo com os pares, inclusive de estabelecer análises de continuidade, reforço ou contestação de resultados, processo salutar para o desenvolvimento do conhecimento.

Obviamente que, mesmo com a maior facilidade de acesso às produções com o uso da internet (ou justamente por esse motivo), não é possível dar conta de todo “o estado da arte”, da questão ou do conhecimento em que se insere a problemática de uma pesquisa. Portanto, aqui se fez um recorte que enfatiza a produção na área específica da Comunicação, ciente de que isso deixa lacunas e que, possivelmente, estudos com problemáticas similares tenham ficado à margem da discussão proposta.

O que se buscou foi situar a pesquisa no cenário da área em que ela é desenvolvida, qual seja, o da produção *stricto sensu* em Comunicação no Brasil. Por esse motivo, o principal recorte para mapear o estado da questão foram as teses e dissertações desenvolvidas nos Programas de Pós Graduação em Comunicação existentes no país, mais especificamente, os trabalhos realizados ao longo da última década aproveitando o *corpus* já estudado por Jacks et al (2014).⁵² O “estado da questão” aqui proposto refere-se, de modo ainda mais específico, às pesquisas de recepção de telenovela.

⁵² O livro com o resultado da pesquisa está no prelo, ainda não foi publicado. O título provisório da obra é *Meios e Audiências 2* - consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Fiz parte do grupo que realizou a pesquisa, estudando especificamente os trabalhos que relacionaram recepção e mulheres e/ou relações de gênero.

Apesar de seu rápido sucesso e significativa importância como produto cultural brasileiro, a telenovela demorou para se consolidar como objeto acadêmico. A análise mais efetiva somente teve início nos anos de 1980, sobre um gênero que já estava em produção há duas décadas e que nesse período já estava mais do que consolidado como principal audiência televisiva nacional. Essa posição “à margem da academia” pode ser explicada, conforme aponta Silva (2014)⁵³ a partir da reflexão proposta por Marques de Melo (2004) devido à “hegemonia frankfurtiana que caracterizou a pesquisa midiática brasileira nas décadas de 1960 e 1970” (p. 1). Este aspecto é corroborado por Borelli (2001) e evidencia o que a autora chama de “preconceito acadêmico” com relação à telenovela, apesar de sua inegável importância cultural já nas primeiras décadas de sua consolidação. Como aponta a autora:

Muito se debateu estes anos todos sobre os perigos de manipulação, evasão e alienação que emanariam dos enredos melodramáticos e alcançariam o público-alvo – primeiro só as mulheres, depois toda a família –, de forma a transformá-lo num mero reduto de sonhos e lágrimas, vazio de vontades, pleno de ilusões. Esta tendência, sem dúvida hegemônica no campo da sociologia da cultura e mesmo no de uma certa teoria da comunicação com tendência mais crítica, atravessou os anos 70 e parte dos 80 sem que se tivesse alterado, neste período e de forma significativa, um certo preconceito acadêmico em relação à telenovela. (BORELLI, 2001, p.29)

Na década de 1980, quando o objeto é finalmente “aceito”⁵⁴ na academia, os estudos adotaram uma perspectiva mais histórica em que se destacam publicações como “Memória da telenovela brasileira”, de Ismael Fernandes (1982), e “Telenovela: História e Produção”, organizado por Renato Ortiz, Silvia Borelli e José Mario Ortiz Ramos (1989). Conforme aponta Borelli (2001), mesmo nos anos 1980 “ainda não existiam muitas pesquisas acadêmicas sobre o tema”. Entretanto, já se evidenciava a “importância da ficção televisiva seriada – mais especialmente a telenovela, no caso brasileiro e latino-americano – como um objeto privilegiado para a compreensão da cultura contemporânea”. (p. 29)

⁵³ Texto ainda não publicado, refere-se ao capítulo intitulado *Recepção de telenovela: a identidade em questão*, escrito por Lourdes Silva e que integra o livro organizado por Jacks et al (2014) citado na nota 52

⁵⁴ Pode-se dizer que mesmo hoje a telenovela ainda não é amplamente aceita como objeto acadêmico “digno”, sendo que persistem ainda muitas análises de viés frankfurtiano que entendem esse conteúdo única e exclusivamente como alienante e determinante de uma “baixa” formação cultural por parte de seus espectadores. Para confirmar isso basta fazer um rápido levantamento em publicações e congressos na área da comunicação no país ou em comentários que se multiplicam pelos sites de redes sociais. Muitas dessas pesquisas seguem deixando o receptor da telenovela à margem dessas reflexões e estabelecem análises do conteúdo e das mensagens que integram essa narrativa muitas vezes a partir de perspectivas estéticas que não lhes seria cabível.

Ainda na década de 1980 foi realizado o estudo que é considerado, conforme Jacks et al (2011), o pioneiro nos estudos de recepção da telenovela. Trata-se da tese de Ondina Leal posteriormente publicada em livro e intitulada “*Leitura social da novela das oito*” (LEAL, [1983] 1986), uma pesquisa etnográfica com mulheres de diferentes classes sociais, desenvolvida no âmbito da antropologia, exterior ao campo da Comunicação, portanto, como reforça Jacks et al (idem).

Nos anos 1990 o estudo da telenovela irá se consolidar no âmbito da Comunicação, inclusive os estudos de recepção, aspecto aqui focado. Como apontam Jacks, Menezes e Piedras (2008), das 1769 teses e dissertações produzidas nos então 11 Programas de Pós Graduação em Comunicação no Brasil, 135 eram estudos sobre televisão, dos quais 26 tinham como objeto a telenovela. Destes, 10 eram estudos de recepção, sendo três teses e sete dissertações, todos eles com abordagem sociocultural que, conforme as autoras, são aqueles estudos que “[...] abarcam uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos, em que são consideradas múltiplas relações sociais e culturais”.

Esse conjunto de trabalhos teve como principais características, segunda Silva (2014), “[...] a compreensão sobre o processo comunicativo, entendido como horizontal, cujo emissor não tem um perfil onipresente em oposição a um receptor passivo. Pelo contrário, o receptor é concebido como produtor de sentido, capaz de negociar, reinterpretar e reelaborar as mensagens advindas dos meios”. Ainda conforme a autora, as pesquisas evidenciam também a incorporação das ideias de Jesus Martin-Barbero e sua articulação ao modelo das multimedializações de Guillermo Orozco.

A efetiva consolidação da pesquisa de recepção da telenovela se deu, entretanto, ao longo da última década, possivelmente em sintonia com o próprio aumento dos PPGs na área da Comunicação. Segundo Jacks et al (2014)⁵⁵, no período de 2000 a 2009, foram desenvolvidas 5.715 pesquisas nos atuais 44 Programas de Pós Graduação em Comunicação brasileiros. Desses, 4.249 se deram no âmbito do mestrado e 1.466, no doutorado. Desse conjunto de trabalhos, “[...] somente 209 tratam dos processos e práticas de recepção dos meios de comunicação de forma empírica, os chamados estudos de recepção”.⁵⁶ Os conteúdos mais estudados foram o jornalismo, com 54 pesquisas, e a telenovela, eleita em 24 dos 209 estudos de recepção desenvolvidos.

⁵⁵ Vide nota 52.

⁵⁶ Idem à nota anterior.

Esse conjunto de trabalhos, bem como outros estudos publicados em livros e artigos em periódicos, auxiliaram no processo de construção desta pesquisa e aqueles com os quais se estabeleceu um “diálogo” mais efetivo, estão articulados à análise do campo da pesquisa. O ponto de partida foi, como dito, o conjunto de 209 estudos de recepção produzidos nos PPGs ao longo da última década, particularmente, os 24 estudos sobre telenovela. Destes, nenhum teve como cenário empírico o eleito nesta pesquisa bem como nenhuma das 24 pesquisa utilizou a perspectiva teórica de Galindo Cáceres (1997). Por este motivo, embora a temática das identidades de gênero não seja o fio condutor desta análise, considerou-se relevante direcionar um olhar para os trabalhos que elegeram o mesmo público receptor, qual seja, as mulheres.

A seguir, destacam-se, então as pesquisas que abordam a recepção da telenovela pelo público feminino de modo a evidenciar o que esteve no centro das preocupações dos trabalhos desenvolvidos na última década quando se optou por mulheres na recepção desse gênero ficcional.

2.1 Estudos de recepção da telenovela sob a ótica de gênero

Escosteguy (2008, p. 14) afirma que “dentro das universidades brasileiras, os vínculos entre a pesquisa de comunicação e os estudos de gênero são ainda pouco explorados”. Esses estudos, de um modo geral estão mais ligados à análise das mensagens, sendo mais timidamente desenvolvidos quando se trata de pensar a apropriação dos conteúdos no cotidiano dos sujeitos, ou seja, os que levem em conta a recepção.

Escosteguy (2004) aponta que os primeiros estudos a problematizar a comunicação a partir da recepção com a questão de gênero foram realizados apenas em 1998. Como destaca a autora, apesar de mais da metade dos estudos de recepção da década de 1990 optarem por mulheres como informantes, eles não articulam a problemática das relações de gênero, sendo em geral trabalhada unicamente a partir da distinção por sexo. Sobre este cenário, a autora explica que:

Na América Latina, os estudos de recepção dão especial atenção à espectadora feminina, principalmente, de televisão. Alguns, de forma proposital; outros, nem tanto. (...) À primeira vista, os estudos de recepção latino-americanos tomam a mulher como variável de gênero, mas apenas como mais um indicador entre os índices socioeconômico, geracional e etnia (quando este último é incorporado). A condição feminina não tem sentido estrutural na articulação da sociedade, não tem um significado social concreto no nível da estruturação social, por isso não merece nenhum destaque no âmbito teórico, não é problematizada e nem tem densidade teórica. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 61-62)

No estudo realizado por Jacks, Menezes e Piedras (2008), relacionado às 1.769 teses e dissertações produzidas nos então 11 Programas de Pós Graduação em Comunicação nos anos 1990, as autoras identificaram apenas sete trabalhos que articularam algum tipo de reflexão sobre as relações de gênero. Eram seis dissertações e uma tese, todas elas tendo mulheres como sujeitos da pesquisa. Porém, como destacam as autoras, não significa que tenha ocorrido a efetiva ou aprofundada problematização das identidades de gênero. De um modo geral, tal como criticado por Escosteguy (2004), essas pesquisas partiram mais de uma diferenciação por sexo do que necessariamente a partir de uma problematização das relações de gênero (JACKS, MENEZES e PIEDRAS, 2008).

Na década passada, no intervalo entre 2000 e 2009, esse cenário sofreu modificação, um crescimento se comparado à década anterior, porém ainda pequeno. Na pesquisa realizada por Jacks et al (2014)⁵⁷, dos 209 estudos com foco na recepção, foram encontradas 15 pesquisas com mulheres⁵⁸ que discutiram a recepção midiática a partir da perspectiva das relações de gênero⁵⁹. O quadro a seguir evidencia os trabalhos encontrados:

⁵⁷ Idem à nota anterior.

⁵⁸ Além desses 15, foram encontrados ainda nove estudos que envolviam mulheres mas que não estabeleciam nenhum tipo de discussão sobre as identidades e as relações de gênero. Nem sempre isso foi um fator negativo, houve casos em que a diferenciação por sexo foi adequada e satisfatoriamente explicada no âmbito metodológico do trabalho. Porém, na maioria dos casos, não houve qualquer tipo de discussão sobre os motivos para a escolha dos informantes e mesmo em casos em que a questão das identidades de gênero era aparentemente latente, estava na escolha do próprio objeto, como uma pesquisa com empregadas domésticas sobre o filme *Domésticas*, essa discussão não aparece em nenhum momento do trabalho.

⁵⁹ Vale destacar, porém, que nem todos eles o fizeram de forma aprofundada ou efetivamente focando nessa questão. Dos 15 trabalhos encontrados, 10 discutem de modo mais efetivo as identidades de gênero, sete deles com foco na recepção televisiva.

Quadro 1 – Trabalhos que abordam mulheres e relações de gênero 2000 a 2009

Ano	Título	Autoria
2002	<i>Mulher e publicidade</i> : Um estudo da produção e da recepção da identidade da mulher-mãe na mídia televisiva	SILVA, Denise Teresinha da
2002	<i>Laços televisivos, laços identitários, laços de família</i>	GONÇALVES, Cláudia Siqueira Caetano
2003	<i>Consultando médicos na televisão</i> : Meios de comunicação, mulheres e medicina ⁶⁰	NATANSOHN, Leonor Graciela
2003	<i>A televisão influencia a imagem que as adolescentes fazem da mulher?</i> Análise de um caso exploratório	FERREIRA, Vania Pagano
2004	<i>TV e Mulher Rural</i> : O programa <i>Globo Rural</i> nas apropriações e produção de sentido geradas por telespectadoras do assentamento Nova Ramada e localidade de Santa Teresinha.	PEREIRA, Carmem Rejane Antunes
2005	<i>Recepção de telenovelas</i> : Identidade e representação da homossexualidade, um estudo de caso da novela <i>Mulheres Apaixonadas</i>	TONON, Joseana Burguez
2005	<i>O fenômeno Rádio Mulher</i> : Gênero nas ondas de rádio	VELOSO, Ana Maria Conceição
2005	<i>Marie Claire: Cartas e histórias de vida</i> : Um estudo de gênero e comunicação epistolar	DIAS, Suelly Maria Maux
2006	<i>Vendedoras de sentidos</i> : Entre trajetórias de trabalhadoras e a comunicação institucional	GIL, Patrícia Guimarães
2006	<i>As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo</i>	MESSA, Márcia Rejane Postiglioni
2006	<i>Representações das identidades lésbicas na telenovela Senhora do Destino</i>	GOMIDE, Silvia del Valle
2007	<i>Mulher na moda</i> : Recepção e identidade feminina nos editoriais de moda da revista <i>Elle</i>	SCHMITZ, Daniela Maria
2007	<i>Possibilidades do feminino</i> : As telespectadoras de Ponta Porã e as mulheres do <i>Mais Você</i>	SCOFIELD, Thereza Helena Prates
2008	<i>Beleza que põe mesa</i> : A relação de trabalhadoras domésticas com mídia, beleza e consumo	JORDÃO, Janaína Vieira de Paula
2009	<i>Telenovela e mediações culturais na conformação da identidade feminina de jovens de classe popular</i>	SIFUENTES, Lirian

Fonte: John e Costa (2014)⁶¹

Desses 15 estudos, 11 deles têm como objeto a televisão⁶², meio também enfatizado nesta pesquisa. De modo a ater-se a esse objeto de estudo, destacam-se apenas as pesquisas

⁶⁰ Único trabalho desenvolvido no âmbito do doutorado.

⁶¹ Texto ainda não publicado, refere-se ao capítulo intitulado “Mulheres, identidade de gênero e sexualidade: olhares a partir do recorte por sexo” escrito por Valquíria Michela John e Felipe da Costa que integra o livro organizado por Jacks et al (2014) citado na nota 52.

que envolvem telenovela, quatro no total⁶³, três delas com efetiva discussão sobre as identidades de gênero. Vale lembrar que sobre telenovela, foram realizados 24 estudos de recepção (Silva, 2013)⁶⁴, dos quais apenas quatro abordaram a questão das identidades de gênero. São os estudos de Gonçalves (2002)⁶⁵, Tonon (2005), Gomide (2006) e Sifuentes (2009).

Tonon (2005) e Gomide (2006) discutem a homossexualidade feminina a partir da recepção de telenovelas. A primeira discute a homossexualidade tendo como ponto de partida os dispositivos da sexualidade e as políticas das diferenças, fazendo um diálogo entre Michel Foucault (1926-1984) e Stuart Hall (1932-2014). Depois, apresenta a trajetória dos movimentos homossexuais, a homossexualidade feminina e sua representação na mídia. Discute, além da telenovela, outros gêneros como música.

Gomide (2006) apresenta a história do movimento *gay* e lésbico, com ênfase nos estudos de gênero e a teoria *queer* nos Estados Unidos, e sua influência nos estudos brasileiros, para então discutir a formação da identidade lésbica a partir da telenovela *Senhora do Destino* exibida pela Rede Globo em meados da década passada. Esses trabalhos evidenciam aprofundada discussão teórica sobre sexualidade e os papéis de gênero a ela relacionados, com destaque para a homossexualidade feminina.

São inovadores em relação ao panorama da década de 1990 ao abordarem uma temática que não havia sido tensionada pelos pesquisadores, possivelmente porque as próprias telenovelas raramente apresentavam esse tema em seus enredos. Esse aspecto foi ficando mais evidente ao longo dos anos 2000, com a temática da homossexualidade sendo explorada por seguidas narrativas, embora com mais destaque para a homossexualidade masculina. Tonon (2005) e Gomide (2006) articulam seus resultados empíricos às

⁶² “[...] se levarmos em conta que, no intervalo aqui analisado foram realizados 111 estudos de recepção com ênfase nesse meio, esse número acaba por ser ainda bastante tímido” (JOHN E COSTA, 2014, no prelo). Vide nota anterior.

⁶³ Outras três pesquisas estudaram o conteúdo jornalístico, além de Publicidade, Série Americana, Variedades e Talk Show, com um trabalho cada e uma pesquisa que não focalizou nenhum conteúdo em particular.

⁶⁴ Texto ainda não publicado, refere-se ao capítulo intitulado *Recepção de telenovela: a identidade em questão*, escrito por Lourdes Silva e que integra o livro organizado por Jacks et al (2014) citado na nota 52.

⁶⁵ A divergência no número, antes citado três e aqui quatro deve-se ao fato de que o trabalho de Gonçalves não chega a efetivamente a realizar discussão sobre gênero, motivo pelo qual não foi destacada nesta apresentação dos estudos que articulam a problemática enfocada nesta pesquisa.

discussões sobre gênero, notadamente às questões que envolvem a temática enfatizada – os papéis e estereótipos relacionados ao exercício da sexualidade.

O terceiro estudo desenvolvido no período, a abordar a temática das identidades de gênero na recepção de telenovela foi o de Sifuentes (2009). É o que mais se relaciona à proposta desta pesquisa, sobretudo porque a autora também explora a proposta das mediações de Martin-Barbero (2003) para a análise que realiza. Sifuentes (2009) problematiza a correlação entre as identidades de gênero e de classe como articuladoras de toda a pesquisa sobre a recepção de telenovela *Caminhos das Índias*⁶⁶.

O estudo, realizado com 12 mulheres de classes populares da cidade de Santa Maria/RS, teve como objetivo “[...] compreender como os embates e complementaridades entre a audiência da telenovela e os demais elementos do cotidiano – família, escola e classe social – conformam a identidade feminina de jovens mulheres de classe popular” (SIFUENTES, 2009, p. 5). Há evidência de exaustivas leituras sobre gênero e busca frequente de relacionar esses escritos ao resultado de seu trabalho de campo, que evidencia, entre outros resultados, um processo de projeção dessas jovens mulheres às narrativas e personagens da telenovela. Ou seja, a identificação se dá, enfaticamente, a partir de um processo de correlação entre os enredos e sua vida cotidiana.

Além desses três estudos com ênfase na relação entre telenovela, mulheres e identidade de gênero, o corpus contempla ainda o estudo de Souza (2009), que não tem como foco específico a telenovela, mas que chega a discuti-la brevemente na perspectiva de um conteúdo midiático que trata da homossexualidade. A autora entrevista homens e mulheres, mas não chega a estabelecer uma efetiva discussão sobre as relações entre eles, o foco é a percepção que têm de como a homossexualidade é retratada e não estabelece efetivas distinções entre as visões de homens e mulheres, essas são tratadas em conjunto.

Como dito, foram priorizadas as teses e dissertações produzidas no âmbito da Comunicação, mas tem-se ciência de que muitos outros estudos sobre este objeto podem ter sido realizados em outras áreas e que há pesquisas realizadas em outros âmbitos que não estão aqui contempladas. O que se buscou não foi esgotar o que já foi dito sobre recepção de telenovela, mulheres e identidade de gênero, e sim tentar situar esta pesquisa no cenário da área em que ela é produzida.

Por isso, além da consulta aos materiais já citados, destaca-se também o exaustivo mapeamento realizado por Messa (2006), em sua dissertação *As mulheres só querem ser*

⁶⁶ Exibida pela Rede Globo no período de janeiro a setembro de 2009.

salvas: Sex and the City e o pós-feminismo. A autora realiza um mapeamento dos trabalhos anglo-americanos e brasileiros que estudam a recepção televisiva sob a ótica do feminino e das relações de gênero, ao qual dedica um capítulo. Na perspectiva do recorte, aqui focou-se exclusivamente na produção brasileira e diretamente ligada ao objeto escolhido, mas a leitura do trabalho de Messa (2006) contribuiu para o alargamento do olhar.

Além do estudo de Messa (2006), destaca-se a importância e a contribuição para esta pesquisa da tese desenvolvida por Silva (2012), intitulada “Melodrama como matriz cultural no processo de constituição de identidades familiares. Um estudo de (tele) novela e bumba-meu-boi, usos, consumo e recepção”. Em sua revisão do estado da questão sobre recepção de telenovela e família, num primeiro momento a autora apresenta um panorama geral sobre telenovela e identidade, destacado a seguir e que ajuda a situar esta pesquisa no cenário em que ela se insere.

A partir do levantamento de trabalhos junto ao Banco de Teses e Dissertações da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Silva (2012) realiza o levantamento dos trabalhos que articulam telenovela e identidade, independente da área de conhecimento da qual provêm. O intervalo analisado compreende os estudos de 1987, período em que a Capes passa a disponibilizar os materiais para consulta; a 2009, último ano para a consulta no banco da Capes quando da realização da pesquisa da autora.

O levantamento resultou em 36 pesquisas que articularam telenovela e identidade, 18 deles provenientes da área da Comunicação. Do total de 36 trabalhos encontrados, 25% (nove trabalhos) referiam-se às identidades de gênero e/ou sexualidade. São eles: Abrão (2003), Marques (2003), Martins (2005), Tonon (2005), Gomide (2006), Rodrigues (2006), Sifuentes (2009), Soares (2009) e Souza (2009). Como se vê, os quatro estudos realizados no âmbito da Comunicação e destacados anteriormente encontram-se aqui contemplados.

Como aponta Silva (2012), o estudo de Abrão (2003) envolve homens e mulheres sem destacar aspectos relacionados à orientação sexual, seu foco são os papéis de gênero. Já a pesquisa de Marques (2003), que também correlaciona homens e mulheres, aborda identidades de gays e lésbicas. Soares (2009) enfoca exclusivamente o público masculino e sua percepção quanto aos discursos sobre o que é ser gay a partir das novelas *A Próxima Vítima* e *América*, ambas da Rede Globo e como elas contribuem para a construção da identidade gay no Brasil (SILVA, 2012).

Conforme destacado anteriormente, a temática da sexualidade, sobretudo da homossexualidade e sua representação midiática, teve destaque na última década,

possivelmente na sintonia com a própria evidência do tema nas narrativas dos meios, particularmente, da televisão.

Martins (2005) e Rodrigues (2006) enfatizam gênero e sexualidade a partir do feminino. “Martins (2005) estudou as representações da mulher; Rodrigues (2006) analisou a construção das identidades femininas” (SILVA, 2012, p. 22).

Como se vê pelo mapeamento realizado pela autora tanto quanto no *corpus* exclusivo da área da Comunicação, a conjugação entre os temas identidade de gênero e telenovela ainda é bastante restrita, com apenas nove trabalhos que realizaram tal tensiosamento, sendo a maioria deles a partir da perspectiva da sexualidade. Ainda que, como já dito, esse panorama seja restrito, evidencia-se um campo a ser explorado.

Além disso, em todos os mapeamentos aqui apresentados, não se encontrou nenhum estudo que discutisse a temática num ambiente de reclusão. No corpus de 209 estudos referentes ao intervalo de 2000 a 2009, destacados por Jacks (2013), há duas pesquisas que analisam a recepção em um ambiente de confinamento, ambas com jovens infratores. Nenhum estudo, portanto, realizado no interior de uma unidade prisional, nenhum deles trazendo a problemática aqui proposta.

Esse aspecto foi reforçado no mapeamento de teses e dissertações que discutiram a situação da mulher detenta. No levantamento realizado junto ao banco de teses e dissertações da Capes no intervalo de 1987 a 2012, utilizando-se como palavras-chave para a consulta os termos⁶⁷ “mulheres detentas”, “mulheres presidiárias”, “mulheres encarceradas”, “prisão feminina”, “presídio feminino”, “penitenciária feminina”, foram encontrados 120 estudos. Apenas um foi desenvolvido no âmbito da Comunicação, entretanto, tratava-se de um estudo de análise do discurso referente às impressões sobre o próprio ambiente, não discutia a relação com conteúdos midiáticos⁶⁸.

A maioria dos trabalhos foi desenvolvida nas áreas da saúde e do direito, notadamente nas áreas de Medicina e Enfermagem. Há nesse corpus, porém, estudos que abordam a questão de gênero. Como exemplo, o trabalho de Ramos (2012), intitulado “Por amor ou pela dor! Um olhar feminista sobre encarceramento de mulheres por tráfico de drogas”, problematiza a questão de gênero no processo de inserção das mulheres no crime mais praticado por elas – o tráfico de drogas, além dos trabalhos já citados no capítulo

⁶⁷ Todos esses termos foram também consultados no singular.

⁶⁸ Trata-se do trabalho: COSTA, Maria Alberto M. Discurso da prisão: estudo da penitenciária Talavera Bruce. (Dissertação). Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, 1991.

anterior e que propiciaram melhor compreensão do cenário estudado. O estudo de Ramos também propiciou o melhor entendimento dos fatores que levaram essas mulheres à prisão, sobretudo na realização do campo, na compreensão de suas histórias de vida, embora não se tenha feito aqui uma análise sobre suas motivações para o crime.⁶⁹

No processo de levantamento bibliográfico realizado, os únicos dois estudos encontrados que destacam a relação entre mídia e mulheres encarceradas foram desenvolvidos no âmbito da graduação. São as pesquisas de Alvarez (2008) e Miller (2008) ambas apresentadas no livro *Comunicação e Gênero*, organizado por Escosteguy (2008). As duas pesquisas foram realizadas na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre/RS – a primeira estuda o rádio e a segunda, a televisão.

Miller (2008), que estuda a relação das detentas com a televisão, descreve o cotidiano no cárcere e como se dá esse processo a partir da relação com os conteúdos televisivos. Dez das 11 mulheres entrevistadas associam o meio TV à distração e elegem a série *Malhação* e as telenovelas da Rede Globo⁷⁰ como o principal conteúdo de sua preferência, seguido pelos telejornais.

⁶⁹ Como apêndice 1 estão apresentados alguns dados quantitativos relacionados à coleta feita junto ao banco de teses e dissertações da Capes.

⁷⁰ Na creche, onde ficam as detentas com filhos, os telejornais aparecem à frente da telenovela na preferência de conteúdo.

Capítulo 3

MUNDOS POSSÍVEIS:

o percurso da pesquisa

[...] todo investigador requiere en su oficio del impulso de la pasión para llegar un poco más allá de lo previsto, se conmueve con el sentimiento solidario del beneficio para todos, se contrae y extravía en los interiores de sí mismo. (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 13)

A epígrafe que abre este tópico denota a visão e o posicionamento que conduz a realização desta pesquisa. Qual seja, a impossibilidade de neutralidade no fazer científico, a impossibilidade do não atravessamento subjetivo do pesquisador no cenário onde realiza seu estudo. Quando esse espaço é um lugar significativamente distinto do seu cotidiano, marcado por profundas restrições, cercado por um imaginário (e constatação) de falência e ineficácia mas, ao mesmo tempo, um lugar que se pretende “recuperador” de almas humanas, esses aspectos se tornam ainda mais complexos e problemáticos.

Adentrar ao universo prisional exige, senão revisão, ao menos o questionamento de certezas, valores e visões de mundo. Sobretudo, quando o único contato que se teve com essa instituição foi justamente pelo intermédio do fazer científico. Para além do choque inicial que se possa ter, de derrubada de valores, estereótipos e visões sobre o próprio ambiente e os sujeitos que o constituem, a prisão costuma exercer um estranho fascínio (ADORNO, 1998). Uma vez conectado a esse mundo, não é mais possível fugir, com o perdão do trocadilho.

A paixão de que fala Galindo Cáceres (1997) é inerente ao fazer científico, envolve a escolha do objeto, do campo da pesquisa, dos sujeitos, de todo o processo de produção do conhecimento. Com o mundo da prisão isso não seria diferente. Não se está afirmando que esse “sentimento” é exclusivo dos estudos sobre o sistema prisional, ao contrário, o entendimento é de que ele perpassa todo e qualquer recorte de objeto e de campo de pesquisa. Ele circunscreve o fazer científico, a “aventura do conhecimento” entendida aqui tal como propõe Galindo Cáceres – como indissociável da vida. Na perspectiva do autor, o investigador é sempre o sujeito central de qualquer estudo. Pesquisar é a busca, em última instância, de conhecer a si mesmo, de promover o encontro entre o interior e o exterior, entre o mundo de quem pesquisa e o que é pesquisado, entre os vários mundos possíveis

que caracterizam cada cenário, cada objeto, cada fazer científico. Como afirma Galindo Cáceres:

A vida humana é o curso das relações entre o interno e o externo, duas formas configuradas que interagem em trajetórias possíveis. Conhecer o mundo é explicar e conformar a configuração da qual fazemos parte, é uma forma intensa de conhecermos a nós mesmos conhecendo o exterior. Neste ponto se entrelaçam o conhecimento do mundo e do sujeito [...] (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 44).⁷¹

Como toda pesquisa é também o resultado de escolhas, de recortes que se circunscrevem no interior das problemáticas que instigam o sujeito que investiga, também os caminhos para a realização do estudo passam pelas escolhas e tomadas de decisão do pesquisador. Nesse contexto, esta pesquisa tem como fio condutor a “Metodologia dos mundos possíveis”, proposta por Galindo Cáceres (1997).

Essa perspectiva tem como um de seus aspectos centrais o entendimento de que o teórico e o empírico coadunam-se, ou seja, que a pesquisa se dá no âmbito da cultura onde o sujeito que pesquisa interfere, transforma o mundo que irá tentar compreender bem como será afetado e transformado por ele. O sujeito que busca conhecer, já possui uma gama de conhecimentos que irá interferir em seu contato com o campo, assim como esse conhecimento, o que está dentro de si, será afetado pelo exterior, pelo mundo que será conhecido. Ou seja, a metodologia, entendida pelo autor como o caminho a ser trilhado, não segue fora da vida, ao contrário, se faz, se constrói em seu interior. Daí a importância do sujeito que investiga, eleito como figura central do processo de conhecer, e da inextrincável necessidade da reflexividade ao longo de toda a pesquisa, desde a escolha do tema à ida ao campo, até seu retorno e o difícil processo de representá-lo através da linguagem.

Outro aspecto central na proposição do autor é a necessidade de se evitarem as “certezas definitivas” ou as “verdades totalizadoras”. A perspectiva é de que a pesquisa, e seus resultados, sejam sempre um mundo possível num universo de vários outros mundos possíveis e que isso não invalida o estudo, não o torna menos científico, ao contrário. Possibilita ao pesquisador estar livre para mudar de direção conforme seu contato com o campo e com os sujeitos assim o determine. Esta tese é, justamente, resultado de uma mudança de percurso e até mesmo da necessidade de se rever e mudar a pergunta de

⁷¹ Tradução livre do espanhol. Texto original: La vida humana es el curso de las relaciones entre lo interno y lo externo, dos formas configuradas que interactúan en trayectorias posibles. Conocer el mundo es explicar y conformar la configuración de la cual formamos parte, es una forma intensa de conocernos nosotros mismos conociendo al exterior. En este punto se integra el conocimiento del mundo y del sujeto [...]

pesquisa. Aspecto que não é incompatível com a proposição dos “mundos possíveis”, ao contrário, como aponta Hawthorn (1997, p. 39) “[...] seguir um leque de possibilidades sugeridas em uma explicação pode conduzir a que alguém revise a descrição inicial do que deve ser explicado e, portanto, a própria pergunta.”⁷²

Ao iniciar a pesquisa, a pergunta centrava-se muito mais nas questões das relações de gênero e muito menos no próprio objeto que se pretendia compreender – a relação detentas-telenovela. O contato longo e progressivo com o campo foi demonstrando que as questões de gênero não eram menores nem menos importantes do que o imaginado, mas havia outros aspectos mais contundentes na relação das detentas com a telenovela, inclusive em suas próprias narrativas sobre essa relação, que mereciam ser colocados no centro da problemática, qual seja, a memória da recepção em sua relação com a vida antes do ingresso na prisão, como projeção de lembranças e de retorno ao ambiente familiar mas também como projeção dos mundos possíveis para além das grades.

Então, num primeiro momento, esta pesquisa partia da perspectiva e do modelo das mediações proposto por Martín-Barbero (2003) e no andamento do campo foi se configurando cada vez mais em direção à perspectiva dos “mundos possíveis” de Galindo Cáceres (1997). As mediações obviamente estão presentes, mas não se constituíram no fio condutor da análise e reflexão realizadas, num efetivo aporte e/ou modelo metodológico, ainda que jamais tenham se desconectado da realização da pesquisa.

A própria proposição de Galindo Cáceres não rejeita os modelos, não implica em abandoná-los ou considerá-los inadequados, ou seja, a proposta “não nega o quadro fechado [o modelo], afirma entretanto que é uma possibilidade entre várias, como uma trajetória provável entre outras” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 35-36)⁷³. Propõe, entretanto, não perder de vista que os modelos não dão conta da complexidade da vida, do cotidiano, da cultura, sempre em franca transformação. Ou, como afirma Grisa (2003, p. 41) “Os modelos não desaparecem, mas não são um fim. [...] Vão se modificando ao longo do trajeto, já que o que importa é a construtividade resultante daquilo que o investigador vai fazendo”.

Assim, os resultados vão se apresentando como mundos possíveis que devem ser postos em diálogo com outros mundos, por exemplo, com os resultados de outras pesquisas sobre o mesmo tema, cenário ou contexto investigado.

⁷² Tradução livre do inglês.

⁷³ Tradução livre do espanhol.

Ao introduzir outras versões possíveis a configuração se modifica e sua mobilidade aumenta. Uma única versão permite o sentido de uma configuração, um grupo de versões amplia o sentido possível das configurações possíveis. O elo entre acontecimentos por ser múltiplo e não somente um. A versão única é útil, porém reduzida, a multiplicidade de versões enriquece o sentido, ainda que não necessariamente seja útil. É que o mesmo poder ser distinto amplia o significado do já conhecido, essa é a proposta dos mundos possíveis. Aqui a dimensão prática se subordina ao sentido e sua imensidão⁷⁴ (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 35).

Foi essa perspectiva, e atitude, que norteou a mudança de trajetória, da intenção inicial de se utilizar o modelo das mediações de Martín-Barbero (2003) para a perspectiva de trazer para a discussão somente as mediações que pudessem ser identificadas no contexto estudado e pensá-las dentro da perspectiva dos mundos possíveis que se apresentam nas narrativas de mulheres encarceradas **na** e sobre **a** prisão a partir de sua relação com a telenovela e das memórias ligadas a esse gênero melodramático. Esse “câmbio” propiciou perceber que mais do que a telenovela, é a sua matriz cultural que mais fortemente se evidencia em suas memórias, ou seja, o melodrama, inclusive na forma como recontam suas histórias de vida, nos “capítulos” que elegem e na forma como projetam suas vidas, suas memórias, principalmente familiares, ao cenário mais profundo do melodrama. Nesse contexto, as questões de gênero, notadamente a questão da maternidade, atravessam o processo de ver (e lembrar) da telenovela que, muitas vezes, se mistura, se hibridiza com suas próprias histórias de vida.

3.1 Sobre os “mundos possíveis”

A ideia de mundos possíveis mantém uma relação mais estreita com os domínios da Literatura e da Filosofia. Na perspectiva da Filosofia, mais especificamente no âmbito da lógica modal e da metafísica, considera-se como mundo possível uma situação contrafactual⁷⁵, ou seja, que não ocorreu, mas é perfeitamente cabível em termos lógicos, ou seja, poderia ter acontecido.

⁷⁴ Tradução livre.

⁷⁵ “[...] em qualquer ciência, a noção de ‘causa’ que precede um efeito traz implicitamente uma indicação da possibilidade que se atualizaria (ou seja, do estado de coisas que ocorreria) caso a causa não ocorresse. Se dizemos que a causa do aquecimento da pedra é a presença do sol, implicitamente estamos dizendo que na ausência do sol, a pedra permaneceria fria. Qualquer afirmação sobre causa pode ser traduzida numa afirmação sobre contrafactuais. (PESSOA JR, 2000, p. 176)

No caso da literatura, seu reconhecimento é mais fácil e, em larga medida, mais aceitável, pois o que constitui, justamente, o âmbito do fazer literário é a possibilidade de levar ao leitor mundos diversos que serão apreendidos por sua capacidade mental também de diversas formas e em múltiplos entendimentos. Entre leitor e texto, naturalmente não apenas o literário, mas sobretudo ele, se estabelecem conexões e interações ainda hoje difíceis de serem compreendidas. Como afirma Bruner (1997, p. 5), “Os linguistas literários e gerais sempre insistiram em que nenhum texto, nenhuma história pode ser entendida em um único nível.” Apoiando-se na perspectiva de Roman Jakobson, Bruner destaca que “[...] todo sentido é uma forma de tradução e que a tradução múltipla (polissemia) é mais a regra do que a exceção [...]”. Porém, o autor enfatiza o quanto pouco se conhece e se compreende, psicologicamente, dessa relação entre leitor e texto. Destacando a perspectiva da relação leitor-texto como um cenário de “mundos possíveis”, Bruner (1997) ressalta a posição de Paul Ricoeur de que as histórias “são modelos para a redescritção do mundo” (p. 7). Entretanto, explica que “[...] a história não é por si mesma o modelo. Ela é, por assim dizer, uma instanciação dos modelos que carregamos em nossas próprias mentes”. (idem).

Deste modo, numa perspectiva semiótica⁷⁶, que também perpassa a proposição de Galindo Cáceres, os mundos possíveis da literatura e da relação leitor-texto e leitor-dentro-do-texto se dá justamente na correlação, confronto e, portanto, na interpretação e atribuição de sentido entre os mundos já existentes na mente do sujeito e os propiciados pelo texto. Entender a perspectiva dos mundos possíveis nesse processo semiótico permite ao pesquisador compreender (ou buscar compreender) melhor a complexidade do cenário e dos sujeitos da pesquisa pois “Na medida em que a riqueza semiótica se associe a uma variedade de mundos conhecidos em lógicas de comparação e generalização, maior será a

⁷⁶ A própria escrita do texto, desta tese, por exemplo, é um processo semiótico complexo. Adotando a perspectiva peirceana, o relato da pesquisa é a representação; a descrição pela linguagem escrita é um signo que representa o ausente - o campo, os sujeitos, os próprios mapas mentais que se configuram em mundos possíveis na observação e análise do pesquisador - que não é ele, nem é capaz de reproduzir a experiência, mas a representa e, no caso do texto, a partir do marcador linguístico, faz com que esse exploratório seja percebido em termos racionais. Então, a própria escrita é um universo de mundos plausíveis e de mundos possíveis que se atualiza num texto, mas que virtualmente poderia ser uma gama de vários outros, evidenciando um diálogo entre a noção de mundos possíveis, a perspectiva semiótica e a perspectiva da relação real-virtual deleuzeana, ou seja, o real não como oposto do virtual e sim do atual. O virtual é sempre um mundo possível que não ganhou um signo de representação, ou seja, não foi atualizado. Então, em última instância, esta tese é **um** mundo possível entre tantos outros.

capacidade de enfrentar a configuração de um novo fragmento de mundo”⁷⁷ (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 28).

No caso da literatura, e da vida, só pode haver mundos possíveis porque há sujeitos capazes de lhes dar sentido e existência, ou seja, de representá-los. Como afirma Bruner (1997) “[...] a linguagem é nossa ferramenta mais poderosa para a organização de experiência e, de fato, para constituir ‘realidades’ [...]” (p. 8)

Uma telenovela, embora seja um outro tipo de texto, com conexões e interações mentais distintas, justamente por ser uma narrativa audiovisual, também estabelece conexões as mais diversas com seus receptores. Já nesse âmbito, na projeção de pensar cognitivamente a interação sujeito-telenovela a partir da perspectiva leitor-texto da literatura se vislumbra um cenário de “mundos possíveis”. Nesta pesquisa, porém, a concepção de “mundos possíveis” está - ainda que em diálogo com a perspectiva das ciências cognitivas - circunscrita ao âmbito da Comunicação e seu diálogo mais estreito com as Ciências Sociais e a História, seguindo o percurso da “metodologia dos mundos possíveis” proposta por Galindo Cáceres (1997). Esta vai estabelecer o diálogo com as ciências apontadas, mas propondo um “itinerário de viagem” para a pesquisa em Comunicação, notadamente para os estudos que envolvem os sujeitos, o âmbito da recepção dos conteúdos midiáticos.

A metodologia dos “mundos possíveis” na perspectiva das Ciências Sociais e da História, um dos pontos de partida da proposição de Galindo Cáceres, não é algo corriqueiro ou plenamente aceito, ao contrário, é um campo de controvérsias, contestações e que suscita diversas reflexões. Como aponta Hawthorn (1995), nem nas Ciências Sociais nem na História tem-se “[...] visto com clareza o que se pode ganhar em desenvolvê-lo [os mundos possíveis]. A maioria dos historiadores e dos cientistas sociais, se levam algo em conta dos contrafactuais⁷⁸, o têm feito com nervosismo e em escritos marginais” (p. 6). Esses aspectos também são apontados por Galindo Cáceres (1997) quando de sua proposição para o cenário da Comunicação. Como aponta o autor, “A metodologia dos

⁷⁷ Tradução livre.

⁷⁸ Sobre esse aspecto, Pessoa Jr (2000), que faz uma proposição de análise da história da ciência a partir dos contrafactuais, reitera a dificuldade dessa perspectiva na pesquisa histórica. Ressalta que a pergunta “quais outras histórias poderiam ter sido possíveis?” normalmente afasta os historiadores “[...] já que não existe uma maneira direta de investigar histórias ‘contrafactuais’, ou seja, **histórias possíveis** (grifo meu) que não se realizaram. Alguns historiadores têm se dedicado a esse tipo de ‘história imaginária’, mas o consenso na área, conforme salientado por E.H. Carr, é que tais ‘jogos de salão’, apesar de logicamente corretos, não constituem o modo de discurso da História” (Pessoa Jr, 2000, p. 175).

mundos possíveis se sustenta sobre vários pressupostos que implicam polémica e reflexão.”⁷⁹ (p. 35)

Proposições mais contundentes dos “mundos possíveis” nas áreas das Ciências Sociais e da História se deram entre 1970 e 1990, e um desses representantes é Geoffrey Hawthorn, com a publicação de *Plausible Words* em 1991⁸⁰, traduzida⁸¹ para o espanhol, em 1995, com o título *Mundos plausibles, mundos alternativos*⁸², ainda hoje sem tradução para o português. Sobre sua proposição, o autor afirma que quer “[...]respaldar os direitos do possível: argumentar que tomá-lo em conta é fazer algo mais que se dedicar a jogos de salão sobre o-que-poderia-ter-sido.” (p. 15)

Hawthorn discute a possibilidade e a validade das ideias contrafactuais⁸³, dos mundos possíveis para o estudo nas Ciências Sociais e na História, particularmente esta última. Constrói sua linha de argumentos a partir de exemplos plausíveis, de possibilidades contrafactuais como o que poderia ter ocorrido na história se Granada não tivesse saído derrotada em 1492.

Reconstroi o desenvolvimento do conceito ao longo da história das assim chamadas Ciências Humanas e Sociais; sobre como a validade de se estudar os contrafactuais - os mundos possíveis - foi sendo refutada, vista como contrária à ideia de razão e de verdade. Utilizando a definição de Robert Musil em *The Man Without Qualities*, Hawthorn (1995) propõe que “Se existe algo denominado sentido da realidade [...] então também tem que ter algo chamado sentido da possibilidade” (p. 6).

Entre outros aspectos, destaca a importância do estudo, da análise das particularidades, que não devem se propor a generalizações mas que podem trazer significativas contribuições para a busca da compreensão da realidade histórica em sua

⁷⁹ Tradução livre.

⁸⁰ Livro publicado pela *Cambridge University Press*, de Cambridge/UK.

⁸¹ A obra foi traduzida por sua esposa Gloria Carnevali Hawthorn com a participação do autor e também foi editada/impressa pela *Cambridge University Press*, de Cambridge/UK.

⁸² Nesta pesquisa foi consultada principalmente a versão em espanhol, bibliografia esta sugerida por Galindo Cáceres em contato feito entre o pesquisador e a autora. Sempre que surgiram dúvidas conceituais, entretanto, se recorreu ao original em inglês de modo a ver o termo utilizado por Hawthorn e qual seria, possivelmente, a melhor tradução para o português. Deste modo, todas as vezes que se optou por citação literal do livro, se recorreu à versão original.

⁸³ O termo usado pelo autor originalmente é *contrafactuals* e no espanhol foi traduzido para *condicionales contrafactivos*. A expressão contrafactual aqui empregada é uma livre tradução, porém, foi adotada após o levantamento de artigos brasileiros que abordam a obra do autor na perspectiva histórica, como o de Pessoa Jr. (2000) e que também adota o termo “contrafactual”.

articulação passado, presente, futuro. O que o autor propõe é “[...] reconhecer a importância de uma compreensão mais ampla, [...] porém a resistir a suposição comum nas ciências sociais de que as narrativas gerais expõem suficientemente essa compreensão.” (p. 52). Neste âmbito, os contrafactuais não são um afastamento da realidade ou da “verdade” mas uma outra (ou outras) possibilidade de compreendê-la.

[...] na explicação, as possibilidades aumentam ao mesmo passo que diminuem. [...] uma explicação sugere outras opções. Sob a explicação, as possibilidades aumentam.⁸⁴ [...] Isto se deve ao fato de que a força de uma explicação gira em torno do contrafactual que implica. A implicação é que se tal e tal combinação de causas não estivessem presentes, ou que se tal e tal ação ou série de ações não tivessem sido levadas a cabo, as coisas teriam sido diferentes. Se não cremos nisso, então não deveríamos dar às causas e às ações em questão a importância que lhes estamos dando⁸⁵. (p. 19- 20)

Algumas dessas reflexões (e provocações) estão presentes na proposição de Galindo Cáceres. Pode-se dizer que a perspectiva de Hawthorn quanto ao contexto das explicações (e a impossibilidade do conhecimento) está em sintonia com as ideias de Galindo quanto à importância do que ele denomina configuração. Hawthorn enfatiza o caráter mutável das explicações, reiterando que estas não são fixas e que não “[...] existe nada no mundo que nos diga que são. E não existe um bom argumento externo para impor um certo tipo [de explicação] [...]”, o que passa pelas escolhas teóricas e, assim, constituem mundos possíveis. Como afirma o autor:

Nós nos propomos a explicar os acontecimentos e apresentamos a informação que nos serve para fazê-lo. O que essa informação é, e de que forma se apresenta, depende do que se pergunta. As explicações, poderíamos dizer, ambas as explicações (ou todas as explicações) dependem do contexto.⁸⁶ (HAWTHORN, 1995, p. 38)

Portanto, a explicação passa pelo pesquisador, pelo sujeito que investiga, pelas escolhas que faz, pela pergunta que se propõe e é afetada pelo contexto da pesquisa. Esse aspecto é o centro da proposição de Galindo Cáceres (1997) ao definir a “configuração” como o “centro do curso metodológico dos mundos possíveis” (p. 36).

⁸⁴ Tradução livre.

⁸⁵ Tradução livre.

⁸⁶ Tradução livre.

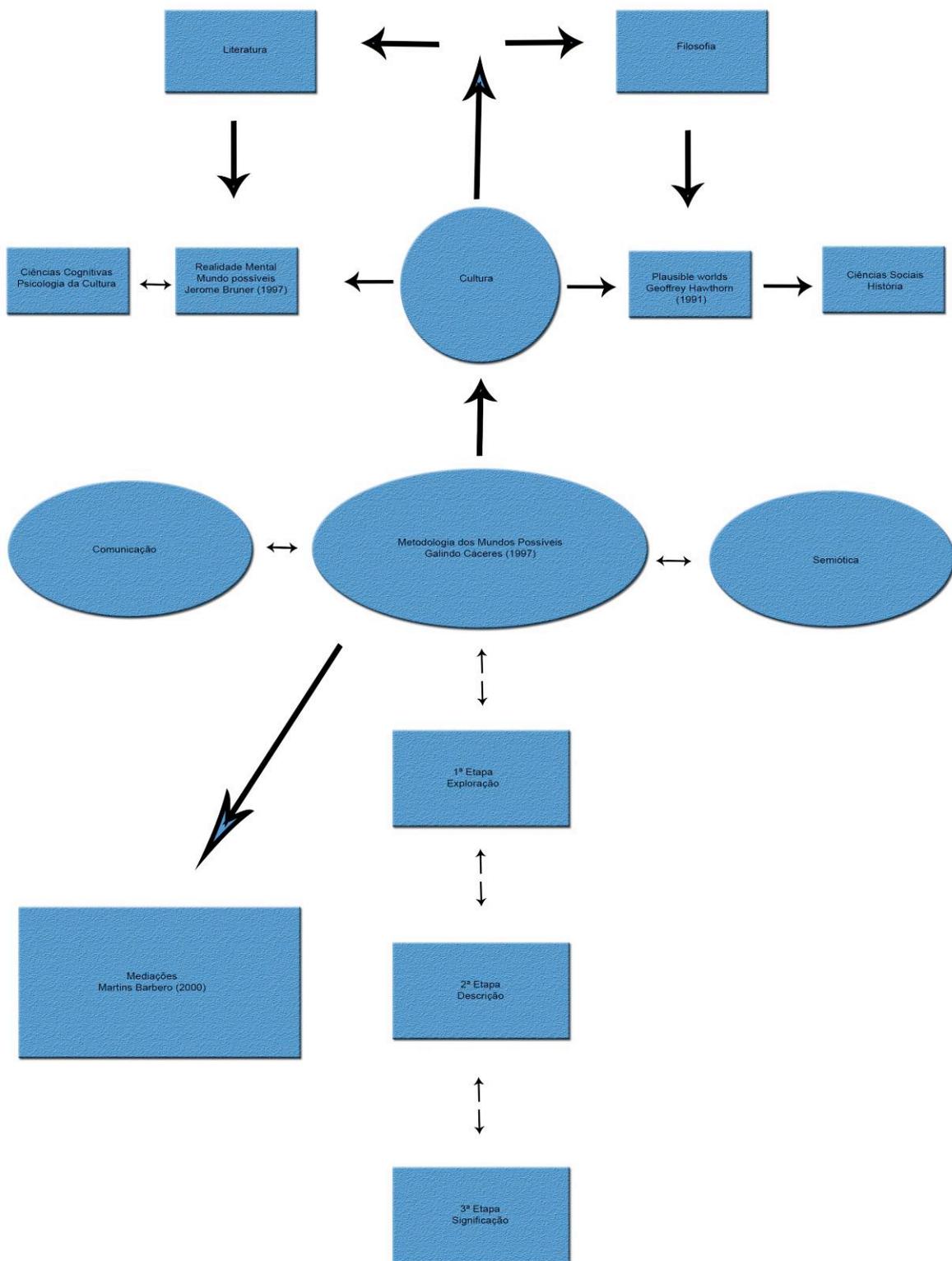
El sujeto investigador construye con el lenguaje, con símbolos, una representación de lo que cree que es y de lo que cree que no es. Esta configuración permite captar el mundo en un efecto configurador. Es decir, la relación entre aspectos sensoriales y del sistema nervioso conforman un tipo de mundo representado con el que nos movemos y percibimos. **Lo que el mundo en sí sea no es un asunto pertinente aquí; lo que el mundo parece ser, sí.**⁸⁷ La dimensión simbólica de la relación hombre-mundo es la base de la acción y del sentido de todo lo humano. [...] La configuración es el mundo en términos lingüísticos, de manera radical puede afirmarse que es el mundo y punto. Lo que deriva de esta concepción es la definición posible de las rutas que llevan a las configuraciones. En cierto sentido, las que han sido, las que en este momento precisamos y, por supuesto, las que pueden ser. (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 36)

Um exemplo prático desse processo contrafactual do próprio fazer científico é dado por Pessoa Jr (2000). Como ilustra o autor, qualquer investigador ao escrever um relatório ou um artigo sobre sua pesquisa (ou esta tese, por exemplo), evidencia para seu leitor quais foram as influências, os aportes teóricos que considerou pertinentes e assim lhe forneceram a ajuda necessária para a análise, o que pode ser identificado no texto por meio das citações. “Essas influências podem ser consideradas ‘causais’”, já que envolvem eventos do mundo real e a ausência (contrafactual) de uma das influências resultaria em um artigo diferente (ou até na inexistência do artigo, para influências causais fortes) [...]” (PESSOA JR, 2000, p. 176). Ou seja, esta tese é, em si mesma, um universo de mundos possíveis. Portanto, sua realização seguiu também um itinerário de referências que tornaram possível a narrativa da pesquisa. Este itinerário pode ser visualizado na imagem a seguir, uma espécie de “mapa mental – mundos possíveis”.⁸⁸

⁸⁷ Grifos meus.

⁸⁸ Alusão ao título da obra de Jerome Bruner – Realidade Mental, Mundos possíveis – precursora no cenário de entender o desenvolvimento de uma “psicologia cultural”, ou seja, que a formação do sujeito passa por sua capacidade narrativa; aborda a importância da estrutura narrativa para a aquisição da linguagem, aspecto central em nossa constituição como sujeitos, neste sentido, um vasto campo de “mundos possíveis”.

Figura 3 - Mapa Mental do percurso teórico metodológico



Fonte: elaborado pela autora

A proposição de Galindo Cáceres (1997) congrega três aspectos: a configuração, a trajetória e a noção de forma de energia. Como apontado, “A *configuração* é o centro do curso metodológico dos mundos possíveis”.⁸⁹ A configuração, como eixo sincrônico na proposição do autor, pode ser entendida como o âmbito da própria cultura, daquilo que é móvel e paradoxalmente precisa ser transformado em fixo, como etapa do conhecimento. Para dar conta desse “aprisionamento” do que é móvel, algo que se faz pela linguagem (a escrita da tese, neste caso) faz-se necessário um eixo temporal ou histórico, chamado pelo autor de trajetória. Esta é “[...] o curso mesmo do possível configurável, quer dizer, a partir de um ponto se abrem varias alternativas e configurações paralelas possíveis, todas dentro da lógica do configurável. O movimento traz consigo a presença teórica dos mundos possíveis” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 38). A energia é o que articula os outros dois eixos, é o sujeito pesquisador, os sujeitos pesquisados, ou seja, a dinâmica da própria vida humana. Este eixo se faz indispensável uma vez que, como afirma o autor:

Configuraciones y trayectorias son formas construidas en los límites del tiempo y del espacio, según se entienda en la encrucijada se entenderán las formas. Y si son formas necesitamos entender su contenido. El sentido alcanzado hasta hoy sugiere como elemental el curso configurativo de *las formas de la energía*. La energía está dentro de todo lo posible, lo posible es forma de la energía. (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 41)

Na conjunção desses três eixos se buscou compreender a relação que se estabelece entre as mulheres detentas e a telenovela no ambiente prisional, quais mediações atravessam esses mundos possíveis e quais mundos possíveis se constroem nesse ambiente. Então, antes de prosseguir na explicitação das etapas dos mundos possíveis, destaca-se o cenário teórico empírico, ou o “contexto”, conforme proposto por Hawthorn (1995), das mediações.

3.2 Dos mundos possíveis às mediações

Como dito, o presente estudo orientou-se pelas ideias de Martín-Barbero (2003) sobre o contexto das mediações, os “usos sociais dos meios”. A perspectiva que conduz a pesquisa é, portanto, de que a relação entre os sujeitos (neste caso as detentas) e os

⁸⁹ Grifos do autor no original em espanhol. Tradução livre.

conteúdos midiáticos (aqui a telenovela) não é unilateral e sim multidimensional, ou seja, se dá através de “múltiplas mediações”⁹⁰.

Como explica Jacks (1997, p. 5), a proposição de Martín-Barbero “significa localizar os problemas de comunicação em outro campo, o dos processos sócio-culturais”. Ou seja, “indica a entrada ao campo pelo estudo das instituições, organizações e sujeitos, pelas diversas temporalidades sociais e multiplicidade de matrizes culturais”. Jacks (1997, p. 5) reforça que esse deslocamento proposto pelo autor leva a “uma aproximação radical entre cultura e comunicação, possibilitando redefinições teóricas, metodológicas e políticas”. Ou como afirma o próprio autor:

É indubitável que o estudo de recepção, no sentido em que estamos discutindo, quer resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos; quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido; quer resgatar o caráter lúdico da relação com os meios; quer romper com aquele racionalismo que pensa a relação com os meios somente em termos de conhecimento ou de desconhecimento, em termos ideológicos; quer resgatar, além do caráter lúdico, o caráter libidinal, desejoso, da relação com os meios. (MARTÍN- BARBERO, 2003, p. 54)

Não se deve confundir, porém, mediação com recepção. Para Martín-Barbero as mediações estão entre a Comunicação (os processos de produção, conteúdos, interesses, questões ideológicas, entre tantos outros aspectos) e a cultura, em seu sentido antropológico mais amplo, como o espaço e o conjunto das práticas que permeiam o processo da constituição dos sujeitos. Isso significa, portanto, que entre a comunicação (também no sentido amplo, mas, sobretudo aquela institucionalizada, que passa pela difusão dos meios) e a recepção desses conteúdos há o lugar onde a cultura se manifesta, permeada por todas as ritualidades, instituições, crenças, valores, comportamentos, os contextos culturais onde os sujeitos estão inseridos. Mediação pode ser entendida como:

[...] um conjunto de influências que estrutura, organiza e reorganiza a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. As mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o "espaço" que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção. (JACKS, 1997, p. 9)

⁹⁰ OROZCO citado por LOPES; BORELLI; RESENDE (2002).

3.2.1 Na trilha das mediações

Na primeira edição da obra “Dos meios às mediações” Martín-Barbero (2003) propõe três grandes lugares de mediações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Esses três lugares alteram, interferem, participam do processo de recepção e atribuição de sentidos por parte dos sujeitos aos conteúdos midiáticos a que têm acesso⁹¹ e, naturalmente, serão mediados por eles.

Ao longo das duas décadas seguintes à publicação da obra, a partir da crítica, provocação e desenvolvimento de estudos que levaram em conta sua proposição, Martín-Barbero foi revisando e propondo mudanças em suas mediações. Já na Introdução à quinta edição da obra em espanhol⁹², o autor propõe uma nova teia de mediações, que seriam articuladas efetivamente em “Ofício de Cartógrafo” (Martín-Barbero, 2002), quando o autor passa a falar em “mediações comunicativas da cultura”. De acordo com Jacks (2008):

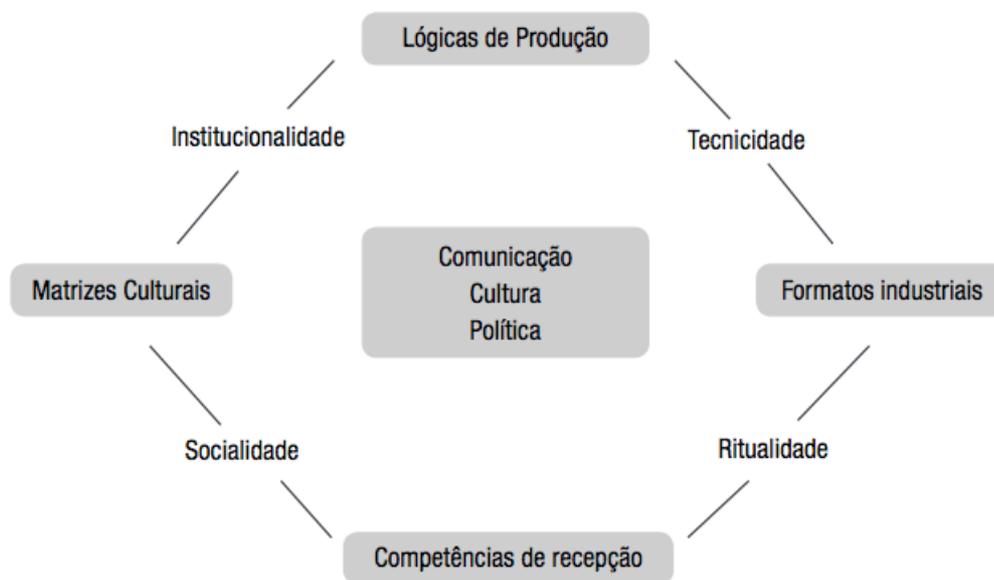
A passagem do modelo das *mediações culturais da comunicação* para o das *mediações comunicativas da cultura* recoloca a necessidade formal de trabalhar os meios e todos os recursos que os rodeiam de forma mais enfática para entender a cultura contemporânea, sem deixar, entretanto, de considerar todos os elementos da estrutura sociocultural que configuram a relação das pessoas com os meios de comunicação. (p. 28)

As mediações apontadas por Martín-Barbero (2003) nessa nova proposição ficam dispostas em dois eixos: um diacrônico, tensionando o que ele define como as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais; e um sincrônico, que relaciona as Lógicas de Produção às Competências de Recepção e Consumo. Essa proposição pode ser melhor visualizada na figura disposta a seguir:

⁹¹ Seja diretamente ou por intermédio de outros sujeitos.

⁹² Que coincide com a publicação do livro em português, em 1998.

Figura 4 – Mapa das mediações



Fonte: MARTÍN-BARBERO, 2011.

Como evidencia a figura, entre os eixos propostos estão quatro mediações: socialidade, ritualidade, tecnicidade⁹³ e institucionalidade⁹⁴. Diferentes regimes de institucionalidade medeiam as relações entre as Matrizes Culturais (MC) e as Lógicas de Produção (LP) ao passo que as relações entre as MC e as Competências de Recepção (CR) são mediadas pelas diversas formas de socialidade. Já as Lógicas de Produção (LP) e os Formatos Industriais (FI) são mediados pelas tecnicidades e, por fim, FI e CR são mediadas por diferentes níveis e formas de ritualidade. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 16).

Segundo Jacks (2008), as mediações da ritualidade, socialidade e tecnicidade “[...] já estavam presentes nas reflexões iniciais [...] [do autor] sobre o tema e logo foram apontadas por Orozco Gómez (1996) como desdobramento da reflexão apresentada em *De*

⁹³ É a mediação que se localiza entre os Formatos Industriais e as Lógicas de Produção e remete à construção de novas práticas através das diferentes linguagens dos meios, de modo simplificado por ser entendida como a interferência que a tecnologia exerce sobre a cultura.

⁹⁴ Está entre as Lógicas de Produção e as Matrizes Culturais, relaciona de forma mais próxima a produção e a recepção. “Vista a partir da institucionalidade, a comunicação se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se encontra hoje paradoxalmente do lado dos interesses privados” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 18).

los medios a las mediaciones”. A novidade neste modelo é a mediação da institucionalidade que “[...] surge para dar conta de maneira mais concreta e específica do âmbito dos meios, ou seja, dos discursos públicos, carregados de interesses e poderes contraditórios, mas que tendem à homogeneidade. Conforme aponta Jacks (2008), é importante levar em conta que

Há diferentes regimes de *institucionalidade*, e é ela que faz a mediação entre as lógicas de produção e as matrizes culturais, sendo o cenário, portanto, que constrói a relação mais próxima entre produção e recepção. Essa mediação, obviamente, é transformada por ambos os contextos – o sincrônico das lógicas de produção e o diacrônico das matrizes culturais –, através do processo histórico-cultural. (p. 20)

Como dito, nesta pesquisa não se utilizou o modelo proposto por Martín-Barbero. Assim, embora possa-se dizer que os resultados do campo apontem em algum momento para cada uma das mediações sugeridas, a análise, articulada a partir dos “mundos possíveis” de Galindo Cáceres (1997) abordou principalmente duas mediações: a socialidade e a institucionalidade as quais se mostraram mais contundentes no cenário analisado, dentro das possibilidades de realização da pesquisa.

Essas duas mediações podem ser percebidas como articuladoras do duplo movimento entre as MC e as CR e destas com as LP, relação esta mediada, como destaca Martín-Barbero (2003, p. 17) “pelos movimentos de socialidade, ou sociabilidade, e pelas mudanças na institucionalidade”. Desta última, observamos mudanças não apenas na forma de acesso ao meio, mas também nas novas práticas institucionais impostas pelo próprio ambiente prisional, como por exemplo, o estabelecimento de horários para ver TV e a punição pelo mau comportamento com a retirada do aparelho na hora da exibição da novela.⁹⁵ Nesse ambiente de severas restrições e práticas regidas institucionalmente de forma “total” (GOFFMAN, 1999), também há possibilidade de resistências. Como na vida além dos muros, na prisão a mediação da *institucionalidade* está em processo de devir e pode ser entendida como propõe Martín-Barbero:

⁹⁵ Esse aspecto foi destacado pelo diretor da Unidade Prisional já na primeira conversa para solicitar autorização para realizar a pesquisa. Na ocasião (setembro de 2012) a novela exibida era Avenida Brasil (Rede Globo, 2012) e ele afirmou categoricamente que elas sabiam que se não se comportassem, “ficariam sem ver a Carminha”.

A institucionalidade tem sido, desde sempre, uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos - maiorias e minorias -, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, reconstituir permanentemente o social. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17)

Entende-se, ainda, que no ambiente prisional, as mediações da *institucionalidade* e da *socialidade* são indissociáveis, caracterizam esse sujeito em franco e significativo processo de devir. Ali, é a *socialidade* (tanto as memórias e experiências anteriores quanto e, sobretudo, as novas práticas a que são submetidas, novas formas de convívio e novos laços de pertencimento) fator determinante no modo como se relacionam com a telenovela e esta é importante e significativa no modo como desenvolvem essas novas práticas e como são “institucionalizadas”.⁹⁶ Portanto, identifica-se a *socialidade* como a principal mediação entre as detentas e a telenovela, bem como a telenovela como principal mediadora de suas práticas de *socialidade* e *sociabilidade*⁹⁷. A importância da *socialidade* pode ser entendida na própria definição de Martín-Barbero sobre o que representa essa mediação:

A socialidade, gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens [e as mulheres] ao juntarem-se, é por sua vez lugar de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder. Nesse processo as MC ativam e moldam os *habitus* que conformam as diversas Competências de Recepção. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17)

A mediação da *ritualidade* também se evidencia como significativa no contexto prisional. Simplificadamente, esta pode ser definida como os usos e as formas como os sujeitos se relacionam com os conteúdos midiáticos. Entretanto, por conta das limitações impostas pela direção da unidade prisional, não houve efetiva possibilidade de observá-la, uma vez que incluiria assistir a novela em conjunto com as detentas e pelas normas de segurança da Unidade, não é permitida a permanência posterior às 18h. Aspectos relacionados a essa mediação aparecem, contudo, nas próprias falas das entrevistadas e, deste modo, foram elencados aspectos da *ritualidade* a partir de seus relatos bem como da observação de seu cotidiano nos horários e espaços permitidos. Essa mediação é

⁹⁶ Esta na perspectiva de Goffman (1999) e sua definição de instituições totais.

⁹⁷ Conforme explicado anteriormente, aqui entendida na perspectiva de “ressocialização”, os processos sociais fortemente atravessados pela institucionalidade e institucionalização dessas mulheres.

importante no entendimento da relação que elas estabelecem com a telenovela uma vez que, como afirma Martín-Barbero (2003, p. 19-20):

A mediação das ritualidades remete-nos ao nexó simbólico que sustenta toda comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição. Em sua relação com os FI (discursos, gêneros, programas e grades ou palimpsestos), as ritualidades constituem *gramáticas da ação* – do olhar, do escutar, do ler – que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios. [...] Vistas a partir das CR, as *ritualidades* remetem, de um lado, aos diferentes *usos sociais* dos meios [...] De outro lado, as *ritualidades* remetem às múltiplas *trajetórias de leitura* ligadas às condições sociais do gosto, marcadas por níveis e qualidade de educação, por posses e saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de **gênero**⁹⁸, e por hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, oral ou audiovisual, que carregam a experiência do ver sobre a do ler e vice-versa.

As formulações de Martín-Barbero não trazem um modelo propriamente dito de como fazer esse deslocamento e os estudos realizados com base nas proposições do autor têm buscado em outros aportes teórico-metodológicos, as técnicas e procedimentos para a realização da pesquisa. Aqui, como apontado, não se buscou a efetiva aplicação do modelo das mediações. Esse foi colocado em tensão e em estado de potência na proposição de se pensar a relação telenovela-detenta-memória-mundos da prisão e fora dela na perspectiva da “metodologia dos mundos possíveis” de Galindo Cáceres (1994), inspirando-se em técnicas da etnografia, mas sem contudo realizá-la em sua amplitude, dadas as limitações impostas pelo campo, quais sejam, as regras do presídio onde a pesquisa foi realizada.

3.3 Etapas dos “mundos possíveis”

O processo de realização da pesquisa na perspectiva dos “mundos possíveis” envolve, segundo Galindo Cáceres (1997), a exploração, a descrição e a significação. Para cada uma delas o autor sugere uma técnica e/ou procedimento a ser adotado pelo pesquisador para melhor alcançá-la. Na primeira etapa, a da exploração, recomenda como principal instrumento o diário de campo, na perspectiva etnográfica. Conforme o autor:

En el momento de exploración el sujeto investigador se pone en contacto en el mundo-objeto en un flujo de impresiones y expresiones. En un tiempo de interiorización del mundo exterior y en un tiempo de exteriorización de las condiciones de percepción que este sujeto tiene de ese mundo. El instrumento privilegiado es **el diario de campo**⁹⁹. (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 79)

⁹⁸ Grifos nossos.

⁹⁹ Grifos meus.

Este recurso foi utilizado durante todo o processo de realização da pesquisa, não apenas da observação inicial (e das vivências anteriores com a Unidade prisional). O diário de campo está em sintonia direta com a etapa seguinte e com a proposição de procedimento que o articula, qual seja, a etnografia como procedimento fundamental para a descrição.

En el momento de descripción de la configuración objetiva se coloca en el centro de la acción. Se trata de elaborar y detallar mapas del mundo objetivo en todas las dimensiones posibles. El acercamiento al exterior desde el interior tiene claridad y precisión. Los instrumentos básicos de estas tareas son la etnografía y la estadística, componentes elementares del trabajo configurador. (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 79)

É importante destacar que a etnografia é aqui entendida como o procedimento para observação/descrição do universo da pesquisa e dos sujeitos participantes. Não foi, portanto, adotado o método etnográfico, que exigiria um conjunto de outros procedimentos, impossibilitados pelas próprias normas da instituição, mas este constitui uma “inspiração”.

Angrosino (2009) explica que o método etnográfico é baseado na pesquisa de campo, é personalizado, multifatorial, requer compromisso de longo prazo, é indutivo, dialógico e holístico. O autor ainda ressalta que “A etnografia é feita *in loco* e o etnógrafo é, na medida do possível, alguém que participa subjetivamente nas vidas daqueles que estão sendo estudados, assim como um *observador* objetivo daquelas vidas” (ANGROSINO, 2009, p. 31). Como método, Flick (2009) explica que a etnografia se caracteriza pela triangulação das técnicas, com destaque para três aspectos fundamentais¹⁰⁰: o trabalho de campo, a observação e seu registro e a entrevista.

Das lições que se pode aprender com a etnografia e com a proposição dos “mundos possíveis” e que se buscou seguir em toda a condução desta pesquisa, é a consciência de que a subjetividade faz parte do processo, tanto por parte do pesquisador quanto dos sujeitos participantes. Não se é neutro ou isento no trabalho de campo e isso não é incorreto nem se constitui um problema desde que se leve em consideração o que recomenda Lopes (2010):

¹⁰⁰ Não significa que não haja outras técnicas e/ou procedimentos, aqui estamos apropriando esse conjunto em três grandes frentes de trabalho. A observação pode ter várias formas de execução, assim como seu registro, e a forma de ouvir o interlocutor também, utilizamos a denominação ampla de entrevista para se referir ao processo de ouvir o sujeito.

Entender o trabalho de campo formado por *situações de comunicação* implica assumir uma posição metodológica que o define como um campo dinâmico de relações, no qual se delineiam diversas estratégias discursivas e de ação por parte dos atores envolvidos, configurando processos de negociação, colaboração e resistência que incidem na coleta dos dados e nos resultados de sua análise. Este deveria ser um entendimento básico, mas não é, visto que os processos de comunicação envolvidos no trabalho de campo raramente são referenciados e tomados como objeto de reflexão epistêmica em toda a sua complexidade. (p. 43)

Subjetividade esta que atravessa todo o processo mas, principalmente, a última etapa apontada por Galindo Cáceres, a da significação, qual seja, a análise do campo, aqui, a escrita da tese propriamente dita.

El momento de significación es el más complejo y el más intenso porque se regresa al mundo interior con una densidad de contacto con el exterior muy profunda. Aquí lo cualitativo adquiere todo su peso, el lenguaje es lo más instrumental y los límites son los bloques a la imaginación y a la creatividad. Es el punto de la síntesis, el acto configurador por excelencia, el lugar de la teorización de la comunicación. (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 79)

Para conduzir a pesquisa e dar voz a essas mulheres, a técnica adotada foi a história oral articulada, a partir de Galindo Cáceres (1997), pela história de vida, dentro da perspectiva dos mundos possíveis. Técnica carregada desse processo de subjetividade e que exige o permanente exercício de reflexividade por parte do pesquisador, uma vez que a história de vida é, como afirma o autor, um profundo e complexo exercício de conhecer a si mesmo e de alteridade. “El contacto con la intimidad del otro es una prueba para la propia intimidad. De todas las posibles experiencias que un individuo puede tener la más compleja es la del encuentro con un semejante” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 125). Sobre a complexidade de adotar a história de vida, o que ao mesmo tempo faz dela uma técnica profundamente instigante e possibilitadora de múltiplas reflexões e análises, é importante não perder de vista que:

Conocer a fondo a alguien es conocerse a fondo a si mismo, y en este camino la otredad como contexto y gran escenario también se hace explícita y se transparente en sus fuerzas y direcciones. La historia de vida puede concebirse incluso como una doble prueba, para el que habla y para el que escucha; después de la experiencia intensa de la intimidad el mundo se ha reestructurado, es otro, el conocimiento y el sentido están presentes como una llama en carne viva. (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 126)

Esse aspecto se colocou como um grande desafio para a realização da pesquisa, uma vez que na perspectiva da história oral, em que a história de vida se insere, se lida com memórias e no caso deste estudo, nem sempre memórias positivas ou saudosas.

3.3.1 História de vida como articuladora dos mundos possíveis

A história de vida foi aqui entendida na perspectiva de Galindo Cáceres (1997) como uma técnica, integrante de uma concepção maior denominada História Oral. Esta última é, segundo o autor

[...] una operación de la historiografía que se mueve más allá del documento escrito. [...] Es una operación técnica nombrada como parte de la metodología de investigación social cualitativa. Es un recurso de legitimación del discurso que reconoce valor a los testimonios directos de los actores sociales individuales. Es una fuente de información para el trabajo social. Es un recurso para registrar la voz y la memoria de los viejos, **de las mujeres**¹⁰¹, de los marginados, de los no escuchados. En fin, la historia oral es un lugar en el que coinciden diversos intereses y puntos de vista, donde cierta comunidad de acción y sentido nunca explicitada ni analizada del todo se reúne a intercambiar experiencias, pero pocos puntos de vista conceptuales teóricos. (GALINDO CÁCERES, 2009, p. 107)

Há, na verdade, várias definições (e divergências) sobre o que seja a história oral, se esta seria uma “nova” forma de história, um método, uma técnica, qual o seu lugar. Não se tem aqui a pretensão de estabelecer esse diálogo, muito menos de resolvê-lo. Parte-se da proposição de Verena Alberti, uma das principais referências nessa área no Brasil, que considera a História Oral como “uma **metodologia de pesquisa**¹⁰² e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita”. Sobre sua operacionalização, a autora esclarece que a história oral enquanto procedimento “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2005, p.155).

A autora vai chamar a atenção para a importância de se compreender que a entrevista em si não é história, esta será analisada e interpretada pelo pesquisador em

¹⁰¹ Grifos meus.

¹⁰² Grifos meus.

conjunto com outros processos, etapas da pesquisa, no caso da reflexão aqui proposta, por exemplo, em sintonia com a etnografia na perspectiva da Galindo Cáceres (1997). Ela reforça que a entrevista é uma fonte de pesquisa. Seu conteúdo é, portanto, uma narrativa, uma representação da memória trazida à materialidade da fala, que será registrada em gravador, papel, arquivo digital, como assim o preferir o pesquisador e que então será novamente “representada”, reelaborada a partir da análise.¹⁰³

A história oral, enquanto ruptura e mudança no fazer historiográfico, valoriza as memórias e os sujeitos “comuns” em seu cotidiano como parte importante do registro historiográfico. Uma vez que a mídia é parte importante da história cotidiana, sobretudo na história que se desencadeia a partir do século XX, as “memórias midiáticas” são importantes para o entendimento do mundo em que se vive, como se constituiu e como se projeta em direção ao futuro, daí entender-se que a história oral e as discussões sobre o tempo presente podem e devem ser articuladas em termos teórico-conceituais e metodológicos nos estudos de recepção midiática.

Um dos aspectos mais significativos de contribuição para o estudo, portanto, está na noção de memória.

[...] el término *memoria* denomina una amplia y variada gama de discursos y experiencias. Por un lado, puede aludir tanto a la capacidad de conservar o retener ideas previamente adquiridas como, contrariamente, a un proceso activo de construcción simbólica y elaboración de sentidos en el pasado. Por otro lado, la memoria es una dimensión que atañe tanto a lo privado, es decir, a procesos y modalidades estrictamente individuales y subjetivos de vinculación con el pasado (y por ende con el presente y el futuro), como a la dimensión pública, colectiva e intersubjetiva. Más aún, la noción de memoria nos permite trazar un puente, una articulación entre lo íntimo y lo colectivo, ya que invariablemente los relatos y sentidos contruidos colectivamente influyen en las memorias individuales[...] (FRANCO E LEVIN, 2007, p. 40)

A importância de valorizar e registrar as memórias dos sujeitos, sobretudo aquelas atravessadas, geradas, reforçadas ou contestadas pelos meios de comunicação, constitui a base de um e, em larga medida, do entendimento do tempo presente, como propõe a história oral. A entrevista, técnica primordial da história oral, embora centrada em indivíduos e suas experiências pessoais, ao trazer à tona essas narrativas, portanto,

¹⁰³ Esta seria a etapa que Ricouer (2007) chama de Representação, dentro do fazer historiográfico, aspecto este que também pode ser assimilado pelos pesquisadores da recepção – a efetiva inspiração no fazer historiográfico conforme definidos pelo autor e que foi aqui apropriada em sintonia com as etapas dos “mundos possíveis” de Galindo Cáceres. A etapa da representação de Ricouer foi colocada em tensionamento com a etapa de significação de Galindo Cáceres.

representações, não evidencia apenas a relação de um sujeito com um determinado meio de comunicação, conteúdo, ou qualquer outro assunto que permeie seu “retorno” ao passado, ao contrário, a memória de um sujeito é sempre, também, a memória do grupo, da sociedade e do tempo histórico ao qual ele pertence. Neste contexto, os meios de comunicação atuam como um dos principais cenários de reforço (ou apagamento) dessas memórias, da consolidação de uma “memória compartilhada”. Portanto, ao estudar a recepção midiática a partir da história oral, e neste caso, da história de vida, é fundamental não perder de vista que:

La memoria, entendida como las representaciones colectivas del pasado tal como se forjan en el presente, estructura las identidades sociales, inscribiéndolas en una continuidad histórica y otorgándoles un sentido, es decir, una significación y una dirección. En todas partes y siempre, las sociedades humanas han poseído una memoria colectiva y la han mantenido a través de ritos, ceremonias, incluso con políticas. (TRAVERSO, 2007, p. 69)

Além disso, é preciso ter claro que a história de vida (entendida como técnica da história oral) lida com memórias, portanto, não com o registro puro e exato dos acontecimentos, não com efetivo regresso ao passado. As narrativas dos sujeitos estarão sempre localizadas no tempo presente, serão sempre sua visão “sobre” o passado, nunca este por excelência. Ao estabelecer a história de vida como base metodológica associada à inspiração etnográfica é fundamental não perder de vista que “La memoria es una construcción, está siempre ‘filtrada’ por los conocimientos posteriormente adquiridos, por la reflexión que sigue al acontecimiento, o por otras experiencias que se superponen a la primera y modifican el recuerdo”. (TRAVERSO, 2007, p. 73)

Portanto, não se pode perder de vista que se trata de memórias, narrativas e de que estas são individuais mas também coletivas, ou seja, as entrevistas não podem perder de vista o fato de que estas

[...] reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes com práticas sociais de outras épocas e grupos. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores [e comunicadores] rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm (AMADO, 1995, p. 11)

Aqui, a opção é pela história de vida, adotada como técnica dentro da perspectiva maior da história oral, tal como a entendem Meihy & Holanda (2008) definida como

aquela que busca evidenciar a experiência de vida daqueles que narram suas histórias. Nessas entrevistas, buscam-se as singularidades das trajetórias pessoais e da visão de mundo de cada sujeito. Ou seja, a trajetória de vida de cada uma das detentas, o que inclui seu cotidiano na prisão e os seus próprios “mundos possíveis” projetados para quando saírem da prisão. A história de vida permite, inclusive, valorizar as “construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções” (MEIHY; HOLANDA, 2008). Na proposição de Galindo Cáceres (1997) a história de vida se coloca como técnica fundamental uma vez que

Lo individual puede ser considerado como una proyección de lo general en lo particular, de este modo las historias particulares, los discursos desde lo particular, son formaciones que implican y expresan a la sociedad y la cultura más generales. Con tal visión la historia de vida no sólo es importante sino central en la aproximación a lo sociocultural. (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 125)

Esta foi articulada a partir da perspectiva dos “mundos possíveis” cuja escolha aqui se deu também por conta do próprio objeto de análise, a telenovela, e sua narrativa ficcional sobre o mundo vivido. Também a telenovela se constitui num “mundo possível”, inclusive no contexto desta pesquisa, um mundo que se projeta para além dos muros da prisão. A opção pela história de vida deve-se também, na articulação entre as proposições teórico-metodológicas que conduzem esta pesquisa, a importância de valorizar as trajetórias de vida das mulheres detentas. Como explica Galindo Cáceres (1997, p. 125):

El programa metodológico y el programa teórico, es decir, las formas de aproximación al objeto concreto y a su sentido, se confrontan ante la historia de vida en la perspectiva que impliquen sobre la configuración y la trayectoria del acontecer humano. La complejidad se entiende como una organización de lo múltiple presente tanto en lo individual como en lo colectivo; por lo general una dimensión implica a la otra.

Esta pesquisa tem como inspiração para a escolha da metodologia dos mundos possíveis e a utilização da história de vida o estudo realizado por Grisa (2003) com mulheres e suas “biografias radiofônicas”. O autor realizou seu estudo com mulheres cujas trajetórias de vida se mesclavam à escuta da rádio Farroupilha do Rio Grande do Sul. Tal como Grisa, aqui se entende a história oral como o método que congrega uma série de pressupostos e procedimentos - como as questões já apontadas sobre memória - e a história de vida como uma técnica possível na execução do trabalho que tem a história oral

como condutora. O autor apresenta uma discussão bastante abrangente sobre as diferenças de posicionamentos entre os autores quanto a essas (in)definições, ao que se recomenda a leitura de seu estudo intitulado “Histórias de ouvintes: a audiência popular no rádio” (GRISA, 2003). Optamos aqui por destacar apenas os posicionamentos que embasam a posição adotada – a história oral como método em que a história de vida é a técnica que conduz. Como explica o autor:

Hoje, o método de história oral e a técnica de história de vida impuseram-se e diversificaram-se, sendo empregadas no estudo de objetos os mais plurais possíveis. De um modo geral, sempre que se busca conhecer intimamente as pessoas, ver o mundo através de seus olhos e se introduzir em suas experiências, tal proposta técnica-metodológica se faz necessária (GRISA, 2003, p. 301).

A escolha da história de vida como técnica principal para a realização da pesquisa está, como já dito, em sintonia com a proposição dos mundos possíveis de Galindo Cáceres (1997), também adotada por Grisa. Na ocasião de seu estudo, Grisa destacou o quanto o uso da técnica da história de vida era pouco recorrente nas pesquisas em comunicação, porém ressaltando os limitados levantamentos bibliográficos que pudessem evidenciar melhor os métodos e técnicas empregados nas pesquisas na área, tanto no país quanto fora dele. O autor cita quatro trabalhos que segundo ele servem apenas como “ilustração”, dois brasileiros, um dinamarquês e outro mexicano, trabalhos desenvolvidos entre o final dos anos 1980 e a década de 1990.

Destacando especificamente os estudos de recepção realizados nos PPGs da área, na década de 90, no mapeamento realizado por Jacks, Menezes e Piedras (2008) não há discussão sobre os principais procedimentos adotados nos estudos de recepção da referida década. O apontamento dos métodos, técnicas e procedimentos empregados perpassam a discussão individual dos trabalhos a partir das temáticas que foram elencadas no livro: meios, públicos, temas. De um modo geral, foi possível perceber que a técnica era, tal com apontado por Grisa, pouco utilizada nos estudos de recepção, embora tenha aparecido, por exemplo, no uso da história de família em pelo menos três pesquisas.

No período de 2000 a 2009, Jacks et al (2014) realizam o levantamento das técnicas adotadas pelos pesquisadores nos 209 estudos de recepção mapeados. A história de vida aparece em nove pesquisas, em cinco delas articulada como um de vários procedimentos e, em quatro, como a técnica principal de realização do estudo. Nenhum deles articulando a

proposição dos “mundos possíveis”, aspecto que também se constituiu em motivação para este estudo.

Por fim, é importante lembrar que o objeto de interesse desta pesquisa é a telenovela e esta é uma narrativa que, em alguma medida, estabelece relações de mimese¹⁰⁴ com a “vida real”. Como essa narrativa também foi discutida na perspectiva das narrativas das histórias de vida dessas mulheres, o conceito de mimese está articulado à própria técnica e seu uso como forma de perceber as mediações entre a telenovela, essas mulheres, o cenário onde se encontram, como esse medeia a assistência da telenovela e como essa medeia seu cotidiano.

Portanto, cada uma das histórias de vida é também, em alguma medida, um dos mundos possíveis, tanto em termos de relação campo-teoria, como se espera de qualquer pesquisa, quanto para além dela, para a definição do que se entende por vida vivida.

¹⁰⁴ A noção de mimese aqui adotada, justamente por partir da perspectiva da história oral tendo como técnica a história de vida, é a proposta por Paul Ricoeur (2007), em *Tempo e Narrativa*, e sua discussão da “tripla mimesis”: mimesis I (mundo prefigurado); mimesis II (mundo configurado) e mimesis III (mundo reconfigurado). Mimesis para Ricoeur “[...] não é imitação da vida ou qualquer outra modalidade imitativa, mas a colocação em ação das relações entre tempo e tessitura da intriga, sendo nesse processo que a vida, articulada ficcionalmente ou narrada a partir de acontecimentos concretos, envolvendo pessoas reais, ganha sentido” (CARVALHO, 2012, p. 174).

CAPÍTULO 4

MUNDOS DESCONHECIDOS: o campo da pesquisa¹⁰⁵

La madre de la identidad es la diferencia – observar en otro su forma y oponerla a la propia – fenómeno en que surge la imagen de lo distinto, de lo ajeno, y no necesariamente por consecuencia inmediata, la idea de sí mismo, la aparición del que observa, ese desconocido que nos habita y se manifiesta como una sombra con vocación de luz.

(GALINDO CÁCERES, 1997, p. 19)

Adentrar a um universo empírico é sempre um grande desafio mas também uma experiência única. Embora o ambiente prisional não representasse uma novidade como campo de pesquisa, cada momento, cada etapa da pesquisa, cada observação e anotação e, sobretudo, cada entrevista realizada se constituíram num momento singular e desafiador. Exigiram a necessidade constante da auto avaliação, do exercício ininterrupto da reflexividade, como recomenda Galindo Cáceres. Porque a pesquisa se dá no âmbito da cultura, da vida vivida e “Cada situação, cada comunidade, cada fragmento de vida é um mundo complexo e único do qual é preciso extrair as características mais gerais de sua configuração, de seu contexto.”¹⁰⁶ (p. 27)

Deste modo, é importante que fique claro que esta tese não tem a pretensão de compreender ou tentar explicar o que é o cotidiano em uma prisão, quais são os fatores que levam as mulheres ao aumento cada vez mais significativo no chamado “mundo do crime”¹⁰⁷ ou mesmo se esta instituição é ou tem sido capaz de cumprir sua função ressocializadora. Esta pesquisa é, como nas palavras de Galindo Cáceres, “um fragmento”, uma busca de compreensão dos mundos possíveis que se estabelecem entre essas mulheres, sua nova rotina, memórias e novas (ou não) formas de relacionarem-se com a telenovela.

¹⁰⁵ Neste capítulo, de modo a melhor compartilhar a experiência, a descrição do campo e a narrativa dos relatos de vida das entrevistadas, optei pelo uso da primeira pessoa.

¹⁰⁶ Tradução livre.

¹⁰⁷ Expressão recorrente na sociedade ao se referir ao contexto que leva à prisão e termo bastante utilizado entre a própria população prisional para referir-se aos contextos de onde procedem, como reiteram os estudos realizados por Santana (2012) e Costa (2012).

Mesmo ao trabalhar com a técnica da história de vida, não se teve a pretensão de compreender suas trajetórias de vida, das escolhas que fizeram, dos caminhos que tomaram. Seus relatos de vida são vistos, narrados e tensionados sempre na forma como correlacionam seus mundos aos mundos possíveis da telenovela.

Aqui se faz importante um esclarecimento. Embora tenha adotado a técnica da história de vida, optei por chamar as narrativas relacionadas ao que me contaram durante as entrevistas como “relatos de vida” em vez de “histórias de vida”. Isso se deve a uma perspectiva de que a história de vida precisaria reconstruir toda a sua trajetória o que não foi possível com todas as entrevistas. A história de vida exige um conjunto significativo de entrevistas, vários encontros de modo a ir preenchendo as lacunas que por ventura aparecessem em suas narrativas.

Pelas limitações impostas pelo próprio ambiente e sobretudo por sua dinâmica e rotatividade, o número de entrevistas com cada participante foi diferente. Foi por este motivo inclusive que embora o contato tenha sido feito com nove detentas, apenas oito foram consideradas na discussão. O critério foi de incluir somente aquelas com as quais tivessem sido realizados pelo menos dois encontros.

Com três das entrevistadas, foram realizadas apenas duas conversas: Eliane, Bianca e Sueli. As duas primeiras porque estavam em processo de triagem, aguardando o julgamento. Ambas indiciadas por associação ao tráfico de drogas, réis primárias, conquistaram, durante a realização da pesquisa, o direito de responder ao processo em liberdade. Já Sueli é atualmente considerada fugitiva. Durante o período, já em regime semi aberto, com direito a saídas de sete dias, Sueli não retornou à Unidade. Até o final do trabalho de campo, não havia qualquer notícia de seu paradeiro. Faltavam apenas mais oito meses para Sueli ganhar o direito de cumprir o restante da pena em regime aberto o que demonstra a complexidade de se vivenciar o cotidiano da prisão. Com Jully e Daniela foram realizadas três entrevistas, o que propiciou maior detalhamento de suas histórias, além de Silvana, com quem conversei em quatro ocasiões e Indianara e Dona Teresinha, com quem tive a oportunidade de realizar cinco encontros, o que certamente possibilitou um aprofundamento mais consistente com a proposta da história de vida.

Com Cássia isso não foi possível. Conheci Cássia em 2012, quando ainda estava no berçário, em processo de separação de sua filha de oito meses. Foi um período somente de observação, em que ainda não tinha o propósito de realizar entrevistas. Mas Cássia “puxou” a conversa e começou a me contar sua história. Fez questão de dizer que,

diferente das outras detentas, não estava ali por conta “das drogas”¹⁰⁸. Aos 21 anos de idade, ainda não tinha sua sentença promulgada para o crime de homicídio qualificado¹⁰⁹, cuja pena pode chegar a 30 anos de detenção. “Sabe aquela história de estar no lugar errado, com gente errada e na hora errada, é, aconteceu isso comigo, e agora estão me acusando de ser a mandante do homicídio”. Assim definia Cássia sua situação. Seu processo ainda estava em julgamento quando nos conhecemos, porém, se condenada, ela cumpriria uma pena de, pelo menos, 12 anos.¹¹⁰

Alguns meses depois de nos conhecermos, Cássia foi condenada a 17 anos de prisão. Nesse período, já tinha se separado da filha e por motivos não eminentemente claros por parte da Direção, não tive mais autorização para conversar com ela. Segundo uma das agentes prisionais com quem mantive contato mais efetivo durante o período de realização da pesquisa, esta atitude da administração foi “para minha própria proteção”. Tentei pelos menos mais quatro vezes a autorização para falar com ela, mas não obtive sucesso. Na ocasião da última tentativa, em janeiro de 2014, Cássia estava isolada, no pátio chamado de “seguro”¹¹¹ para onde são encaminhados detentos e detentas cuja integridade física esteja ameaçada.

Durante todo esse período, mantive o imaginário de uma menina alegre, de feição leve e descontraída, se separando da filha mas convicta de que aquilo era o melhor porque apesar da saudade “ali não era lugar pra ela”. Nunca consegui associá-la a uma imagem de “mandante de assassinato” duplamente qualificado, conforme averigui em seu processo penal. E uma vez que não pude conhecer sua história, ficou uma espécie de lacuna. Cássia ficou, ao menos em meu imaginário, eminentemente apenas no terreno das “possibilidades” e reforçou a complexidade do que é entender os motivos que levam essas mulheres ao ingresso na criminalidade.

¹⁰⁸Seja o tráfico ou os delitos associados ao uso, motivo majoritário de detenção de mulheres em Itajaí e em todo o país, conforme os dados já indicados.

¹⁰⁹Cássia foi denunciada e presa pelo crime de homicídio, artigo 121 do Código Penal. O acréscimo de “qualificado” teve como embasamento o § 2º, especificamente os incisos: “I - mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe; e IV - à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido” (BRASIL, Código Penal).

¹¹⁰A pena para homicídio vai de 6 meses a 20 anos. Porém, o acréscimo de qualificado estabelece a pena mínima de 12 anos e a máxima de 30.

¹¹¹“Local onde ficam os presos ameaçados ou jurados de morte, bem como os indisciplinados. Em todas as unidades prisionais brasileiras, este costuma ser o espaço de maior agressão aos direitos humanos, dadas as condições físicas do espaço de confinamento”(JOHN, 2004, p. 89).

Justamente por isso, esta tese não tem a pretensão de entender quem elas são ou o que significa estar na condição em que se encontram, mas de estar aberta às suas singularidades, à prática da alteridade¹¹² e aceitação da diferença em todos os âmbitos em que se ela se manifesta nesse contexto.¹¹³

Nem sempre foi fácil lidar com as angústias que essa realidade, que esse cenário provocam. Mesmo correndo o risco do deslumbramento pelo que o campo e o contato com os sujeitos e suas trajetórias é capaz de provocar, acredito que a consciência de que minha subjetividade esteve sempre presente e a consciência de minhas limitações como pesquisadora não constituem um problema. Ao contrário, estão em sintonia com a própria escolha do referencial teórico metodológico que norteou a pesquisa o que me permitiu, possivelmente, uma relação menos tensa e mais aberta ao diálogo em todo o processo da pesquisa.

A relação identidade/alteridade de que fala Galindo Cáceres na epígrafe que abre este texto se mostrou, a cada dia, semana, mês da realização do trabalho de campo uma convicção: eu existo pelo outro, pelo contato e pelo confronto entre nossos mundos. Acredito que minha presença e meu contato com as detentas que fazem parte dessa pesquisa também provocou algo em seus próprios mundos. Esta experiência empírica foi, portanto, um significativo espaço de aprendizado e de encontro com o Outro e, assim, comigo mesma. Ou, como define de forma muito mais poética Galindo Cáceres (1997), “[...] depois da experiência intensa da intimidade o mundo se reestrutura, é outro, o conhecimento e o sentido estão presentes como uma chama em carne viva”(p. 126).

De modo a tentar evidenciar esse processo, descrevo a seguir o itinerário da pesquisa, começando pelo olhar mais “oficial” sobre a instituição para então apresentar minhas impressões sobre campo e os relatos de vida das participantes da pesquisa buscando, no exercício complexo da representação, traçar um panorama do cenário e dos

¹¹²Alteridade aqui na entendida na perspectiva antropológica como na proposição de Laplantine (2006) “A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.” (p. 36).

¹¹³Deste modo, que fique claro que como pesquisadora, muito mais do que compreende-las, a pesquisa me levou ao encontro comigo mesma, à permanente tensão de minha própria trajetória, memórias e concepções de mundo. Então, saio muito mais transformada do que qualquer possível ideia de que eu tenha provocado ou sido agente de transformações.

sujeitos da pesquisa. Esta preocupação deve-se também ao entendimento da importância de que as pesquisas tragam o detalhamento das etapas que foram percorridas, que propiciem uma compreensão, ao menos parcial, das escolhas e do percurso traçado pelo pesquisador para chegar aos resultados, à sua análise. Aspecto esse em sintonia com a proposição de Galindo Cáceres de que “Toda a experiência do conhecimento do mundo é um exercício de produção de sentido. O caminho dessa experiência é o método; **a reflexão sobre o caminho, a metodologia**”¹¹⁴, (p. 27).

4.1 Breve olhar sobre o local da pesquisa

O Presídio Regional de Itajaí está situado à Rua Pedro José João s/n – bairro Nossa Senhora das Graças, comunidade considerada de maior carência no município de Itajaí¹¹⁵, conhecida pelo apelido pejorativo de “Matadouro”¹¹⁶.

Figura 5 – Entrada do bairro Nossa Senhora das Graças – rua que dá acesso ao Presídio



Fonte: a autora

¹¹⁴Tradução livre. Grifos meus.

¹¹⁵Com base nos indicadores do IDH – Índice de Desenvolvimento HUmano, Silva Júnior (2007) aponta o bairro como o de menor IDH do município.

¹¹⁶Referência à existência de um antigo abatedouro de porcos no local, anterior à construção do presídio, mas atualmente o termo está associado a um imaginário de violência, tráfico de drogas e relação tensa com a polícia.

Figura 6 - Vista parcial da comunidade – presença frequente da polícia



Fonte: Jornal Diário do Litoral.

Figura 7 - Vista parcial da entrada da comunidade – presença frequente da polícia



Fonte: Jornal Diário do Litoral.

Figura 8 – Vista geral da comunidade a partir da Avenida Contorno Sul, principal acesso à Itajaí pela BR 101



Fonte: a autora

Segundo Venera (2003) a primeira unidade prisional da cidade foi inaugurada, assim como em várias outras cidades do estado, na década de 1940. Tratava-se do modelo cadeia pública, em que na parte de baixo ficava a delegacia e na de cima a cadeia. Situava-se na Rua Sete de Setembro, esquina com a Avenida Joca Brandão, na região central da cidade.

Figura 9 – Planta do presídio implantado em Itajaí em 1940

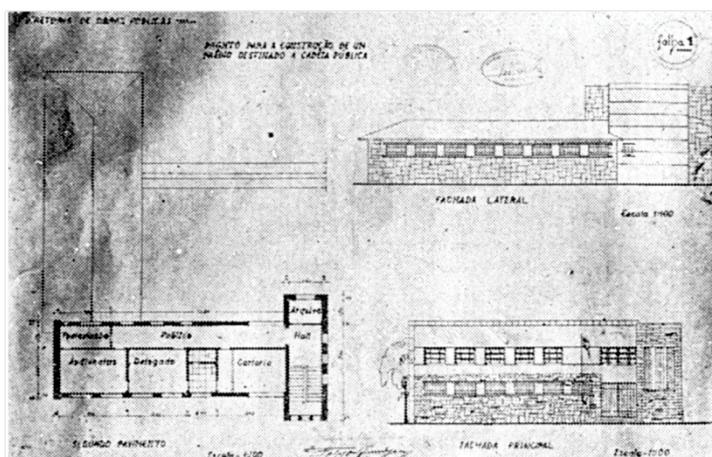


Imagem 1. Planta do Presídio de Itajaí. Jornal do Povo, Itajaí, 30 de outubro de 1940.

Fonte: Venera, 2003, p. 162

Entretanto, um efetivo espaço prisional se constituiu na cidade somente na década de 1980, mais precisamente em 1986 quando foi inaugurado o Presídio Regional de Itajaí. Como aponta Venera (2003, p. 110):

Pouco se guardou na memória de Itajaí sobre o histórico presidiário da cidade. Não se sabe se houve grandes “rebeliões ou revoltas” nos anos que se seguiram. O que se sabe é que em um outro momento histórico, 1986, o “Jornal do Povo” publicou uma página para a apresentação da nova instituição da cidade de Itajaí: o presídio localizado no bairro Nossa Senhora das Graças.

Naquela ocasião, o então mais importante jornal da cidade – o Jornal do Povo – destacava as divisões das galerias e o funcionamento da unidade. Como aponta Venera (2003) “A nova arquitetura não dispunha de delegacia de polícia na parte superior, mas de instalações de guaritas em lugares estratégicos” (p. 110). A divisão das celas e galerias foi realizada a partir dos delitos praticados:

Galeria A – Triagem (para os ainda não cadastrados)

Galeria B – Furto

Galeria C – Toxicômanos

Galeria D – Primários, menores e mulheres

Galeria E – Roubos, latrocínios e homicídios graves

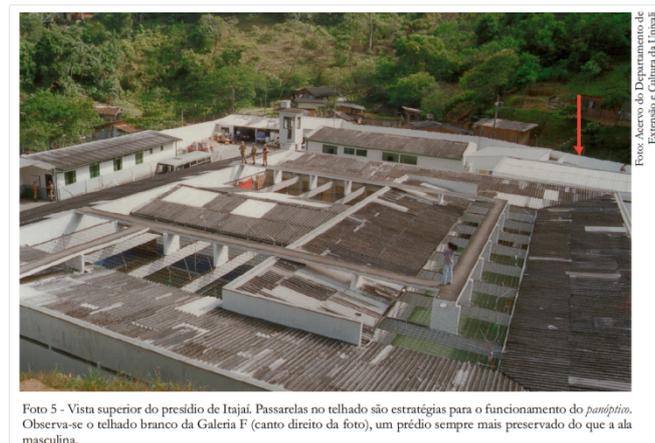
Nesse primeiro momento, as mulheres dividiam espaço com pequenos delinquentes e os menores infratores. “Parece-nos, claramente, que o estereótipo da passividade, docilidade da mulher, esteve presente nas decisões dos limites físicos do interior do novo presídio. Por diferentes motivos foi somente em 1997 que a galeria “F” foi inaugurada – exclusivamente feminina” (VENERA, 2003, p. 112).

Figura 10 – Galeria F construída em 1997



Fonte: Venera, 2003, p. 165

Figura 11 – Presídio no final da década de 1990



Fonte: Venera, 2003, p. 165

Figura 12 – Unidade atualmente



Fonte: DEAP, 2013.

Figura 13 – Vista geral da unidade atualmente



Fonte: Jornal Diário do Litoral.

Figura 14 - Entrada da unidade atualmente



Fonte: Jornal Diário do Litoral

O presídio foi inaugurado em 1986 com capacidade para 120 detentos. A superlotação, entretanto, foi um problema ao longo de toda a história da unidade. Em 2010, chegou a abrigar mais de 600 detentos, ápice da superlotação. Esta problemática foi parcialmente resolvida com a inauguração, em 2012, do Complexo Penitenciário Vale do Itajaí, localizado no bairro Canhanduba, área rural da cidade de Itajaí, com capacidade para mais de 300 detentos do sexo masculino. Há discussões quanto à construção de uma penitenciária feminina, mas até o momento, não há indicativos de início das obras.

Em 2010, a unidade contava com 105 mulheres e 339 homens. Atualmente, são 145 mulheres e 98 homens¹¹⁷, essa diferença deve-se ao fato de que a maioria dos homens foi transferida para a Penitenciária. As mulheres não estão exclusivamente na antiga galeria F. Como hoje são maioria, o pátio maior, antes destinado aos homens, agora está dividido, sem contato entre galerias masculinas e femininas. Uma ala se destina à triagem e a maior parte às mulheres que estão no regime fechado.

A galeria F passou por várias reformas, hoje abriga o berçário onde ficam as detentas grávidas e aquelas com os bebês até completarem seis meses; abriga também duas oficinas de costura e uma ala com celas destinadas exclusivamente às mulheres que trabalham nessas oficinas e em outras atividades na própria unidade, como a cozinha e a limpeza.

O estabelecimento apresenta dois regimes de reclusão¹¹⁸: O regime semi-aberto e o regime fechado, além dos detentos e detentas ainda não julgados ou em regime provisório.

Quanto à sua estrutura física, ocupa uma área de 5.214 m², dos quais aproximadamente 3.500 m² são de área construída. As celas somam um total de 67 com uma oferta de 142 vagas. Cada cela tem uma área total de nove metros quadrados, onde ficam o beliche de concreto (dois lugares), o chuveiro e o local para as necessidades

¹¹⁷Dados fornecidos pela Administração da Unidade em fevereiro de 2014, quando foi concluído o trabalho de campo.

¹¹⁸Conforme descrito no Código Penal Brasileiro, a execução ou cumprimento da pena será realizada adequando-se (conforme o delito) a três tipos de regime, que são caracterizados pelo tipo de unidade de reclusão, sendo considerado: a) Regime fechado: a execução de pena em estabelecimento de segurança máxima ou média; (no caso seriam as penitenciárias); b) Regime semi-aberto: a execução de pena em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar; c) Regime aberto: a execução da pena em casa de albergado ou estabelecimento adequado. Na prática, entretanto, esta divisão se concretiza de forma bastante distinta, sendo que um único estabelecimento prisional pode dispor de dois ou três regimes, como é o caso do presídio onde a pesquisa foi realizada. A divisão entre fechado e semi-aberto refere-se aqui, respectivamente, ao cumprimento de pena em pátio fechado, não sendo permitida a saída do detento do estabelecimento e semi-aberto para aqueles que estão fora do pátio fechado. (JOHN, 2004).

fisiológicas, além das poucas roupas e objetos pessoais dos presos (fotos, porta retratos, Bíblia, televisão, rádio, produtos de uso pessoal, etc).

O antigo pátio masculino, hoje dividido com a ala de triagem feminina e a principal galeria para as mulheres em regime fechado, possui três galerias, somando uma área total de 1.200 m², onde estão incluídas a carceragem, o parlatório¹¹⁹ e a cozinha. A ala antigo ala feminina (galeria F) e o seguro somam juntos 520 m². Ao redor destes pátios ficam a Administração do presídio, com 165 m², a regalia, a oficina de costura das mulheres (28 m²), o ambulatório (17,5 m²) e a garagem (116 m²), além da portaria e do Posto da Polícia Militar.

A rotina de segurança inclui, obviamente, antes do ingresso a qualquer outra parte do presídio, a passagem pela revista na portaria, situação essa que gera muitos constrangimentos aos familiares dos presos, constrangimentos pelos quais jamais tive que passar¹²⁰. Bastava entregar minha identidade para as agentes prisionais da portaria, assinar o livro ponto com a rotina de entrada e saída em que minha entrada já estava registrada no dia anterior pelo chefe da segurança; entregar celular, relógio, chaves e qualquer outro objeto que não fosse a caneta transparente e o bloco sem pauta e passar pelo detector de metal, que sempre acabava acionado pelo gravador, o que não gerava nenhum problema, já que seu uso estava autorizado pelo diretor.

4.2 Mundos que se cruzam - a realização do campo

Como aponta Galindo Cáceres (1997, p. 26) “O marco da experiência é o trabalho de campo que guia o processo de investigação como uma vivência de exploração

¹¹⁹O parlatório, que é a sala onde os presos conversam com os advogados, cada um de um lado da grade, no presídio estudado fica ao lado da salinha de aula e da cozinha, no pátio masculino. Não há parlatório no pátio feminino nem no seguro (JOHN, 2004).

¹²⁰Os constrangimentos a que me refiro estão relacionados, sobretudo, à necessidade de ficar nu e ser revistado inclusive nas partes íntimas, situação esta que acaba sendo necessária para a segurança do local já que muitas vezes nesta e em outras unidades prisionais por todo país foram encontrados telefones móveis e outros objetos, sobretudo drogas nas “partes íntimas” dos visitantes. Em uma das conversas com o juiz responsável pela 1a. Vara de Execução Penal de Itajaí, Pedro Walicoski Carvalho, este me mostrou um vídeo que exibia um pacote com mais de 30 “balas” (ecstasy) levado pelo mãe de um detento à Penitenciária da Canhanduba e que estava introduzido em seu ânus. O vídeo me foi mostrado para que, segundo ele, eu pudesse compreender o porque de a revista não poder ser dispensada. Ele reforça, entretanto, o caráter violador de direitos humanos dessa situação e diz que isso podia ser evitado com detectores em raio X, como os disponíveis nos aeroportos, medida que está sendo adotada para a Penitenciária, com prevenção de instalação ainda em 2014.

constante.”¹²¹De modo a buscar a melhor aproximação e compreensão do cenário, do cotidiano e das próprias entrevistadas, a realização do campo estendeu-se por 18 meses. Teve início, oficialmente, em setembro de 2012 quando foi solicitada a autorização da direção do Presídio para a realização da pesquisa. O tempo longo de duração foi uma opção minha. Primeiro, uma etapa maior de convivio ainda sem contato com as detentas, depois, progressivamente, a realização das entrevistas. A opção por um período mais longo de contato esteve em sintonia com a proposição teórico metodológica adotada. Esse procedimento enfatizou “[...] a possibilidade de entrar em contato – o contato requer certa duração -, nesse tempo o indivíduo se move e permanece quieto, atua e observa”. Sobre o efeito desse processo, Galindo Cáceres aponta que:

Todo o ambiente lhe afeta e por sua vez, também é afetado por ele. O fragmento de mundo com o qual entrou em contato vai fazendo parte de si pouco a pouco, e sua presença vai sendo assimilada no meio em um ritmo diferente e pertinente. O indivíduo é modificado ao mesmo tempo que algo redefine as relações entre interior e exterior. Depois desta experiência nada mais é igual, o sujeito [pesquisador] está em contato com o objeto, tem certa memória do que ocorreu, certa certeza do processo, certa referencia ao que era antes e o que é agora. (p. 27)

No intervalo de setembro a dezembro de 2012 foram feitas visitas quinzenais à unidade de modo a me familiarizar com o ambiente, com a equipe administrativa e os agentes penitenciários e compreender um pouco mais a rotina e o cotidiano atual na unidade. Este momento é caracterizado por Galindo Cáceres como a primeira etapa da pesquisa – a da exploração. Neste momento, o pesquisador “[...] tem certa margem de conhecimento sobre si mesmo, sobre seu meio, sobre os outros sujeitos e sobre os outros meios. Seu comportamento como pesquisador depende desse marco de identidade e alteridade. É um momento de duplo reconhecimento, tanto do pesquisador em relação ao contexto da pesquisa quando deste e seus sujeitos para com o pesquisador, por isso, “[...] durante a exploração o sujeito se funde em parte com o objeto.” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 28)

Além do desafio da alteridade, de compreender esse outro e o mundo onde vive, havia também a questão das especificidades do próprio campo, a rotina de segurança, a lógica de funcionamento do ambiente prisional, os horários a serem cumpridos, os protocolos a serem seguidos. Esse protocolo envolveu, por exemplo, que ao longo desses

¹²¹Tradução livre.

18 meses eu tenha visitado a Unidade no período vespertino em apenas duas ocasiões. A tarde é o horário das visitas dos familiares e, embora não fosse impossível estar no local, consideramos que minha presença interferiria menos na rotina se minhas visitas ocorressem sempre no período matutino.

Em todas as ocasiões, minha chegada ao presídio¹²² se deu sempre por volta das 9h.¹²³ A televisão está presente já na portaria. Ao chegar, o aparelho já estava sintonizado no programa da Ana Maria Braga¹²⁴. O tempo de espera foi sempre calculado com base nos programas da TV e no velho relógio posicionado acima da porta. Como eu era impedida de entrar com algo mais que não fosse um bloco com páginas em branco, uma caneta transparente e o gravador, optei sempre por não levar nenhum acessório, como relógio, bolsa, ou celular. Na portaria, ficavam sempre minha chave de casa e minha identidade.

Quando Fátima Bernardes¹²⁵ iniciava seu programa por volta das 10h45, 15 ou 20 minutos depois já estava na hora de eu me retirar da Unidade, de modo a não interferir, atrapalhar o menos possível o horário da entrada do almoço nos pavilhões. Em outros tempos¹²⁶, o almoço entrava em grandes panelões, não muito convidativos em termos de limpeza e da qualidade da refeição. Hoje, ele entra em marmitas individuais, organizadas, cheirosas e convidativas ao paladar.

Não que alguma vez eu tenha feito as entrevistas no pátio fechado, mas minha presença mobilizava e alterava a rotina dos agentes prisionais, tanto na retirada de minhas

¹²²As impressões sobre o campo começam bem antes de adentrar aos portões do Presídio. O bairro onde a Unidade está localizada é, como apontado, um dos mais carentes de Itajaí no que se refere à estrutura socioeconômica e o trajeto até o presídio, que corta praticamente toda a comunidade o qual fiz sempre a pé, acaba sendo sempre um momento de questionamento quanto aos valores sociais e as desigualdades ali tão inerente e tão escancaradas. Desta forma, o trajeto até o presídio foi sempre algo perturbador, não apenas pela pobreza da comunidade ao redor mas, principalmente, porque depois de um tempo eu mesma já estava “acostumada com a paisagem”, ou seja, com o passar do tempo nós nos acostumamos a essa “paisagem” de nossa realidade social e ela já não nos causa a mesma indignação.

¹²³Meu horário de entrada ficou acertado sempre para às 9h da manhã porque como a equipe da administração chega à unidade entre 8h e 8h30, consideramos que 9h seria um bom horário para inferir o menos possível na rotina do presídio.

¹²⁴Referência ao programa de variedades “Mais Você” exibido pela Rede Globo de segunda a sexta-feira no horário das 8h30 às 10h.

¹²⁵Referência ao programa de entrevistas “Encontro com Fátima Bernardes” exibido pela Rede Globo de segunda a sexta-feira desde 2012 no horário das 10h45 às 12h.

¹²⁶Referência às experiências anteriores na unidade, como quando da realização da dissertação de mestrado (John, 2004) no intervalo entre 2002 e 2004 e do contato anterior à própria realização daquela pesquisa.

entrevistadas quanto no aguardo para que a entrevista se realizasse. De um modo geral, porém, pude fazer as entrevistas num relativo ambiente de privacidade, à exceção das duas vezes em que fiz a conversa com a detenta na sala da administração, mais precisamente, no cantinho do depósito de materiais.

Ao longo desses 18 meses, o tempo de 25 minutos feito a pé de minha casa até a unidade foi sempre um momento de introspecção e reflexão, uma espécie de ritual para adentrar ao cotidiano carregado e opressivo de um ambiente carcerário, mas também repleto de planos, promessas, expectativas, de histórias de vida e de inúmeros “mundos possíveis”. Mesmo com o histórico anterior de convívio e o longo tempo de duração desta pesquisa, esse trajeto nunca foi mais leve, nem menos indagador, não por medo do ambiente, que fique claro, mas pelo medo permanente de não fazer por merecer que essas mulheres me abrissem suas histórias, suas almas, num momento tão complexo e emblemático de suas vidas. Assim como espero não ter pisado nas cabeças dos autores em cujos ombros me apoiei, como define a epígrafe que escolhi para esta tese, espero ter conseguido fazer jus às narrativas que comigo compartilharam.

O campo foi concluído em fevereiro de 2014. Dele, como dito, saí muito mais transformada do que transformei e com a dura missão de ter que reportar experiências, relatos de vida, em um texto; com a dura tarefa de ter que narrar o que na maioria das vezes, foi tão complexo de ouvir e de sentir.

Ao longo de todo o período adotei, justamente para a tarefa posterior da descrição, o uso do diário de campo convertido em termos práticos em um bloco com folhas brancas, sem linhas, nem marcas ou identidade visual, solicitação da própria unidade. Na verdade foram pelo menos oito blocos, dada a necessidade de sua singularidade visual e cada um deles foi sendo “recortado” ao fim de cada visita ao presídio, já na ida seguinte somente folhas em branco seriam admitidas.

O uso do diário de campo ocorreu para preservar a riqueza de detalhes que apenas a memória não dá conta de guardar. No período em que apenas observei, o registro era imediato, as horas que passei na unidade se dividiam entre olhar, ouvir e anotar. No período da realização das entrevistas, a tarefa do diário ficou mais complexa. A entrevista era um momento de diálogo, não havia anotações, sempre olhos nos olhos. As anotações eram feitas no caminho de volta, nos 25 minutos de trajeto a pé do presídio à minha casa e no meu ambiente de moradia.

O registro não se deu apenas pelo uso da escrita. Como aponta Galindo Cáceres (1997) “Todo o ocorrido nesta primeira fase [da exploração] se transforma em memória, registro sistematizado por diversas formas de texto”¹²⁷ (p. 28). O gravador foi também uma forma de registro. Quando as palavras escritas não deram conta de registrar as impressões, observações e situações com as quais me deparei, fiz uso da palavra falada. Essa preocupação também se norteia pela inspiração etnográfica proposta pela “Metodologia de los Mundos Posibles”. Como explicado no capítulo anterior, não fiz uma efetiva etnografia, mas busquei inspiração em sua forma de conduta. O registro detalhado, inclusive com meus juízos e impressões anotados, insere-se na perspectiva de fazer o mergulho na cultura do outro, inspirada portanto no ofício do Antropólogo. Como explica La Pastina (2006) “Etnógrafos entram em uma cultura para recontar as vidas das pessoas com quem interagem, para narrar os rituais e as tradições destas, e para compreender e explicar suas práticas culturais” (p. 28). A descrição detalhada é fundamental para auxiliar o pesquisador a construir um entendimento (ou ao menos de organiza-lo) sobre os cenários e sujeitos da pesquisa.

Nesse contexto, a tarefa seguinte foi a mais árdua, a da descrição, conforme definida por Galindo Cáceres. Árdua porque “Na descrição o sujeito [pesquisador] volta a se separar do objeto de forma relativa, na forma da linguagem categorial e lógica”¹²⁸ (p. 29) da escrita. Como explica o autor:

Na descrição a dimensão de representação se amplia, a subjetividade se põe à disposição deste trabalho de desenho formal de um modelo icônico do objeto configurado. O objeto é, a partir desse momento, a representação configurada, de fato, é a partir desse momento que tem existência como um objeto de conhecimento linguístico.¹²⁹(p. 29)

Para que o processo da descrição, da realização da pesquisa como um todo se concretizasse, a principal etapa foi, obviamente, a realização das entrevistas. Como explica Grisa (2003), uma das etapas mais complexas nos procedimentos envolvendo a história de vida é a definição do número de participantes da pesquisa. Apoiado nas ideias de Bertaux (1993), Grisa destaca que “não há como definir previamente um número ideal de histórias a serem coletas”. Porém, em função do contexto onde a pesquisa foi realizada, por

¹²⁷Tradução livre.

¹²⁸Tradução livre.

¹²⁹Tradução livre.

solicitação da própria Unidade prisional quando do contato para autorização da pesquisa, foi necessário “quebrar” essa proposição e estabelecer à priori o número de participantes.

Assim, foi acordado com a administração que seriam entrevistadas 10 detentas, num primeiro momento definidas por meio de um recorte por idade estabelecido a partir do perfil das mulheres detentas no Brasil. Não se tratou de uma definição estatística ou um recorte quantitativo, ao contrário, o método adotado é o qualitativo¹³⁰, porém, como foi exigido já no primeiro contato a quantidade exata de entrevistadas e algum perfil que norteasse a escolha das participantes, essa opção por faixa etária foi uma tentativa de contemplar a diversidade que caracteriza as detentas da Unidade.

Desse modo, a seleção das mulheres participantes ficou, a princípio, assim definida: 64% das detentas no país têm entre 18 e 34 anos – então seriam entrevistadas 6 (seis) mulheres nessa faixa etária; 16% têm entre 35 e 44 anos, nessa faixa etária seriam entrevistadas duas mulheres; 9% têm entre 46 e 60 anos - seriam entrevistadas 2 (duas) detentas nessa faixa etária; e 1% tem mais de 60 anos. Desta última faixa estabeleci que não faria nenhuma entrevista uma vez que não há no Presídio de Itajaí mulheres com mais de 60 anos; inicialmente optei por incluir duas detentas na faixa de 45 a 60, sendo uma de 45 a 50 e outra acima de 50 anos.

No decorrer do processo, além da faixa etária fui sugerindo outras “características”, a principal delas a diversidade de regimes e tempos de permanência na condição prisional, ou seja, mulheres que estavam há mais de um ano, que acabaram de ingressar, que estavam prestes a sair. Mulheres em regime fechado e mulheres em regime semi aberto, bem como mulheres ainda não condenadas e que estavam, portanto, vivendo a angústia de aguardar pela definição de suas penas e/ou eventual liberdade. Solicitei também que houvesse diversidade de crimes praticados, única solicitação não atendida, não necessariamente de modo intencional pela Administração: mais de 90% delas estão presas por crime de tráfico e seus artigos associados. Assim, apenas uma das entrevistas – Cassia – não havia sido

¹³⁰ Não fiz uma exposição sobre método qualitativo no capítulo anterior porque entendo que essas definições estão implícitas nas escolhas realizadas, quais sejam, a metodologia dos mundos possíveis e suas etapas/instrumentos: observação etnográfica, entrevistas a partir da técnica da história de vida, análise a partir do conceito de representação. Entretanto, apenas para que fique reforçada essa perspectiva, a pesquisa se define como qualitativa entendida, como propõe Orozco (2012) ao afirmar que “[...] os estudos qualitativos tendem a buscar as causas dos fenômenos na profundidade das interpretações que os sujeitos fazem sobre aqueles [...]”. Diferentemente as pesquisas quantitativas que “[...] trabalham com universos muito grandes (sobre os quais adotam amostras representativas como critérios de validação) [...]”, as pesquisas qualitativas adotam uma quantidade de “[...] sujeitos ou materiais as vezes muito pequenos (abrindo mão, muitas vezes, da chamada ‘saturação de uma amostra’) [...]” (p. 30). Por esse mesma razão, Orozco (2012) aponta que podemos chamar as metodologias qualitativas de “metodologias interpretativas”. (p. 31, tradução livre).

enquadrada nesses crimes. Possivelmente também porque, como a escolha não era diretamente minha, só foi permitido o contato com mulheres consideradas de “bom comportamento”, ou seja, que eram em alguma medida da confiança da instituição. Por duas vezes reiterei o pedido de conversar com ao menos uma mulher com nível de escolaridade mais elevado e que tivesse praticado outro tipo de crime, aspecto não atendido.

Desse modo, a partir das limitações impostas pelo ambiente, foram entrevistadas nove mulheres, das quais, como dito, oito fazem parte efetivamente da pesquisa. Elas foram sempre tratadas pelo primeiro nome, inclusive no texto da tese, este último aspecto por solicitação delas mesmas. Inicialmente, minha intenção era usar para cada uma delas um “nome fantasia”, que elas mesmas escolheriam, de modo a lhes garantir o anonimato conforme recomendam as orientações éticas brasileiras para a pesquisa com seres humanos. Elas, porém, se recusaram veementemente a adotar outro nome que não fosse o seu e fizeram questão de pedir que eu utilizasse seus nomes da tese. Fiz então a opção por usar apenas o primeiro nome. As oito mulheres então que fazem parte dessa pesquisa são, por ordem etária (e um breve perfil), as seguintes:

- Bianca, 19 anos, natural de Itajaí. Primeira passagem pela prisão, enquadrada no artigo 33, estava no período da triagem, ou seja, quando a conheci estava a apenas 32 dias na unidade. Ainda não tinha sido julgada.

- July, 23 anos, condenada a quatro anos de prisão pelo artigo 33. Já tinha cumprido 1/3 da pena e acabara de receber o benefício do regime semi aberto. Trabalha na cozinha, no espaço chamado de “regalia”.

- Indianara, 25 anos, segunda passagem pelo presídio, artigos 31 e 33. Regime fechado, trabalha em uma das oficinas de costura da Unidade. Previsão de regime semi aberto para o segundo semestre de 2014. Nesta segunda passagem, está presa há mais de dois anos.

- Daniela, 28 anos, primeira passagem pelo presídio, artigo 33. Regime fechado, não tem ocupação de trabalho no presídio. Pena de oito anos dos quais já cumpriu quatro, ainda sem previsão de regime semi aberto.

- Silvana, 33 anos, segunda passagem pelo presídio. Fugitiva, cumpre pena apenas se entregar voluntariamente para concluir sua pena. Artigos 31 e 33, regime fechado, desenvolve trabalho de limpeza na cozinha e área administrativa. Está no presídio, nesta

segunda passagem, há 1 ano e 4 meses. Previsão de conquistar o benefício do semi aberto ainda no primeiro semestre de 2014.

- Eliane, 35 anos, primeira passagem, foi transferida do presídio de Blumenau para Itajaí por motivo de segurança uma vez que atuou naquela unidade como agente. Presa pelo artigo 31, ainda aguardava julgamento, estava presa há 68 dias.

- Sueli, 48 anos, primeira passagem, condenada a seis anos de reclusão pelos artigos 31 e 33. Estava na unidade há três anos e sete meses. Ganhou em 2013 o benefício do regime semi aberto, que lhe possibilita ficar sete dias em casa, quatro vezes ao ano. Não retornou após a terceira saída. Tinha previsão de regime condicional (aberto) em abril de 2014. Não tinha ocupação de trabalho no presídio.

- Teresinha, 54 anos, primeira passagem, condenada a quatro anos oito meses pelo artigo 33. Está na unidade há três anos e 10 meses. Ganhou o direito ao regime semi aberto em 2013, fez uso de todas as quatro saídas e aguarda, ainda para o primeiro semestre de 2014, o direito de cumprir o restante da pena em regime condicional (aberto). Trabalha na cozinha da unidade.

4.3 – Mundos da memória – as participantes e seus relatos de vida

[...] é possível achar toda a filosofia moral numa vida popular e privada tanto quanto numa vida feita de matéria mais rica: cada homem [e cada mulher] leva em si a forma inteira da condição humana.

(Michel de Montaigne)

A perspectiva que conduziu a realização das entrevistas - e também de sua análise – foi, como dito, a história de vida. Nenhuma dessas entrevistas seguiu um roteiro estruturado ou semi estruturado, o que se buscou foi sempre o diálogo, uma conversa com vistas a compreender suas trajetórias e sua relação com a telenovela. É importante destacar que a temática da televisão e da telenovela só foi abordada quando apareceu espontaneamente em suas narrativas. Ou seja, não houve uma entrevista “temática” para discutir especificamente esses aspectos. Quando elas mencionaram, partir de suas memórias ou na referência ao seu cotidiano na prisão, esses aspectos foram então discutidos, aprofundados. Todas elas falam da TV e da telenovela sobretudo quando contam sua rotina, seu dia a dia no presídio e foi nessas ocasiões que primeiro se deixou

livre para que falassem sobre a novela e depois foram feitos questionamentos de modo a aprofundar a conversa sobre isso. A idéia foi sempre manter um clima de conversa, de dialogo e o conteúdo da telenovela ia surgindo, espontaneamente, no mais como acontece corriqueiramente em nossa vida cotidiana, quando vamos comentar o que vimos, lemos e ouvimos. Quando “compartilhamos narrativas”.

Busquei sempre seguir as recomendações apontadas por Paul Thompson quanto a como deve ser a conduta do entrevistador na prática da história oral, nesse caso, história de vida. Conforme o autor, ele deve demonstrar “interesse e respeito pelos outros e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e ouvir.” (Thompson, 1992, p. 254)

Inicialmente, pensei em adotar ao menos uma das entrevistas nos moldes do que define Grisa (2003) como sendo uma entrevista temática, ou seja, que abordaria especificamente a relação com a TV e, particularmente, com a telenovela. Ao longo do processo, fui percebendo, como dito, que não havia necessidade desse momento específico, a televisão e a telenovela foram surgindo espontaneamente em suas falas, sem que houvesse necessidade de uma série de questões específicas. Claro que quando o tema apareceu, ele foi explorado por questões complementares, nesse sentido relacionados à proposta de Grisa, mas diferente do autor, não houve um momento específico ou exclusivo para tal, ela permeou todos os momentos de entrevistas em todos os encontros realizados com cada uma das participantes.

Os locais para a realização da entrevista foram sempre determinados pela direção do Presídio, não houve possibilidade de serem realizadas nas celas ou nos locais de trabalho daquelas que dispõem dessa atividade (como cozinha, oficina de ou as atividades de limpeza da unidade, todas executadas por mulheres). Esse aspecto impôs limitações à observação mais detalhada do cotidiano das participantes. Foi possível conhecer os locais, mas não fazer contato com elas durante essas “visitas”. As entrevistas foram todas gravadas em áudio com uso de gravador digital (sempre com autorização delas e da direção) de modo a preservar integralmente os discursos.

Foram adotados, para a realização da pesquisa, os procedimentos éticos recomendados pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que rege a realização de pesquisas envolvendo seres humanos. Um dos procedimentos foi a adoção de um termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice B) que garante o anonimato das participantes

bem como o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento e que a pesquisa não lhes acarretaria nenhum ônus ou bônus. A execução da pesquisa passou pelo conhecimento, análise e aprovação do Comitê de Ética da UFRGS, respeitando o procedimento obrigatório de cadastro e autorização do estudo via Plataforma Brasil.

Durante a realização das entrevistas, como preconiza a própria técnica adotada, a conduta foi sempre norteada pela perspectiva da alteridade, do respeito ao outro. Além disso, as recomendações atribuídas ao uso da história de vida – e da história oral de um modo geral – foram norteadoras da execução da técnica. Aspectos como: não interromper o entrevistado; respeitar aos momentos de silêncio e esquecimento.

No processo de transcrição, no registro das falas pouco claras foi utilizado o recurso dos colchetes; Nos casos de dúvidas, silêncios e hesitações fez-se o uso das reticências; Risos foram identificados entre parênteses; e para as palavras e frases com forte entonação ou emoção fez-se o uso do negrito.

A tarefa mais complexa foi, justamente, a de significação, última etapa da proposição da metodologia dos mundos possíveis de Galindo Cáceres (1997). Neste processo, além da relação de suas narrativas com o objeto eleito, destacado no capítulo cinco, foi necessária a tentativa de apresentá-las, tarefa que gerou várias dúvidas, ansiedades e inseguranças.

Grisa (2003) em sua pesquisa sobre mulheres e suas biografias radiofônicas, único estudo de recepção localizado a fazer uso da Metodologia dos Mundos Possíveis de Galindo Cáceres, desenvolve um texto para apresentar suas entrevistadas que poderia ser classificado como gênero crônica, em que mescla relatos das próprias participantes a partir da narrativa trazida pelo autor. Sobre sua escolha na forma de apresentar as narrativas, o autor explica que:

Em seu aspecto formal, a narrativa produzida acabou por ter origem em um conflito inerente à própria metodologia empregada: a linguagem coloquial e a visão empírica do mundo X a linguagem acadêmica e a visão conceitual do mundo. Como integra-las, sem contradições, em um mesmo texto? [...] Optou-se, então, valorizando ainda mais a proposta de aproximar realidade e teoria, por modificar a construção da narrativa. Incorporou-se ao texto as lembranças, os fatos cotidianos, as visões, as teorias e os posicionamentos dos colaboradores em uma linguagem às vezes literal, às vezes não, *proveniente dos próprios colaboradores*. Longe de uma ‘naturalização’ das narrativas, pois existe uma análise e interpretação subjacentes, acredita-se ter tornado visível um discurso muitas vezes esclarecedor por si só (p. 54)

Essa perspectiva serviu como inspiração para o relato das histórias de vida que trago a seguir. É importante ressaltar, portanto, que as narrativas a seguir, os relatos de vida que tento fazer das detentas participantes da pesquisa são a minha narrativa sobre suas trajetórias trazidas à tona por seus discursos durante a entrevista. Não tem a pretensão de ser “a” história de cada uma delas, mas dentro da própria perspectiva teórico-metodológica que regeu toda a realização desta pesquisa, “uma” história, um mundo possível”... Neste sentido, também se articula à concepção de pesquisa do método da história oral, e da perspectiva do processo de mimesis da escrita da narrativa história como aponta Paul Ricoeur, um texto que sempre envolve algum processo de ficção, no sentido de não ser possível reconstruir os acontecimentos, mas representá-los, passando, portanto, por minha interpretação.

Neste sentido, tal como a historiadora Raquel Venera, que estudou mulheres detentas do Presídio de Itajaí na década de 1990, a forma como essas narrativas aparecem a seguir e mesmo no capítulo 5, está mediada por minha conduta e meu olhar durante toda a pesquisa. Como a autora, em cada entrevista

[...] procurei perceber na entrevistada os gestos, as falas, as expressões...como um cronista que narra os acontecimentos independente de seu tamanho, levando em consideração que tudo o que aconteceu um dia pertence à história... Um sorriso, uma lágrima, um tom mais alto na voz, tudo fazia parte daquela história contada. [...] Este é o momento em que o narrador é o entrevistado, é ela/e quem está fazendo o exercício de cortar imagens e colocá-las em sequência para o entrevistador dar a elas um movimento e uma duração concreta. Não foram trabalhadas como verdade, obviamente. **Entendi cada uma delas como uma memória em construção – o que foi possível e suportável para cada uma perceber e guardar de suas experiências.**¹³¹ (VENERA, 2003, p. 14)

A ordem de apresentação é a mesma do breve resumo apontado anteriormente. Ou seja, ordem cronológica de idade, começando por Bianca, a mais jovem das entrevistadas e terminando com Dona Teresinha, a mais velha. Os entretítulos são uma tentativa de defini-las a partir das características mais emblemáticas de suas narrativas ou de alguma fala delas mesmas, que tenha sido marcante.

¹³¹Grifos meus.

4.3.1 Vale de lágrimas

Ela tem 19 anos, mas a primeira vista não parece ter mais do que 14. As feições delicadas, os traços bonitos e juvenis levam ao inevitável pensamento: “o que essa menina está fazendo aqui?”. Segundo ela, foi a falta de liberdade em casa, o desejo de poder ir onde quisesse...

Bastam cinco minutos de conversa para o choro convulsivo tomar conta de Bianca. Ela ainda não processou muito bem o momento que está vivendo. A administração do presídio tenta aliviar um pouco a situação mantendo Bianca separada, num espaço com não tantas detentas, ao menos nesse período inicial pra ver se ela consegue lidar melhor com o fato de estar presa. Ela considera que isso ajudou. “Quando eu cheguei aqui eu fiquei bem assustada, com as pessoas, com as grades, com tudo. Mas agora eu to me acostumando. No lugar que eu to agora as paredes são mais bonitas, é mais aberto.

O motivo da prisão é o mesmo da imensa maioria das mulheres detentas: tráfico e associações. O contexto também é bastante familiar: o companheiro vendia drogas. Bianca saiu de casa aos 16 anos, sentia-se “presa”, “sufocada”, e achou que teria uma vida melhor morando com o namorado de infância. A vida doméstica não se revelou tão “cor de rosa”. Logo vieram as cenas de ciúme, as agressões... Até Bianca decidir encerrar essa história. Decidiu morar com a avó materna porque não se conformava que a mãe tinha deixado o bairro Fazenda, onde ela passou a infância da qual diz sentir falta, principalmente de brincar na rua e com suas “bonequinhas”, mas principalmente o que sente falta é do irmão, hoje com oito anos e da “aproximação” que tinha com a mãe na infância. “A minha vó não aceitava as minhas escolhas, mas não queria que eu me afastasse, mas eu me afastei da minha mãe, então ela me ligava sempre. Me procurava, sempre tava querendo saber da minha vida, sabia da minha vida, só que não me falava... Sonhava coisas ruins comigo”.

Com o pai teve pouco contato. “Ele largou minha mãe quando eu tinha um mês”. A relação com o padrasto é “tranquila”. A saudade mesmo é da mãe, grávida de sete meses e de quem ela diz ter se afastado por terem “idéias diferentes”. Bianca queria mais liberdade para ir e vir, para sair quando e para onde quisesse. Por isso, quando deixou o antigo namorado, preferiu morar com a avó. “No bairro Fazenda que eu cresci, lá estavam todos os meus amigos”.

Um desses amigos se tornou o novo namorado, este aprovado pela mãe porque a “tratava bem”. “Estamos juntos há um ano e meio, mas a gente já conhecia faz mais de

cinco anos”. Sobre o lhe atraiu no “antigo amigo”, ela reticente, mas não deixa de estabelecer a comparação com o companheiro anterior. “A pessoa dele. A pessoa que ele é. Comparava muito com o meu ex que me tratava mal. Ele me tratou super bem”.

O namorado, de 22 anos, é o motivo de estar presa. Apesar da falta que diz sentir dele e de o tempo todo reclamar que a mãe não lhe traz notícias do rapaz, que está preso na Penitenciária da Canhanduba, ela admite. “Depois que eu conheci ele que eu comecei a fazer coisa errada. Até então eu era bem correta”.

Tudo começou com “as baladinhas”. Fumar maconha passou a ser parte da rotina. Algumas amigas se afastaram, não gostavam da “nova” Bianca. O próximo passo foi a “bala”. O uso do ecstasy se tornou comum em sua rotina. Mas só na balada, como ela faz questão de afirmar. Em casa, todos os dias, “só cigarro e maconha”.

Ela diz que era uma péssima “dona de casa”. Todos os dias faziam as refeições na casa da sogra porque ela diz não saber cozinhar. Bianca largou a escola no primeiro ano do ensino médio. Sem trabalhar, seus dias se resumiam a assistir TV, fumar e dormir, principalmente dormir. “Eu dormia quase o dia todo e a noite a gente ia pras baladas”. As baladas não eram somente diversão, eram o local do “negócio” do namorado. Ela sempre soube, mas raramente precisou ajudar.

Ao falar do dia que foi presa, o choro compulsivo retorna. Demora um pouco, atropela algumas palavras, mas conta como ocorreu: “A mulher chegou, desceu do carro, entrou no outro carro, e a polícia chegou, duas viaturas... com arma, pedindo pra descer do carro... na hora que eu fui descer ele desceu do carro e ele passou [a droga] pra mim. Passou na minha mão e disse: -Esconde! Ai eu escondi. Ai a polícia não achou nada com ele mas eu disse que tava comigo. Aí eu comecei a chorar. Bem no fim eu entreguei tudo, nervosa, com medo”.

Ela já tinha passado por situação similar, mas numa abordagem anterior da polícia tinha conseguido ficar calma e eles acabaram não sendo presos. Dessa vez, o motivo do nervosismo segundo ela é que a quantidade de drogas era bem maior. “Comecei a chorar e a polícia já percebeu que tava tudo comigo. Me puxou pelo braço, me sacudiu e falou pra mim entregar. Eu neguei no começo, mas a minha cara não dava pra negar”.

Bianca e o namorado foram presos acusados nos artigos 33 e 35. Ela ainda aguarda a audiência que vai definir sua pena. Diz que a mãe está tentando de tudo para libertá-la, mas Bianca não está muito esperançosa. “Eu vou ficar..., eu sei que vou ficar”...

Embora ainda sem saber seu futuro ela afirma que vai mudar de vida. “Depois eu vou sair eu não quero passar perto de nada que me traga pra cá de volta. Nem cigarro, nem amigos, nem maconha, nem bala, nem nada. Não quero nada que me traga pra cá de volta, nada”. Por outro lado, não consegue se conformar com a falta de notícias do namorado. Apesar da saudade que sente da mãe, que quase não consegue visitá-la por conta da gravidez, ela está chateada, diz que a mãe está mentindo que não tem notícias.

Sente falta dele, mas logo emenda. “Mas, se ele quiser ficar comigo ele vai ter que parar com tudo. Se não eu não vou mais querer. Eu não quero mais voltar pra esse lugar”.

4.3.2 A “zoiuda”

O cabelo trançado é uma espécie de marca registrada. Os fios sempre presos são uma necessidade do local onde passa 12 das 24 horas de seu dia enquanto cumpre sua pena. Jully, com dois “l” como ela faz questão de enfatizar, trabalha na cozinha do Presídio Regional de Itajaí. Além do cabelo preso, o uniforme laranja obrigatório do presídio está sempre por baixo do avental branco para evidenciar a limpeza do local onde trabalha.

Ao lado de mais três mulheres, é responsável pelas quatro refeições dos agentes prisionais e demais funcionários da unidade. Rotina que começa às 7h da manhã e só termina às 7h da noite.

Faz questão de dizer que não prepara a “comida da cadeia”, esta é preparada na cozinha ao lado, exclusivamente por detentos homens. A “cozinha das mulheres” prepara os alimentos de quem não cumpre pena. Entre os “privilégios”, o fato de poder comer o alimento que ela mesma prepara, juntamente com as colegas de cela, de trabalho e de pena...

Jully tem 23 anos, nasceu em um 4 de maio da década perdida. Desde julho de 2012, os dias se dividem assim: entre a cozinha e a cela, seis dias por semana, 12 horas para cada. Sábado é dia de folga e de visita, o dia mais esperado da semana. Dia de receber o marido, com quem é casada há oito anos e tem uma filha de sete. Engravidou aos 16 e diz que a infância com bonecas foi logo substituída por uma “boneca de verdade”.

Filha do meio de uma família de quatro filhas, nasceu em Balneário Camboriú de onde só saiu em 2012, quando foi presa, enquadrada no artigo 33 do Código Penal. Casa com marido e filha, o emprego na prefeitura da cidade foram substituídos pela rotina atual.

O texto da Lei diz que ela cometeu o ato indevido de “Importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar”. Jully define de outro modo o que lhe custou uma pena de quatro anos e dois meses: “eu fui tentar né, ganhar mais dinheiro, zólhuda né, [risos] mas daí não deu. Deus não quis assim, Deus não quis que eu fizesse coisa errada”. A menção a Deus não significa que ela, como tantos e tantas detentos e detentas ao longo de sua pena, tenha se vinculado a algum grupo religioso que desenvolve algum trabalho na cadeia. Para ela, ter Deus no coração é o suficiente. “Converso com ele, eu oro a noite antes de dormir”. Também não significa que seja contra esses mesmos grupos, é uma questão pessoal, e pronuncia a frase que a define: “Sou mais reservada”. Jully é de poucas palavras, só as necessárias e a custo de muita insistência.

O riso fácil e descontraído está sempre lá, em todas as vezes que nos encontramos, sempre um aceno e o riso característico, que ilumina o rosto jovem, com pouquíssimas marcas de expressão e que ressalta os olhos verdes, nada singular na região onde nasceu e onde vive, mas não tão comuns no ambiente prisional brasileiro, cuja imensa maioria da população detenta é afrodescendente. Jully, como a maioria de suas colegas de unidade, é branca; como a maioria delas também, não teve muito acesso à educação. Estudou até a oitava série do ensino fundamental. Depois veio a gravidez, a filha para cuidar. Quando foi presa, tinha recém começado o supletivo para o ensino médio, o que pretende retomar quando sair.

Não gosta de falar da infância. “Sei lá, minha infância foi... pode-se dizer normal”. A bem da verdade é que não gosta muito de falar. Depois de alguma insistência fala das brincadeiras preferidas: “Ah, brincar de boneca, bicicleta, aquelas bolinhas de gude”. Na lembrança a imagem de uma cidade tranquila, segunda ela, bem diferente do cenário atual. De fato, Balneário Camboriu se transformou significativamente nessas últimas duas décadas, tempo de vida de Jully. De uma cidade praiana de veraneio com tantas outras para um dos destinos turísticos mais procurados do Brasil e para o um dos metros quadrados mais caros do país. Especulação imobiliária em franca e rápida expansão, vida noturna à disposição do público sete dias por semana, entre tantos outros aspectos, transformaram a paisagem urbana e sociocultural da cidade. Mas Jully fala mais do cenário cotidiano, de poder brincar na rua e sua praticamente impossibilidade hoje diante do trânsito caótico em

que se transformou. Da possibilidade de brincar do lado de fora até tarde, até escurecer, e sua cada vez maior impossibilidade diante dos índices crescentes de violência de todos os tipos.

Mas talvez o não querer falar muito da infância venha da própria personalidade. Do fato de não ter muitos amigos na escola, de ser como ela diz, “mais reservada”, embora a certa altura se entregue ao dizer que era mais levada do que a filha. O sorriso fica mais largo quando fala da filha e fica mais descontráida. “Eu acho que eu era um pouquinho mais levada [risos]. Ela é bem quietinha, brinca, só sabe brincar. Brinca de boneca, de cozinha, de cozinhar”.

É justamente a saudade da filha o que mais “pesa na cadeia”. Desde que foi presa, nunca recebeu a visita da filha por sua própria decisão. Prefere que a filha não venha porque segunda ela ficaria “gravado na cabecinha dela né. Ela já tem seis anos, ai ela fica pensando acho, fica triste”. Por ser ré primária e não ter outros agravantes, após cumprir 1/6 da pena Jully recebeu o direito de cumprir o restante em regime semi aberto o que na prática significa que cinco vezes por ano, com intervalos de pelos menos 45 dias, ela pode ficar sete dias em casa, com a família.

As lembranças da infância e da adolescência, a pouco deixadas para trás, relacionam-se todas à mãe. Jully não fala sobre o pai. “Ele separou da minha mãe quando eu tinha um ano né. Daí eu não convivi com ele”. O tom de voz fica ainda mais baixo e os olhos ficam cheios de lágrimas quando lembra da mãe. “Ela foi pai e mãe. Ela fazia de tudo né.” A mãe trabalhava e então Jully ajudava a cuidar da irmã, seis anos mais nova que ela. Mas faz questão de dizer que não eram muitas tarefas, que elas e as irmãs iam pra escola e brincavam e apenas ajudavam a mãe. “Lavava uma loucinha...” Nunca permitiu a visita da mãe ao presídio. “Meu Deuxs [o sotaque típico do litoral se acentua] minha mãe passou mal e tudo. Foi horrível. Nunca deixei ela vir aqui. Nunca quis que ela viesse aqui, que ia ser pior”. A emoção fica mais evidente. Jully perdeu a mãe, de 57 anos, em abril de 2013, três dias antes de nos conhecermos. Evocar memórias da infância significavam lembrar da mãe, o que agora era bem mais doloroso pra ela.

Em respeito aos seus sentimentos, e à sua personalidade mais retraída, não voltamos a falar sobre esse período. Também porque para ela agora a vida se resume ao trabalho na cozinha, à contagem dos dias para a próxima saída para ficar com família e a contagem dos dias do calendário para a sua saída definitiva. Cada três dias na cozinha representam um dia a menos nesse calendário. Nas 12h que sobram, pelo menos duas são

dedicadas à televisão compartilhada com as colegas de cela. TV que por sinal é uma das lembranças de sua infância, sente saudades dos desenhos que assistia, como Tom e Jerry e Pica-Pau e das novelas da tarde. Quando criança, só via novela da tarde, tinha que dormir cedo pra ir pra escola de manhã. Na prisão, só vê a novela das nove. Depois do trabalho vem o revezamento para o banho, depois um bate-papo com as cinco colegas de trabalho e de cela e, por fim, todas juntas, no espaço de nove metros quadrados que compartilham, assistem à novela.

Em fevereiro de 2014, assim como eu, Jully se despediu do Presídio. Ganhou direito à liberdade condicional para o cumprimento do restante de sua pena. Agora vai poder fazer os bolos que tanto gosta de cozinhar exclusivamente para o marido e a filha.

4.3.3 Uma vida no crime

O tilintar do metal chega à sala antes que ela apareça. Schlep, schlep, schlep, o som das havaianas brancas, já bem desgastadas, fica mais arrastado por conta da dificuldade em se locomover com as duas argolas prateadas que envolvem seus tornozelos. Argolas idênticas adornam os pulsos que ela mantém o tempo todo abaixados, assim como os olhos.

Quando finalmente entra na sala de nove metros quadrados, o que chama a atenção são os cabelos volumosos, que batem abaixo da cintura. Os olhos se mantêm fixos no chão, como que à espera da autorização para, finalmente, poder dirigir o olhar.

A primeira impressão é de que se trata de uma moça jovem, na casa dos 20 anos. Quando finalmente levanta o rosto, sem, contudo encarar, um detalhe se destaca: o par de sobrancelhas está minuciosamente desenhado, como se acabara de ser feito. Duas linhas bem finas, levemente arqueadas, destacam os profundos olhos castanhos e denunciam o que o desbotado de uma parte considerável da raiz do cabelo já denunciara: ela não é loura de nascimento.

A certo momento da conversa, já mais relaxada ela brinca:

- São luzes californianas, e ri.

A camiseta branca e a calça de moletom cinza, bem amplas, escondem as formas femininas.

- Legging, nem pensar! Só lá dentro é permitido. Circular aqui no pátio de legging

é proibido – explicaria mais tarde.

As unhas não estão pintadas, provavelmente há muito tempo, para sua insatisfação. Esta é uma de suas metas atuais, conquistar a confiança necessária para que lhe seja permitido ter uma alicate e, finalmente, como ela diz, fazer as unhas...

Indianara tem 25 anos e há três cumpre pena por tráfico de drogas.

As lembranças da infância, vivida na favela Chico Mendes, em Florianópolis, lugar onde nasceu, estão marcadas pela ausência do pai. “Quando eu tinha seis anos meu pai largou minha mãe pra viver com outra mulher”, conta, ainda ressentida, e emenda “eu nunca mais vi ele né, daí a minha mãe passou por um período difícil, porque teve, ela teve que, ele retirou tudo dela pra dar pra outra”

Alguns anos depois, a mãe se viu obrigada a mudar para Balneário Camboriu, no litoral norte catarinense, mas não havia condições de cuidar de todos os filhos morando de favor na casa de familiares. O destino de Indianara foi a cada de uma tia. “A minha tia ela era uma, ela era mais rígida assim em tudo né, a educação dela era um pouco mais rígida, ela tentava me manter fora de coisa errada, eu até me mantive assim só que...”. A convivência com a tia durou até os 12 anos quando a tia não aguentou mais. O motivo: ciúmes do marido. Foi nessa idade que ela começou a “ganhar corpo” e a tia teve medo que o marido “tentasse alguma coisa”. “Ai ela pegou e me devolveu pra minha mãe, nessa etapa a minha mãe pegou e foi morar pra Rio do Sul, que falaram que Rio do Sul [localizada no alto Vale do Itajaí] era mais, era fácil né ter uma, uma vida mais estabilizada porque aqui era, tudo era mais caro e a minha mãe era sozinha”. Os olhos se mantêm baixos enquanto relembra desse episódio e assim, no meio da fala, relembra só ter visto o pai novamente aos 17 anos.

Para Indianara, foi em Rio do Sul que a “vida errada” teve início. O primeiro crime em que se envolveu foi um roubo com um grupo de amigos na escola onde estudava. Ainda não foi dessa vez que encarou a realidade da prisão. Ela tinha 15 anos e quem respondeu pelo processo foi sua mãe. “Eu não tinha nem perdido a virgindade ainda e eu já tava fazendo coisa errada”.

Aos 17 anos decidiu morar com um dos rapazes “do bando”, como ela define, e engravidou do primeiro filho, hoje com oito anos. A gravidez levou à reflexão sobre suas escolhas, a concluir que aquilo não era vida para uma criança. Sair “dessa vida”, porém, não foi tarefa fácil. Além das constantes agressões físicas praticadas pelo companheiro, ela era mantida trancada dentro de casa de modo a impedir que ela o deixasse. A essa altura, a

mãe tinha decidido voltar para o litoral, foi morar em Itajaí e para Indianara foi preciso passar por isso totalmente sozinha. A situação durou toda a gravidez, o nascimento do filho até ele completar 10 meses, quando Indianara finalmente conseguiu fugir do companheiro. “Quem me ajudou a fugir foi a irmã dele na verdade”.

Além das agressões, ela tinha outro temor. “Tinha um pessoal atrás dele, queriam matar ele porque tinha briga com o pessoal do bairro. Daí eu também tava com medo de um dia eles entrarem lá e eu vir a morrer porque lá é assim, porque se é mulher morre né, essa vida é assim”.

Então ela fugiu e se escondeu na casa de amigos ainda em Rio do Sul. Depois de um mês, fez contato com o ex companheiro e explicou a situação, que não era correto mantê-la em cativeiro, que ele era muito possessivo, etc, etc. “Daí ele falou, ele falava pra mim, pediu pra voltar, só que daí eu não voltei”. Um mês depois, ela recebeu a notícia de que o pai de seu filho estava morto. Ao ligar para a família dele, foi informada do que havia ocorrido em sua antiga casa. “Falaram que tinham matado ele, que daí entraram dentro da casa aonde ele morava, entraram dentro da casa e fizeram praticamente uma chacina e ele e mais três irmãos dele daí eles mataram”.

Indianara decidiu então se mudar para Itajaí e foi, com o filho de quase um ano, morar com a mãe. O ingresso efetivo no “mundo do crime” ocorreu na nova cidade, por intermédio do novo companheiro de sua mãe. “A minha mãe se relacionou na verdade com um homem que ele era dessa vida, no começo minha mãe até não sabia né, porque a gente tinha mal chegado na cidade né, daí a minha mãe se relacionou com um homem que ele vendia droga”. O cenário não foi muito diferente do que ela já tinha presenciado na infância. “Eu, na verdade eu vivia no meio disso, porque eu morava na Chico Mendes, lá na favela Chico Mendes é droga, é roubo. Eu sabia na verdade mais ou menos como é que se deveria fazer, só que, eu nunca tinha chegado a pegar, só só roubava mesmo”.

Sobre seu ingresso efetivo “nessa vida”, ela faz questão de detalhar: “Meu padrasto, que ele mexia com muita, mexia com droga assim né, daí eu comecei a olhar e eu falei assim: Vou fazer também né. Ai ele pegou, ele conseguiu a pessoa pra trazer, mas só que no começo eu comecei mesmo a roubar”. A relação com a polícia logo se tornou comum em sua rotina. “A primeira vez que eu fui abordada aqui em Itajaí eu comecei a ser conhecida pela polícia, que daí roubei umas moto e coloquei atrás da minha casa, só que daí me entregaram né. A polícia veio no outro dia, a polícia nos agrediu né, gostaria de saber quem que foi lá roubar as motos, só que daí eu falei que eu mesma que tinha ido lá

buscar. Ai eu fui abordada, daí a minha mãe foi lá na delegacia me retirar, tanto que eu apanhei lá na delegacia e tudo”. Ela não esconde o ressentimento e atribui parte da culpa à mãe. “Ela não aceitava aquela situação né, só que eu falei pra ela que eu tava me envolvendo mais com aquilo porque ela colocou uma pessoa dentro de casa que também fazia aquela situação né. Mas logo emenda e justifica as ações da mãe. “Só que ela gostava dele né, ela sabia que ele fazia coisa errada só que ela gostava dele, só que ela não queria aquilo pra gente”.

Nessa época, ela tinha dois trabalhos: um oficial, durante o dia, numa empresa que oferece cursos de informática e qualificação profissional, localizada no centro da cidade; a noite, a outra ocupação. “Durante a noite eu ia vender droga né, daí eu pegava, ou eu pegava dava pra alguém vender”

Essa prática seguiu até ser presa pela primeira vez. Antes disso, porém, ela de certo modo assumiu o “negócio” da família. Com a prisão da mãe e do padrasto, ela tomou a frente do processo. Ela reconta, passo a passo, como isso ocorreu: “Fizeram uma abordagem na casa da minha mãe por causa do meu padrasto que ele era muito conhecido. Daí eu comecei a ficar sendo conhecida também né por andar de noite na boca. Daí abordaram a casa dela, ai prenderam ela e ele né. Porque a minha mãe resolveu assumir, porque ela era primaria, e como ele era reincidente já tinha passado por aqui, ela resolveu assumir porque se ela assumisse ele iria embora. Ai eu fui na delegacia, até eu não pensei em nada, eu fui na delegacia com droga dentro do bolso tudo, só que eu queria ir lá falar pra ela que não adiantava ela fazer aquilo né, daí eu discuti com ela, ai eu falei pro delegado que a culpa toda era dele. A culpa toda era dele, porque ele colocou a minha mãe aqui. Ai nós discutimos lá dentro, discutimos com ele um monte, ai eu já falei pra ele que ele sabia que a minha mãe tava aqui dentro por causa dele, que era, na verdade era pra mim ta, ai eu cheguei pro delegado e falei: Não, eu que esqueci a droga na casa da minha mãe. – E o delegado: Nem adianta, ela já assumiu. O que eu posso fazer né, ela jê deu o depoimento, daí ela veio pra cá, ela, a minha mãe veio pra cá”. Ao reconstruir esse acontecimento, ela demonstra o sofrimento ao lembrar o período que sua mãe passou no presídio. Sua narrativa acaba por misturar os tempos, esse já vivido e o atual, como quando diz “ela veio pra cá”...

Foi para tirar a mãe da prisão que ela diz ter assumido os “negócios”. Começou a buscar a drogas para vender. Expandiu a atuação até Balneário Camboriu onde recebeu a dica de que na fronteira com o Paraguai a droga era mais barata. E partiu rumo ao Paraguai

várias vezes para melhor o “negócio”. Foi esse “movimento todo” que levou a polícia até ela. Aos 19 anos ela foi então presa pela primeira vez.

“Era um dia 13, era sexta-feira 13, [risos] é o dia do azar. Eu tinha acabado de entregar droga pro rapaz, só que eu tava com a minha bolsa cheia de dinheiro e ainda tinha droga ainda pra entregar e tava, tinha acabado de deixar umas arma também na casa dele, só tava com as munições, só que me entregaram falando que eu tava... ligaram e falaram né, ta com droga, ta com arma aqui. Que na verdade passaram e viram né. Só que eu queria ir atrás de uma rapaz, que ele tava devendo pro meu padrasto e eu precisava, e eu tava agoniada precisando daquele dinheiro porque eu na verdade todo o dia, eu queria trazer coisa pra minha mãe, toda semana. Daí eu queria ir atrás do guri porque eu queria o dinheiro, aí eu acho que o guri ficou apavorado e achou que eu ia matar ele e ligou. Aí eu ameacei o guri com a arma, falei que eu ia matar ele, que era pra ele dar um jeito de arrumar o dinheiro porque, ele tinha até o outro dia até as dez horas da manhã, se não... Aí eu deixei a arma lá e fui pra ...”

Dois policiais fizeram a abordagem. Na bolsa, encontraram apenas o dinheiro, a droga Indianara já tinha jogado fora quando viu sua aproximação. Revistaram a moto e nada. “Daí eles me levaram, e foram me agredir né na verdade, aí eles me agrediram. Me agrediram, me agrediram muito porque eu cheguei na verdade a, eu fiz corpo delito tudo, daí eu eu peguei e falei que tava lá no meio do mato, aí eu disse né, vou pegar um tráfico né mas eu vou parar de apanhar”. Os policiais se dirigiram ao local indicados por ela e encontraram a droga e a munição. “Daí o policial disse assim: Tu já é conhecida né, que ta vendendo droga pro teu padrasto lá o... aí eu falei: Não, não, to vendendo pra mim mesma na verdade! Aí eles me trouxeram, aí quando a minha mãe me viu, quando me viu eu entrar ela se desesperou né”.

A partir daí, sua história vai se resumir praticamente ao cenário da vida na prisão. Quando foi detida em 2008, o filho tinha apenas dois anos. Sem pai, com a mãe e avó presas, foi deixado com um dos irmãos de Indianara até que sua mãe fosse liberada dois meses depois de seu ingresso. A primeira passagem durou um ano e oito meses e a partir disso ganhou o benefício do regime semi aberto e, alguns meses depois, já cumpria o restante da pena no regime aberto.

Foi nessa época que conheceu o novo companheiro. Não demorou muito tempo e engravidou. O padrasto, que seguia preso, faleceu devido a complicações decorrentes do

câncer de pulmão. As coisas voltaram a ficar difíceis porque, segundo ela, “a mãe teve que pagar a bronca dele na verdade”.

A polícia estava de olho pra ver se Indianara assumia de vez os “negócios” do padrasto. Ela jura que tinha decidido mudar de vida, pensar no filho e na filha que estava a caminho. Mas admite que passava próxima às “bocas” em horários que devia estar em casa. Foi numa dessas ocasiões que acabou sendo presa pela segunda vez, grávida já de sete meses. Conta em detalhes como foi, segunda ela, presa injustamente dessa vez:

“Quando eu olhei, desceu três policiais, que me prenderam né, desceu três policiais, mas mandou todo mundo botar a mão na cabeça, ai no caso ele veio assim, eu tentei fugir pra lá né, ai quando eu fugi eu não consegui, daí ele já me pegou pelos cabelos, daí ele disse que ia dar jeito de me botar na cadeia, ai ele puxou nós tudo pra dentro de, que aqui tem muita casa abandonada, puxou a gente pra dentro de uma casa ali, eu a minha irmã, que era de menor, ela era de menor na época né, isso foi em 2010. Eu e a minha irmã... a, uma amiga dela, que agora já é, já morreu já também porque os homi, os policiais mataram ela. Mais uma menina que eu não conheço, daí eles puxaram nós lá pra dentro e um rapaz lá que conhecia nós assim mas também não tava fazendo nada. Daí eles começaram a nos agredir, pra saber onde que tava a droga, daí eu falei pra ele que eu, senhor eu to grávida, daí ele assim, eu não quero saber, daí ele continuou nos agredindo, tanto que esse processo ta correndo ainda, porque eu tava grávida, ele me agrediu, os outros policiais. Ai eles queria saber onde tava a droga, só que não tinha droga, daí eles começaram, e eu, é uma tortura porque eles, pra eles conseguir o que quer eles vão até o fim. Ai acho que eles viram muito aquele filme da Tropa de Elite né, daí é saco na cabeça, é soco é choque, o que conseguir. É spray de pimenta, pra ver onde é que ta a droga, só que não tinha mesmo, não tinha nada. Daí eles viram que não iam conseguir nada, isso ali era umas 11 horas quando eles nos abordaram, quando era meia noite e meia eles liberaram a gente, pra ir pra delegacia, porque viram que não tinha mais, não tinha, não tinha droga. Que na verdade a menina correu assustada porque viu a policia e se assustou né, achou que ia apanhar, porque se a gente vê a policia a gente tem que correr porque se não a gente vai apanhar, apanha do nada né, daí ela correu, daí eles nos levaram pra delegacia. Ai eu pensei, no começo eu vou dar nome falso né, daí eu assim, não vou dar nome falso porque a polícia toda já me conhece, daí eu peguei e dei meu nome mesmo, eu falei meu nome, daí eu dei me RG, que eles pediram, daí o Tadeu né o policial que me prendeu falou assim: É essa daí já é conhecida não precisa nem puxar nome. – Ai o delegado assim: Porque vocês a

prenderam? Com o que que ela tava né? – Daí eles: Ah ela tava com, eu não sei, falar a verdade eu não sei nem de onde que ele arrumou, tirou aquela droga, sinceramente. Eu não sei nem a quantia, porque eu tenho até nojo de ler meu processo sabe. Ai ele pegou assim é teve esse aqui ó e jogou em cima da mesa, daí um, e pegou um farto assim de dinheiro com nota miúda né, e também jogou. Ai eu falei pro delegado assim: Não é meu só se for dele então, ele ta usando, ele tava lá falando com nós, nos agredindo e cheirando. - Falando com o delegado né. Ai o delegado assim: Tu tem certeza do que tu tas falando? Tu tas falando que um policial tava usando droga. – Falei assim: Tenho, eu vi. Eu levo pra frente isso, eu vi, não foi só eu que vi. Só que eu deveria falar porque ele, porque depois eles mataram ela né. Ai o policial assim, ele falou isso aqui é teu então tu vai ser encaminhada pro presídio. Ai eu comecei a chorar. Eu falei: Ai meu Deus do céu, de novo. Mas eu não tava fazendo nada. - E ele assim: Tava fora do horário, na rua né, e o que que tu tava fazendo perto de um beco? – Eu tava esperando a minha amiga, mas é eu tava esperando mesmo ela, no outro dia ela ia fazer cesárea, eu tava esperando ela descer pra nós ser encaminhada pro hospital. A ambulância já tava até vindo, eu disse pra vim buscar ela né. Ele assim: Ah isso ai não cola. Vai dizer que isso aqui não é teu? De onde que o Tadeu ia tirar isso aqui? - Eu falei: Eu não sei, de certo ele pegou em alguma casa ai e forjou... Ele disse: Mentira, tu veio com a jaqueta dela. – Eu disse assim: Mas nem de jaqueta eu to – eu falei, eu to só de camiseta. Jogou a jaqueta no mato, diz ele. Daqui a pouco ele veio com uma jaqueta verde e falou que era minha. Ai eu disse: Ai meu Deus, vou pra cadeia né. Ai eles ligaram pra cá, no outro dia de manhã, ai nisso eu fiquei três dias no DP, porque não tinha um local, tava tudo lotado, e ligaram pra cá daí e falaram que tava lotado que não tinha espaço. Ligaram pra... acho que Jaraguá, foi pra Jaraguá é. Pra Joinville, ligaram pra Jaraguá daí falaram que iam me levar pra Jaraguá. Ai eu falei: Ai meu Deus, pelo amor de Deus senhor, fala ali com o Seu Mirto, porque na época era um que tava aqui era o Seu Mirto, que tava, que eu vim ver a minha mãe né, daí disseram que o Seu Mirto tava, tava no lugar do Seu Moreira por uns tempos. Fala com o Seu Mirto, diz pra ele que é a Indianara, ele me conhece, a minha mãe ta ali, vão me mandar pra Jaraguá, o que eu vou fazer em Jaraguá, eu to grávida. Mas lá tem berçário ele falou pra mim. - Mas ali também tem senhor. E eu grávida né. Ai, eu não compro queixa contra o Tadeu eu disse, ele me agrediu mas eu não vou abrir queixa. Ele disse: Não, mas tu tem que abrir, o homem falava. Tu tem que abrir, porque tu taz toda machucada, vai chegar lá no presídio toda machucada. Os agentes prisionais não vão te aceitar assim toda machucada, eles vão querer

que tu volte aqui e faça o corpo delito né. Daí eu assim: Não, mas fala com o Seu Mirto. Daí ele falou assim com o Seu Mirto, depois de uns três dias. Pode mandar. – daí o seu Mirto deixou me trazer. Quando eu cheguei daí a minha mãe me vendo de novo entrar, começou a chorar. Ai eu falei pra ela o que aconteceu, que eu não tava fazendo nada, que a droga foi forjada [voz bem baixa] ai depois de um tempo ela foi, ai eu ganhei minha menina, ai eu tava pro berçário tudo, ganhei minha menina me levaram pro hospital, e foi assim, foi até, foi melhor do que foi do meu filho porque, foi rápido sabe, lá.”

A longa narrativa é contada num fôlego só, sem interrupção, como se fosse preciso compartilhar com alguém sua versão dos fatos. Isso ocorreu há quase quatro anos, mas ela conta como se tivesse sido ontem. Depois que a filha Tainá nasceu sua rotina nos 16 meses seguintes se resumiu a ela. O momento mais complexo veio quando foi necessária a separação. O presídio não tem creche, mesmo o berçário naquele período era um lugar improvisado, somente em 2013 foi projeto um lugar um “pouco mais acolhedor”. A menina ficou um tempo bem maior que a maioria dos bebês, em geral eles saem antes de completar um ano. Tainá ficou no presídio um ano e quatro meses, os últimos dois já no processo de adaptação para sair. A adaptação consiste em a criança passar o final de semana na casa do familiar que ficará responsável pela guarda. No caso de Indianara, sua mãe.

Conheci Indianara justamente nesse período de separação. A filha tinha “saído do presídio” há apenas um mês. Ela estava arrasada, com atendimentos semanais com a psicóloga do presídio de modo a tentar evitar a depressão. No começo, a espera pela visita da filha era uma angústia só. Aos poucos, ela foi se adaptando. O convite para trabalhar na oficina de costura ajudou a aliviar a ansiedade, a saudade e a passar o tempo. Ofício este que ela diz ter se apaixonado e já tem planos para quando sair da prisão trabalhar nessa área. Mais animada com o trabalho e com a pena que vai chegando ao fim, a espera agora é pelo regime semi aberto, possivelmente no segundo semestre de 2014. A condenação por reincidência no tráfico foi mais dura, somou-se aos 10 meses que tinha por cumprir (e que cumpria na ocasião em liberdade) a outros seis anos e cinco meses. Ainda faltam dois anos e meio, por isso a expectativa pelo semi aberto. Ela está confiante, e diz que o “bom comportamento” é sua filosofia atual.

E o bom comportamento de Indianara parece mesmo ser fato. A conquista da confiança da diretoria é tão efetiva que no final de 2013 ela recebeu um benefício. O de trabalhar em um evento importante na cidade, ou seja, fora do presídio. Itajaí sediou, de 12

de novembro a 1 de dezembro uma regata internacional que congregou várias atividades esportivas e culturais. Um projeto do juiz da 1ª. Vara de Execução Penal, Pedro ..., em parceria com os organizadores, trabalho para quatro mulheres e seis homens, eles, todos da Penitenciária. Indianara foi uma das quatro escolhidas. O trabalho: recepcionista.

Então, durante esse período, uma equipe vinha buscá-la às 12h: direito a almoço, sair do uniforme da prisão, usar “roupas normais” e poder se maquiar. A alegria com ela contou sobre a experiência pode ser comprovada in loco. Presenciei o trabalho dela na recepção do evento, acenando à distância, para não constrangê-la e não gerar qualquer tipo de inconveniente, afinal, embora não houvesse um rígido esquema de segurança, ela estava sendo observada o tempo todo, e minha aproximação poderia ser interpretada de forma equivocada.

Terminado esse trabalho, ela voltou para a rotina da oficina de costura, mas segue animada com a possibilidade de surgirem outros trabalhos “na rua”.

4.3.4 “Eu não tive infância”

Daniela abaixa a cabeça quando me aproximo. Somente quando lhe dirijo a palavra ela levanta o olhar e responde um: “sim senhora”, em resposta a minha pergunta se ela quer conversar comigo. O primeiro contato, e a primeira impressão, é tenso, sobretudo porque a primeira conversa é na sala da administração. Muitas pessoas ao redor, o medo de quebrar alguma “regra” parece deixar Daniela nervosa.

Isso logo diminui quando nos dirigimos ao “arquivo”, a sala onde ficam os processos e documentos do Presídio. Contigua à administração, mas com menos olhos à vista e sem a presença da agente que a acompanhava. A partir desse momento e em todas as outras ocasiões, Daniela relaxa o semblante e se mostra uma mulher muito simpática e extrovertida. A “cabelereira” preta e encaracolada insiste em cair sobre os olhos, as algemas dificultam o processo de por os fios no lugar. Mas ela se vira, como diz, expressão que define sua trajetória. “Se virar” foi quase uma filosofia de vida, a acompanha desde os seis anos, quando perdeu a mãe de forma trágica.

Daniela diz lembrar claramente, como se fosse um filme, tudo o que ocorreu naquela dia. O padrasto e a mãe estavam brigando, a mãe tinha descoberto que ele a traía com uma de suas amigas e dizia pra ele ir embora, que tinha acabado. “Eu estava no

meu berço escutando tudo”. Depois, lembra de ver a mãe entrar em seu quarto e atrás dela o padrasto “enlouquecido, segurando uma garrafa de álcool. O líquido foi espalhado pelo ambiente, mas principalmente sobre sua mãe, que tentava lutar, em vão, para se livrar do padrasto. Havia álcool por todo o quarto, inclusive próximo ao berço de Daniela. Quando ele pegou o isqueiro do bolso e acendeu ela lembra do clarão dourado que invadiu o quarto. No instante seguinte, a mãe jogando-a para fora da cama e gritando pra ela correr, pra sair daquele lugar. Daniela não sabe ao certo como saiu do quarto. “Comecei a olhar a minha mãe se queimando toda, foi a parte mais difícil, a mais triste, isso ninguém esquece, ninguém...” Depois, não lembra de mais nada, somente de acordar no hospital dois dias depois e chamar pela mãe.

As lembranças sobre os fatos que ocorreram depois são narradas em flashes rápidos, possivelmente como lhe veem mesmo à memória já distante mais de 20 anos do ocorrido. Do hospital ela seguiu com a avó para Joinville para onde sua mãe tinha sido levada. Ela ainda não sabia, mas a mãe já estava morta. “Não era pra ter contado pra mim, que a minha mãe tinha morrido e minha tia veio e contou. Dai chegou o caixão dela e eu fui pro final da rua, no meio do mato, encontrar uma flor pra ela, a flor que ela mais gostava era girassol. Cheguei na hora do enterro, o caixão tava tampado, eu comecei a gritar, meu pai não tava com ela, mas disse que não era pra abrir. Ai eu falei não, eu quero ver a minha mãe. Abriram, a minha mãe tava toda tampada com um saco, tinha se queimado muito, eu pulei em cima do caixão e abracei, beijei. Só perguntava pra ela porque que ela não me levou, porque ela me deixou naquele mundo. Porque ela me deixou ali... Depois vim pra cá, fui pro enterro, me escondi dentro do ônibus, minha avó não queria que eu fosse, porque uma semana antes ela me ensinou a acender vela”. As lembranças se misturam, ela confunde a ordem dos acontecimentos, o processo cronológico. Dificilmente seria diferente diante de uma memória tão traumática. A mãe tinha apenas 24 anos, idade constantemente repetida por Daniela.

Esse acontecimento mudou para sempre sua vida. O pai, que tinha deixado sua mãe antes de ela nascer porque queria um terceiro filho homem, tinha agora outra família em Joinville. Sua madrasta foi o único alento nos anos que se seguiram, pra ela, uma efetiva “segunda mãe”, apesar da educação rígida. “Ela me recebeu, cuidou do jeito dela. Eu devo muito a ela. Se eu tivesse ouvido os conselhos dela, eu não ia estar aqui”. Quando completou nove anos, as coisas começaram a mudar. O pai, que nunca tinha prestado muita atenção em sua presença, começou a dizer que ela se parecia cada vez mais com a mãe.

Daniela conta que “desenvolveu corpo cedo” e que provavelmente isso e a semelhança com a mãe foram o motivo do abuso que passou a ser praticado pelo pai. E que a madrasta, se tinha ou não conhecimento, nunca entrevistou.

Daniela foi abusada pelo pai até os 12 anos quando finalmente conseguiu fugir de casa, após três tentativas mal sucedidas. “O pessoal do conselho [tutela] sempre me levava de volta”, conta. Na última fuga, ela deixou a cidade na companhia de uma conhecida e imaginou que iria morar com a família da “amiga”. A “família” se mostrou um lugar de aliciamento, palavra que Daniela não usa, mas fica claro quando explica que a amiga, como as outras que estavam na casa, recebia clientes e que ela precisava aprender logo como “se virar”. Então ela teve novamente que “se virar” sozinha, como tinha sido na perda da mãe e com o abuso do pai. As tentativas de suicídio do período que morou com o pai são marcantes, uma delas marcou a pele para sempre. Daniela tentou morrer como a mãe, “mas não soube fazer direito”. Ela não derramou o líquido, tentou acender o vidro, que explodiu e queimou parte do rosto e das mãos. As cicatrizes físicas quase não aparecem, diferente das que ela carrega consigo.

O ingresso na prostituição foi antes dos 14 anos. E perdurou praticamente até ser presa, há pouco mais de quatro anos. Dos “namorados clientes” vieram os três filhos, que hoje vivem com o companheiro que a tirou “dessa vida” e que “cuida deles como se fossem seus filhos”. Daniela deixou a prostituição e foi viver com ele, há cerca de cinco anos. A falta de dinheiro e o desejo de nunca mais “seguir naquela vida” levaram, segunda ela, a tentar a alternativa do tráfico. Foi pega na primeira incursão “nesse mundo”. “Os policiais mesmo disseram: Daniela, porque tu não continuou na prostituição, tu não ia pra cadeia...”

Cadeia que já foi mais “pesada”. Hoje ela diz que está em paz com Deus. O irmão mais velho, que é pastor, tem sido o agente dessa sua “transformação”. E tem esperança de que logo a saudade dos filhos e da família será compensada. “Logo esse ano se Deus quiser eu to saindo, vou recuperar tudo que eu perdi né, porque como a psicóloga que eu tenho acompanhamento, que ela disse assim, Daniela tu não pode recuperar o que tu perdeu, mas pode começar tudo de novo”.

A paz que encontrou lhe permitiu deixar para trás o passado com o pai. Ela diz que já esqueceu, que ele está doente e sofrendo com a situação dela. Seu maior medo atualmente é que ele venha a falecer antes que ela possa lhe dar o abraço que nunca deu e dizer que o perdoou...

3.3.5 O pecado do ciúme

Conheci a conheci, ela ainda estava no berçário, em pleno processo de separação de seu filho Gabriel, na época com oito meses. Naquele período, toda a sua rotina se dirigia aos cuidados com o bebê. Ela estava inconsolável, mas ciente de era “o melhor pra ele”.

Silvana esta presa pela segunda vez, na verdade a primeira, sem considerar sua fuga e a entrega voluntária para “terminar de pagar sua pena”. Ela diz, várias vezes, que não fez nada de errado, mas vai cumprir a pena pra não dever nada para ninguém. “Sabe aquela coisa de estar no local errado, com a pessoa errada e na hora errada?! Foi isso que aconteceu comigo, fui presa pelo meu ciúme”.

O ciúme de que fala é do ex-marido, considerado culpado por sua prisão. Ela tinha muito ciúme da ex-esposa de seu companheiro e por isso, quando ele lhe disse que ia viajar, ela achou que estava mentindo para se encontrar com a “amante” e insistiu em ir com ele. A viagem de Joinville para o Mato Grosso foi interrompida no Paraná, em uma blitz e os dois foram presos por tráfico de drogas. “Ai eu fui, eu até sabia que ele ia fazer alguma coisa errada né, mas eu fui de ciúme porque eu tinha medo que ele levasse a ex-mulher dele”.

Na época, em 2006, ela tinha dois filhos, hoje com 14 e 10 anos, e uma filha, hoje com oito anos. A filha era bebê de colo quando ela e o marido foram parar na prisão. Os filhos ficaram sua mãe, mas Silvana começou a ficar preocupada com a “revolta” do filho mais velho. Por esse motivo, antes de completar dois anos de cadeia, ela fugiu. “Aí aconteceu até um problema sério de saúde com o meu filho, foi onde eu tive uma visita da minha irmã, fique sabendo e fiquei desesperada. Daí as guria, surgiu a oportunidade de eu fugir também”. Nesse período, o marido, agora ex, já tinha conseguido o regime condicional, tinha reatado com a ex esposa e estava com os dois filhos menores. Segundo ela, “fazendo a cabeça deles”. O filho mais velho continuou (e continua até hoje) morando com sua mãe, os dois menores ficaram com o pai. Mas o problema mesmo era só com o mais velho, que na época de sua fuga tinha oito anos e “já entendia a situação”.

Com medo de ser presa novamente, ela deixou Joinville e foi residir sozinha em Balneário Camboriu, “para trabalhar e sustentar os filhos”. Foragida, conseguiu emprego em um salão de beleza como manicure, porque não “precisava de carteira de trabalho nem documento”. Nesse período, conheceu o atual companheiro. Depois de seis meses juntos e com o pedido de casamento, ela se viu obrigada a “abrir o jogo” e explicar porque não

poderia se casar. Decidiu que estava na hora de cumprir sua pena e recebeu o apoio do companheiro. “Contei pra ele que eu era foragida, que eu ia me apresentar e tal, ai ele resolveu me acompanhar. E hoje a gente tem, quase três anos que a gente ta junto, eu to dois anos e pouco na cadeia, ficamos vivendo bem pouco tempo na rua, mas mesmo assim me acompanhou até hoje e graças a Deus eu sei que ta tudo bem, tudo bem encaminhado, quando eu sair já to também, até bem... tenho os planos de casar”.

Quando se apresentou à polícia, a surpresa: Silvana estava grávida. Os oitos meses restantes até o parto seriam vividos na prisão. “Eu não sabia que eu tava grávida quando eu me apresentei. Eu soube quando me apresentei, depois que eu me apresentei”.

Como era da comarca de Joinville, ao se apresentar foi encaminhada para o Presídio daquela cidade, ficando assim distante do companheiro, que mobilizou-se e finalmente, no sétimo mês de gestação, conseguiu que Silvana fosse transferida para o Presídio de Itajaí. Gabriel nasceu em fevereiro de 2012 e em novembro deixou o presídio, para tristeza de Silvana. Além da saudade do filho, foram quase 10 meses ocupando o espaço do berçário, bem mais atrativo do que as celas do pátio comum.

Em 2013, duas conquistas importantes. Em julho, o convite da Administração para se “mudar pra cela das meninas da cozinha” e cuidar da limpeza. Em dezembro, a primeira saída de sete dias e a conquista do regime semi aberto, último estágio para conseguir o direito de terminar sua pena em liberdade, rever os filhos maiores que não vê há quase três anos (por sua opção, não quer que eles a visitem, não quer que entrem no Presídio), rever o pequeno Gabriel, que já completou dois anos e retomar os “planos do casamento”.

4.3.6 Uma decisão impensada...

Mal começamos a conversa e ela vai logo dizendo: “Eu me envolvi com uma pessoa errada e acabei aqui”. Eliane trabalhava como segurança no Presídio Regional de Blumenau, cidade onde residia. Por medida de segurança, foi transferida para o Presídio de Itajaí. “Eu já não trabalhava mais como vigilante lá, mas conhecia muita gente então pra minha segurança me trouxeram pra cá.” Com a distância, fica difícil receber a visita da família e a mãe ela faz questão que não a visite. “é uma decepção muito grande pra ela, não quero causar ainda mais sofrimento”.

Ainda na expectativa do julgamento, ela está temente com relação ao futuro. Mesmo se não for condenada, vai ter que procurar outra profissão, “começar tudo do zero”, como ela diz. Com ensino médio concluído, ela diz que pretende fazer algum outro curso técnico que lhe garanta uma profissão, como tinha feito uma década antes com o curso de vigilante. “Sair daqui e começar tudo de novo”, ela reforça.

Ao contrário das demais entrevistas, o pai foi figura presente, marcante em sua infância. Era com ele que ia pescar, que brincava e se divertia na companhia dos outros cinco irmãos. “Ah, como era bom! A gente andava no mato, caçando, pescando, fazia arte. Era jogando bola, andando de bicicleta, no mato com meus irmãos. Nós temos pouca diferença de idade né, então onde um ia, o resto ia atrás”.

Do pai, falecido há cinco anos, diz ter guardado só as lembranças boas. A afinidade maior sempre foi com a mãe, que ela define como uma “mãezona”. “Que ela sempre protegia nós de tudo né. Meu pai bebia e era sempre ela que protegia nós.” Ela conta que teve ocasiões de o pai ser mais agressivo, mas que essas lembranças já ficaram pra trás. “Eu lembro mais da parte que ele parou de beber né. A parte que ele bebia a gente esquece né”. E justifica: “Era a bebida que fazia ele ser uma pessoa assim.”

Lembra com saudades da época da escola e do gosto pelas aulas de Ciências no ensino fundamental e Biologia no ensino médio. Diz que sempre foi “fascinada” por estudar o corpo humano e se tivesse tido condições, teria feito alguma curso nessa área. “Tanto que eu trabalhei uma época na Furb [Universidade Regional de Blumenau] era meu interesse, vivia dentro da sala de anatomia”.

E então estabelecendo um salto enorme em sua narrativa ela mesma emenda: “É daí fui pra área de segurança, me envolvi com uma pessoa errada e...” O passado recente, envolvendo o momento da prisão é muito emblemático, dificulta o processo de falar sobre as etapas anteriores de suas vidas. Algo que se repete não apenas com Eliane, mas com todas as entrevistas. Começam a falar um pouco de sua infância e adolescência e logo a narrativa volta para o momento da prisão.

A adolescência é a fase da qual sente mais saudades. “Aquele coisa, aquele momento das descobertas”. Entre elas, a aceitação de sua homossexualidade. “É, desde criança era aquela coisa diferente, mas que eu me assumi mesmo tinha quase uns 15 anos, quando eu comecei a trabalhar né”. Ela conta que se “assumiu” porque ao trabalhar conheceu outras pessoas, algumas “diferentes”, como ela. E foi assim mesmo que contou pra sua mãe, que “pessoas diferentes” iriam procurar por ela. Seu modo de dizer que

seriam namoradas e não namorados que viriam ao seu portão. “Daí ela pediu se eu era feliz, daí eu falei que sim né, - ah se tu é feliz a mãe também é”. Por isso Eliane afirma que nunca sentiu preconceito por “ser diferente”, mas em alguns momentos deixar escapar que talvez não tenha sido sempre um processo tranquilo e de plena aceitação, como quando ressalta, “eu sou mulher”. Ou quando diz “Eu nem gosto, pelo fato de eu viver com mulher, eu nem gosto que me tratem como homem, eu sou uma mulher, eu nasci mulher, eu sou mulher”. Mas logo em seguida faz questão de ressaltar: “Então eu me aceito como eu sou. Então as pessoas mais importantes da minha vida aceitam, porque que eu vou me importar com amigos que vão trabalhar comigo, ou que eu vá conhecer?”

Sente saudades da companheira, motivo indireto de sua prisão e do enteado que ela diz ter adotado como se fosse seu filho. O motivo indireto é que Eliane a conheceu por intermédio de uma visita quando ainda era vigilante no Presídio de Blumenau. O irmão da companheira estava preso. Quando começaram o relacionamento, Eliane sabia da situação “ilegal” da família, envolvida com tráfico, mas segundo ela, nunca companheira nunca se envolveu “nesse mundo”.

Sua prisão foi como ela diz por fazer um favor para a cunhada da companheira. Com o marido já solto, mas viajando, ela pediu a Eliane para entregar uma “encomenda”. Na entrega, a polícia estava a sua espera. “É que foi um, eu sabia onde eu tava me enfiando, então uma parte da culpa é minha também né. O delegado mesmo falou, não era pra ti ir Eliane, não era pra ti ir”. Ela se refere à escuta telefônica que levou a ação da polícia, que esperava encontrar o cunhado de Eliane na entrega, não ela.

O “peso da cadeia” tem sido difícil para ela. A antiga rotina atribulada foi substituída por um enorme tempo de ócio, aspecto pra ela o mais complicado da prisão, além da saudade da família, principalmente da mãe. “Sempre trabalhei em duas empresas. Se eu não trabalhasse em duas empresas eu sempre fazia hora extra, então eu tava sempre na rua, sempre, sempre na rua. Daí é disso que eu sinto falta né”.

Ela procura não pensar muito em seu dia a dia e foca no futuro. “To bem tranquila assim, eu não fico pensando, eu procuro não pensar sabe, nas coisas ruins, porque se tu começar a pensar nas coisas ruins, tu vai cair em depressão né. Então eu procuro pensar em coisas boas né”. E faz planos para o futuro, que espera que seja em breve. “O que eu vou fazer quando sair daqui, procurar fazer outro curso, como meu curso era pela polícia federal, eu perdi ele. Eu vou fazer outro curso, em outra área e voltar a trabalhar”.

Mas quanto a esse futuro, uma preocupação é enfatizada. Como vai encarar os sobrinhos que tanto ama. O motivo da preocupação é que segunda ela, sempre foi considerada um exemplo. “Eu nem sei como é que eu vou olhar pra eles né, porque eu sendo, como eu sou a mais nova, eles só andavam atrás de mim né. Então, o dia que eu sair aqui eu nem sei como é que eu vou olhar pra eles. Eu era a tia Lani né...”

4.3.7 Más escolhas

A vida dura no campo foi o motivo para deixar Fraiburgo, no interior de Santa Catarina e seguir rumo a uma “vida melhor” no litoral do estado. Há mais de 20 anos, Sueli tomou essa decisão e seguiu, sozinha, rumo a nova cidade. Diz que foi a melhor decisão que tomou na vida, porque apesar de hoje estar presa, não tem do que reclamar da vida que tinha. “Antes eu trabalhava numa loja de bateria, fazia limpeza né. Só fazia limpeza né. Porque eu não sei ler”. E logo conta que gostava do trabalho e que vai poder voltar a trabalhar no local quando sair, que os antigos patrões já disseram que ela vai poder voltar.

Viúva do primeiro casamento, Sueli tem apenas um filho de 24 anos, que nunca foi lhe visitar no presídio, assim como nenhuma de suas irmãs que moram nas cidades mais próximas. A mãe ela não quer que venha. “Ela ta velhinha e é muito sofrimento”. Deixa escapar certo ressentimento pela ausência das outras visitas, principalmente do filho. “Meu filho também não veio me visitar. É porque eles disseram que não gostam de ficar passando pela [revista] geral assim né?” Mas emenda que logo vai poder sair de “sete dias” e ver a família.

A saudade maior é do filho Matheus, de apenas três anos, que ela adotou e que não tem “visto crescer” porque está na cadeia. Filho de seu ex-companheiro com outra mulher que veio a falecer, Sueli conta como foi que o tornou seu filho. “A mãe dele faleceu, no dia das mães, e não tinha ninguém pra ele ficar. Foi a história, é que assim, meu marido ele já era mesmo tudo virado né. E dai ele pegou e uma guria teve esse menino, teve com ele né, dai que eu tinha me separado dele, depois foi que eu voltei. Dai o neném ficou né com três meisinho né, e eles iam entregar pra adoção. Dai eu disse pra ele que a criança não tinha culpa, ai eu peguei e to criando né”.

Desde que foi presa, enquadrada no artigo 33 por conta das drogas que o ex-marido tinha escondido em sua casa, o filho Matheus está sob os cuidados da ex sogra. “Agora

quando sair, vamo ver né, se vão me entregar ele ou não. Mas se eles não entregar ele, mesmo assim eu vou ajudar ele né”.

Sueli foi presa em 2010 e no mesmo ano recebeu o direito à condicional, mas retornou ao presídio em 2011 por não ter comunicado mudança de endereço. A pena inicial foi de três anos e quatro meses, acrescida em mais dois anos e quatro por conta da mudança. “Mas daí falei com o doutor Pedro, ele vem fazer visita né, eu conversei com ele né, contei minha história pra ele, dai ele pegou e tirou. Ficou pra mim, um ano e quatro meses pra terminar”.

Em 2013 ganhou o benefício do regime semi aberto, a primeira saída de sete dias foi aguardada com ansiedade e depois relatada com muita animação. Ela pode ficar com o filho Matheus todo o período, foi ao supermercado, fez almoço, colocou ele pra dormir, visitou amigos e familiares, assistiu TV “em paz”. Voltar para o presídio do final dos sete dias foi a maior provação de sua vida. “Quando a gente sai e tem que voltar, é assim sabe. Porque a gente fica naquela, será que eu entro, será que não. Mas eu entro, eu venho porque eu quero pagar tudo a cadeia, pra gente poder ficar em paz. Andar na rua sem tem que tá se escondendo né. Sem ta devendo. Lógico que a gente chora, quando tá pra entrar, mas porque tem que pagar. Fez tem que pagar”.

Mas Sueli não conseguiu manter essa perspectiva. Na segunda saída, em outubro de 2013, a sete meses do fim de sua pena, ela não retornou. Até o final do trabalho de campo desta pesquisa, em fevereiro de 2014, ela ainda estava na lista de mulheres foragidas...

4.3.8 A “dona” da cozinha

Dona Teresinha é minha conterrânea. Como eu, nasceu no estado do Paraná, mas no lado oposto. Enquanto minha cidade natal fica na região sudeste, a dela, Quedas no Iguaçu, fica no extremo oeste do estado. “Lá e quente”, com força no “e” como é típico dos paranaenses, sobretudo do interior, e tem a “poeira vermelha”. Mas, assim como eu, Dona Teresinha deixou a cidade natal e rumou para Santa Catarina há duas décadas, onde mora desde então.

Aos 54 anos, extrovertida e brincalhona, ela acaba me fazendo pensar em minhas próprias memórias. Não apenas por ter exatamente o mesmo nome de minha avó, Teresinha, assim mesmo, no diminutivo, mas também por ter a mesma idade que minha avó tinha quando partiu.

Diz lembrar pouco da infância, que moravam “como se fosse num sítio”, e foi preciso ajudar desde cedo, inclusive a cuidar dos irmãos mais novos, sete, de um total de 10 filhos. Não tinha televisão, só mesmo rádio, e a escola era tão longe que logo se tornou inviável. Mas lembra de brincarem muito, na rua, de esconde-esconde e de peteca, que ela e os irmãos mesmos faziam. “Bola também não tinha, mas a gente fazia bola de papel”.

Morando há mais de 20 anos em Itajaí, Dona Teresinha se casou e teve seis filhos, todos “já criados e vivendo suas vidas”, como ela diz. Menos a filha mais nova, de 15 anos, que vem lhe “esquentando a cabeça”. Está preocupada que a filha “está naquela idade” e que ela não esteja “lá fora pra dar os conselhos”.

Está presa há três anos por tráfico de drogas, segundo ela por uma decisão impensada. “Nunca tive problema assim né. Tenho seis filhos, e nunca tive envolvimento assim, nunca tive dentro de uma delegacia, foi um branco que me deu né, não devia de ter guardado essa droga, mas guardei, e to pagando o preço né. E fazer o que? É isso aí”.

Ela fala pouco do marido. Foram 30 anos de casamento que terminaram quando ela entrou no presídio há três anos. Segundo Dona Teresinha, ele não sabia de nada. “Ai ele me recriminou muito, ai agora acho que não vai mais”. O marido saiu de casa que hoje é ocupada pela filha mais velha, o marido e a neta de 12 anos, além da filha mais nova, de 15. Sobre a saída do marido de casa, ela fala aos risos: “Mas também ele bebe muito, então que foi um bom negócio”.

Só tem um filho homem, de 17 anos e que já está casado e com um filho de colo. Segundo ela, “o bebê mais gorducinho e lindo do mundo”. Sente muita falta dos netos.

Já pagou metade da pena de seis anos. NO final de 2012, recebeu o direito às saídas de sete dias, que ela escolhe sempre em “datas comemorativas”. A primeira foi no Natal de 2012, “mas no ano novo tive que ficar aqui”, depois na páscoa e dia das mães de 2013, em julho de 2013 para o aniversário de 15 anos da filha e a última saído do ano, novamente no Natal.

Dona Teresinha se diverte na cozinha do presídio onde trabalha desde que entrou. “Eu adoro cozinhar”. Em 2013, fez uma experiência de trocar a cozinha pela oficina de costura, mas a hérnia de disco na coluna somada às horas sentada à máquina de costura não foram uma boa combinação e pediu pra voltar à cozinha. Pedido logo aceito pela “chefia” que aprova e muito a “mão boa na cozinha” de Dona Teresinha. O cheiro que vem das panelas durante uma de nossas conversas sugere que eles têm razão de mantê-la nesse ofício.

Com Dona Teresinha eu conversei todas as vezes que fui ao presídio, era só entrar, lá vinha ela me dizer bom dia e querer saber quem era a “menina de hoje”. O bom humor, o astral sempre alta e a enorme simpatia por vezes me faziam esquecer do ambiente onde estava. Não creio que seja fácil para ela viver essa experiência, mas sua atitude acabou reforçando uma impressão e uma fala que é delas: “a experiência na cadeia é uma coisa única e cada uma vive a cadeia do seu jeito”.

Dona Teresinha está agora na expectativa da conquista do regime aberto, previsto para 2014, mas ainda não sabe quando. Fico na torcida de que quando eu retornar ao Presídio em maio, para fazer a devolutiva e entrega de uma cópia da tese para elas, tenha que ir procurá-la em sua casa....

Como dito, os relatos construídos a partir de suas narrativas são impressões, atravessadas pela minha própria subjetividade, mas que permitem uma ao menos breve aproximação com essas mulheres e suas trajetórias. Aqui não estão todos os aspectos de suas vidas que elas comigo compartilharam. Sua uma espécie de “sinopse” de suas vidas, que aquilo que me pareceu mais marcante e mais contundente na visão que têm de si mesmas e da forma como reconstroem suas histórias de vida.

Algumas histórias foram particularmente mais complexas de serem “representadas” ou “significadas”, seja aqui, ou mais propriamente na relação de suas narrativas com a telenovela, foco de interesse desta pesquisa. Algumas dessas narrativas puserem ainda mais em prova o processo de subjetividade da relação pesquisador e sujeito e contexto da pesquisa, o que também reforçou a necessidade da permanente reflexividade, como recomenda Galindo Cáceres.

Esta “breve sinopse” já demonstra o quanto lidar com a noção de tempo é complexo para elas, o quanto suas “temporalidades” estão embaralhadas e como suas narrativas estão amarradas ao que chamei de “presente em distendimento” pois ao mesmo tempo que elas falam pouco sobre o passado mais distante e focalizam no passado recente que envolve seu ingresso na prisão, o presente propriamente dito é praticamente deixado de lado, a não ser quando peço para me descreverem seu cotidiano. Ocorre como que um pulo do passado recente direto para um futuro que está por vir, ao menos em seus planos, em seus anseios.

Na perspectiva da idéia de “mundos possíveis” pode-se dizer que elas vivem em função desse “futuro contingente” como definido por Cauquelin (2011), ou seja, na expectativa da possibilidade mas que elas já dão como um futuro vivido. Então o que elas planejam está no território das “possibilidades” e em termos de futuros contingentes, pode ou não acontecer. É ainda um estado de potência pois ao falarmos de futuros contingentes “estamos diante de casos singulares, em que não se pode afirmar que uma coisa será ou não será, mesmo que, necessariamente, uma das duas alternativas aconteça” (p. 63). Elas, entretanto, ao menos em suas narrativas, estão “vivendo” nessa temporalidade, complexa mas que parece ser a lógica de percepção do tempo na prisão. Conforme Whitrow (1993, p. 17)

[...] enquanto nossa atenção está concentrada no presente, tendemos a não ter consciência do tempo. Um ‘sentido do tempo’ envolve alguma sensação ou consciência de duração, mas isso depende de nossos interesses e do modo como focalizamos nossa atenção. Se o que estamos fazendo nos interessa, o tempo parece curto, e, quanto mais atenção dedicamos ao próprio tempo, isto é, à sua duração, mais longo ele parece. (...) Nosso sentido de duração é afetado não apenas pelo grau em que concentramos nossa atenção no que estamos fazendo, mas por nosso estado físico geral. Em particular, pode ser distorcido por drogas ou pelo confinamento [...]

Norbert Elias (1998) destaca a necessidade de entendermos que o tempo é um fenômeno físico e social. Para o autor, uma definição possível para o tempo seria percebê-lo como a relação que fazemos entre um acontecimento e outro¹³². Na prisão, estes acontecimentos são limitados, o que gera, possivelmente, a angústia, a idéia do “desperdício do tempo”, ou essa atitude de “recusa do presente” e ânsia pelo futuro contingente em que na projeção que fazem, estarão livres, com a família, resolverão todos os problemas e jamais regressão ao presídio. Ainda reportando Elias, o tempo “social” é marcado pelas ações, pelas lembranças, pelo que se faz com o tempo. Memória e tempo se articulam e se confundem. Como afirma Pena (2008), quando lembramos de algo “[...] o que era passado torna-se narrativa e articula-se no presente, sendo portanto simultâneo a este presente. E o que seria futuro é apenas uma especulação, podendo ser articulado apenas no discurso, o que também o tornará presente”. (p. 140)

¹³² “(...) a palavra ‘tempo’, diríamos, designa simbolicamente a relação que um grupo humano, ou qualquer grupo de seres vivos dotados de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadro de referência e padrão de medida. Alguns processos caracterizados por um desenrolar contínuo, como a maré montante e a maré descendente, ou o nascer e o pôr do Sol ou da Lua, podem desempenhar esse papel”. (ELIAS, 1998, p. 39-40)

O tempo passado na prisão não é certamente um motivo de alegria ou bem estar e se a memória é seletiva, como afirma Pollack (1998), então é possível melhor compreender as temporalidades marcadas em suas narrativas, quais sejam, o passado que levou à prisão e o futuro contingente da saída. Como se vê, a prisão é um território eminentemente marcado pela perspectiva dos “possíveis”, não apenas do “e se...” em relação ao que poderiam ter feito de diferente, mas também e sobretudo sobre o que está por vir.

O território dos “possíveis” se fará ainda mais contundente na relação que estabelecem com a telenovela no ambiente prisional, como se verá no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 5

MUNDOS POSSÍVEIS E TELENOVELA: memórias melodramáticas

A “lembrança” funda essa corrente de tradições que transmite os acontecimentos passados de geração a geração... É ela que tece a malha formada em conjunto por todas as histórias. Cada uma se liga a todas as outras, como sempre gostaram de mostrar os grandes contadores de histórias, sobretudo os Orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade para quem cada episódio de uma história evoca logo uma outra história.”

(Walter Benjamin – O narrador)

Esta pesquisa, ao trabalhar com relatos de vida que apontam para as correlações entre cotidiano e telenovela¹³³ bem como a observação de aspectos relacionados ao dia a dia vivenciado pelas entrevistadas na prisão¹³⁴, pode ser caracterizada como um estudo de recepção que segue a perspectiva sociocultural (ESCOSTEGUY, 2004; JACKS, MENEZES e PIEDRAS, 2008). Esta é definida por Escosteguy (2004) como a que

[...] abarca uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos onde são consideradas múltiplas relações sociais e culturais. Mais do que o estudo do fenômeno de recepção em si mesmo, pretendem problematizar e pesquisar, seja do ponto de vista teórico ou empírico, sua inserção social e cultural (p. 135).

Ou seja, o fato desta pesquisa enfatizar as narrativas, as falas dos sujeitos, não significa ignorar ou isolá-las dos contextos em que se produzem, ao contrário, a perspectiva é de que tratadas “[...] na **ancoragem de um contexto social**¹³⁵, essas falas dão materialidade às representações dos sujeitos a respeito de suas relações com os meios e seus conteúdos” (JACKS, JOHN e SILVA, 2012, p. 3).

É importante destacar que apesar de focar nos relatos de vida das mulheres detentas, sem poder observar suas práticas de recepção televisiva de forma efetiva, sem, por exemplo, ter a oportunidade de observar sua relação com a telenovela durante o período noturno, em suas celas, esta pesquisa não se concentra, exclusivamente, nas

¹³³ Sobretudo a partir do momento em que foram detidas, mas também antes de seu ingresso na prisão.

¹³⁴ Onde, como dito, utilizou-se o recurso do diário de campo de modo a registrar as impressões sobre e descrever esse contexto.

¹³⁵ Grifos meus.

narrativas dessas mulheres, há todo um período de convívio e observação de seu cotidiano que vai além das entrevistas, como explicitado no capítulo anterior, o que reforça a perspectiva de uma “abordagem sociocultural”.

Mas, de uma maneira geral, ao trabalhar com os relatos de vida a partir do uso da técnica de história de vida, na configuração dos mundos possíveis que se estabelecem na e pela telenovela em sua correlação com as memórias da recepção desse gênero audiovisual, o aspecto mais destacado aqui refere-se à análise de suas narrativas, desencadeadas a partir da memória, sendo esses dois âmbitos, portanto, centrais na pesquisa ora relatada. Justamente por esse motivo, considera-se importante apresentar o panorama teórico conceitual, em parte pontuado no capítulo três, que norteou a pesquisa no que se refere precisamente à ideia de memória e de suas narrativas.

5.1 Mundos da memória e da telenovela

Lembro, logo existo. No ritmo alucinante da contemporaneidade, com mudanças aceleradas e dissolução de certezas e referenciais, recorrer à memória é mais do que uma compensação. É uma tentativa desesperada de encontrar alguma estabilidade diante da reordenação espacial e temporal do mundo. **Lembrar é trazer de volta antigos modos de vida e experiências sociais.**¹³⁶ É tentar reviver momentos de coerência e estabilidade. (PENA, 2008, p. 138)

A noção de memória aqui empregada, como já apontado, se relaciona aos pressupostos do método da história oral, que se inscreve no interior de uma transformação teórico epistemológica que se deu na historiografia ao longo da segunda metade do século passado, no processo que é definido por muitos autores como “Nova História” ou “Nova história cultural”.¹³⁷

Na perspectiva da Nova História Cultural¹³⁸, a memória nunca é um acesso ao passado, nunca é o próprio passado e sim um olhar, uma narrativa do presente sobre o

¹³⁶ Grifos meus.

¹³⁷ Considera-se como “fundadores” dessa nova perspectiva os franceses Jacques Le Goff e Pierre Nora. A nomenclatura teria como origem a obra, organizada por eles em três volumes, intitulada “*Fazer a História*”. Recomenda-se, entre outras, as obras de Peter Burke – *New Perspectives on Historical Writing* (A escrita da História: novas perspectivas-1991) e Roger Chartier – *A história cultural: entre práticas e representações* (1990) para uma melhor compreensão desse cenário.

¹³⁸ É considerado um momento de ruptura dentro do fazer historiográfico, “movimento” que se deu a partir dos anos de 1960 mas se configurou de forma mais efetiva em termos de conduta de pesquisa e análise a partir dos anos de 1980. Entre outros aspectos de mudança de perspectiva epistemológica está a emergência

passado. Como aponta Pena (2008, p. 140) “No momento em que lembramos de algo, o que era passado torna-se **narrativa**¹³⁹ e articula-se no presente, sendo portanto simultâneo a este presente”.

Além disso, apesar do valor singular de cada memória, esta não será pensada apenas individualmente, mas dentro do grupo e do contexto social do qual faz parte, na perspectiva do que Maurice Halbwachs chamou de “memória coletiva”. Como afirma o autor:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26)

Nessa mesma perspectiva, Pollak (1992) afirma que memória “[...] parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Porém, como ressalta o autor, destacando a obra do próprio Halbwachs¹⁴⁰, “[...] memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (p. 2). Entender a memória como uma construção social não significa, porém, negar seu valor individual, sobretudo levando-se em conta que a forma como a memória ganha materialidade é através do discurso, da narrativa que os sujeitos fazem de sua própria experiência. Este discurso, fruto do contexto social em que se produz, passa pelos mecanismos mentais e experiências singulares de cada sujeito. Ou, como afirma Portelli (2006)

para o estudo da história do conceito de representação. Estas são “construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2005, p. 39). Neste cenário, as preocupações com a memória e as narrativas dos sujeitos serão bastante emblemáticas. Como afirma a autora “pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2005, p. 42).

¹³⁹ Grifos meus.

¹⁴⁰ Referência à obra “A memória coletiva”, publicada pela primeira vez em 1950.

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é *social* e pode ser *compartilhada* (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas do mesmo modo que *langue* se opõe a *parole*, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais (p. 23)¹⁴¹.

Além disso, não se pode esquecer que há aspectos, em toda memória, que são mais marcantes e que, de certo modo, permanecem invariáveis, independente de quantas vezes se narre esses eventos. Destacando o uso da história de vida, técnica utilizada nesta pesquisa, Pollak enfatiza esse aspecto:

Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. (1992, p. 2)

Embora de um modo geral as participantes desta pesquisa se atenham mais às memórias recentes e evitem, ou falem com menos intensidade sobre sua infância e adolescência, foi possível observar esse aspecto apontado pelo autor. Esse “momento emblemático de memória” refere-se ao ingresso na prisão. Em várias ocasiões, quando falavam de outro momento de sua vida, elas traziam para sua narrativa o momento da prisão, o momento em que “caíram”, como dizem. Às vezes estavam contando um acontecimento da infância, alegre, de brincadeira ou lembrando sua trajetória, e logo emendavam falas como a de Silvana, que faz um “pulo” de quando tinha dez anos para seu ingresso na prisão, segundo ela, por culpa do ex-marido que levava drogas no carro sem que ela soubesse.

E então minha mãe trabalhava em três lugares, mas mesmo assim ela não daria conta de sustentar os filhos. E pra mim também, ajudar né, a trabalhar com o meu tio, não era uma pessoa estranha e podia ajudar ela, por isso que eu vim pra cá [Santa Catarina], aí continuei trabalhando sempre, depois só me envolvi mesmo com coisa errada quando conheci esse meu ex-marido. (SILVANA)¹⁴²

Outro aspecto importante destacado por Pollack (1992) é o fato de que a memória “[...] é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (p. 4). Não é possível

¹⁴¹ Grifos do próprio autor.

¹⁴² As falas das detentas foram mantidas em sua forma original, sem correção nem marcação de erros

afirmar se elas efetivamente não lembram contundentemente de sua infância ou se as experiências vividas são consideradas negativas e por isso, evitam de trazê-las à narrativa. Elas não chegam a se colocar como vítimas de um “passado terrível”, mas seus silêncios, lacunas e resistência em falar desse período podem indicar tanto para a perspectiva de que não querem lembrar quanto da possibilidade de que o momento presente seja tão complexo em termos de aceitação de seu cotidiano que elas só consigam pensar nessa espécie de “presente distendido”, porque é um presente sempre conectado com o futuro, qual seja, a data de saída da prisão. Olhar para o passado significa fazer emergir o momento do ingresso na prisão, sempre o fato mais destacado em suas narrativas ainda que o crime propriamente dito seja quase sempre mencionado de forma indireta como pode-se perceber nas falas a seguir:

Eu to presa porque meu, eu tava junto com um rapaz né e ele pegou e... ele trabalhava com moto táxi né e daí ele pegou e levou pra dentro de casa né, droga né? Dai tá, ele tinha feito corrida pra uma guria e a guria não tinha dinheiro pra pagar [ruídos ao fundo de metal batendo] e ele tinha deixado pra mim ir buscar né, daí ela pegou e entregou né. Dai com ele fugiu, eu vim no lugar dele. (SUELI)

Foi uma situação que assim, pediram pra eu fazer um favor, como eu sabia dirigir eu fui e nem era pra mim ir, era pro marido da cunhada entendesse. O delegado mesmo falou, não era pra ti ir Eliane, não era pra ti ir. Então eu me enrolei. (ELIANE)

Ainda quanto a esse aspecto, da “seletividade da memória”, as lembranças (e os esquecimentos) quanto à infância evidenciam essa perspectiva apontada pelo autor. Como dito, elas falam pouco sobre esse momento de sua vida, ainda que as entrevistas não tenham seguido uma ordem cronológica e que o tema tenha sido posto em discussão mais de uma vez ao longo do processo, de um modo geral elas evitam ou falam pouco sobre isso. Esse “esquecimento”, porém, também é revelador de suas trajetórias pois como afirma Huyssen (1997), numa perspectiva psicanalítica, toda memória é um tipo de esquecimento e o próprio esquecimento é também uma memória que está guardada.

Quando falam, se destacam duas condutas bastante distintas que ficam fortemente marcadas nas falas de Eliane e Indianara e Sueli e Daniela, respectivamente. As duas primeiras apontam para uma representação nostálgica da infância, suas narrativas evidenciam saudades desse período, riem, se descontraem quanto falam sobre esse momento, como pode-se perceber nos momentos destacados a seguir:

Andava no mato, caçando, pescando, fazia arte. É jogando bola, andando de bicicleta, no mato com meus irmãos. Nós temos pouca diferença de idade né, então onde um ia, o resto ia atrás. Tomava banho de rio. [risos] (ELIANE)

A gente, a gente aprontava né na verdade né, bastante. Tinha uma pracinha lá perto de casa, que lá era de adulto, e tinha uma pracinha, uma igreja. Daí eu fui batizada né, porque a minha mãe é católica, aí a gente brincava naquela pracinha, daí a gente cuidava dos carros, diz que a gente cuidava dos carros, a gente não cuidava, pra ganhar dinheiro. [riso] Só que daí a gente não cuidava, a gente só, na verdade a gente enganava as pessoas dizendo: A gente ta cuidando o carro da senhora ta. – Brincava perto de um rio assim, pra pega peixe, e a mãe toda vida gritando pra gente ir pra casa. (INDIANARA)

Sueli e Daniela, ao contrário, evidenciam uma tendência ao esquecimento, à recusa dessas memórias, enfatizando o caráter social da memória, ou seja, que se trata de um processo de construção, ou como diz Pollack, “Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual **grava, recalca, exclui, relembra**, é evidentemente o resultado de um verdadeiro **trabalho de organização**”¹⁴³ (p. 5). Essa “recusa de lembrar” pode ser observada nas falas a seguir:

A gente morava no sítio né e os pais da gente eram mais rígidos daí a gente fica mais fazendo né, quando era crianças, botam trabalhar, fazer as coisas na lavoura. Então não tive nenhuma infância. [voz fica mais baixa gradativamente] (SUELI)

Ai, a minha história da minha infância, eu perdi a minha mãe com 6 anos, minha mãe morreu queimada... Daí perdi ela, ela tinha 24 anos. Daí vim morar com o meu pai, vim... Teve coisas, situações que não vem ao caso. (DANIELA)

As “situações que não vêm ao caso”, que Daniela viria a contar em outro momento, referem-se ao abuso sexual praticado pelo pai a partir do momento em que teve que residir com ele em outra cidade por conta da perda da mãe, também um momento traumático, mas este constantemente lembrado e narrado por ela. As lembranças do falecimento da mãe, assassinada pelo padrasto quando Daniela tinha seis anos, foram repetidas inúmeras vezes ao longo das conversas. Em uma dessas ocasiões, em que se mesclam a memória do luto e a do abuso, ela narra uma de suas tentativas de suicídio:

Bem antes disso, antes de eu sair da escola, tentei me matar, porque minha mãe morreu queimada né, eu tentei tacar fogo, taquei fogo em mim, mas eu não morri. Tava com 10 anos. Taquei fogo. Mas não adiantou, só queimou meu rosto e não adiantou. Botei álcool dentro de um pote tampado e taquei fogo, daí explodiu. Só queimou meu rosto.

¹⁴³ Grifos meus.

Esse acontecimento, o da perda da mãe, tão emblemático em sua trajetória, pode ser definido como uma “memória traumática”, (PORTELLI, 2006), assim como o processo de abuso praticado pelo pai até ela completar 13 anos e fugir de casa pela última vez e não mais retornar. Esse “esquecimento” se traduz em uma espécie de negação de quando fala sobre o acontecimento. Esse aspecto, que reforça a ideia de memória como uma construção social, é discutido por Portelli ao problematizar as memórias do massacre de Civitella Vai di Chiana, ocorrido na Toscana em 29 de junho de 1944¹⁴⁴. Ele as define como “memórias divididas” que “dividem-se internamente entre o desejo de silenciar e esquecer e a necessidade de se expressar” (p. 24), o que parece ser o caso de Daniela ao trazer constantemente esses dois episódios de sua infância, sobre um, fala diretamente, reconstrói cada detalhe, sobre outro, fala de forma genérica, nas “entrelinhas” e reforça, inúmeras vezes, o perdão dirigido ao pai.

Ela, por exemplo, jamais usa expressões literais para se referir ao fato até que de repente, no meio de outra fala, desabafa: “meu pai abusou de mim”. E depois emenda “Mas eu perdoei ele, mas ele não sabe disso ainda”. Reforça várias vezes ao longo das conversas que já perdoou o pai, que tem medo que ele morra (o pai estava com a saúde debilitada) antes dela sair da prisão.

Eu não tenho que condenar meu pai também né, que meu pai ta sofrendo, meu pai ta doente e mais assim, ele sofre mais porque eu to aqui dentro também, dai ele ta, ele acaba se culpando por eu tar aqui, por eu não ter mais... eu sempre digo em carta que eles não tem que se culpar por eu ta aqui dentro. (DANIELA)

Não há, então, em suas reconstruções de infância, a riqueza de detalhes, nem mesmo quando da infância nostálgica. Porém, quando falam sobre esta fase da vida, um elemento se fez presente em todas as narrativas, à exceção de Dona Sueli: a presença da televisão em seu cotidiano. De diferentes formas, e em diferentes momentos, todas elas apontam para a presença da televisão em suas lembranças do passado, sobretudo da lembrança de suas mães, figura emblemática em todas as narrativas, aspecto que será problematizado adiante.

¹⁴⁴ “Em 29 de junho, as tropas de ocupação alemãs executaram 115 civis, todos homens, em Civitella Val di Chiana, uma cidadezinha montanhosa nas proximidades de Arezzo, na Toscana. Neste mesmo dia, 58 pessoas, incluindo mulheres e crianças, foram mortas no povoado vizinho de La Cornia, e 39 no vilarejo de San Pancrazio. Tudo indica que esses atos foram uma retaliação pelo assassinato de três soldados alemães por membros da Resistência, em Civitella, em 18 de junho” (PORTELLI, 2006, p. 103).

A referencia à TV não se relaciona à telenovela diretamente, elas apontam desenhos animados (Jully, Indianara, Eliane, Daniela) e o programa da Xuxa (Eliane), por exemplo, mas já aparecem menções à telenovela. Jully lembra de assistir as novelas da tarde como forma de passar o tempo na infância e que à noite dormia cedo, por isso só “dava uma espiadinha”. Silvana diz que sua família tinha “boas condições” e que tinham TV desde cedo, em mais de um cômodo, e que tem lembranças de ver “Meu pé de laranja lima”¹⁴⁵, mas lembra mais da mãe ver novela. Esse aspecto é compartilhado por todas, menos Dona Teresinha e Dona Sueli, que tiveram acesso à televisão já na adolescência. As demais usam expressões como “minha mãe era noveleira”, “minha vó via muita novela” foram recorrentes.

A novela está sempre associada, em suas memórias, à figura feminina, particularmente a da mãe. Jully fala que a mãe trabalhava fora, na lembrança dela “estava sempre correndo”, mas a noite era a hora de fazer a janta, limpar a casa e “ver novela”, lembra da mãe se dividindo entre essas tarefas e a televisão. Eliane reforça o caráter “noveleiro” da mãe até hoje e lamenta que por conta da progressão do diabetes, ela agora só “consegue ouvir a novela” e mesmo assim a TV está sempre ligada.

A minha mãe até hoje é noveleira. Só que ela tem deficiência visual, ela só escuta. Ela só escuta... ela não...é bem pouca coisa ela enxerga, 2% só. Ela perdeu por causa da diabete. Faz 10 anos mais ou menos. Então ela só acompanha escutando... Mas ela não perde uma... Senta das duas horas da tarde até a última novela, ela fica lá escutando as novelas. [risos] daí ela fala tudo que ela escuta em jornal, em novela, ela quer contar tudo. É daí hoje ela só escuta a TV. A TV é ligada 24 horas, como se fosse uma companhia pra ela. (ELIANE)

Ou seja, suas memórias de infância estão conectadas sobretudo ao ambiente doméstico onde a TV se faz presença marcante e integra o cotidiano, a rotina da família.

Orozco (1992), apontando a realização de vários estudos de recepção desenvolvidos no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, já destacava a importância da mediação familiar na relação das crianças com os conteúdos televisivos. Conforme o autor, “Os membros da família, sobretudo os adultos, exercem uma influência permanente nas crianças, não somente em seus gostos e preferências televisivas que vão desenvolvendo, como também em seus modos de apropriação de tudo o que veem e

¹⁴⁵ Novela exibida entre 30 de novembro de 1970 e 30 agosto de 1971 pela Rede Tupi como adaptação do romance homônimo escrito por José Mauro de Vasconcelos e publicado em 1968. Silvana se refere, entretanto, à uma segunda versão da narrativa produzida pela Rede Bandeirantes na década de 1980. Entre 1998 e 1999, a mesma Rede Bandeirantes produziu uma terceira versão da novela.

escutam na TV” (p. 11).¹⁴⁶ Os estudos destacados pelo autor, inclusive alguns por ele mesmo realizados, envolviam o público infantil e evidenciavam a influência que elas também apontam nesse imaginário que têm das mães e sua relação com a telenovela. Vale lembrar que essas pesquisas foram realizadas justamente no período em que a maioria delas estava na fase da infância e que suas memórias de certo modo reiteram essa participação de um adulto, notadamente a figura da mãe, no processo de ver telenovela.

Em suas “memórias de recepção da telenovela” evidencia-se, portanto, a importância da mediação apontada por Martín-Barbero (2003) quando da primeira edição de *De los médios a las mediaciones*, qual seja, a cotidianidade familiar. Wottrich, Silva e Ronsini (2009), ao destacarem a importância da proposição das mediações de Martín-Barbero para o estudo da recepção da telenovela destacam a cotidianidade familiar como uma das mais significativas para a compreensão desse processo. Como apontam as autoras:

Cotidianidade é o espaço em que as pessoas se confrontam e mostram como verdadeiramente são, através das relações sociais e da interação dos indivíduos com as instituições. A cotidianidade familiar é uma das mais importantes mediações para a recepção dos meios de comunicação, pois a família representa um lugar de conflitos e tensões que, reproduzindo as relações de poder da sociedade, faz com que os indivíduos manifestem seus anseios e inquietações. (WOTTRICH, SILVA e RONSINI, 2009, p. 3)

Esse aspecto, o da relação da telenovela com o ambiente familiar, foi também observado nos estudos desenvolvidos por Jiani (2003). A autora afirma que:

[...] a telenovela desempenha um papel no acionamento e na reconstrução das marcas da memória familiar. Na medida em que apresenta tramas que se relacionam com marcas vividas pelas famílias, estas tramas podem funcionar como elementos de acionamento da memória e fornecer quadros e perspectivas de compreensão que alimentam processos de reconfiguração da memória familiar. (p. 6)

Embora separadas de seus núcleos familiares, a mediação da cotidianidade familiar se faz presente no atual momento de suas vidas, ao menos entre um grupo de entrevistadas: Jully, Silvana e Teresinha, que com mais três detentas, dividem o espaço da cela e o trabalho na cozinha do presídio. Nesse ambiente, desenvolveram quase uma outra instância de cotidianidade familiar, como se verá adiante.

De um modo geral, como dito, seus relatos de vida mergulham pouco no passado, e isso não tem uma correlação com a questão etária. As mais jovens (Bianca e Jully) falam

¹⁴⁶ Tradução livre.

tão pouco da infância quanto as mais velhas (Teresinha e Sueli). Todas elas se concentram no período que compreende o imediatamente anterior ao ingresso na prisão e o momento da saída, possivelmente porque este momento é o mais emblemático em suas trajetórias e se configura como um “presente contínuo” com olhar dirigido ao futuro. Ou, como define Cauquelin (2011), a projeção de mundos possíveis num cenário de futuros contingentes, que se configuram narrativamente em planos para quando deixarem a prisão, como pode-se perceber nas falas a seguir:

Quando eu sair daqui eu vou, vou focar nisso né, na costura, que eu gostei bastante. (INDIANARA)

Quero voltar a trabalhar, cuidar da minha filha, ter uma vida normal, sem fazer nada de errado. (JULLY)

Depois eu vou sair eu não quero passar perto de nada que me traga pra cá de volta. Nem cigarro, nem amigos, nem maconha, nem bala, nem nada. Não quero nada que me traga pra cá de volta, nada. (BIANCA)

O que me preocupa bastante quando eu sair é sobre o emprego. Eu tenho medo de rejeição assim né. Porque o que a gente precisa é sair e trabalhar né. [pequena pausa] Mas eu acho que vai dar tudo certo se Deus quiser. Vou sair e arrumar um serviço de novo. (TERESINHA)

Futuros esses que muitas vezes se mesclam com o passado, aquele “borramento” do tempo atual e uma correlação entre o antes da prisão e o depois, como se se colocassem em continuidade “pulassem” o momento atual, como se evidencia na fala de Sueli sobre sua perspectiva de trabalho ao sair da prisão ou na fala de Silvana, sobre seu futuro amoroso:

Eu moro em uma quitinete né, [ruído passos] Nessa loja de bateria que eu trabalhava, que eu fazia limpeza, o meu patrão falou que quando eu sair eu posso trabalhar lá. Eu posso continuar trabalhando. (SUELI)

Ai depois me apresentei aqui, ai conheci meu ex-marido, quando tava, meu marido quando tava foragida. E contei pra ele que eu era foragida, que eu ia me apresentar e tal, ai ele resolveu me acompanhar. E hoje a gente tem, quase três anos que a gente ta junto, eu to dois anos e pouco na cadeia, ficamos vivendo bem pouco tempo na rua, mas mesmo assim me acompanhou até hoje e graças a Deus eu sei que ta tudo bem, tudo bem encaminhado, quando eu sair já to também, até bem... tenho planos de casar. (SILVANA)

Esta pesquisa não tem, obviamente, a pretensão de compreender as motivações que as levaram ao crime ou uma análise aprofundada de suas identidades pela perspectiva das memórias que evidenciam, mas de pensar essas memórias e essa relação complexa com a noção de tempo como um cenário propício a participação da telenovela como

configuradora de “mundos possíveis” enquanto se encontram “fora do tempo”, “fora do mundo real” à espera desse futuro e, neste sentido, a ênfase dada a esse momento específico de suas trajetórias ajuda a compreender a importância que a telenovela adquiriu em seu cotidiano a partir do ingresso na prisão.

Dona Teresinha é a única que se define como “noveleira”. Todas as demais afirmam ter desenvolvido o “gosto” ou o “vício” (expressão usada por Dona Teresinha) pela telenovela a partir do cumprimento da pena.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a memória e a articulação das temporalidades que as envolvem, é um âmbito de constituição de mundos possíveis, da mesma forma que a telenovela e suas narrativas se apresentam como mundos possíveis no contexto onde se encontram, mundos estes mediados pela própria dinâmica da instituição e das novas socialidades que ali desenvolvem, motivo pelo qual se identificou essa duas mediações como emblemáticas de sua relação com a telenovela e os mundos possíveis com e por ela desencadeados. Como afirmam Bruschi e Guareschi (2007), apoiados em Brockmeier e Harré (2003) as “[...] obras ficcionais são um meio de exploração de ambos os mundos: o possível e o real”. E sobre a relação que se pode estabelecer com esses conteúdos, os autores apontam que:

As pessoas, pelo menos algumas vezes, podem ultrapassar seus próprios limites e podem produzir significados como possibilidades de ação e opções de conduta. A ficção rompe os horizontes estabelecidos pelo costume, rotina, ignorância e inércia e, muitas vezes, pelo discurso científico da Psicologia, que se inscrevem em nossa vida cotidiana. A visão exploratória e experimental da narrativa é inextricavelmente fundida com a nossa realidade transitória, com a realidade material fluida e simbólica de nossas ações, mentes e vidas.

Embora os fatos já tenham ocorrido, ao olhar para eles, ao transformá-los em narrativa no processo de “atualização” desse passado no presente, há sempre uma gama enorme de possibilidades, do que está em potência. Entendendo assim o virtual como o que está em potência, constituem-se aí parte dos mundos possíveis dessas mulheres, sobretudo de viverem uma espécie de presente contínuo, de realidade “suspensa”, uma realidade em estado de devir. Nesses “mundos possíveis” desencadeados pelo acionamento da memória e a consolidação, pela narrativa, do passado (o já vivido) no tempo presente, a presença da TV de um modo geral, perpassa, atravessa, está presente embora em instâncias e momentos diferenciados.

Para Dona Teresinha, por exemplo, essa memória é representativa de um momento de transição. Ela não conheceu a TV na infância, como as demais entrevistadas. A vida dura e simples no interior do Paraná, a casa onde vivia distante dos grandes centros, o trabalho pesado na roça junto com os irmãos evocam não apenas um outro olhar sobre a infância como também a lacuna da mediação televisiva em seu cotidiano durante essa fase da vida. Mesmo a escola veio mais tarde, tão mais tarde que ela mal a frequentou. A TV só foi aparecer em sua vida, em suas memórias, já na adolescência, quando saiu de casa e do interior do Paraná para se casar.

A telenovela não é apenas uma mediadora ou articuladora dos mundos possíveis a partir da evocação das memórias que sintonizam a temporalidade passado-presente, presente-passado. É também, ou sobretudo, articuladora dos mundos possíveis nesse momento de “presente contínuo” e de um presente-futuro ou futuro contingente, quase de um passado-futuro em que o presente se encontra em estado de distendimento porque o que as marca nesse momento é a memória sobre o ingresso na prisão e a data de saída. O que se passa entre esses dois intervalos é quase um momento nulo, de negação do tempo vivido, de deixá-lo em suspensão, não pensar sobre ele. Elas vivem então numa temporalidade complexa que praticamente ignora o presente. Este é acionado ou levado à consciência pelas ritualidades do cotidiano na prisão: a hora de levantar, das refeições, de dormir.

O outro marcador importante dessa ritualidade cotidiana é a telenovela assistida no horário da noite, praticamente um momento de evasão desse cenário e das próprias temporalidades em que vivem. A catarse de Aristóteles, mas também uma projeção de mundos alternativos ao da prisão e um encontro com suas vidas: suas memórias e seus planos para o futuro, motivo pelo qual levantam todos os dias e seguem sua rotina. Esse momento de “evasão”, de “confundir-se” com a telenovela, ao mesmo tempo que reconhecem que não se trata da própria realidade mas tem conexão com ela, fica ilustrado nas falas a seguir:

Não sei que... Sei lá, às vezes parece uma vida real, não sei... Certas situações... Sei lá, a gente parece que entra na novela né? (JULLY)

[...] hoje, a gente tava comentando que a Morena vai lá pra Turquia, que o Téo¹⁴⁷ também vai, que a Livia também vai. Daí é aquela revolta da gente agora [risos]. Ah se a gente pudesse fazer alguma coisa... [risos] (JULLY)

Eu sempre gostei de novela. Mas assim, pra eu, pra mim não tem muita importância assim, porque eu sei que aquilo ali não é real. Né. É só uma... uma coisa assim né, que não é real, mas é, a gente gosta de assistir. A gente fica agoniada com, sempre fica alguma coisa pra ver outro dia né, daí a gente fica ansiosa pro outro dia ver né, toda vida, é uma coisa assim que a gente... Vicia né você assistir. Sei lá, mas é bom. (TERESINHA)

Mesmo que seja para atribuir esse aspecto às outras, e não a si mesma, como faz Eliane a seguir, há essa perspectiva de imbricamento entre ficção e realidade, de como se conectam com o mundo da telenovela.

As outras detentas, ah elas tá louco, se elas puder entrar lá dentro da novela e ficar lá dentro junto elas ficavam. [risos] Se elas pudessem entrar lá dentro da tela elas entravam [risos] (ELIANE)

Para muitos intelectuais, elas são a perfeita ilustração do caráter alienador e narcotizante da telenovela, uma demonstração do “poder”¹⁴⁸ de seus efeitos sobre os receptores. Na perspectiva teórico metodológica que conduz essa pesquisa, elas são a demonstração do processo complexo de produção de sentidos na relação dos sujeitos com os meios. Em termos psicológicos, na perspectiva de catarse aristotélica, assistir a telenovela é o modo como expurgam suas culpas, seu próprios pecados, como quando Bianca diz que ver Morena¹⁴⁹ e a mãe lhe faz lembrar de sua mãe. “Antes de sair de casa, eu via novela com a minha mãe”, comenta de forma saudosa e lembra do quanto se

¹⁴⁷ Referência aos protagonistas da novela *Salve Jorge*, da Rede Globo, com autoria de Gloria Perez. A novela, exibida no horário da 21h, foi ao ar de 22 de outubro de 2012 a 18 de maio de 2013, com um total de 179 capítulos. O tema em torno do qual se construiu o enredo da novela foi o tráfico de pessoas.

¹⁴⁸ Persistem ainda hoje muitas análises midiáticas, particularmente sobre a televisão, baseadas nas teorias dos efeitos ou da uma perspectiva analítica ideológica que de um modo geral viam o receptor como passivo, à mercê dos conteúdos e da manipulação que os meios seriam capazes de exercer sobre suas mentes. Sobre esse aspecto, concorda-se com Borelli (2001) quando afirma que: “Muito se debateu estes anos todos sobre os perigos de manipulação, evasão e alienação que emanariam dos enredos melodramáticos e alcançariam o público-alvo [...] de forma a transformá-lo num mero reduto de sonhos e lágrimas, vazio de vontades, pleno de ilusões. Esta tendência, sem dúvida hegemônica no campo da sociologia da cultura e mesmo no de uma certa teoria da comunicação com tendência mais crítica, atravessou os anos 70 e parte dos 80 sem que se tivesse alterado, neste período e de forma significativa, um certo preconceito acadêmico em relação à telenovela.” (p. 29). A autora, assim como Jacks, Menezes e Piedras (2008) e Jacks et al (2014) apontam para a mudança de cenário a partir dos anos de 1990 com a incorporação de perspectivas como a de Martín-Barbero (2003) nos estudos brasileiros. Entretanto, ainda hoje realizam-se vários estudos que continuam a ver a telenovela como objeto menor, questionável, tanto em termos acadêmicos quanto, e sobretudo, como um bem cultural.

¹⁴⁹ Protagonista da novela *Salve Jorge*, personagem vivida pela atriz Nanda Costa.

separaram desde que saiu de casa, aos 16 anos, para viver com o rapaz que a mãe não aprovava.

A telenovela também participa do processo como projetam suas metas, seus planos para o futuro. Não é uma negação de seu cotidiano, mas uma forma de reordená-lo, de lhe dar sentido, de encontrar um sentido maior inclusive para o momento vivido, ou seja, quanto ao cumprimento da pena. A telenovela, seus temas e personagens permitem o encontro com suas vidas, as vividas e as desejadas e assim articula, possibilita a vivência de outros mundos, o estabelecimento, mentalmente concreto, de outros mundos possíveis. Se como diz Cauquelin (2011) é no âmbito da ficção que a ideia filosófica e metafísica de “mundos possíveis” pode se concretizar, então, no cotidiano dessas mulheres, é a telenovela, particularmente a das nove, o território concreto das possibilidades.

Quando se fala de mundos possíveis na ficção, normalmente esta é uma referência ao cenário, ao imaginário da literatura, às possibilidades de encontrar – e se projetar – a esses outros mundos por suas narrativas. Entretanto, a telenovela, por sua matriz cultural híbrida, que mescla o teatro popular, a tragédia, o melodrama, a narrativa da própria literatura por meio do romance, particularmente do romance-folhetim, associado à sua característica brasileira de realismo inaugurada com Beto Rockefeller em 1968, propicia um fértil cenário de “mundos possíveis”, particularmente no ambiente prisional, onde as mediações entre a narrativa e seu público são mais escassas e mais fortemente atravessadas pelas lógicas de uma instituição total. Notadamente o encontro entre a matriz melodramática, a verossimilhança e o tom realista da narrativa, os limiares ficcionais tendem a ser propícios para essa perspectiva possivelmente mais do que qualquer outra narrativa. Como aponta Martín-Barbero (1992):

[...] a telenovela fala menos a partir de seu texto que de seu intertexto que se formam nas leituras. Isso implica que a televisão é um meio não só no sentido instrumental – mediante os efeitos que produz – mas também no mais profundamente cultural da mediação entre a realidade e o desejo, entre o que vivemos e o que sonhamos.¹⁵⁰ (p. 14)

Para cada uma delas, a telenovela propicia mundos possíveis na articulação entre suas memórias e seus planos para o futuro. São mundos em estado de devir¹⁵¹ e que não

¹⁵⁰ Tradução livre.

¹⁵¹ Devir é aqui entendido na perspectiva deleuziana e pode ser entendido como um processo de construir-se. “Estar em devir é habitar a tangente do tempo e fazer de si uma sempre inconclusa criação. [...] Um devir não

mudam significativamente embora mude o autor, o enredo e os atores da nova novela. Mais do que a trama em exibição, é a estrutura, a matriz cultural da telenovela – o melodrama – que lhes permite essa identificação e projeção.

5.1.1 Memórias do melodrama

Elas lembram pouco de nomes de personagens e das tramas, falam, em geral, dos personagens e dos temas tratados na novela que está sendo exibida naquele momento. Ao longo da pesquisa, foram três diferentes autores/novelas das nove, eleitas de forma unânime como a novela de sua preferência. Seus temas e personagens foram lembrados, discutidos e abordados por elas, esquecidos e substituídos pelos novos enredos e personagens.

O que ficou, o que esteve sempre lá, foi a identificação com a estrutura da narrativa, seu vínculo forte com a matriz melodramática. Os temas e personagens sempre reforçados, destacados por elas foram: relações de amor e relações mãe e filho; a luta, a batalha das personagens para protegerem suas famílias, para realizarem suas histórias de amor e conquistarem suas metas, seus planos.

A matriz melodramática da telenovela produzida na América Latina já foi exaustivamente apontada por vários estudiosos. Entre os mais significativos estudos, estão os de Jesus Martín-Barbero que influenciam uma série de pesquisas em todo o subcontinente. O melodrama foi aqui entendido, então, na perspectiva do que autor destaca, principalmente, em duas de suas obras: *Dos meios às mediações* (MARTÍN-BARBERO, 2003) e *Televisión y Melodrama* (MARTÍN-BARBERO, 1992). Em termos de uma contextualização geral de seu surgimento, o autor aponta que:

Desde 1970 vai-se chamar melodrama, especialmente na França e na Inglaterra, um espetáculo popular que é muito menos e muito mais que teatro. Porque o que aí chega e toma a forma-teatro, mais que com uma tradição estritamente teatral, tem a ver com as formas e modos dos espetáculos de feira e com os temas das narrativas que vêm da literatura oral, em especial com os contos do medo e de mistério, com os relatos de terror. Além disso, desde finais do século XVII, disposições governamentais ‘destinadas a combater o alvoroço’ proibem na

é um tornar-se, mas uma experimentação da vida em suas forças múltiplas que se encadeiam, se separam e depois passam, dando lugar a outras” (OLIVEIRA, 2000, p. 90).

Inglaterra e na França a existência de teatros populares nas cidades.¹⁵² [...]” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 169-170)

O melodrama surge então como uma “narrativa do excesso” (BROOKS, 1995) em que os juízos e valores morais se colocam em evidência, destacando de modo contundente as dualidades, sobretudo a luta do bem contra o mal. Neste sentido, Martín-Barbero vai apontar para um “quadrilátero melodramático” (Sacramento, 2012) que estabelece o desenvolvimento dos enredos e que ainda hoje, de forma mais complexa, é verdade, perpassa o enredo da telenovela, representados por quatro figuras, portanto: a heroína, o vilão, o herói e o bobo (ou bufão), “[...] que ao juntar-se realizam a mistura de quatro gêneros: romance de ação, epopeia, tragédia, comédia” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 175).

Até se concretizar na narrativa da telenovela, outros gêneros foram sendo incorporados, sobretudo, o romance-folhetim europeu do século XIX. Então, como aponta Martín-Barbero (2004) a “primeira viagem”¹⁵³ da telenovela será de um barco que sai de Paris com destino a Havana e “[...] leva o melodrama-folhetim-anglo-francês, transformando-o em *radionovela cubana*; e um tempo depois o transmidiático, que levará o melodrama da radionovela e o cinema à *telenovela latino-americana*” (p. 31).

Rincón (2008) reitera que o surgimento da telenovela se deu em Cuba, em 1952, a partir de sua antecessora direta – a radionovela. Segundo o autor “[...] desde então se choram suas histórias, se vivem seus personagens, se debate seu valor cultural e é o tema mais comum entre nós os sentimentais das classes populares e os latino-americanos”¹⁵⁴ (p. 49). Citando Martín-Barbero e sua contundente posição político-ideológica de valorização do popular, Rincón afirma que “[...] é preciso estudar o melodrama/a telenovela porque

¹⁵² Sobre esse aspecto Martín-Barbero enfatiza a importância do melodrama francês como forma de resistência do popular. Como afirma o autor: “A pantomina encenada foi ‘ensaiada’ ao ar livre por ruas e praças onde a mímica serviu à ridicularização da nobreza. E toda a maquinaria que a encenação do melodrama exige está em relação direta com o tipo de espaço que o povo necessita para fazer-se visível: ruas e praças, mares e montanhas com vulcões e terremotos. O melodrama nasce como ‘espetáculo total’ para um povo que já pode se olhar de corpo inteiro, ‘imponente e trivial, sentencioso e ingênuo, solene e bufão, que inspira terror, extravagância e jocosidade’”(p. 170).

¹⁵³ Como aponta Martín-Barbero (2004, p. 33): “Da Europa à América, o melodrama folhetinesco viaja nos mesmos barcos em que viajam milhões de emigrantes para ‘fazer a América’. Daí terem feito sua entrada por dois portos: um ao norte, Havana, e outro ao sul, Buenos Aires. Em Cuba, desde finais do século XIX, as oficinas das tabacarias foram cenário da ‘leitura em voz alta’ de livros de história e novelas folhetinescas que dariam temas e formas à radionovela”.

¹⁵⁴ Tradução livre.

este gênero/formato representa a luta pelo reconhecimento próprio dos latino-americanos; pois somos um povo em busca de nossa identidade.”¹⁵⁵ (idem).

Identidade essa que se constroi, em termos individuais, coletivos, nacionais e transnacionais em cada enredo de telenovela, que ainda que tenha transformado o melodrama tradicional em narrativas sintonizados com o mundo contemporâneo, nunca perdeu sua matriz cultural. Como aponta Rincón, citando o autor de novelas colombianas Fernando Gaitán, pode-se dizer que ainda hoje, mesmo vestindo outras roupagens, a telenovela enfatiza uma estrutura que pode ser encontrada em seis narrativas “fontes da literatura mundial e popular: *Cinderela, Romeu e Julieta, O Príncipe e o Mendigo, O Conde de Montecristo, O morro dos ventos uivantes e Os Miseráveis*.” (p. 49). Todos eles tendo em sua estrutura elementos emblemáticos do melodrama.

Não se pretendeu aqui fazer uma reconstrução do histórico do gênero, ao que se recomenda as próprias obras¹⁵⁶ citadas e os estudos elencados ao longo da discussão a seguir que aponta para os traços de uma “memória do melodrama”, está em concordância com a perspectiva de Silva (2013) ao apontar que:

[...] é possível considerar a telenovela como uma narrativa cultural que se manifesta não somente através das suas tramas, mas também como manifestação simbólica que, ao ser contada, o sujeito fala de si mesmo, se reconhece e se identifica nos valores expressos pelos personagens em uma espécie de identidade cultural. Assim, o que atrai no melodrama, não é tanto o desfecho da narrativa, mas a encenação e as interações que se estabelecem a partir e por meio dele. (SILVA, 2013, p. 12)

A “memória do melodrama” fica evidente nos personagens e temas com os quais se identificam: a jornada de luta e realização dos protagonistas, suas histórias de amor e a comicidade de outros núcleos da trama. Além disso, se identificam com as personagens, projetam para seu cotidiano e, na maioria das vezes, conectam as histórias ficcionais com suas próprias histórias.

As personagens mais destacadas foram as protagonistas e seus pares românticos, pelos quais torciam e estendiam comentários para o seu próprio cotidiano, como pode-se observar nas falas a seguir:

¹⁵⁵ Tradução livre.

¹⁵⁶ Recomenda-se também as obras consideradas “clássicas” no estudo do gênero melodrama, para além da telenovela, as obras de Peter Brooks – *The melodramatic imagination* (1976); e Jean-Marie Thomasseau – *O melodrama* (2005).

Ah, gosto da Morena e do Téo [risos]. Sei lá, o jeito da vida deles assim, o que aconteceu tudo né. Daí interessa mais assim, ver se eles vão ficar juntos, se não vão. (JULLY)

Gosto da Morena, da atitude que ela tem. [pequena pausa] Não sei, ser mais ela. A personalidade, o jeito que ela é. Não aceita desaforo. Ah, adorei, [ontem ela] sentou o braço na guria. [risos] Imaginei se eu também ia fazer isso. Já fiz em algumas. [risos] (BIANCA)

A Morena né, que me faz lembrar uma pessoa, Fisicamente, a cor da pele, o cabelo. Seria a minha esposa que tá lá em Blumenau. Faz lembrar ela porque ela também é morena, mesmo corte de cabelo e tudo. Talvez por isso que eu não gosto de ficar olhando. Pra não ficar lembrando né. [riso] (ELIANE)

Gosto do Téo, da Morena... Casal perfeito. Que eles são guerreiro, por amor os dois enfrentam. Ontem ela disse que pela nossa filha nós vamos, tudo, em qualquer lugar. Eu também, me botei no lugar dela. Ela é, que ela é muito apegada com os filhos. Com a mãe também. Tem essa situação toda aí. É isso que eu gosto deles dois, eles são muito casal perfeito. (DANIELA)

É, por causa do bebe da Paloma. Eu fico assim assistindo. E é só. [eu gosto da] Paloma e o... aquele um que diz que é o pai da Paulinha. (SUELI)

Eu gosto mais da parte da Paloma, do Bruno, do Bruno né? E da menina. Aquela parte. O que chama a atenção mesmo é a história da Paloma assim. Porque ela se envolveu com aquele feio lá, [risos]. É... Daí depois a gente tava torcendo pra que ela não voltasse com ele que ela ficasse com o Bruno né. A história dela que me chamou a atenção. Dela, da menina que, meu Deus né, perdeu a filha, jogaram no lixo, ele achou e agora ela tá praticamente junto com a filha e não sabe. (TERESINHA)

Eu via direto a Salve Jorge. Gostava também, tinha, tem sempre um caso que a gente mais gosta né, que era daquela menina dá da Morena e do Téo né, a gente gostava daquela parte. Olha era o caso deles né, o sofrimento dela, dela ser enganada, de ir lá praquela boate né. Prostituição, daí sofrer pra caramba, daí depois acaba juntos os dois de novo assim né, era legal, era essas partes que a gente gostava. (TERESINHA)

Como se vê em suas falas, independente de qual novela estava em exibição, a principal identificação é com as protagonistas. Tanto as personagens Morena (Nanda Costa) quanto Paloma (Paola Oliveira), de Salve Jorge e Amor à Vida, respectivamente, representavam mulheres sofridas, batalhadoras, em busca de formar suas famílias. Em comum, por motivos distintos, viam-se separadas de seus filhos e boa parte das tramas girava em torno da busca por essa (re) conciliação. Essa caracterização das personagens mais destacadas por elas e sua forte carga dramática, seja o sofrimento de Morena ao ser forçada à prostituição ou da filha de Paloma jogada na caçamba de lixo, reforça a importância (e a receita de sucesso) ainda hoje do melodrama na produção da telenovela. No que se refere a esse traço, Martín-Barbero (2003) afirma que:

Todo o peso do drama se apoia no fato de que se acha no segredo dessas *fidelidades primordiais* a origem dos sofrimentos. O que converte toda a existência humana – desde os mistérios da paternidade ao dos irmãos que se desconhecem, ou ao dos gêmeos – em uma luta contra as aparências e os malefícios é uma operação de decifração. É isso o que constitui o verdadeiro movimento da trama: a ida do *desconhecimento* ao *re-conhecimento* da identidade, [...]. [...] Caberia então a hipótese de que o enorme e espesso enredamento das relações familiares, que como infra-estrutura fazem a trama do melodrama, seria a forma pela qual a partir do popular se compreende e se expressa a opacidade e a complexidade que revestem as novas relações sociais. (p. 177-178)

As personagens eleitas como preferidas pela maioria delas (Indianara foi a única exceção) reforçam, portanto, a matriz melodramática da telenovela, de certo modo, de suas próprias trajetórias. Além do caráter dramático apontado por Martín-Barbero, essas personagens se enquadram na definição de Thomasseau (2005) quanto ao modelo de feminino do melodrama tradicional. Este é, conforme o autor:

[...] um retrato da mulher exemplar suportando, com toda a coragem, ultrajes e afrontas. A heroína do melodrama é a esposa, mas é sobretudo a **mãe que algo ou alguém separa de seus filhos**¹⁵⁷. Belas, bondosas, sensíveis, com uma inesgotável aptidão para sofrer e para chorar, elas sofrem uma dupla submissão, filial e conjugal, e as conseqüências de atos irreparáveis: maldições paternas, violações, casamentos secretos... Em geral elas superam os homens em devotamento e generosidade [...] (THOMASSEU, 2005, p.43).

Essa eleição também reforça aspectos relacionados aos papéis de gênero, o que se será problematizado adiante. Além das protagonistas, outros personagens citados por elas estão localizados nos chamados “núcleos cômicos”. Apesar de valorizarem o caráter “realista” da novela, seu “comprometimento social” ao abordar temas da “vida real”, elas também valorizam e se divertem com esses personagens, características da própria narrativa da telenovela que tem como um de seus traços a mistura de gêneros ficcionais (LOPES, BORELLI e RESENDE, 2002; HAMBURGUER, 2005). Os personagens engraçados destacados por elas, sempre acompanhados de gestualidades que lhes fizessem referência¹⁵⁸, podem ser vislumbrados nas falas destacadas a seguir:

¹⁵⁷ Grifos meus.

¹⁵⁸ Como os trejeitos do personagem Félix, vivido pelo ator Matheus Solano em Amor à vida, novela de Walcyr Carrasco exibida pela Rede Globo no horário das 21h no período de 20 de maio de 2013 a 31 de janeiro de 2014.

Eu gosto daquele atrapaíadinho [risos] Porque ela fica, ai eu... ela fala tudo atrapaíada, tudo atrapaíada né. Por isso que eu gosto [da Valdirene]. Mais é pra rir do jeito dela né. Ela é tudo atrapaíada, é o que mais gosto. (SUELI)

E aquela guria também é bem, pra dar risada é a aquela... piriguete¹⁵⁹ lá né, que eu não me lembro o nome. [risos] (TERESINHA)

Ai eu gosto da Gesuite e do Pesçoço, [risos] eu começo a rir deles, que ele é muito trambiqueiro, que ele começa a brigar com aquela Maria Vanúbia né, ai até as gurias as vezes falam que eu fico imitando a Maria Vanúbia, o jeito dela falar né: Não sei o que dói menos - ela fala. Ai as gurias me chamam de Maria Vanúbia. “Vai passar a Maria Vanúbia”, elas falam né. [risos] ai é o que eu mais me divirto é com os dois, que é mais comédia né, a parte da novela que eu gosto é mais a comédia. (INDIANARA)

Acho que o Félix [chama mais atenção] não pelo fato de ser homossexual, pelo fato da maldade que ele tem com a própria irmã né. Acho que gostam bastante, tem dias que às vezes escuto gritar: Ah isso aqui. [risos] É engraçado, ele também, tem aquela maldade e tal, mas ele é... ele é engraçado. É meio... algumas coisas assim meio... Meio que chama a atenção de, piadas ou coisas assim que ele fala. (SILVANA)

A presença da comicidade é recorrente e reafirma a matriz melodramática da telenovela pois como afirmam Lopes, Borelli e Resende (2002) “O gênero cômico, presente em inúmeros momentos da história da telenovela brasileira [...] retoma o diálogo com o melodrama cômico e com as matrizes clássicas da literatura e do teatro populares.” (p. 277-278). Sobre essa característica “híbrida” da telenovela, concorda-se com Silva (2013) quando afirma que

A telenovela brasileira é uma fusão de drama, romance e violência de uma forma bem peculiar. Apesar de ser um produto audiovisual, a telenovela é na verdade um texto de grande oralidade, comportando diversas formas de expressão artística como texto, música, dança e imagem. Seu surgimento contribui para explicar quanto o melodrama se popularizou na contemporaneidade, sendo possível perceber sua inserção em diversos elementos, entre eles, a **comicidade** e a oralidade. (SILVA, 2013, p. 10-11)

O elemento cômico está muitas vezes entrelaçado aos elementos dramáticos, quase uma “tragicomédia”, aspecto característico da figura arquetípica do pícaro, elemento recorrente nas narrativas populares. A partir de Campbell (2007) e Vogler (2006), pode-se dizer que o Pícaro (o personagem cômico, no melodrama reiteradamente a presença do bufão) tem como função narrativa ser catalisador entre o drama e a comédia. Aspecto que é percebido e destacado por elas, por exemplo, por Indianara quando aponta sua preferência

¹⁵⁹ Refere-se à personagem Valdirene, representada pela atriz e comedianta Tatá Werneck em Amor à Vida.

pelos vilões às mocinhas e justifica esse posicionamento porque os vilões das últimas novelas, “apesar de suas maldades”, são engraçados, como pode-se perceber em sua fala:

E os últimos vilões mesmo assim que eu tô vendo são engraçados assim. Eles são vilão mas são engraçado sabe. É uma mistura assim, esse vilão agora mesmo ele é gay só que ele é um gay que ele não quer assumir. Ele quer se assumir mais o pai dele não quer deixar ele se assumir, então ele é... Ai ele tem inveja da irmã dele, daí ele é bem... ele faz maldade, só que ele faz uma maldade engraçada assim, um jeito engraçado dele falar sabe. Mas ele é bem perverso. Mas tem hora que da raiva assim, dependendo do que ele faz. Tem hora que dá pena, porque a gente vê que ele se tornou aquilo que ele é porque o pai não aceitava que ele era gay sabe... (INDIANARA)

Responsável pelo “alívio cômico da narrativa” a figura do Pícaro e suas peripécias é também um âmbito de mundos possíveis, um mundo que escapa à tensão e à seriedade da vida cotidiana, aos dramas e dilemas que ocorrem na telenovela, como na vida. Neste sentido, a identificação com as personagens engraçadas é mais uma demonstração de como a telenovela atua como espaço de mundos possíveis. A rotina dura, sisuda, repleta de regras e de tensões do ambiente prisional, das minúcias inerentes aos dispositivos de poder (FOUCAULT, 1999) que regem esse dia a dia é, por alguns minutos, substituída por um mundo em que o riso, a sátira, a ironia é uma alternativa a esse mundo “cinza” e “carregado” da prisão.

O uso das figuras cômicas é também, historicamente, umas das receitas de sucesso do gênero melodramático justamente pelo significado a que remete. Como apontam Lopes, Borelli e Resende (2002), entre as características que levam à aceitação a apreciação da telenovela está justamente o fato de que em seus enredos “[...] há um processo de incorporação de traços da comicidade a padrão tradicional do melodrama; e dele emergem o humor, a sátira, a farsa em narrativas que continuam a falar de amores e ódios, pobres e ricos, justiça e injustiças. Nesse sentido, a comicidade é constitutiva do universo melodramático.”¹⁶⁰ (p. 278)

¹⁶⁰ Vale lembrar que no início a telenovela brasileira não adotava o gênero cômico. Como explica Borelli (2001), até o início dos anos 1970 a telenovela brasileira era “[...] bastante próxima e indiferenciada dos padrões que lhe dão origem”. Ou seja, era uma “[...] narrativa melodramática, com tendência ao dramalhão, ambos ‘territórios’ de ficcionalidade característicos das radionovelas, *novelas semanais* e dos filmes do *cinema de lágrimas* [...]” (p. 32, grifos da autora). A partir da década de 1970 ocorreria um progressivo “[...] descentramento da hegemonia do melodrama provocado pela invasão de outros ‘territórios’ de ficcionalidade, como a **comicidade**, a aventura, a narrativa policial, o fantástico e o erotismo” (grifos meus). Ainda segundo Borelli (2001) “São tramas que, paralelamente ao fio condutor melodramático, inserem-se no contexto do enredo e passam a dialogar com matrizes constitutivas destes outros ‘territórios’” (p. 32).

As falas das entrevistadas destacadas até aqui apontam para a telenovela de sua preferência, qual seja, a assim chamada “novela das oito”, que na verdade trata-se da telenovela exibida pela Rede Globo por volta das 21h¹⁶¹. Conforme aponta Leal (1986):

A novela das oito é uma forma genérica que os produtores, os receptores e as crônicas dos jornais referem-se às telenovelas que são emitidas de segunda-feira a sábado, continuamente, indicando, na forma de se referirem ao programa, a familiaridade cotidiana e a predominância de um meio de comunicação, de uma emissora, de um horário e de um determinado tipo de programação. (p. 13)

Esta narrativa é eleita por elas como de sua preferência¹⁶² por vários fatores, um deles, a questão do tempo, dos horários que dispõem para ver telenovela, sobretudo as três entrevistadas que trabalham na cozinha: Jully, Teresinha e Silvana. Estas só voltam para suas celas após às 20h, então virá o banho e somente depois o descanso e a novela. Mas, o principal motivo para escolherem a última novela exibida de segunda a sábado pela Rede Globo (no caso delas, independente de qual seja essa novela) deve-se ao seu caráter, como apontado por elas, de maior proximidade com a “vida real”, aspecto que fica evidenciado na fala de Eliane:

As vezes que eu vejo é uma novela bonita. Tipo assim, ela conta bem a realidade da vida real das pessoas né. Muitas né, muitas novelas, tem umas que é só boboça

¹⁶¹ “A definição dos horários das telenovelas está totalmente ligada à Rede Globo. Já na década de 60, a emissora instituiu quatro horários de forma a atender as várias faixas etárias e perfis de seus espectadores” (JOHN e JACKS, 2011, p. 3). Os autores destacam, a partir da definição de Fernandes (1997) que a distribuição dos horários por parte da Rede Globo já nos anos 1960 ficou estabelecida como: “[...] o horário das 18 horas destinava-se às tramas água-com-açúcar que reproduziam a literatura clássica brasileira para os jovens; às 19 horas, comédias românticas; às 20 horas, horário nobre, eram discutidos assuntos mais complexos, temas sociais que tinham identificação do público e, às 22 horas, eram reservadas as críticas e reflexões sociais” (idem). Essa panorama sofreria alteração no final da década de 1970. Ainda reportando as autoras, “Em 1979, a novela das 22 horas foi eliminada, dando espaço a novos formatos como as minisséries e seriados. Atualmente, a definição das temáticas parece a mesma, sendo que a novela das 20h soma características da novela das 22h e passou a ser exibida por volta das 21h”, aspecto que se mantém até hoje. Desde 2011, a emissora exibe uma vez ao ano também uma novela “especial” no horário das 23h, mais nos moldes de uma macrossérie, muitas das vezes com releituras de novelas de sucesso do antigo horário das 22h e, posteriormente, das 21h.

¹⁶² Conforme havia constatado Leal na década de 1980, “A novela das oito é o programa que por maior período de tempo na história a televisão no Brasil mantém o mais alto índice de audiência e a maior dispersão de audiência entre as diferentes classes sociais” (LEAL, 1986, p. 13). Esse aspecto segue inalterado até hoje, ainda é a novela “das nove” a que congrega as maiores audiências da televisão brasileira. O relatório Mídia Dados (2013) aponta que apesar do crescimento da internet, a TV ainda congrega 64,7% do investimento de mídia no país, o que reforça a ainda significativa importância do veículo. A Rede Globo, principal produtora das telenovelas, abarca 41,27% da audiência televisiva no país, sendo que no horário das 18h às 00h, exatamente o intervalo de exibição das telenovelas. Essa audiência sobe para 51,68%. Especificamente no intervalo entre 20h e 23h, justamente o que contempla a “novela das oito” a audiência da emissora atinge quase 60% dos lares, o que evidencia a ainda válida definição proposta por Leal (1986) na década de 1980.

né. A das oito é mais a realidade das pessoas né. O que acontece realmente.
(ELIANE)

Segundo Borelli (2001), a partir dos anos 1970, as telenovelas brasileiras, particularmente a do último horário, passaram a ter como diferencial justamente essa opção por uma narrativa “realista”, com “[...] enredos voltados à veiculação de imagens da realidade brasileira” [...] (p. 33). Segundo a autora, essas narrativas passaram a adotar em suas tramas “[...] um tom de debate crítico sobre as condições históricas e sociais vividas pelos personagens”. Desse modo, além dos tradicionais dramas familiares e o temas “universais da condição humana”, típicos da narrativa melodramática, foram incluídos nos enredos “[...] os fatos políticos, culturais e sociais, significativos da conjuntura no período.” Este aspecto passaria a denotar uma singularidade da telenovela brasileira e essas narrativas passaram, justamente, a serem reconhecidas como “novelas verdade”, que, conforme a autora, “[...] veiculam um cotidiano que se propõe crítico, por estar mais próximo da vida ‘real’ e por pretender desvendar o que estaria ideologicamente camuflado na percepção dos receptores” (p. 33).

Referindo-se às temáticas abordadas nas novelas e essa “conexão” com a “vida real” são as falas dispostas a seguir:

Ela demonstra mesmo o que acontece, coisas que acontecem lá que as vezes a gente pensa, Meu Porque Deus não olha pra mim? Mas acontece tanta coisa entre o céu e a terra né. Então a novela das oito mostra né. Tá mostrando o tráfico de pessoas, de criança, de né droga, essas coisas. E as pessoas tão ali, param e tão pensando, eu fazia tudo isso lá fora e não tem recompensa, o que vai acontecer na novela, eles vão ser pego e não tem, não leva a lugar nenhum.
(ELIANE)

Eu gosto daquela das nove e meia. Das seis e das nove. Eu gosto porque é coisa que ali tá ensinando né. Eles ensinam né o que a gente né, pode fazer, o que não pode. Essa das nove e meia, é por causa dos personagem né, que eles tão, parece que eles trabalha assim que eles fazem aquela novela assim, pras pessoa que pegou criança, que traficou criança, tudo né. Pra gente tá ali né. (SUELI)

Ah, essa Salve Jorge tá falando muito da vida real. É o tráfico de criança, é... tráfico de mulher, drogas. Como é que é o morro. Isso ai é o mais importante, é a vida real que tem que ser mostrada. O que acontece no mundo, o que acontece no Brasil, o que acontece com as pessoas né, é assim, é isso que tem que ser. Pra mim novela é da vida real, é coisa que acontece na vida real. Né. Matar por pouca coisa, por nada, porque não quer que o vilão seja descoberto é coisa assim, é coisa que pessoas matam sem noção. É isso é a vida real é a novela que eu gosto. Das coisa da vida real. (DANIELA)

Mostra o que é a vida real. Muita coisa sim. Porque acontece né. Filho que não é filho né, que é madrasta ou é padrasto. Acontece. Eu acho que na vida real

acontece muito né, também. Pegaram aquela criança, botaram no lixo né, só porque, por ganância né, por ganância né, porque ele achava que ela era uma ameaça pra ele, ela ia atrapalhar a vida dele. Jogar a criança no lixo né. Já pensou? O que envolve criança é o que me incomoda. (TERESINHA)

Tem bastante preconceito. Nessa parte até que tipo comparando ao mundo de hoje né... É uma forma de tá mostrando né, a população em geral sobre o preconceito né. Tá debatendo o assunto né. (SILVANA)

Como afirma Motter (2003), “Para que se possa conviver com dezenas de personagens e ler suas trajetórias de vida, seus problemas e entender suas ações com algum interesse, é indispensável que eles nos pareçam reais”. (p. 32). Essa é uma das singularidades da telenovela brasileira e da possibilidade que daí decorre de gerar identificações com seus espectadores, como ficou percebido nas personagens e temáticas que elas elegem como de sua preferência. A “temática da vida” real é sempre pensada (ou projetada) em sintonia com suas próprias histórias. As histórias da novela se mesclam e se confundem com suas próprias histórias, como se vê, por exemplo, nas falas de Dona Teresinha e Daniela:

Quando é parte que me toca naquela gente assim, da família né, do filho, quando fica longe assim, daí a gente já [vozes ao fundo/barulho serra] né, toca alguma coisa, mas é difícil. Porque eu sou muito apegada a criança, tudo que toca em criança... Ai já me lembro dos meus netos, ai eu já fico nervosa, porque meu Deus né. (TERESINHA)

Eu gosto da Livia também, mas assim, mas eu gosto dela assim num sentido de ser, se apaixonar muito rápido, pela pessoa igual eu. (DANIELA)

A confusão ou embaralhamento entre os mundos, entre suas histórias e as histórias das telenovelas pode ser percebida no posicionamento de Dona Teresinha diante da personagem Amarilys (Danielle Winits) em Amor à Vida. Na ocasião, dentro do enredo, a personagem maltratava Jaiminho (Kaiky Gonzaga, 8 anos) filho adotivo do casal Eron (Marcello Antony) e Niko (Thiago Fragoso)

Ai ai, eu já peguei raiva daquela mulher que Amarilis, ali daquela novela, já peguei raiva daquela personagem, pra mim já morreu, só por ela, quando eles não tão por perto ela fala umas coisas pra aquele menino. Daí eu já, meu Deus, pra mim ela já não presta mais. Diz um monte de coisa pro menino né. Daí isso me incomoda, me incomoda. Mesmo sabendo que aquilo não é real, que nem a gente tem que botar na cabeça que aquilo não é real né. Mesmo sabendo que não é real, dá uma raiva. Dá um estresse assim de ver. (TERESINHA)

Esse posicionamento evidencia a identificação da entrevistada com a temática sobretudo por uma projeção que ela faz para sua própria família, a lembrança, preocupação, saudade dos netos. Como aponta Fuenzalida (1997) a identificação com os conteúdos televisivos, nesse caso a telenovela, “[...] exige por parte do receptor um ‘reconhecimento’¹⁶³ de algo seu; frente à telenovela, as pessoas reconhecem um mundo ‘parecido’ com a realidade; e com uma realidade que é sentida como parte significativa de suas vidas”.¹⁶⁴ (p. 143). Ainda segundo o autor, é importante destacar que essa identificação “[...] não ocorre com o estranho e distante, mas com o que se reconhece como próprio e significativo.”¹⁶⁵ O aspecto da projeção, como ocorre com Dona Teresinha ao remeter imediatamente aos netos, ou com Eliane que vê em Morena sua companheira, também envolve, como aponta Fuenzalida (1997) esse processo de reconhecimento. Como afirma o autor:

[...] nenhum personagem exibido em uma telenovela – positivo ou negativo – modela mecanicamente os televidentes. O receptor se relaciona ativamente a partir de seu próprio mundo de significados e a partir de sua memória cultural com relação aos personagens de TV; se reconhece e se identifica com aquele que sente ter significado. E ainda que este processo ao se realizar mais ou menos semiconscientemente dificulta sua observação, porém não por isso é um processo menos real.¹⁶⁶ (p. 144)

Exemplo disso é a fala de Silvana sobre a novela de um modo geral, sua reprovação quanto ao conteúdo. Ela destaca a negatividade das tramas, os “ensinamentos ruins” da telenovela.

Eu acho que, não acho muito criativo, eu acho que ensina muita coisa errada, tipo fala sobre traição, expõem muito isso né. Eu acho que é muita pornografia, muita traição, muita coisa assim né, muita maldade né (SILVANA).

Note-se que a palavra traição aparece duas vezes em seu julgamento do valor negativo da telenovela. O fato é que o motivo de Silvana estar na prisão, ao menos segundo sua própria narrativa de como foi presa pela primeira vez deve-se justamente às traições de seu primeiro marido. Segundo ela, foi por conta das sucessivas traições e dos ciúmes quanto à possibilidade de o marido arranjar outras mulheres, que numa das viagens que ele pretendia fazer, por achar que ele iria se encontrar com alguma amante, Silvana

¹⁶³ Grifos do próprio autor.

¹⁶⁴ Tradução livre.

¹⁶⁵ Tradução livre.

¹⁶⁶ Tradução livre.

exigiu viajar com ele. No roteiro que ia de Joinville ao Mato Grosso, eles são abordados pela polícia no Paraná e ambos vão parar na cadeia por conta das drogas que o marido levava no carro, segundo ela, sem seu conhecimento. Como se vê, a questão da traição é uma memória emblemática para Silvana e ocasiona essa “identificação negativa” com a telenovela.

5.2 A prisão como mediação

Os modos como assistem a novela está, como dito, diretamente atravessado pelas lógicas, pelas regras, pelos dispositivos de poder (FOUCAULT, 1999) que regem o cotidiano na prisão. Em suas casas, o ver TV era negociado com as demais práticas, como trabalho, atividades domésticas, cuidado dos filhos, como elas próprias apontam, inclusive destacando que viam bem menos novela do que atualmente justamente por esse conjunto de atividades que tinham por desempenhar. Aspecto que pode ser percebido na fala de Jully:

Aqui [na prisão] é diferente. Ah, porque em casa tá ali com a família, com filho, marido... Aqui aí tu tá focada [na novela] e daqui a pouco tu olha, opa não é né... é diferente, ah, porque em casa daí ia dar mais atenção pro meu marido e minha filha, ia fazer comida, ia fazer as coisas... (JULLY)

Elas, inclusive, ressaltam várias vezes que o hábito de ver novela se tornou mais efetivo na prisão, normalmente como forma de preencher o tempo ocioso, caso principalmente das que não têm uma ocupação, como Daniela e Sueli:

Vim gostar... Assim ó, gostava um pouco quando eu tava com as crianças, e vim gostar mais na cadeia. É mais passatempo nosso né? É que mais assim ela é tipo assim, quando eu tô fazendo bolsa, a gente passa mais tempo vendo novela, assim né. É só isso. Mais é pra distrair assim. (DANIELA)

Por que... Ah, eu fico... Ah eu gosto de ver aquilo, parece que passa o tempo assim, a gente fica assistindo novela, aí depois vem um filme, depois vem novela de novo né. Porque eu gosto né? E eu fico mais... A gente agora a gente só mais dorme né. Durante o dia, a gente fica deitado né. Não tem nada pra fazer né. (SUELI)

Na prisão, entre os principais aspectos que medeiam sua relação com a telenovela está a questão do horário, sobretudo as que trabalham atribuem à TV no horário noturno

uma forma de lazer, de descanso e, nesse processo, de projeção para suas vidas fora da prisão, seja pelo acionamento das memórias que envolvem suas famílias, seja pelos planos para quando saírem da prisão, mas principalmente pela perspectiva de, ao acompanharem as trajetórias das personagens de sua preferência, conseguirem se ver “fora da prisão”. O que também perpassa o cotidiano daquelas que não trabalham, como as próprias falas citadas evidenciam. Ao usar expressões como “passar o tempo”, “distrair”, “ocupar a mente”, nos termos usados por elas ao se referirem à telenovela evidencia o encontro com esse “outro lugar”, mundos que são absolutamente plausíveis dada a já apontada conexão que elas estabelecem entre novela e “vida real”. Mas esse escape só é possível porque:

- Primeiro: elas têm a autorização da Administração da Unidade para ter o aparelho de TV
- Segundo: porque eles se “comportam” para não perder esse privilégio
- Terceiro: porque elas negociam entre si, ao compartilharem um único espaço, tanto a posição em que a TV vai ficar na cela, quanto o volume, o horário e os canais que serão assistidos.

Esse conjunto de aspectos, tanto narrados por elas quanto observados em seus locais de “moradia”, evidencia um imbricamento entre as mediações da socialidade e da institucionalidade e até mesmo da ritualidade, pois até a ordem para quem vai tomar banho primeiro, no caso daquelas que trabalham e seguem juntas para a cela, como as três entrevistadas que atuam na cozinha, irá definir quem liga a TV, quem escolhe o canal. Tudo isso, segundo suas narrativas, é negociado de forma tranquila porque existe o consenso, ao menos no período noturno, de que a novela é “a melhor coisa pra assistir”. O entrelaçamento da socialidade e institucionalidade não é, obviamente, exclusivo do cotidiano prisional. Jacks (2008) ao discutir a proposição de Martín-Barbero (2003) destaca que:

A *socialidade* [...], portanto, tanto quanto a *institucionalidade*, apresenta diferentes regimes, isto é, depende da trama que se estabelece em cada cotidiano, o qual, ao mesmo tempo, ancora a *práxis* comunicativa e é o resultado dos modos e usos coletivos da comunicação e das relações de poder ou seja, ela medeia o âmbito que se estabelece entre as matrizes culturais e as competências de recepção/consumo, figurando como um amálgama que vincula a tradição cultural com o modo de os receptores relacionarem-se com a cultura massiva. Ela tece, através das práticas cotidianas, o eixo diacrônico das matrizes culturais com o sincrônico das práticas de recepção e consumo, engendrando uma urdidura para a produção de sentido. (p. 24)

Ainda quanto a esse aspecto, pode-se dizer que as lógicas de socialidade a que estão submetidas (por exemplo, dividir a cela) e da própria institucionalidade (a oferta da programação mas também as imposições da própria unidade prisional) promovem o hábito de ver novela até mesmo entre aquelas que dizem ter começado a ter contato com esse conteúdo somente na prisão. Não apenas uma questão de ocupação do tempo, mas da própria falta de acesso a outros bens culturais como pode-se perceber na fala de Silvana:

Não tem muito o que ver mesmo. Eu sou uma pessoa que se eu estivesse em casa eu taria fazendo outra coisa, mas como não tem outra coisa pra fazer, **a gente não tem um livro pra ler**¹⁶⁷, é a novela... (SILVANA)

Essa fala de Silvana também aponta para outro aspecto da mediação da *institucionalidade*, qual seja, a oferta de bens midiáticos na prisão. Na pesquisa desenvolvida por John (2004) já havia sido constatado a ausência de opções. Na época, porém, ainda havia uma biblioteca (uma cela com livros doados), restrita ao pátio masculino. Hoje, nem mesmo isso.

A entrada de livros, jornais e revistas é proibida na Unidade e também não há uma biblioteca ou algo similar onde elas possam promover a prática da leitura. O juiz responsável pela Vara de Execução Penal de Itajaí está, desde 2013, tentando a implantação de um projeto piloto de remição da pena pela leitura, com atividades guiadas e sistemas de avaliação da leitura, porém, se colocada em prática, esta ação estará restrita apenas aos detentos da penitenciária da Canhanduba. Elas continuarão a ter, como único material possível de leitura, os textos religiosos levados pelos diversos grupos de oração e as revista velhas que a Unidade recebe como doação para a confecção de bolsas artesanais.

Os únicos bens midiáticos a que têm acesso são, portanto, o rádio e a TV, sendo que mesmo estes terão que ser negociados, tanto em termos “oficiais” quanto entre elas próprias. Na cela das “meninas da cozinha”, seis pessoas no total, a tarefa é aparentemente tranquila, ao menos em suas falas, como pode-se perceber nas falas de Dona Teresinha e Silvana:

A gente sempre combinou, nunca discuti, porque assim a gente só vê, praticamente as novela né. (TERESINHA)

¹⁶⁷ Grifos meus.

Ah, bom senso, [risos] sempre o bom senso prevalece, né. Sempre há uma comunicação, aí tipo: - Vamo assistir tal coisa, o que que vocês acham? (SILVANA)

Em celas como as de Sueli, Daniela ou Indianara, talvez não seja assim tão tranquilo ter que decidir onde fica a TV, quando e em qual canal ela vai ser ligada levando-se em conta que são nove, dez, até 12 mulheres num espaço de nove metros quadrados. Este aspecto não perpassa, porém, nenhuma de suas falas, como se pode perceber no relato de Indianara quanto a ter ou não alguma dificuldade para decidir o que será assistido na cela:

Não [risos] Não, pior que todo mundo gosta de assistir a Globo, não sei por quê. Todo mundo, por causa das novelas. Preso gosta de novela. Todo mundo gosta de assistir a Globo, não tem problema, nenhum discussão, é pelo menos aonde eu moro não tem. (INDIANARA)

Se ocorrem ou não disputas, essas se dão no âmbito das ritualidades que somente elas têm acesso e que foi impossível observar, uma vez que entrar nesse ambiente durante o dia, com a cela vazia, é certamente muito diferente de a noite, quando todas elas dividem o mesmo espaço e “negociam” suas práticas cotidianas, onde se inclui o ver TV.

5.2.1 Socialidade e o retorno à cotidianidade familiar

A mediação da socialidade aponta no grupo das “meninas da cozinha” um retorno à primeira mediação sugerida por Martín-Barbero (2003) - a da cotidianidade familiar. A importância dessa mediação está destacada em vários estudos de recepção de telenovela. Num dos estudos mais aprofundados sobre a relação família e telenovela já realizado no Brasil, Lopes, Borelli e Resende (2002) enfatizam a importância dessa instituição - a família - e suas lógicas cotidianas no atravessamento com as narrativas da telenovela. Entre os vários aspectos problematizados e destacados pelas autoras, é importante a constatação de que “[...] a família não é só o modelo de assistência da telenovela, como a telenovela é um texto melodramático televisivo para ser lido e fruído de forma coletiva, especificamente em contato com outros, em grupo, em família.” (p. 141)

Foi possível observar no cotidiano das entrevistadas, no local onde trabalham, bem como em suas narrativas, uma série de “rituais” relacionados à família. Não se trata de dizer que elas formaram uma nova família, mas que isso foi se configurando em termos de atribuição/divisão de tarefas, estabelecimento de regras de convivência e uma afinidade

que foi surgindo entre elas. Inclusive de um atributo de hierarquias que entre elas não se refere à faixa etária, mas a quem é a “mais antiga” no trabalho na cozinha. A seu modo, esta “família” também estabelece suas regras de convivência.

Ao estruturar-se, a família conforma uma **hierarquia com distintos níveis de autoridade** e estabelece **regras**¹⁶⁸ gerais para reger sua organização e funcionamento. Essa característica da família, de governar-se por regras através das quais os membros comportam-se de modo organizado e repetitivo, é relevante como dimensão da mediação cotidiano familiar na medida em que também ordena a relação com a TV e com a telenovela. Ou seja, regras familiares são também postas em funcionamento nas práticas de recepção. (BONIN, 2005, p. 3)

Dona Teresinha é a segunda “em comando” na escala assim como Silvana é a última, por ter sido a última a fazer parte da equipe. De todo modo, Dona Teresinha e Dona Zuma (que não foi entrevistada), por serem as mais velhas do grupo¹⁶⁹ têm um *status* diferenciado, têm um respeito por parte das demais que as chamam de “mãezonas”. Dão conselhos, têm prioridade em alguma atividade, como o banho, por exemplo, ainda que este último aspecto passe por uma negociação de rotatividade entre elas, cada dia uma delas tem esse privilégio e quem toma banho primeiro, também liga a TV. Alguns aspectos dessa ritualidade podem ser observados nas falas a seguir:

A gente chega, toma banho e vê: ah, tá passando jornal, sempre quando a gente chega, todo dia à noite né. Oito, oito e meia. Que é a hora que eles acabam de jantar. Até a gente limpar a cozinha tudo. Às vezes tá terminando [o jornal], às vezes não. Ai sempre tem uma que pergunta, vocês vão assistir? Não, pode desligar. Ai já desliga. Oh, tá terminando ainda o jornal. Daí a gente assiste a novela né, Amor à vida, e depois vamos dormir. É todo dia, acabou a novela é desligado. É difícil o dia que elas ficam assistindo. Muito cansaço né! (TERESINHA)

Pode-se perceber então uma espécie de “cotidiano familiar” que medeia diretamente a relação com a telenovela. Entre vários outros aspectos de interferência da familiar no ver telenovela, Lopes, Borelli e Resende (2002) apontam a questão da própria “espacialidade familiar”, onde entram aspectos, como por exemplo “[...] os acordos físicos e emocionais pelos quais se estabelecem as fronteiras do mundo social da família e do mundo particular de cada membro.” (p. 141). Ainda conforme as autoras, “A espacialidade

¹⁶⁸ Grifos meus.

¹⁶⁹ Motivo pelo qual foi utilizado o pronome de tratamento “Dona”

familiar permite revelar não apenas os espaços domésticos de assistência da televisão, mas também *os espaços de circulação da telenovela*". (p. 142)

No caso das “meninas da cozinha”, esse espaço se amplia da cela para a cozinha, em geral lá o debate se fazia mais presente, inclusive interagindo com outros membros da instituição, como os e as agentes e ocasionalmente com a equipe administrativa. Esse aspecto esteve mais presente no período final de cada novela exibida ao longo do trabalho de campo, particularmente durante a reta final de Avenida Brasil, justamente quando teve início a pesquisa, em que o debate envolvendo os próprios funcionários da instituição se mostrou mais contundente. A “audiência” da novela foi tão importante nesse período que elas relatam os gritos de empolgação que ouviam nos pavilhões, tanto masculino quanto feminino.

Um desses gritos levou à punição de um grupo de mulheres, do qual Daniela fazia parte e o castigo foi perder a exibição do último episódio da novela. Esse aspecto já havia sido apontado pelo diretor quando da primeira conversa para dar início à pesquisa. Sua fala na ocasião foi: “Elas gostam muito da novela e sabem que têm que se comportar porque se não se comportarem, elas ficam sem a Carminha [...]”. Então, qualquer tipo de desobediência às regras tinha como punição a retirada da TV da cela. E essa retirada ocorria em um horário determinado: exatamente quando iniciava a novela de forma a agravar ainda mais o “suplício”. Como se vê, a mediação institucional tem um peso importante no modo como assistem novela (e qualquer outro conteúdo); inclusive, não se pode exacerbar muito a empolgação, como se poderia fazer em suas casas, por exemplo. Este episódio é ressaltado por Daniela, uma das “punidas”:

Eu gostava de Avenida Brasil mas nós levemo azar porque nós ficamo sem televisão. Um grito que foi dado na galeria. Que daí fiquemo sem televisão no último dia. [risos] Ai eu sou de dizer assim, “vou ficar sem a Carminha, vão ficar sem o Tufão”. Ai meu Deus do céu... Ficamo sem. (DANIELA)

O medo de uma segunda punição com a retirada da TV também é reforçado por Daniela, ela enfatiza mais de uma vez que se alguma colega de pátio fizesse alguma coisa que levasse à retirada do aparelho no último capítulo de Salve Jorge teria que se entender com ela, como pode-se perceber em sua fala:

Ai eu adoro novela. Salve Jorge é o último capítulo. As guria que não me aprontem naquela galeria. Eu já disse, eu vou esganar. Nós temo só a telenovela pra ver, a novela. Dai... (DANIELA)

E faz questão de dizer que apesar da expectativa para o último capítulo, já sabe tudo o que vai acontecer e propõe uma sinopse para o final da novela *Salve Jorge*, cujo último episódio foi ao ar no dia 17 de maio de 2013.

Então deixa eu ver, a filha da Morena fica com eles, o Téo, a mãe dele, o menino. A sogra vai aceitar ainda bem no fim. Ah, o outro vai, que nem eu, é a minha opinião, aquele lá vai fazer DNA vai dar positivo, a véia vai ficar choque porque foi traída pelo marido com a melhor amiga. Ahn o que mais... A Vanda vai morrer. Porque eu acho que é o final dela é trágico. A delegada vai ficar com o marido, que é meia doida. Aquela delegada lá pra mim é pra acabar mesmo. Ahn, deixa eu ver o que mais, o Pescoço vai ficar cá Vanusa.... (DANIELA)

Outro aspecto que evidencia a mediação da institucionalidade é, como já dito, a questão do horário, tanto na perspectiva da instituição midiática, que define a grade de programação, quanto a instituição prisional: ver a novela depende de adequar sua jornada no ambiente. Ou seja, o horário que terminam de trabalhar, a ordem de quem vai tomar banho, o horário em que se deve fazer silêncio (a partir das 22h), o horário de acordar (que de certo modo determina o horário de dormir em termos de cansaço, de jornada no dia seguinte)

Aspecto esse que em sintonia com a ideia de cotidianidade familiar, e aí pensando especificamente o tempo que permanecem em suas celas, remete a interferência da “temporalidade familiar” tal como apontado por Lopes, Borelli e Resende (2002). Segundo as autoras:

A programação temporal implica a regulação do tempo em termos de sequência, frequência, ritmo, duração e horário das atividades familiares. Ela se corporifica em rotinas diárias da família e de seus membros, e atende às exigências de organização da vida cotidiana, seja dentro de casa ou no mundo exterior. (p. 142-143)

Ainda sobre a questão da temporalidade familiar, as autoras destacam que há, “[...] por um lado, a temporalidade da televisão que se impõe e conforma o cotidiano da família. Porém essa temporalidade não é exclusiva, pois necessariamente vai ter que ser *negociada* com a temporalidade interna, específica, da família.” (p. 143). No caso das entrevistadas que trabalham na cozinha ou Indianara que trabalha na oficina de costura, pode-se dizer que o fato de só terem tempo a noite para ver televisão constrói um cenário propício para a eleição da telenovela como principal conteúdo. Por outro lado, elas mesmas afirmam que

poderiam ver outras emissoras ou outros canais de TV e não o fazem porque “preferem as novelas da Globo”.

5.2.2 Atravessamentos de gênero

Como se viu ao longo das discussões anteriores e dos “fragmentos” das histórias de vida dessas mulheres, há vários “atravessamentos” das questões relacionadas aos papéis e às identidades de gênero, inclusive – ou sobretudo – violências de gênero, como o abuso sexual sofrido por Daniela, as agressões físicas recebidas por Bianca ou Indianara de seus companheiros, a tensa e problemática relação com as figuras paternas.

Porém, não seria possível nesta tese dar conta de problematizar esses aspectos, o que exigiria um escopo teórico e um olhar transversal, com buscas no Direito, na Psicologia, na Antropologia para tentar compreender de que modo essas questões se relacionam com quem elas são e as possíveis interferências na inclusão por parte delas no “mundo do crime”. Com base nos estudos mapeados e apontados, principalmente no capítulo 1, a realidade dessas mulheres não difere significativamente da trajetória de outras, na mesma condição.

Uma vez que não seria possível realizar aqui esse aprofundamento, o que certamente exigiria conhecimento aprofundado das áreas citadas, sobretudo da Psicologia para entender como esses mecanismos participam da configuração e reordenação de seu *self*¹⁷⁰ (Goffmann, 1996), aqui foram discutidos apenas os aspectos relacionados à gênero que tenham alguma relação com o ver telenovela, com os temas, personagens, situações e memórias desse gênero narrativa com os quais se identificam e que já foram sendo pontuados ao longo da discussão e neste tópico recebem então um olhar a partir da ideia de identidades de gênero.

Como dito, esses aspectos já foram pontuados e o principal deles é a identificação com as protagonistas das tramas, sobretudo num aspecto – a maternidade, central na

¹⁷⁰ Como destaca Costa (2013) “Os presídios femininos são espaços de sociabilidade muito peculiares, marcados pela reunião de mulheres em intenso estado de sofrimento pela perda da liberdade e pela distância da família: elementos clássicos da mortificação do self. A necessidade de adaptação à dinâmica do cárcere e a ruptura de vínculos sociais existentes antes da prisão podem modificar para sempre a vida dessas pessoas. Assim, os processos de deterioração da identidade ultrapassam os muros dos presídios, ecoando no cotidiano das mulheres libertas do cárcere”. (p. 8-9)

relação que praticamente todas elas estabeleceram com a telenovela, tanto em termos de memória, ao deixarem claro que o gosto pela novela vem de suas mães e da própria conexão que estabelecem com a figura materna, como também a projeção para suas próprias famílias, sua própria maternidade na assistência da telenovela hoje no ambiente prisional.

Antes, porém de discutir esses aspectos, que emergiram significativamente de suas narrativas, considera-se importante uma contextualização conceitual do que se entendeu aqui por gênero, quais as premissas teóricas e ideias que permearam a análise desses aspectos.

A discussão sobre gênero permeia várias ciências, em particular a Antropologia, a Psicologia e a História, cada qual naturalmente com seus objetivos e focos de preocupação¹⁷¹. Schiebinger (2001) ajuda a entender a diferenciação entre os termos que usualmente são utilizados para pensar e problematizar essa questão. São eles: gênero, sexo, feminino, feminismo, mulher. Adverte que não se deve confundir esses conceitos, ainda que eles se refiram ao mesmo processo e estejam articulados. Como explica a autora:

Uma “mulher” é um indivíduo específico; “gênero” denota relações de poder entre os sexos e refere-se tanto a homens quanto a mulheres; “fêmea” designa sexo biológico; “feminino” refere-se a maneirismos e comportamentos idealizados das mulheres num lugar e época específicos que podem também ser adotados por homens; e “feminista” define uma posição ou agenda política. (SCHIEBINGER, 2001, p. 32)

Até mesmo o uso das nomenclaturas pode ser contestado. Durante muito tempo (e ainda hoje) foi recorrente nos estudos feministas utilizar a expressão gênero em oposição à sexo. Este último pode ser entendido na perspectiva de Weeks (1999, p. 42) ao explicar que “No período que compreende, aproximadamente, os últimos dois séculos, ‘sexo’ adquiriu um sentido mais preciso: ele se refere às diferenças anatômicas entre homens e mulheres, a corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide e não ao que nos une”. Porém, embora não seja o foco da discussão aqui apresentada, é necessário enfatizar que a

¹⁷¹ Schiebinger (2001), ao tratar da relação da temática de gênero com o fazer científico demonstra essa diversidade de olhares das diversas disciplinas quanto ao tema. Explica que, nesse viés específico: “(...) Historiadores estudam as vidas de mulheres cientistas no contexto de instituições que, por séculos, mantiveram as mulheres à distância; sociólogos enfocam o acesso das mulheres aos meios de produção científica; biólogos examinam como os cientistas estudaram as mulheres; críticos culturais exploram a compreensão normativa de feminilidade e masculinidade; filósofos e historiadores da ciência analisam a influência do gênero sobre o conteúdo e os métodos das ciências.” (SCHIEBINGER, 2001, p. 19-20), Como se vê, ainda que partindo de um mesmo fenômeno, objeto e/ou preocupação a reflexão, a análise será distinta conforme a disciplina que norteia tal olhar. O mesmo ocorre aqui, naturalmente.

definição de sexo não é assim tão simples e muitas das discussões contemporâneas envolvem a problematização do binarismo sexo/gênero. Butler (2003) traz uma dessas reflexões/provocações. A autora questiona que se fatos considerados naturais do sexo são produzidos pelos discursos científicos dentro de disputas e interesses políticos e sociais, então não haveria um caráter imutável do sexo e este seria tão culturalmente construído quanto o gênero: “a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre o sexo e o gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p.25). Essa problematização é compartilhada por Anne Fausto-Sterling. A autora considera importante entender que:

O sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe o isso ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero – e não a ciência – podem definir nosso sexo. Além disso, nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 15)

A discussão conceitual é um foco relevante e destacado nos estudos feministas atuais, alguns dos quais definidos como pertencentes ao “pós feminismo”. Uma das primeiras e mais críticas análises estabelecidas é a proposta por Butler (2003). Em *Gender Trouble*¹⁷², a autora contesta a necessidade das classificações, dos próprios conceitos e dos binarismos que se reforçam a partir deles.

O que Butler questiona é a noção que predominou nos estudos feministas até o final da década de 1980 – a oposição sexo/gênero que, de todo modo, evidenciaria aspectos essencialistas. Entre as várias ideias problematizadas está a clássica frase de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se”. Para Butler, “não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (p. 27). Ou seja, entender o sexo como o biológico, o natural em oposição ao gênero, este algo social e culturalmente construído, significa concordar que gênero expressa também uma essência do sujeito. Para ela se faz necessário tensionar a relação gênero/desejo e a constituição dos sujeitos, inclusive ao problematizar a própria noção de sujeito, e ir além dos binarismos, profundamente arraigados a uma perspectiva heteronormativa.

¹⁷² O livro foi publicado nos Estados Unidos em 1990. No Brasil, foi lançado pela editora Civilização Brasileira em 2003 sob o título “Problemas de gênero”. Alguns autores contestam essa tradução apontando que o mais adequado seria Problemas do gênero, uma vez que o principal aspecto tensionado pelo autora é justamente o conceito.

Como dito, não se pretende aqui dar conta dessa discussão mas ao menos situar o contexto teórico em que se insere a reflexão. Assim, apesar do alinhamento teórico às discussões propostas por Butler, o termo gênero foi aqui adotado, devido à própria dificuldade de se lidar com esse universo não apenas semântico, mas teórico, conceitual e, em larga medida, ideológico. Não significa que se considere sexo e gênero como opostos e/ou complementares, ao contrário, concorda-se com Butler que ambos são construções socioculturais. Porém, gênero foi pensado (e utilizado) para discutir a perspectiva de mulheres em sua relação com a telenovela no ambiente prisional, então, possivelmente isso possa ser visto como recaindo no binarismo criticado pela autora.

Vale ressaltar também que por conta da necessidade de se fazer o recorte da pesquisa e da própria entrada ao campo aqui escolhido, evidentemente peculiar por conta das regras e do cotidiano inerentes ao ambiente prisional, bem como pelos motivos já expostos quanto à escolha do objeto e dos sujeitos da pesquisa, esta focou exclusivamente em mulheres, o que não significa que se entenda que ver novelas é um atributo feminino ou que pensar gênero é pensar em corpos que são definidos biologicamente como femininos. Utilizou-se a categoria “gênero” por entender que ainda não há outro termo ou conceito que melhor se adeque à reflexão, porém, ciente de que, em alguma medida, isso se constitui num paradoxo ao ter Judith Butler¹⁷³ como uma das principais referências teóricas que ajudaram a olhar para esse cenário.

Entende-se que na crítica aos binarismos, uma das principais questões é não reduzir a problemática das relações de gênero à mulher ou ao feminino, inclusive, para muitas estudiosas feministas, o próprio termo no singular deve ser evitado, perspectiva aqui compartilhada, de que não se deve usar o termo mulher e sim mulheres, do mesmo modo que não há uma identidade de gênero e sim identidades.

¹⁷³ A leitura da obra de Butler antecederam à ida a campo justamente porque havia uma perspectiva de, eventualmente, encontrar mulheres “transgênero” entre as participantes, ou ante a possibilidade de que aspectos envolvendo a sexualidade, problemática no ambiente prisional por conta do acesso (da falta de) às visitas íntimas, abandono dos companheiros e uma “mudança temporária de opção sexual” pois como afirma Costa (2013) “Muitas mulheres, ao serem presas, são abandonadas pelos companheiros e maridos, o que leva a uma carência afetiva. Então, como forma de lidar com esta carência, a relação homoafetiva é vista como possível solução para este problema” (p. 7). Pensou-se que eventualmente essas questões pudessem ser atravessamentos importantes no ver telenovela, o que não se concretizou, ao menos não em suas narrativas ou na observação de seu cotidiano. De todo modo, a concepção de Butler quanto à “performatividade” de gênero bem como sua definição de “corpos abjetos” foram de fundamental importância para uma entrada mais “aberta”, mais consciente da alteridade no campo escolhido e, de alguma forma, essas reflexões estão presentes no olhar que lanço para a representação do cotidiano e de suas narrativas.

É importante lembrar, entretanto, que até mesmo esse aspecto é criticado por Butler como sendo insuficiente para representar esse “sujeito do feminismo”. A substituição de mulher por mulheres não daria conta da complexidade que envolve as identidades dos sujeitos e continuaria sendo um aspecto normativo. A autora entende a necessidade “política” da adoção “desse sujeito”, embora conteste suas limitações.

O termo mulheres, para ela, não dá conta de vários outros traços identitários como etnia, idade, condição social... Em síntese, o que a autora mais contesta é a ideia de um “sujeito estável” quando na verdade o que caracteriza os sujeitos é o constante *devenir*¹⁷⁴ e assim toda e qualquer forma de categorização (ou normatização) impõe limites ao sujeito. A identidade do sujeito seria um processo permanente de construção e desconstrução e não poderia ser motivada (ou limitada) por essencialismos de ordem natural ou cultural, como sexo e gênero acabam incorrendo no entender da autora. A categorização teria sempre um peso normativo e, portanto, limitador nas potencialidades de constituição dos sujeitos.

Compartilhamos das reflexões da autora mas optamos por manter o termo gênero e realizar toda a reflexão a partir dele por, como dito, não dispormos de outro conceito capaz de nos auxiliar na tarefa de problematizar os significados de um produto midiático por parte de um grupo de mulheres em uma condição singular. Condição esta que lhes impõe, como destacado anteriormente, a própria contestação de suas identidades, a ruptura drástica do *self* (Goffmann, 2012; 1996).¹⁷⁵

Gênero então foi trabalhado na perspectiva do que propõe Scott ao afirmar que “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças *percebidas entre os sexos*¹⁷⁶, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.14). Na mesma perspectiva, Haraway (2004) aponta que:

¹⁷⁴ Entendido inclusive, ou sobretudo, na perspectiva deleuziana, que cita o “devenir feminino”. Devenir ocorre sempre num processo de “relações de poder”, só há um devir porque há um outro que é a “norma”. Então numa sociedade patriarcal, em que predomina a lógica “masculina”, há em potência um devir feminino, um “vir a ser”. (DELEUZE; GUATARRI, 1992).

¹⁷⁵ Gênero então foi aqui pensado sempre em tensão com as provocações de Butler, sobretudo pelo entendimento de que as mulheres detentas se encontram em um estado ainda mais eminente de devir e onde a perspectiva da alteridade se coloca como fator central dos processos de sociabilidade e, de forma radical, até mesmo de sobrevivência.

¹⁷⁶ Grifos meus.

Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. (p. 211).

Então, ao se adotar o termo gênero na discussão da relação das mulheres com a telenovela o que se buscou problematizar foram eventuais “modelos”, papéis ou atributos de gênero que aparecessem em suas narrativas. Em suas memórias e na relação atual com o conteúdo, a partir, como já dito, dos temas e personagens com os quais se identificasse e eventuais críticas a esses modelos e possíveis estereótipos que “contestassem” na narrativa de telenovela. É importante destacar novamente que, a escolha por mulheres para o estudo da recepção da telenovela não é si mesmo um estereótipo de gênero, de que este conteúdo é “tipicamente” feminino, mas fruto de um contexto de observação – e aqui constatação – da importância desse conteúdo no cotidiano de mulheres detentas. Como afirma Almeida (2002):

Durante muitos anos, no Brasil, não se questionou a associação entre mulher e telenovela. Mulheres teriam prazer especial em assistir às novelas porque elas falam de histórias de amor e de família, de conflitos amorosos e familiares, de final feliz, com beijos, casamento e, se possível, filhos. Mulheres gostariam de novelas, assim como os homens gostam de jogos de futebol, noticiários, filmes de aventura e policiais. (p.173)

Não foi, portanto, essa a perspectiva. Ao contrário, durante a própria realização da pesquisa surgiu a curiosidade, após o relato de agentes prisionais, da equipe da Administração e de duas das entrevistadas, de conhecer a relação que se estabelece entre a telenovela e os detentos homens. Os comentários se referiam particularmente à novela Avenida Brasil e segundo esses relatos, “havia mais vibração e comemorações na galeria masculina que na feminina”.¹⁷⁷ Daniela por exemplo, disse que “os homens gritam com os gols do Tufão como se fosse de verdade”. A mesma impressão foi compartilhada por Indianara que em determinado momento disse “Os homens daqui adoram novela!”. Não foi possível, entretanto, incluir essa discussão, tanto pela necessidade do “recorte do objeto”, quanto (e sobretudo) pelas normas de segurança da Unidade¹⁷⁸.

¹⁷⁷ Esse aspecto me foi particularmente curioso porque minhas entrevistadas demonstraram pouco interesse por essa novela, aspecto que poderia ter explorado mais, mas que realmente não me dei conta durante a realização das entrevistas.

¹⁷⁸ Cheguei a sugerir a possibilidade de conversar com pelo menos um detento, mas não houve receptividade a essa “mudança” por parte da Direção.

Feita essa contextualização da perspectiva conceitual que norteia a reflexão, o principal aspecto de gênero constatado nas narrativas das entrevistadas em sua relação com a telenovela foi a questão da maternidade. Foi recorrente entre elas, como já apontado, a identificação com as protagonistas de *Salve Jorge* (Morena) e *Amor à Vida* (Paloma), não tanto as personagens em si, mas sua “devoção” pelos filhos, o fato de “fazerem tudo por eles”, como na já citada fala de Daniela ao se referir à sua preferência pela personagem Morena ela diz: “Eu também, me botei no lugar dela. Ela é, que ela é muito apegada com os filho”. Em outro momento inclusive “embaralha” os limites ficção e realidade e diz: “To com saudades dos meus filhos e aí vejo na novela e agora a gente tá preocupada lá com a filha da Morena, ai meu Deus”.

Essas protagonistas são vistas como “guerreiras”, mas a principal qualidade (e identificação) atribuída a elas é que “fazem tudo pelos filhos”. É importante lembrar que entre os principais aspectos que norteiam as “identidades de gênero” está justamente a questão da maternidade, apontado por muitas estudiosas inclusive como um dos mais complexos para se discutir a não existência de um “essencialismo” do que é ser mulher. A maternidade é vista normalmente como uma característica biológica que determinaria papéis distintos às mulheres e aos homens. Inclusive reforça-se, muitas vezes, um imaginário de um “instinto feminino”, quando na verdade.

O amor materno é um comportamento social que varia conforme a época, não há uma conduta materna universal, mas uma diversidade de formas desse sentimento, que não faz parte da natureza feminina, mas é adquirido. [...] No entanto, a maternidade segue sendo bastante idealizada. (RONSINI E SILVA, 2011, p. 5)

Esse aspecto reitera a perspectiva de gênero que conduz esta análise, ou seja, “Gênero” refere-se à institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade sexual, mas muitas das diferenciações sexuais, como socialmente construídas”. (OKIN, 2008, p. 306). O que se dá no âmbito doméstico, entretanto, parece bem mais complexo de ser entendido nessa perspectiva. Como aponta Okin (2008), os próprios estudos feministas ainda não “deram conta” da complexidade das relações “público e privado” sendo o âmbito do privado por muito tempo relegado para segundo plano ou até mesmo deixado de lado na luta pela equidade de gênero. Como aponta a autora:

A maioria das feministas do século XIX – e do início do XX – não questionou ou desafiou o papel especial da mulher no interior da família. [...] Assim, ainda que elas lutassem contra a subordinação jurídica das esposas e exigissem direitos iguais para as mulheres na esfera pública, elas aceitaram a suposição prévia de que a associação estreita com a esfera doméstica e a responsabilidade da mulher por essa mesma esfera eram naturais e inevitáveis. [...] Mesmo no início da “segunda onda” do feminismo nos anos 1960, algumas feministas tentaram defender o dismantelamento de todas as barreiras contra a mulher no mundo do trabalho e da política enquanto, ao mesmo tempo, sustentaram a idéia de que a mulher tinha responsabilidades especiais na família. (p. 311-312)

Entre esses aspectos, a questão da maternidade é, como dito, bastante singular, o que se reafirmou nesta pesquisa. Resultados similares foram encontrados nos estudos desenvolvidos por Ronsini e Silva (2011) e por Sifuentes (2011). Em seu estudo com jovens mulheres de classe populares, Sifuentes também percebe esse reforço ao “mito do amor materno”, destacando o quanto foi recorrente entre suas entrevistadas. Da mesma forma que entre as entrevistadas desta pesquisa, Sifuentes constata que “[...] na ótica delas, a maternidade é algo central na vida de uma mulher. (p. 132). O mesmo aspecto é reiterado por Ronsini e Silva (2011) ao apontarem que cinco de suas oito entrevistadas “[...] a maternidade é algo fundamental para defini-las como mulher. (p. 5). Ainda conforme as autoras, “A idealização da maternidade e da figura feminina como eixo do lar também está presente nas telenovelas” (p. 5) característica aqui percebida pelas próprias identificações com as personagens.

Sobre a atribuição da qualidade da “garra” às personagens por sua dedicação ao filhos e ao amor à maternidade, concorda-se com Sifuentes (2011) de que há uma interconexão com as memórias de suas próprias mães, da identificação que têm com elas. Como afirma autora “As mães são os exemplos de mulher, pelo espírito batalhador”. Como todas elas também são mães e se veem num cenário de dificuldade, pela distância e por vários outros fatores no relacionamento com seus filhos, as próprias entrevistas, como mães, se identificam com essas personagens, aspecto destacado por Sifuentes como de certo modo natural uma vez que nas telenovelas “[...] o modelo feminino elementar é, geralmente, o materno” (p. 204), além da configuração “clássica” da heroína do melodrama, como já apontado.

Nessa perspectiva, e com base nesse resultado de um reforço à ideia de feminino como sinônimo de maternidade, concorda-se com Almeida (2007) ao apontar que, apesar de muitas vezes ser um espaço de contestação de estereótipos e desses mesmos papéis, a telenovela ainda atua no reforço a esse imaginário feminino e assim pode ser vista “[...]”

como uma *tecnologia do gênero*, pois constrói concepções de masculino e feminino que se tornam, ao longo dos anos de convivência com essas histórias, construções hegemônicas. (p. 188)”

Na identificação com as heroínas “guerreiras”, enfatizando e ressaltando sua maternidade como condição fundamental de identificação, se percebe a necessária problematização mais contundente das questões de gênero no âmbito do privado, do doméstico. Nenhuma delas destacou, por exemplo, a vida profissional das personagens preferidas, a conquista de “outras posições”, a dificuldade de conciliar a “dupla jornada”, entre outros aspectos, destacados nas novelas apontadas.

Isso evidencia para a importância das análises de gênero adentrarem cada vez mais o espaço das relações domésticas, particularmente as relações familiares, tão enfatizadas pelas próprias entrevistadas na sua conexão com a telenovela e principal âmbito dos “mundos possíveis” alternativos ao cotidiano da prisão. Esta deve ser, como afirma Okin (2008), uma necessária atitude “política” dos estudos de gênero, entendem-se aqui como também um aspecto importante a ser cada vez mais enfatizado nos estudos de recepção. Como aponta Okin (2008):

[...] a família se tornou, e vem se mantendo desde então, central à política do feminismo e um foco prioritário da teoria feminista. O feminismo contemporâneo, portanto, coloca um desafio significativo à suposição que vem há muito tempo sustentando boa parte das teorias políticas de que a esfera da família e da vida pessoal é tão separada e distinta do resto da vida social que essas teorias poderiam legitimamente ignorá-la. (313)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todas as famílias felizes são iguais. As infelizes o são
cada uma a sua maneira...*
(Tolstói)

Quanto mais adentrava às trajetórias, aos relatos de vida das entrevistadas, mais me vinha à mente a famosa frase com que Tolstói abre o clássico *Anna Karenina*. Talvez porque minhas memórias de infância e adolescência sejam tão nostálgicas, sempre repletas de um imaginário de felicidade, de brincadeiras, de inocências e porque, deste modo, era difícil tentar me colocar no lugar dessas mulheres cujas experiências de vida foram tão difíceis.

Dessa impressão veio o subtítulo da tese, por isso considero importante esclarecer que quando chamo suas memórias e narrativas de “melodramáticas”, se trata de uma dupla referência. Primeiro, não tem a perspectiva pejorativa com que muitos estudiosos veem até hoje a narrativa do melodrama, então, ao usar o termo, este foi uma referência às suas memórias da TV e da telenovela e aos mundos possíveis que a telenovela lhes propicia hoje no ambiente prisional. Narrativas que apontam para relações com a telenovela, como já dito, profundamente ancoradas em uma “memória do melodrama”, ou seja, mais do que a telenovela, é o gênero que lhe deu origem, sua matriz cultural que continua a interpelar essas mulheres, que lhes oportuniza o acesso aos mundos possíveis, alternativos às suas próprias vidas, lembranças, memórias e trajetórias ou se imbrica a elas.

O segundo aspecto é que suas próprias histórias contém elementos típicos da estrutura melodramática. Não que elas se coloquem como “heroínas batalhadoras”, “guerreiras”. Em nenhum momento houve esse tipo de construção ou de visão sobre si mesmas. Não se trata também de interpretar suas histórias como narrativas heroicas, como a apontada por Campbell (2004), mas de reconhecer que os elementos (ou momentos) mais profundamente arraigados em suas memórias (inclusive em seus esquecimentos) contém elementos dos “enredos melodramáticos”. E o melhor exemplo disse está em suas trajetórias ou memórias familiares, daí a conexão com frase de Tolstói. Talvez por isso também tenha sido tão complexo ouvir e acompanhar suas narrativas e depois ter que “significa-las”. As orientações de Galindo Cáceres (1997) quanto à reflexividade e ao reconhecimento da interferência da minha subjetividade foram fundamentais para o

processo de representação. Ou seja, não eram somente as memórias delas, também as minhas estiveram sempre ali, inclusive as “memórias da telenovela”.

Umas mais, outra menos, como diz a personagem Anna Karenina, cada uma a sua maneira teve uma infância e adolescência que foge completamente ao meu referencial do que são essas fases da vida. Nesses momentos, a prática da alteridade se fez mais necessária e a subjetividade se colocou como o centro de minha reflexão. Um desses momentos emblemáticos, em que questionei meu próprio papel como pesquisadora, foi na entrevista em que Daniela finalmente me contou o motivo para ter saído de casa tão cedo e ingressar na prostituição, o motivo que lhe levou a três tentativas de suicídio: o abuso sexual praticado por seu pai. Nesse mesmo dia, ela reconstruiu, detalhe por detalhe, a morte trágica da mãe. Foi impossível não me comover com sua história e fui obrigada a interromper a entrevista. Ainda mais complexa foi esta cena por conta da atitude de Daniela diante de minha dificuldade em controlar a emoção: ela me pediu desculpas, desculpas por me fazer chorar, desculpas por “atrapalhar o meu trabalho”.

O contato com suas histórias - por mim denominadas melodramáticas em referência tanto à telenovela quanto aos próprios “enredos” de suas vidas – reafirmaram uma posição política. Esta decorrente da minha “trajetória” com o sistema prisional, mas também, ou sobretudo, decorrente da proposição de Galindo Cáceres quanto às interconexões entre a pesquisa e a vida, entre o conhecimento científico e a cultura, aspectos para ele indissociáveis. Trata-se da perspectiva de que é preciso compreender melhor “essas mulheres”, sobretudo na sua condição de confinamento.

Os estudos mapeados, sobretudo aqueles que se preocuparam com sua condição social e psicológica, somados à realização da pesquisa reafirmam a perspectiva da importância de que se façam mais estudos sobre as mulheres detentas no Brasil. Pela própria dificuldade em lidar com muitos dos aspectos que foram aparecendo no campo, por falta de um olhar teórico conceitual e de práxis de outras áreas, ficou evidente a importância da realização de estudos inter e transdisciplinares. Não que as pesquisas feitas em cada área não tenham sua contribuição, ao contrário, mas certamente uma pesquisa conjunta, envolvendo um grupo que problematizasse os vários aspectos relacionados às suas “identidades” contribuiria para melhorar a compreensão de significativa parte de nossa própria realidade social.

Além disso, porque em quase toda a “história das mulheres” (PERROT, 2007), a história das mulheres detentas ainda é constituída de “silêncios” (idem). Ou, na perspectiva

de Pollak (1989), as memórias do cárcere feminino ainda são “memórias subterrâneas”, em geral, aquela dos grupos marginalizados, excluídos das narrativas “oficiais” dos grupos hegemônicos. Como diria Perrot (2005) essas mulheres constituem “os silêncios da história”. As pesquisas com e sobre elas podem contribuir para que essas memórias deixem de ser “subterrâneas” e tenham finalmente a oportunidade de ganhar o “espaço público” e talvez assim, serem ouvidas.

Diante dessa “postura política”, dessa convicção que permeia a própria noção de memória e história de vida, qual seja – a “história vista por baixo” (PERROT, 2005), ter contato com suas memórias e histórias foi uma tarefa árdua. Tive grande dificuldade no exercício de representar, de traduzir em linguagem escrita suas histórias de vida, as lembranças alegres e tristes, as memórias que comigo compartilharam. Então, mesmo sendo o oposto de minha intenção, é possível que minha voz tenha se feito mais presente que as delas. Reforço, entretanto, que pela própria perspectiva teórico conceitual dos mundos possíveis, sobretudo a partir de Galindo Cáceres, ao adentrar ao campo, as vozes se confundem, se misturam, e esta tese, que é também uma narrativa, é fruto do encontro entre as histórias de vida delas e a minha, entre suas memórias, falas, percepções de si mesmas e minha interpretação a partir do referencial teórico que conduz a análise. Portanto, se por ventura a minha voz se fez em algum momento mais efetiva que a delas, na verdade esta é a voz delas, intermediada pela minha representação, pelo processo da “intriga” na perspectiva de Ricouer (1997). Neste sentido, esta tese é o resultado da articulação entre suas narrativas e a minha própria. Como afirma Benjamin (1994) “[a narrativa] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (p. 205)

Foi o maior dilema e o maior desafio com o qual já me deparei em minha trajetória como pesquisadora. Ao mesmo tempo em que a consciência da interferência de minha subjetividade me propiciou vencer o desafio de uma suposta conduta isenta, por outro lado foi justamente essa consciência que tornou doloroso o ato da escrita de cada linha desta tese, fato curioso e inusitado, pois mesmo em minha trajetória como jornalista e apesar de reconhecer a dificuldade que é levar para o papel as narrativas das vidas dos sujeitos, o fato de nunca ter trabalhado com a técnica da história de vida me evidenciou ainda mais o quanto é complexo lidarmos com as trajetórias das pessoas, com as narrativas que elas mesmas fazem de sua jornada, de sua “escrita de si”. Como aponta Foucault (2009) “a

escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças e em sangue” (p. 143). Mergulhar nas histórias e memórias dessas oito mulheres foi um desafio permanente que se mostrou, portanto, ainda mais significativo no ato da escrita, mesmo com a consciência de que “por mais que se queira, a linguagem é incapaz de fixar o que quer que seja” (MANGUEL, 2008, p. 33)

Por outro lado, esta pesquisa reafirmou um pressuposto pessoal, que antecede minhas próprias leituras de Jesus Martin-Barbero e Luis Jesus Galindo Cáceres, além de vários outros autores que já destacaram e enfatizam a premissa das audiências ativas. Sempre me incomodou a frase “desliga a TV e vai ler um livro”, que tantas vezes se repete como uma qualificação erudita desta prática em detrimento daquela. Cresci vendo TV, cresci vendo novela, comemorando, sofrendo, rindo, me emocionando com as histórias e personagens ali retratados. Isso nunca significou abandonar os livros nem sequer comparar ou hierarquizar suas narrativas. Estas mulheres, privadas de praticamente todas as mediações que fazem parte de nossa vida cotidiana demonstram, em suas leituras, memórias, projeções e identificações com a telenovela, mas não o fazem desprovidas de crítica, não o fazem de forma alienada ou desconectada da vida. Ao contrário, suas histórias e memórias, em sintonia, comparação ou rejeição com a telenovela constituem outros mundos possíveis entre os tantos mundos possíveis que configuram e definem a experiência humana nesta e, quiçá, em outras vidas.

Esse aspecto se relaciona, como já dito, com a própria “natureza” da narrativa da telenovela e sua singular relação com as classes populares na América Latina, aspecto já exaustivamente apontado por Martin-Barbero e nos vários estudos que partem de sua proposição. Como aponta Escosteguy et al (2013) “O cotidiano difícil, economicamente desvalorizado e politicamente desconhecido, é reconhecido e está presente no melodrama” (p. 108), o que aproxima singularmente a telenovela do cotidiano das camadas populares de nossa população, das quais essas mulheres fazem parte.

Foi justamente nesse aspecto que a proposição das mediações de Martin-Barbero se fez indispensável e salutar para a melhor compreensão de como se estabelece o diálogo entre o cotidiano dessas mulheres e a narrativa da telenovela. A proposição das mediações, que foi o primeiro passo na proposição desta pesquisa que posteriormente seguiu outro rumo e se articulou a partir da *metodologia de los mundos posibles* de Galindo Cáceres (1997), nunca deixou de permear a reflexão e se fez sempre importante para compreender a

correlação entre esses “mundos”, inclusive na perspectiva do que se chama de “mundo real” e “mundo ficcional”.

Em certo sentido, as mediações que se fizeram possíveis de observar – socialidade e institucionalidade, ambas profundamente atravessadas pelas ritualidades que transpassam suas narrativas – foram operacionalizadoras e ao mesmo tempo operacionalizadas e partir da proposição de Galindo Cáceres. Esta articulação esteve sempre ancorada na perspectiva de Martin-Barbero quando afirma que “‘Pacto hermenêutico’, o processo de recepção [da telenovela] é, ao mesmo tempo, território compartilhado por produtores e consumidores, e cenário de luta pela interpretação mais legítima do sentido.” (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 15)

Pacto que se faz presente mesmo nos possíveis embaralhamentos entre ficção e realidade como quando Eliane olha para o penteado de Morena e enxerga não a atriz e seu personagem, mas sua companheira, de quem apesar da dor por ter lhe causado a prisão, sente falta. Ainda nesses casos, ali estão suas trajetórias a mediar a relação que estabelecem com essa narrativa, da mesma forma que a novela, num contexto de intensas privações, mas também de outras mediações, é capaz de mediar a relação delas com os vários mundos que se articulam no tempo e espaço complexos da vida enclausurada.

Não se trata de uma apologia da telenovela, de que ela seja vista como a redentora ou a salvação dessas mulheres mas de, a despeito de toda a crítica elitizada e que, muitas vezes, reflete preconceitos de classe, a telenovela, com sua estrutura entranhada na matriz cultural do melodrama, continua a fazer sentido. Como afirma Martin-Barbero (2002, p. 15) “[...] a telenovela mistura a sagacidade do mercado – no momento de contar histórias que envolvem as maiorias – com a persistência de sua matriz popular, ativadora de competências culturais inerentes a ela”. Continua a evocar ou evidenciar um *inconsciente coletivo* (JUNG, 2011; CAMPBELL, 2007) compartilhado pelos integrantes da cultura popular. Nesse sentido, elas, assim como eu, são todas “mulheres de novela”. Não heroínas, nem mesmo vilãs, mulheres, que se reconhecem e se projetam nessa narrativa porque ao fazê-lo, retiram e reforçam elementos de sua própria vida.

Talvez os modos de ver novela tenham se transformado drástica e irreversivelmente nessas duas últimas décadas, sobretudo sob o impacto do advento da internet. Talvez haja toda uma geração que já não tenha na TV a sua principal “janela para o mundo”, mas o fato é que a telenovela, com seus dramas e dilemas continua a ter um laço, profundamente arraigado, naquilo a que chamamos de vida cotidiana...

No ambiente prisional, essas mulheres estão em estado de permanente devir, de suspensão da temporalidade ao mesmo tempo em que uma super consciência dessa temporalidade se evidencia. Nesse contexto, de tudo que poderia vir a ser, ao menos em termos de discurso, elas se apegam, evidenciam elementos da estrutura melodramática que se manifestam no relato de suas histórias de vida; por isso a telenovela acaba se tornando uma íntima companheira, um mundo possível, quiçá o mundo possível; um mundo de projeção, de memórias do gênero (audiovisual) que evocam memórias de suas histórias de vida, do que já foram, do que são, mas sobretudo, do que afirmam pretender vir a ser. Por isso as temporalidades e realidades se confundem e produzem novos espaços e outros tempos, articulados a partir da memória. Como afirma Bobbio (1997)

Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos já vividos [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade. (p. 30-31)

Nesta articulação presente/passado e de “futuros contingentes”, mais do que uma “memória da telenovela”, há a recuperação de uma memória do gênero - o melodrama - ao mesmo tempo em que a telenovela propriamente dita também é importante porque elas não apontam desenvolver a mesma empatia com outros conteúdos como filmes, telejornais ou a leitura de um livro (embora haja a limitação do contexto); mais do que com personagens, elas se identificam com as temáticas, muitas das quais reforçadoras de papéis sociais de gênero, mas também presentes na matriz fundamental do melodrama. A telenovela, como fora o melodrama e o folhetim, é seu espaço de visibilidade, de luta, de projeção.

Assim, a telenovela se constitui num “lugar de memória” (NORA, 1993). Os “lugares de memória” são definidos pelo autor como híbridos, “[...] enlaçados de vida e morte, marcos de outra era, restos, e antes de tudo locais não de história, mas de memória” (p. 12-13). Pode ser um lugar propriamente dito, um objeto ou simplesmente um “lugar” metafórico, como é o caso da narrativa da telenovela. Um não lugar, sem existência física, mas um reduto onde memórias individuais e coletivas se encontram e se identificam. Pode-se reafirmar, portanto, a efetiva existência de uma “memória da telenovela”, entendida na perspectiva de Motter (2001) ao afirmar que a telenovela é memória

[...] no sentido do que ela guarda e no sentido daquilo que ela faz guardar enquanto registro na memória coletiva, com maior força de permanência que outros geradores de memória por sua duração e por ser única para os milhões de telespectadores. Por esse mecanismo social ela tenderá também a permanecer na memória de cada indivíduo. (p. 87)

Como um leitor que mergulha na fantasia literária, como o leitor que acompanha Calvino (2009) e seu “Leitor viajante”, elas mergulham nas narrativas da telenovela, particularmente a das nove, como se o fizessem em suas próprias vidas, mesmo as que não tinham o hábito de ver, ou dizem que não tinham a “amizade” com a telenovela; esta se constrói ou se reforça nesse ambiente, talvez inclusive como forma de um mundo individualizado num espaço profundamente institucional e coletivo; elas sofrem com as personagens quase como se vissem suas próprias vidas, seus principais valores ou ausências ali representados. Conforme La Pastina (2006, p. 35) para muitos a televisão “é a principal, se não a única, fonte de informação”. Entre essas mulheres é não apenas fonte de informação, mas espaço de outros mundos, território eminente dos “possíveis”.

Essa relação aponta para o que Lopes, Borelli e Resende (2002) definem como a mediação da subjetividade, que embora não tenha sido exploradas empiricamente nesta pesquisa, de certo modo atravessa muito do olhar propiciado pela perspectiva dos mundos possíveis. Subjetividade esta possível de ser percebida em sua falas, que evidenciam, como a aponta Martin-Barbero (2002) o que caracteriza a singularidade dessa mediação. Para ele a subjetividade é

[...] o lugar de formação de identidades e sensibilidades que interpelam a telenovela e são por ela interpeladas, seja na forma de auto-reconhecimento ou fruição estética, nas relações entre o ‘real’ e o ‘ficcional’, nos valores compartilhados ou contestados, nas subjugações e distanciamentos [...] (p. 16)

Esse movimento de identificação/projeção vai ao encontro desse olhar mais “psicológico”, sobretudo numa articulação entre as ideias de self e identidade pelo viés das teorias da narrativa. É fundamental destacar, portanto, que além da telenovela, suas memórias expressas pela fala são também, acima de tudo, narrativas. Como aponta Bruner (1997), as narrativas são fonte de dados para o estudo da mente. Para o autor “[...] construímos ou constituímos o mundo, [...] o self é uma construção, um resultado de ação e simbolização” (p. 136). Nessa perspectiva, a telenovela é também um âmbito fértil para a análise dos “mundos possíveis”. E se como propõem o autor cada um de nós transforma suas experiências no mundo em narrativas, estudar a relação que se estabelece com a telenovela na perspectiva dos “possíveis” pode nos ajudar a compreender ainda mais o

significado desse gênero audiovisual em nossa cultura. Além disso, o fato de suas memórias expressas se tornarem narrativas não significa que sejam falsas (ou mesmo que sejam) pois “[...] En la oralidad se escenifica lo mejor y lo peor de nuestro deseo y nuestro miedo. Es un escenario total, punto de partida y de llegada de la vida social.” (GALINDO CÁCERES, 2001, p. 2). Ou seja, essas falas estão carregadas de suas identidades, de quem são, o que pensam, como o que se identificam. Como afirma Galindo Cáceres (2001):

La primera imagen de la oralidad es la vida cotidiana. Los seres humanos intercambian valores semióticos para ocupar al mundo en distintos ámbitos, para preparar la acción, para evaluarla, para recrearla, para disfrutarla. Hablar configura al mundo de la acción humana. [...] La forma oral construye la vida social, le da fondo y temática, asunto, perspectiva, horizonte, sentido. [...] (p. 2)

Silva (2012), em seu estudo que discute a correlação entre as histórias de família, a telenovela e a narrativa popular do bum-meu-boi, também encontra os traços emblemáticos do melodrama nas narrativas que discute. A autora aponta como principal resultado dessa correlação o estabelecimento, já entranhado entre nós, de uma “cultura da telenovela”. Esta perspectiva é aqui reforçada, entretanto, os resultados e o próprio arcabouço teórico metodológico que auxiliou na reflexão para a análise dos resultados me leva a afirmar que há uma “memória da telenovela”, compartilhada, como uma memória coletiva, ou mais profunda do que ela, como um “inconsciente coletivo”, fruto, possivelmente, desses mais de 60 anos em companhia da telenovela, numa espécie de “inconsciente coletivo da cultura popular brasileira”. Se os sonhos são, como no entendimento de Jung (2011), as manifestações do inconsciente e os mitos (trazidos até nós pela força das narrativas, como a própria estrutura do melodrama) são então “sonhos compartilhados”, é a telenovela um território dos possíveis bem como a projeção desse inconsciente compartilhado.

Conforme Ryan (1991) no estudos dos possíveis a partir da narratologia, as aproximações entre “mundo real” e “mundo projetado” estabelece maior acesso aos possíveis, entendido por ela como sinônimo de “acessibilidade”. As relações entre eles determinam as interconexões entre esses “mundos”. Por isso, na perspectiva da autora quanto mais semelhança entre o “mundo real” e o ficcional, mais “acessível” este último mundo estará aos sujeitos. Pois é justamente essa uma das características da telenovela e se a própria memória, enquanto forma que só chega até nós por intermédio da narrativa, por também entendida como um território dos “possíveis”, então, a partir das mulheres detentoras ouvidas nessa pesquisa e sua relação com essa narrativa audiovisual, poderíamos falar em uma “memória da telenovela” que indo ao encontro da proposição de Silva (2012)

seria uma evidência do efetivo estabelecimento de uma “cultura da telenovela”.

Por fim, num cenário de “cultura da convergência” e “narrativas transmidiáticas, em que os próprios modos de ver telenovela têm se alterado, analisar essa narrativa na perspectiva dos “mundos possíveis” que articule as noções vindas da Literatura, da Estética, da Filosofia ou da História, como por exemplo em Hawthorn, 1991; Bruner, 1997; Ryan, 1991; Cauquelin, 2011, entre outros, pode ser um território fértil para explorar as relações que se faz entre a narrativa e a vida cotidiana, online ou off-line. Numa perspectiva individual, projetando-se para a telenovela o que Scolari (2011), baseado na perspectiva de Umberto Eco em *Lector in Fabula* propõe para a relação individual que se estabelece entre cada indivíduo e o “texto” ficcional, seja ele qual for. Como aponta o autor:

[...] ao ler um livro ou ver um filme, criamos mundos possíveis, hipóteses que tratam de antecipar a continuação da história. À medida que o relato avança, muitas dessas hipóteses não se verificam e devemos descartá-las. Esse processo é individual, os mundos possíveis são uma construção cognitiva do leitor ou espectador. (Scolari, p. 131)

Nesse novo cenário de “vida online” a análise da telenovela (ou outros conteúdos midiáticos) sob a ótica dos mundos possíveis pode se dar numa perspectiva mais coletiva, de processos mais coletivos e colaborativos de relação com as narrativas. Neste cenário, pode-se até afirmar que a construção de mundos possíveis

[...] se tornou um processo coletivo. Basta terminar a emissão de um episódio de uma série televisiva, para poucos minutos depois, os fóruns e páginas web entrem em estado de agitação. Os espectadores discutem o texto que acabaram de ver, analisam suas possíveis continuações e debatem sobre os personagens e a trama do episódio (...) a construção de mundos possíveis se desenvolve nas redes sociais.” (idem)¹⁷⁹

Seja no âmbito da análise da telenovela vista pela TV ou neste cenário de “múltiplas” telas, entendo que a concepção de mundos possíveis pode contribuir para ampliar a compressão do significado que esta narrativa ainda tem em nosso cotidiano. Neste sentido, reafirmo a proposição de Cauquelin (2011) ao discutir o estudo dos

¹⁷⁹ Para o caso específico da telenovela o autor afirma que: “A construção de hipóteses e mundos possíveis é uma atividade que tende a desenvolver-se cada vez mais na *web*. Digamos que as redes sociais são o lugar ideal para conversar sobre a trama de uma telenovela e tratar de desentranhar seus segredos entre todos.” (Idem)

“possíveis” na arte, na estética, aqui apropriado para o âmbito das pesquisas em Comunicação, particularmente nos estudos de recepção, notadamente nas narrativas ficcionais, como é o caso da telenovela. Como a autora, considero que explorar esses “territórios” nos estudos de recepção pode propiciar a apreensão do “[...] papel da pluralidade dos mundos em seus procedimentos [...]” e deste modo compreender “[...] que tipo de acesso a ficção oferece aos possíveis, e como se operam as passagens entre as obras e os mundos plurais.” (p. 76)

Articulando-se essa noção à proposição da “metodologia dos mundos possíveis” de Galindo Cáceres, ainda pouco explorada nos estudos da Comunicação no Brasil, penso ser possível aprofundar a compreensão sobre as matrizes culturais que caracterizam nosso país e reafirmar a importância e o valor político da compreensão – e valorização – das culturas populares e seus atravessamentos midiáticos.

O trajeto aqui empreendido reafirma também a convicção do caráter interdisciplinar das “Ciências da Comunicação”, que se constitui como uma ciência ou um “*Comunicologia Posible*”, como tem proposto Galindo Cáceres (2011) ao longo das duas últimas décadas, mas sem perder de vista sua natureza inter e transdisciplinar.

E sendo esta tese um “fragmento” e em larga medida uma instância dos “possíveis” que ela possa ser compreendida, ao menos em parte, com o romance de Calvino (2009). Assim:

“Até agora este livro [ou esta tese] tomou o cuidado de deixar aberta ao Leitor que lê a possibilidade de identificar-se com o Leitor que é lido [...]” (Calvino, 2009, p. 146)

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. A prisão sob a ótica de seus protagonistas. Itinerário de uma pesquisa. **Tempo Social**, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 7-40, 1992. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0312/A_PRI_SAO.pdf>. Acesso em 22 de julho de 2012.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 19, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332002000200008&script=sci_arttext>. Acesso em 12 de março de 2011.

_____. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Estudos Feministas**, 15(1): 280, Florianópolis, janeiro-abril de 2007.

_____. **Telenovela, consumo e gênero: “muitas mais coisas”**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, 14: 125-136, 1995.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. **O Fascínio de Sherazade: os usos sociais da telenovela**. São Paulo: Annablume, 2003.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BONIN, Jiani Adriana. Memória familiar e recepção de telenovela. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 12, p. 1-25, 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/273/158>>.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas**. São

Paulo em Perspectiva. v. 15. n. 3. jul/set. 2001.

BRAGANÇA, Mauricio de. Melodrama: notas sobre a tradição/tradução de uma linguagem revisitada. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2007.

BRASIL, DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional. Mulheres Presas – Dados Gerais. Projeto Mulheres/Depen. Brasília: Ministério da Justiça, 2012.

BRASIL, DEPEN, Departamento Penitenciário Nacional. **Dados consolidados 2008**. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/depen>>. Acesso em: 22 jun 13.

BROOKS, Peter. **The Melodramatic Imagination**. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1976.

BRUNER, JEROME. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRUNER, Jerome. A interpretação narrativa da realidade. In: _____. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 129.

BRUSCHI, Michel Euclides; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Os mundos possíveis de amor em Sex and the city. Encontro Nacional da ABRAPSO, 14, 2007, Rio de Janeiro. **Anais..** Rio de Janeiro: ABRAPSO, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. 2. Ed. 5. reimpressão. São Paulo: Cia. Das Letras, 2012.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CARVALHO, Themis Maria Pacheco de. A perspectiva ressocializadora na execução penal brasileira: o abandono do ideal ressocializador em direção a um Direito penal do inimigo. **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas**, São Luiz, n. 1, p. 1-28, 2004.

Disponível em:

<http://www2.mp.ma.gov.br/ampem/artigos/Themis%20ressocializa%20o%20e%20RDD%20para%20RECJ_.pdf>. 28 de outubro de 2013.

CARVALHO, Carlos Alberto. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. **Matrizes**, Ano 6. nº1. jul./dez de 2012. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/261/pdf>

CAUQUELIN, Anne. **No ângulo dos mundos possíveis**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Elaine Cristina Pimentel. Mulheres, cárcere e mortificação do self. *Anais... X Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2013.

COSTA, Maria Alberto M. **Discurso da prisão: estudo da penitenciária Talavera Bruce**. (Dissertação). Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, 1991.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. São Paulo: Vozes, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. et al. Histórias de mulheres: heroínas de uma narrativa melodramática. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n.28, julho 2013, p. 100-117.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latinoamericana**. ed. online. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. (Org). **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 1990. In: MACHADO, J.; LEMOS, A.; SÁ, S. (Orgs.) **Mídia.Br**. Porto Alegre: Sulina, 2004

FARIA, Rodrigo Cristino de. Contrafactuais e a Modelagem Causal em História da Ciência (MCHC). Disponível em: http://www.sbhc.org.br/resources/anais/10/1345003234_ARQUIVO_Textoparao13SNHCT.pdf

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.17-18, p. 9-79, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02.pdf>>. Acesso em 12 de março de 2011.

_____. **Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality**. New York: Basic Books, 2000.

_____. **Myths of the gender: biological theories about women and men**. New York: Basic Books, 1992.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, 2002. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/NSAF-AsPesquisasDenominadasEstadodaArte.pdf>>. Acesso em 17 de maio de 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 9, v. 2, p. 586-599. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf>>. Acesso em 12 de março de 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2009

_____. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **Vigiar e Punir: história do nascimento da violência nas prisões**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCO, Marina; LEVIN, Florencia. El pasado cercano en clave historiográfica. In: LEVIN, Florencia; FRANCO, Marina. **Historia reciente: perspectivas y desafíos para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

FUNCK, Susana Bornéo; WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos na mídia**. Santa Cruz: Edunisc, 2005.

GALINDO CÁCERES, Luis Jesus. Ingeniería Social, Comunicología e Historia Oral. Contextos posibles para el desarrollo de un oficio emergente. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, Colima, v. 15, n. 30, p. 105-122, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31612027006>>. Acesso em 28 de outubro de 2013.

_____. Oralidad y cultura. La comunicación y la historia como cosmovisiones y prácticas divergentes. **Revista Latina de Comunicación Social**, La Laguna, n. 42, 2001. Disponível em: <<http://www.revistalatinacs.org/2001/latina42jun/45galindo.htm>>. Acesso em 28 de outubro de 2013.

_____. Cibercultura, ciberciudad, cibernsiedad: hacia la construcción de mundos posibles en nuevas metáforas conceptuales. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-15, 1998. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/3368/3952>>. Acesso em 28 de outubro de 2013.

_____. **Sabor a ti: metodología cualitativa en investigación social**. Xalapa: Universidad Veracruzana, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. O consumo serve para pensar. In: **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 51-70.

_____. **Ideología, cultura y poder: cursos y conferencias**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GRISA, Jairo Angelo. **Histórias de ouvintes**: a escuta popular no rádio. Itajaí: Univali, 2003.

GROSSI, M.; HEILBORN, M.L.; e RIAL, C. Entrevista com Joan Wallach Scott. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.6, n. 1, p. 1998.

GUBER, Rosana. **La etnografia**: Método, campo y reflexividad. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

GUZMAN, Luiz Garrido. **Manual de Ciência Penitenciária**. Madrid: Edersa, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado**: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HAWTHORN, Geoffrey. **Mundos Plausíveis, mundos alternativos**. UK, Cambridge University Press, 1995.

_____. **Plausible worlds**. UK, Cambridge University Press, 1991.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, 1994.

HÉRITIER, Françoise. **Masculino feminino**: o pensamento da diferença. Tradução de Cristina Furtado Coelho. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997.

IBCCRIM, **Relatório sobre mulheres encarceradas no Brasil**. Brasília, 2007.

JACKS, Nilda et al. Telenovela em múltiplas telas: da circulação ao consumo. In: Maria Immacolata Vassalo de Lopes. (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil**: plataformas, convergência, comunidades virtuais, v. 2, p. 297-337. Porto Alegre: Sulina, 2011.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda; CAPPARELLI, Sérgio (Coords.). **TV, família e identidade**: Porto Alegre “fim de século”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.

JACKS, Nilda. Audiência Nativa: cultura regional em tempos de globalização. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 1-15, 1997. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26556/000296539.pdf?sequence=1>>

JOHN, Valquiria Michela. **Palavras da salvação**: as representações da leitura na prisão. Florianópolis: UFSC, 2004. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 7. ed. Petropolis: Vozes, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC/Rio, 2006.

LA PASTINA, A. C. 2006. Etnografia de audiência: uma estratégia de envolvimento. In: N. JACKS (org). In: JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa Reinhardt e VILELA, Rosário Sánchez. **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LAGO, Mara Coelho de S. Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. In: **Revista estudos Feministas**, v. 18, n.1, 2010, p. 189-204. Disponível em: <>. Acesso em:

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEAL, Cesar Barros. **Prisão, Crepúsculo de uma Era**. 2ª ed. Belo Horizonte: Del Rey Editora, 2001.

LEMOS BRITO, J. G. Reforma penitenciária no Brasil. **Revista de Direito Penal**. Rio de Janeiro: s,e., 1933.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas, o livro- reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A Recepção Transmidiática da Ficção Televisiva: novas questões de pesquisa. In: FILHO, João Freire e BORGES, Gabriela (org). **Estudos de televisão**. Diálogos Brasil- Portugal. Porto Alegre Sulina, 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil**: plataformas, convergência, comunidades virtuais. Porto Alegre: Sulina, 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, José Luiz; LOPES,

Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Claudio (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

LOPES, Maria Immacolata; BORELLI, Silvia helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAIA, Clarisa Nunes et al. (Org.). **História das prisões no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. **Ofício de Cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. Prefácio. In: LOPES, Maria Immacolata; BORELLI, Silvia helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUÑOZ, Sonia. **Televisión y Melodrama**. Géneros y lecturas de la telenovela en Colombia. Bogotá, Colombia: Tercer mundo editores, 1992.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Memória e experiência vivida: a domesticação do tempo na história. **Antíteses**, Londrina, v. 1, n. 1, 2008, p. 17-30. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/download/1425/1616>>. Acesso em 22 de janeiro de 2014.

MELO, José Marques de. **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. **As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2006.

MOTTER, Maria Lourdes. Telenovela: documento histórico e lugar de memória. *Revista da USP*, São Paulo, n.48, dezembro/fevereiro 2000-2001, p. 74-87,

MUÑOZ CONDE. La resocialización del delincuente, análisis y crítica de un mito. **Cuadernos de Política Criminal**, n. 7, 1979.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.8, n. 2, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p.305-332, 2008.

OLIVEIRA, Danielly Passos de. O devir, o aniquilamento do eu e suas aproximações com a literatura: um passeio por Água Viva. **Rev. de Letras**, n. 22, vol. 1, jan/dez de 2000. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl22Art13.pdf>

ORDENAÇÕES FILIPINAS. **Livro V**, títulos XXXII, XXXV, XLII, XLV, XLIX, LII, LVI. 14ª edição. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philomathico, 1870.

OROZCO, Guillermo. GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias**. México: Tintable, 2012.

OROZCO, Guillermo. La condición comunicacional contemporánea. Desafios latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: JACKS, N.; MARROQUIN, A.; VILARROEL, L. M.; FERRANTE, N. (Orgs.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito: Editorial Quipus, 2011.

OROZCO, Guillermo. Familia, televisión y educación en México: la 'teoría educativa' de la madre como mediación en la recepción televisiva de los niños. In: OROZCO, Guillermo (Org.). **Hablan los televidentes: estudios de recepción en varios países**. México: Universidad Iberoamericana, 1992.

PEDROSO, Regina Célia. Utopias penitenciárias projetos jurídicos e realidade carcerária no brasil. **Revista de História**, São Paulo, n. 136, p. 121-137, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18816>>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.

PENA, Felipe. Subjetividade midiática: tempo e memória no discurso das biografias contemporâneas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 41-55, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/04.pdf>>. Acesso em 22 de janeiro de 2014.

PESSOA JR, Osvaldo. Histórias contrafactuais: o surgimento da Física Quântica. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 175-204, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n39/v14a39a13.pdf>>. Acesso em 14 de dezembro de 2013.

PISCITELLI, Adriana. Nas fronteiras do natural: gênero e parentesco. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 305-321, 1998.

PERROT, Michelle. **A história dos quartos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **As mulheres, ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

POLICARPO, Verónica Melo. As mulheres e a telenovela: um estudo sobre a recepção de Terra Nostra. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/03/policarpo-veronica-mulheres-e-telenovela-terra-nostra.pdf>. Acesso em 27 de março de 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RAMOS, Luciana de Souza. **Por amor ou pela dor!** Um olhar feminista sobre encarceramento de mulheres por tráfico de drogas. 2012. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a economia política dos sexos. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania, 1975.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

RYAN, Marie-Laure. **Possible Worlds, Artificial Intelligence, and Narrative Theory** Indiana University Press, 1991

SALVATORE, Ricardo D.; AGUIRRE, Carlos (Ed.). *The birth of the penitentiary in Latin America: essays on criminology, prison reform, and social control, 1830-1940*. Austin: University of Texas Press, 1996.

- SANTANA, Ana Paula Palheta. **A Casa dos Dias: a vida no cárcere feminino.** (Tese). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará (UFPA), 2012.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.
- SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.
- SCOLARI, Carlos Alberto. A construção de mundos possíveis se tornou um processo coletivo. *Matrizes*, ano 4 – nº 2 jan./jun. 2011 (p. 127-136)
- SIFUENTES, Lirian. **Telenovela e mediações culturais na conformação da identidade feminina de jovens de classe popular.** 2009. 245f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2009.
- SILVA JÚNIOR, Wilson. Gestão pública e monitoramento das desigualdades socioespaciais: o mapa da exclusão/inclusão social de Itajaí – SC. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 77-89, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/viewFile/1143/859>>. Acesso em 29 de dezembro de 2013.
- SILVA, Amanda Tenório Pontes da. O perfil jornalístico como uma leitura do cotidiano. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 12, 2010, Campina Grande. **Anais..** São Paulo: Intercom, 2010.
- SILVA, Lourdes Ana Pereira. **Páginas da Vida, a família brasileira sob a ótica da recepção da telenovela.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.
- SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. **Ciência e conhecimento**, v. 1, 2007.
- SIMMEL, George. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983
- SIMÕES, Paula Guimarães. **Mulheres Apaixonadas e outras histórias: amor, telenovela e vida social.** 2004. 232 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.
- SOUZA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito: o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SOUZA, Maria Carmem Jacob de. Ideais de Amor e felicidade em Mulheres Apaixonadas. O que dizem sobre os ideais de amor e felicidade dos telespectadores?

Anais... XIV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – COMPÓS. Niterói/Rio de Janeiro, 2005.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas “femininas”. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.15, n. 3, p. 67-81, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a10v15n3.pdf>>.

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O Melodrama**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

THOMPSON, Augusto. **A questão penitenciária**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e terra, 1992.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.24, 2005.

TRAVERSO, Enzo. Historia y memoria. Notas sobre un debate. In: LEVIN, Florencia; FRANCO, Marina. **Historia reciente: perspectivas y desafios para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

VILELA, Rosario Sánchez. Técnica, método e teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção. In: JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa Reinhardt e VILELA, Rosário Sánchez. **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

WEEKS, Jeffrey. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, GL. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999: 36-82.

WHITROW, G. J. **O tempo na história**. Concepções sobre o tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

WOTTRICH, Laura; SILVA, Renata Córdova da; RONSINI, Veneza V. Mayora. A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela. *Anais...* IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009.

APÊNDICES

Apêndice A - Teses e dissertações sobre mulheres detentas

No mapeamento realizado junto ao banco de teses e dissertações da Capes, que disponibiliza acesso aos resumos e trabalhos completos desenvolvidos desde 1987, foram encontrados 120 estudos que tratavam da mulher presidiária no intervalo entre 1987 e 2012. Para realizar esse levantamento, foram adotadas, como palavras-chave para a busca, os termos: mulheres presidiárias, mulheres detentas, mulheres encarceradas (termos sempre no singular e plural). Foram listados todos os trabalhos encontrados, eliminadas as repetições, após foram lidos os resumos a partir dos quais foram descartados os estudos que não tratavam do tema. Em termos gerais, o panorama encontrado foi o seguinte:

Dos 120 estudos, apenas 17 eram teses, os outros 103 foram realizados no âmbito do Mestrado. As áreas do conhecimento¹⁸⁰ que mais se destacam na preocupação com a condição da mulher detenta são Educação (12), Direito (11), Ciências Sociais (10), Psicologia (10), Sociologia (10) e Enfermagem (8). Além destas, o quadro a seguir aponta as demais áreas em que os estudos foram desenvolvidos.

Quadro 1 – Demais trabalhos separados por área

Área	TOTAL
Serviço Social	6
Antropologia	5
Ciências Ambientais e Saúde	2
Ciências Criminais	2
Ciências Médicas	2
Doenças Tropicais	2
Enfermagem Psiquiátrica	2
Geografia	2
Letras	2
Política Social	2
Serviço Social	2
Administração Pública	1
Ciência, Tecnologia e Sociedade	1
Ciências da Linguagem	1
Ciências da Saúde	1
Ciências das Religiões	1
Ciências Domésticas	1
Ciências Farmacêuticas	1
Ciências Jurídicas	1

¹⁸⁰ Para a definição de áreas foram adotadas as nomenclaturas dos PPGs onde os trabalhos foram desenvolvidos.

Comunicação	1
Desenvolvimento Social	1
Doenças infecciosas e Parasitárias	1
Economia	1
Epidemiologia	1
Estudos da Linguagem	1
Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo	1
Fisiopatologia Experimental	1
História	1
História Social	1
Literatura	1
Memória Social	1
Perícias Forenses	1
Políticas Públicas	1
Psicanálise	1
Psicologia Social	1
Saúde Coletiva	1
Saúde Comunitária	1
Saúde Pública	1
Sociologia e Política	1
Tecnologia	1
Teologia	1

Quanto aos estados da federação onde essas pesquisas foram desenvolvidas, destacam-se os Estados de São Paulo (30), Rio de Janeiro (15), Rio Grande do Sul (12) e Paraná (9), que juntos reúnem 66 dos 120 trabalhos encontrados. Os demais estados em que os estudos foram realizados são:

Quadro 2 - Quadro 1 – Demais trabalhos separados por estado

Estado	TOTAL
Pernambuco	7
Distrito federal	6
Bahia	5
Ceará	5
Minas Gerais	5
Paraíba	5
Santa Catarina	5
Rio Grande do Norte	4
Espírito Santo	3
Pará	3
Goiás	2
Alagoas	1
Maranhão	1

Amazonas	1
Mato Grosso do Sul	1

Ou seja, não foram encontrados estudos nesta coleta que tenham sido realizados nos estados do Acre, Amapá, Mato Grosso, Piauí, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins.

No que se refere às universidades onde os estudos foram realizados, estas podem ser conferidas no quadro abaixo

Quadro 3 – Distribuição dos trabalhos por Universidade

Universidade	TOTAL
Universidade de São Paulo	14
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	5
Universidade de Brasília	5
Universidade Federal da Bahia	5
Universidade Federal da Paraíba	5
Universidade Federal de Santa Catarina	5
PUC/São Paulo	4
PUC/Rio Grande do Sul	4
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	4
Universidade Federal do Paraná	4
Universidade Federal Fluminense	4
Universidade Federal de Pernambuco	3
Universidade Federal do Espírito Santo	3
Universidade Federal do Ceará	3
Universidade Federal do Rio de Janeiro	3
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	3
Universidade Cândido Mendes	2
PUC/ Rio de Janeiro	2
Universidade Católica de Pernambuco	2
PUC/ Minas Gerais	2
Universidade Federal do Pará	2

Pode-se dizer que a pesquisa envolvendo as mulheres detentas concentrou-se na última década uma vez que no intervalo de 1987 a 1999 foram realizados apenas oito estudos sobre esse público. Os outros 112 foram desenvolvidos entre 2000 e 2012. Particularmente, esse crescimento se deu efetivamente no início desta nova década já que entre 2010 e 2012 foram desenvolvidos 94 estudos, como pode-se melhor visualizar nos quadros a seguir:

Quadro 4 - Total de teses e dissertações que abordaram o tema por ano**1987 a 1999**

Ano	Teses	Dissertações	Total
1987	-	-	-
1988	-	1	1
1989	-	1	1
1990	-	-	-
1991	-	1	1
1992	-	-	-
1993	-	-	-
1994	-	-	-
1995	-	1	1
1996	-	-	-
1997	-	-	-
1998	-	3	3
1999	-	1	1
Total	-	8	8

Quadro 1 - Total de teses e dissertações que abordaram o tema por ano**2000 a 2012**

Ano	Teses	Dissertações	Total
2000	-	4	4
2001	-	-	-
2002	-	3	3
2003	3	5	8
2004	1	3	4
2005	1	11	12
2006	2	10	12
2007	-	8	8
2008	-	7	7
2009	-	7	7
2010	4	11	15
2011	1	14	15
2012	4	13	17
Total	16	96	112

Apêndice B – TCLE**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Grupo:** Mulheres detentas do Presídio de Itajaí (Itajaí/SC)

Nome da participante: _____

Você está sendo convidado(a) a participar como colaborador(a) da pesquisa **TELENOVELA E IDENTIDADE DE GÊNERO DE MULHERES PRESIDÁRIAS: ENTRE MEMÓRIAS E NOVAS SOCIABILIDADES**

Pesquisador responsável (orientadora): Prof^ª. Dr^ª Nilda Jacks

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação.

Telefone: (51) 3308.5116

Pesquisadora (orientanda): Valquíria Michela John – doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação

Telefone: (47) 3341-7888

1. OBJETIVO DO ESTUDO:

Com esta pesquisa temos o interesse em conhecer sua visão sobre como as mulheres são retratadas nas telenovelas, quais as suas memórias sobre conteúdo, as novelas e personagens que você considera mais marcantes e qual sua avaliação sobre este conteúdo televisivo. Objetivo geral da pesquisa é o de analisar a construção das suas representações sobre o que é ser mulher a partir do conteúdo exibido nas telenovelas.

2. EXPLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS:

Faremos constantes visitas ao presídio quando realizaremos entrevistas, com gravador de voz, de aproximadamente 1 (uma) hora cada, podendo serem feitas mais de uma sessão de entrevista, caso haja necessidade. Você também será convidada a participar de um grupo de discussão com outras detentas, com duração de aproximadamente 1 (uma) hora em dia a ser indicado ao longo da pesquisa. Durante as visitas, vamos utilizar também a técnica da observação participante como forma de obtermos mais dados, o que será feito com sua autorização e da direção do presídio e em momentos que não interfiram na sua rotina (como horário de refeições e de visitas), também será feita a observação em horários que você assiste às telenovelas, desde que não haja interferência na sua rotina e na rotina de segurança do presídio. Não haverá nenhum gasto financeiro para você, pois todos os custos ficarão por conta das pesquisadoras.

Caso você tenha alguma dúvida, entre em contato pessoalmente com as pesquisadoras ou com a direção do presídio para que esta ligue para os telefones que constam neste documento.

3. POSSÍVEIS RISCOS E DESCONFORTOS:

Os procedimentos envolvidos neste estudo podem lhe proporcionar algum desconforto ou risco, sendo que estes poderão ser interrompidos a qualquer momento, conforme sua necessidade. Como falaremos de memórias anteriores a sua prisão, é possível que alguma lembrança lhe traga emoção ou desconforto ao que você tem total liberdade de interromper ou mesmo suspender a entrevista, grupo de discussão e/ou observação a qualquer momento.

4. DIREITO DE DESISTÊNCIA:

Você pode desistir a qualquer momento de participar do estudo, não havendo qualquer consequência ou prejuízo por causa desta decisão.

5. SIGILO:

Todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com finalidade científica, porém será preservado o completo anonimato da sua identidade, ou seja, nenhum nome será identificado em qualquer material divulgado sobre o estudo. Entretanto, nas publicações, vamos evidenciar o nome do Presídio de Itajaí, mas preservando o anonimato das entrevistadas. Ao término da pesquisa, os registros de áudio não serão armazenados. Após a conclusão da pesquisa e defesa da tese de doutorado, as pesquisadoras se comprometem a entregar uma cópia do estudo à direção do Presídio bem como fazer uma apresentação às detentas participantes e àquelas que desejarem conhecer o estudo.

6. CONSENTIMENTO:

Declaro ter lido – ou me foi lido – as informações acima antes de assinar este formulário. Foi-me dada ampla oportunidade de fazer perguntas, esclarecendo plenamente minhas dúvidas. Por este instrumento, participo, voluntariamente, do presente estudo.

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, situada à Avenida Paulo Gama, 110 - 7º andar - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Telefone: (51) 3308 3629

Local e data

Assinatura do participante

Prof^ª Dr^ª Nilda Jacks
Orientadora – pesquisadora responsável

Valquiria Michela John
Doutoranda - pesquisadora

ANEXOS

Anexo A – Termo de anuência do diretor do Presídio**TERMO DE ANUÊNCIA DO PRESÍDIO DE ITAJAI PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE TESE ENVOLVENDO AS DETENTAS DO PRESÍDIO.**

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento do projeto de pesquisa **“TELENOVELA E A IDENTIDADE DE GÊNERO DE MULHERES PRESIDÁRIAS: ENTRE MEMÓRIAS E NOVAS SOCIABILIDADES”**, autorizo sua execução pelas pesquisadoras Nilda Jacks e Valquíria Michela John.

Nome da instituição: Presídio de Itajaí

Nome completo do responsável legal: Cristiano Tavares de Carvalho

Cargo: Diretor

Assinatura:


Cristiano Tavares de Carvalho
Agente Penitenciário
Matrícula 656.438-0-11
Diretor Presídio Regional de Itajaí

Data: 30/08/2012

Anexo B
Termo de anuência do juiz da 3ª. Vara de Execução Penal de Itajaí/SC

TERMO DE ANUÊNCIA DO JUIZ PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE TESE ENVOLVENDO AS
DETENTAS DO PRESÍDIO REGIONAL DE ITAJAÍ.

Declaro que estou ciente da realização da pesquisa de tese intitulada "TELENOVELA E A IDENTIDADE DE GÊNERO DE MULHERES PRESIDÁRIAS: ENTRE MEMÓRIAS E NOVAS SOCIABILIDADES", a ser desenvolvida no Presídio Regional de Itajaí e, deste modo, autorizo e acompanharei sua execução pelas pesquisadoras Nilda Jacks e Valquíria Michela John.

Itajaí, 23 de outubro de 2013

Pedro Walicoski Carvalho
JUIZ DE DIREITO

Anexo C

Conjunto de leis, resoluções e outros documentos normativos que fazem alguma menção à condição prisional feminina¹⁸¹

- ▣ [Lei nº 11.942/2009](#) - Alteração da Lei de Execução Penal – Assegura às mães presas e aos recém-nascidos condições mínimas de assistência.
- ▣ [Lei nº 12.121/2009](#) – Alteração da Lei de Execução Penal - Determina que os estabelecimentos penais destinados às mulheres tenham por efetivo de segurança interna somente agentes do sexo feminino.
- ▣ [Resolução nº 04 de 15 de julho de 2009](#) – Conselho Nacional de Políticas Criminal e Penitenciária – CNPCP – Disciplina a permanência dos filhos das presas em ambientes prisionais.
- ▣ [Convenção de Belém do Pará](#) - Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher - 1994.
- ▣ [Carta de Brasília](#) – Elaborada após o Encontro Nacional sobre o Encarceramento Feminino, organizado e realizado pelo Conselho Nacional de Justiça – 2011.
- ▣ [Carta de São Paulo](#) – elaborada após Seminário “Mães do Cárcere: Construindo Caminhos para a Garantia da Convivência Familiar de Mulheres e Crianças” – 2011.
- ▣ [Resolução nº 09, de 18 de novembro de 2011](#) – Conselho Nacional de Políticas Criminal e Penitenciária – CNPCP - Edita as Diretrizes Básicas para Arquitetura Penal.
- ▣ [Anexo da Resolução nº 09 de 18 de novembro de 2011](#) - Conselho Nacional de Políticas Criminal e Penitenciária - CNPCP - Diretrizes Básicas para Arquitetura Penal.
- ▣ [Resolução nº 04, de 29 de junho de 2011](#) – Conselho Nacional de Políticas Criminal e Penitenciária – CNPCP - Recomenda que seja assegurado o direito à visita íntima à pessoa presa.
- ▣ [Portaria nº 154, de 13 de abril de 2012](#) – Departamento Penitenciário Nacional – Cria a Comissão Especial do Depen.
- ▣ [Portaria nº 885, de 22 de maio de 2012](#) - Ministério da Justiça – Cria o Grupo de Trabalho Interministerial sobre mulheres presas e egressas.
- ▣ [Resolução nº 03, de 1º de junho de 2012](#) – Conselho Nacional de Políticas Criminal e Penitenciária – CNPCP - Recomendação sobre o uso de algema

¹⁸¹ Fonte: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJE7CD13B5ITEMIDDEFEBB3831ED24D19BC776>

▣ [Resolução nº 14, de 11 de novembro de 1994](#) – Conselho Nacional de Políticas Criminal e Penitenciária – CNPCP - Regras Mínimas para o Tratamento do Preso